

UNESP 
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP
Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa

GISLENE DA SILVA

**Processos morfofonológicos desencadeados pelos
sufixos –s/ção e –mento na formação de substantivos
deverbais no Português de Araraquara/SP e
Araxá/MG.**



ARARAQUARA – SP
2017

GISLENE DA SILVA

**Processos morfofonológicos desencadeados pelos
sufixos –s/ção e –mento na formação de substantivos
deverbais no Português de Araraquara/SP e
Araxá/MG.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Professor Doutor Daniel Soares da Costa.

Bolsa: FAPESP (Processo nº 2015/04178-4).

ARARAQUARA – SP
2017

Silva, Gislene

Processos morfofonológicos desencadeados pelos
sufixos -s/ção e -mento na formação de substantivos
deverbais no Português de Araraquara/SP e Araxá/MG /
Gislene Silva – 2017

197 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Dr. Daniel Soares da Costa

1. Português Brasileiro. 2. Análise Linguística. 3.
Morfofonologia. 4. Sufixação. 5. Formação de
Substantivos. I. Título.

GISLENE DA SILVA

**Processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos –s/ção e –
mento na formação de substantivos deverbais no Português de
Araraquara/SP e Araxá/MG.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Professor Doutor Daniel Soares da Costa.

Bolsa: FAPESP (Processo nº 2015/04178-4).

Data da defesa: 30/01/2017

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Dr. Daniel Soares da Costa
UNESP/FCL-Araraquara

Membro Titular: Dra. Rosane Andrade Berlinck
UNESP/FCL-Araraquara

Membro Titular: Dra. Juliana Bertucci Barbosa
UFTM

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

*Dedico este trabalho às pessoas
mais importantes da minha
vida: à minha mãe, Sônia, ao
meu pai, Antônio, ao meu
irmão, Pedro e ao meu amor,
Bruno.*

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar esta etapa tão importante, percebo que só consegui chegar até aqui porque tive pessoas que sempre acreditaram em mim e me apoiaram, mesmo que à distância. Sem a ajuda de todos vocês, eu não seria capaz de chegar tão longe! Gostaria de agradecer, especialmente:

Primeiramente a Deus, pela Sua presença constante em minha vida, por me dar saúde, força, sabedoria, paciência e determinação para alcançar os meus objetivos.

À FAPESP (processo número 2015/04178-4), pelo apoio financeiro fundamental à realização deste trabalho.

Ao meu querido orientador, Daniel, a quem agradeço pelos ensinamentos e por estar sempre ao meu lado me apoiando e pronto para me ajudar em tudo que precisei!

À minha família, meus pilares: minha mãe, Sônia, meu Pai, Antônio, meu irmão, Pedro e minha cunhada, Elaine, que sempre acreditaram em mim.

Ao meu amor, Bruno, meu companheiro sempre, que me ajudou e apoiou. Agradeço por não me deixar desistir e vibrar comigo a cada conquista!

À Juliana e à Gladis, minhas professoras, pelos seus ensinamentos e ajuda no exame de qualificação, que me auxiliaram no êxito deste trabalho.

Ao Bruno Curcino (*in memorian*), meu eterno professor, que partiu tão cedo, mas deixou em mim a paixão pelas palavras e pela Literatura. Agradeço por me mostrar o poder e a força transformadora do conhecimento! Por um mundo com mais aulas apaixonadas e apaixonantes como as suas!

Aos meus amigos, agradeço pelo carinho, pela amizade e pelo apoio: Cíntia, Ana Flávia, Alinne, Janon, Márcio, Lauro, Fernanda, Érica, Vinícius (Ted), Priscila, Deise, Josi e Bruna.

À minha amiga Pricila, por ter sido o melhor presente que o mestrado me trouxe!
Agradeço pelos conselhos e pelas risadas que demos juntas!

À dona Irma, seu Waldo e Juliana, a quem agradeço pelo carinho sempre e por terem me recebido na casa de vocês como parte da família!

À Alina, especialmente, por ter me acolhido com tanto carinho! Agradeço pelos seus ensinamentos, atenção, paciência e amizade!

A todos, meu muito obrigada!

Para ser grande, sê inteiro: nada

Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa.

Põe quanto és

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive.

Fernando Pessoa.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo realizar um estudo sobre os processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento, na formação dos substantivos deverbais presentes em jornais antigos das cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP. O *corpus* deste trabalho é composto de jornais antigos publicados nas duas cidades durante a primeira metade do século XX (de 1901 a 1950), que foram digitalizados para a coleta das ocorrências de substantivos deverbais. A pesquisa partiu da coleta de todas as palavras terminadas em -s/ção e -mento presentes nos textos dos jornais selecionados. Depois dessa etapa, realizamos a separação daquelas ocorrências que eram substantivos deverbais. A partir dos substantivos deverbais formados com -s/ção e -mento, fizemos a divisão daqueles que apresentam alterações na base verbal e, por fim, a separação de acordo com a conjugação do verbo da base (-ar, -er, -ir), para realizarmos as análises dos processos morfofonológicos que desencadearam as alterações nas bases verbais presentes nesses substantivos. Depois de identificarmos os diversos processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos na formação de substantivos deverbais, efetuamos as análises desses processos tendo como modelo a teoria de Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1995; COLLISCHONN, 1996; CAGLIARI, 1998). Os resultados obtidos mostram que o principal processo morfofonológico presente nos substantivos deverbais formados com o sufixo -s/ção é a Haplologia (apagamento de uma sílaba), que ocorre, por exemplo, em **editar** → **edição** → **edição**, **suced** → **sucedessão** → **sucessão** e **discutir** → **discutissão** → **discussão**. Dentre todos os casos de substantivos deverbais formados com o sufixo -s/ção, com bases verbais das três conjugações e que apresentam algum processo morfofonológico, a Haplologia ocorre em 60% desses substantivos. Em relação ao sufixo -mento, o principal processo encontrado foi o alteamento da vogal temática dos substantivos formados com bases verbais da segunda conjugação (-er), como nos casos de **acolher** → **acolhimento** e **fornecer** → **fornecimento**, em que a vogal média-alta [e] passa a vogal alta [i]. Esse processo é resultado da neutralização em [i] das vogais temáticas verbais da segunda e terceira conjugações, desencadeada pelo sufixo -mento, como mostram Villalva e Silvestre (2014).

Palavras-chave: Português Brasileiro; Análise Linguística; Morfofonologia; Sufixação; Formação de Substantivos.

ABSTRACT

This dissertation aims to do a study about the morphophonological processes triggered by the suffixes -s/ção and -mento in nouns formation present in old newspapers published in Araxá-MG and Araraquara-SP. The *corpus* of this research is composed by old newspapers published in both cities during the first half of the XX century (1901 to 1950), which were scanned to collect the occurrences of nouns formed from verbs. The research started with a collection of all words ending with -s/ção and -mento presents in the texts from the selected newspapers. After this stage, we separated the occurrences of nouns formed from verbs. From the nouns formed with -s/ção and -mento, we separated those presenting changes in the verbal bases. After that, we made the separation according to the verbal conjugation present in the bases (ending with -ar, -er and -ir) to analyze the morphophonological processes that alter these bases. After identifying the morphophonological processes triggered by the suffixes, we analyze it through the Feature Geometry Theory (CLEMENTS; HUME 1995; COLLISCHONN, 1996; CAGLIARI, 1998). The results show that Haplology is the main morphophonological process present in verbal nouns formed with the suffix -s/ção occurring in 60% of the nouns with base changes. It occurs for example in **editar** → **edição** → **edição**, **suceder** → **sucedessão** → **sucessão** and **discutir** → **discutissão** → **discussão**. In relation to the suffix -mento, the raising of the thematic vowel is the main process occurring in bases from the second conjugation (ending with -er), as in **acolher** → **acolhimento** and **fornecer** → **fornecimento**, for example, in which the medium-high vowel [e] becomes a high vowel [i]. This process is the result of neutralization in [i] of the verbal thematic vowel from the second and third conjugations triggered by the suffix -mento as showed by Villalva and Silvestre (2014).

Keywords: Brazilian Portuguese; Linguistic Analysis; Morphophonology; Suffixation; Nouns Formation.

Lista de figuras

Figura 1.1 - A interface da morfologia com os diversos níveis da gramática	47
Figura 1.2 - Estrutura do léxico assumida pela FL	61
Figura 1.3 - Modelo da FL do PB	63
Figura 1.4 - Formalização do modelo de fonologia auto-segmental	70
Figura 1.5 – Convenções	70
Figura 1.6 (a) - Modelo de Geometria de Traços	77
Figura 1.6 (b) - Modelo de Geometria de Traços	78
Figura 1.7 - Representação dos traços de [d] e [a]	79
Figura 2.1 - Localização de Araxá e Araraquara no Brasil	84
Figura 2.2 - Destaque para as cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP	85
Figura 2.3 – Chacotas publicadas em um jornal de Araxá-MG	88
Figura 2.4 – Canção brasileira em Português e Inglês	89
Figura 2.5 - Exemplar de jornal de Araraquara-SP	91
Figura 2.6 - Exemplar de jornal de Araxá-MG	92

Lista de quadros

Quadro 1.1 - Gênero dos substantivos formados de acordo com o sufixo	50
Quadro 1.2 - Matriz de traços sintáticos	55
Quadro 1.3 - Propriedades das vogais	74
Quadro 1.4 - Destaque para as propriedades das vogais	74
Quadro 1.5 - Matriz de traços consonantais com especificação plena	75
Quadro 1.6 - Traços das consoantes	75
Quadro 1.7 (a) - Destaque para os traços das consoantes	76
Quadro 1.7 (b) - Destaque para os traços das consoantes	76
Quadro 2.1 - Siglas e nomes dos jornais de Araraquara-SP e Araxá-MG	93
Quadro 3.1 - Exemplos de Haplologia	108
Quadro 3.2 - Exemplos de Haplologia combinada com outro processo	109
Quadro 3.3 - Exemplos de alterações na vogal temática verbal	111
Quadro 3.4 - Ocorrências com inserção de uma sílaba	115
Quadro 3.5 - Formação dos substantivos que possuem [tê] na base	119
Quadro 3.6 - Formação dos substantivos que possuem [vê] na base	119
Quadro 3.7 - Exemplos de ocorrências com processos distintos	122
Quadro 3.8 - Processo alteamento da vogal temática	125
Quadro 3.9 - Exemplos de Haplologia	128
Quadro 3.10 - Traços das consoantes	129
Quadro 3.11 - Traços comuns às consoantes [s] e [v]	131
Quadro 3.12 - Exemplos de Haplologia combinada com outros processos	132
Quadro 3.13 - Traços comuns às consoantes	134
Quadro 3.14 - Exemplos de alterações na vogal temática verbal	140

Lista de gráficos

Gráfico 3.1 - Porcentagem de substantivos deverbais com –s/ção e –mento formados por justaposição e que apresentam processos morfofonológicos	101
Gráfico 3.2 - Principais processos desencadeados pelo sufixo –s/ção	104
Gráfico 3.3 - Porcentagem de ocorrências com Haplologia de acordo com a conjugação do verbo da base presente nas ocorrências de Araxá-MG	106
Gráfico 3.4 - Porcentagem de ocorrências com Haplologia de acordo com a conjugação do verbo da base	107
Gráfico 3.5 - Processos desencadeados pelo sufixo –mento	124

Lista de tabelas

Tabela 3.1 - Número de ocorrências deverbais de acordo com a conjugação do verbo	96
Tabela 3.2 - Número de substantivos deverbais formados por justaposição e com processos morfofonológicos	101
Tabela 3.3 - Principais processos encontrados nas ocorrências de Araxá-MG formadas com o sufixo -s/ção	103
Tabela 3.4 - Principais processos encontrados nas ocorrências de Araraquara-SP formadas com o sufixo -s/ção	103
Tabela 3.5 - Número de ocorrências com Haplologia de acordo com a conjugação do verbo da base nas ocorrências de Araxá-MG	106
Tabela 3.6 - Número de ocorrências com Haplologia de acordo com a conjugação do verbo da base presente nas ocorrências de Araraquara-SP	107
Tabela 3.7 - Número de ocorrências com alterações na vogal temática com o sufixo –s/ção nas ocorrências de Araxá-MG	110
Tabela 3.8 - Número de ocorrências com alterações na vogal temática com o sufixo –s/ção nas ocorrências de Araraquara-SP	110
Tabela 3.9 - Número de ocorrências com inserção de uma sílaba com o sufixo –s/ção presentes jornais de Araxá-MG	113
Tabela 3.10 - Número de ocorrências com inserção de uma sílaba com o sufixo –s/ção presentes jornais de Araxá-MG	113
Tabela 3.11 - Número de ocorrências com nasalização com o sufixo –s/ção nas ocorrências de Araxá-MG	117
Tabela 3.12 - Número de ocorrências com nasalização com o sufixo –s/ção nas ocorrências de Araraquara-SP	117
Tabela 3.13 - Número de ocorrências com desvozeamento com o sufixo –s/ção presentes nas ocorrências de Araxá-MG	120
Tabela 3.14 - Número de ocorrências com desvozeamento com o sufixo –s/ção presentes nas ocorrências de Araraquara-SP	120
Tabela 3.15 - Distribuição dos diversos processos encontrados	121
Tabela 3.16 - Principais processos encontrados nas ocorrências de Araxá-MG com o sufixo -mento	123
Tabela 3.17 - Principais processos encontrados nas ocorrências de Araraquara-SP com o	

sufixo -mento	124
Tabela 3.18 - Distribuição das ocorrências com alteração na vogal temática com o sufixo -mento	125
Tabela 3.19 - Outros casos de processos nos substantivos formados com -mento	126

Lista de abreviaturas e siglas

σ - Sílabas

A - Ataque

Co – Coda

O – Onset

R – Rima

Nu - Núcleo

NGB - Nomenclatura Gramatical Brasileira

FG - Fonologia Gerativa

TGT - Teoria da Geometria de Traços

FL - Fonologia Lexical

GG - Gramática Gerativa

PB - Português Brasileiro

PP – Português de Portugal

VT – Vogal Temática

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 Subsídios teóricos	22
1.1 A Morfofonologia e os processos morfofonológicos	22
1.2 Morfologia	23
1.2.1 Objeto de estudo da morfologia	23
1.2.2 O que estuda a morfologia lexical? Como se amplia o léxico?	27
1.2.3 Léxico	30
1.2.4 O que é palavra?	32
1.2.5 Os constituintes da palavra e suas classificações	39
1.2.5.1 Radicais	41
1.2.5.2 Afixos	41
1.2.5.3 Vogais temáticas e conjugações verbais	43
1.2.6 Processos de formação de palavras	45
1.2.6.1 Flexão x Derivação	49
1.2.6.2 Classificação das palavras	52
1.2.6.3 Formação de substantivos: mudança de classe	54
1.3 Fonologia	58
1.3.1 Fonologia Lexical	59
1.3.1.1 Fonologia Lexical do PB	61
1.3.2 Teoria de Geometria de Traços	65
1.3.2.1 Os processos fonológicos na Teoria de Geometria de Traços	71
1.3.2.1.1 Os processos fonológicos do PB na Teoria de Geometria de Traços	73
1.3.3 A sílaba em Português	80
2 Procedimentos metodológicos e <i>corpus</i>	82
3 Resultados e discussões	96
3.1 Processos morfofonológicos encontrados	102
3.1.1 Processos morfofonológicos desencadeados pelo sufixo –s/ção	102
3.1.1.1 Haplologia	105
3.1.1.2 Alterações na Vogal Temática	109
3.1.1.3 Inserção de uma sílaba	113
3.1.1.4 Nasalização	116
3.1.1.5 Desvozeamento	120

3.1.1.6 Outros processos	121
3.1.2 Processos morfofonológicos desencadeados pelo sufixo –mento	123
3.1.2.1 Alterações na vogal temática	125
3.1.2.2 Outros casos	126
3.2 Análise pela TGT dos processos morfofonológicos encontrados	128
3.2.1 Análise dos processos desencadeados pelo sufixo –s/ção	128
3.2.1.1 Haplologia	128
3.2.1.2 Alterações na Vogal Temática	135
3.2.1.3 Possível inserção de uma sílaba	137
3.2.1.4 Desvozeamento	139
3.2.2 Análise dos processos desencadeados pelo sufixo –mento	140
3.2.2.1 Alterações na Vogal Temática	140
3.2.2.2 Outros casos	142
CONCLUSÃO	144
REFERÊNCIAS	149
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	154
APÊNDICES	157
Apêndice A	158
Apêndice B	165
Apêndice C	168
Apêndice D	175
ANEXOS	178
Anexo A	179
Anexo B	191

INTRODUÇÃO¹

O objetivo desta dissertação é fazer um estudo sobre processos morfofonológicos¹ desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento na formação de substantivos deverbais coletados nos jornais antigos (publicados entre 1901 e 1950) das cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP.

A nossa opção por estudar os sufixos -s/ção e -mento foi baseada no fato de que esses sufixos são bastante produtivos no Português, sendo responsáveis pela formação de um grande número de substantivos deverbais. Além disso, existe a preferência pela utilização desses dois sufixos quando o falante busca formar um novo substantivo. Esses sufixos são responsáveis, ainda, pela ocorrência de diversos processos morfofonológicos quando se unem a bases verbais, para a formação de nomes deverbais, como apontam outros trabalhos realizados anteriormente.

A escolha dessas duas cidades se deve ao fato de que ambas se encontram no interior de dois estados brasileiros que possuem uma tradição nos estudos linguísticos, principalmente no que envolve os estudos de variedades sociolinguísticas, como o Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), o Grupo de Estudos em Linguagem e Subjetividade (GELS), o Grupo de Estudos Variacionistas (GEVAR) e o Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara (SoLAr). Além disso, essas cidades possuem um grande acervo de jornais antigos pouco explorado, que, muitas vezes, é desconhecido pela maior parte dos moradores.

A opção pelo recorte temporal referente ao início do século XX (1901 a 1950) foi pautada na nossa intenção de colaborar para a preservação dos jornais, já que buscamos trabalhar com os jornais antigos, além de complementarmos os estudos de outros autores que abordam essa mesma temática, mas realizaram recortes temporais distintos, como Prado (2010) e Barbosa e Costa (2006). No entanto, os jornais datados de anos anteriores já se encontram em estado bastante avançado de decomposição, dificultando o manuseio, a digitalização e a coleta

¹ Nosso interesse pelos estudos morfofonológicos surgiu durante a realização da disciplina de “Língua Portuguesa IV – Morfologia” na graduação no curso de Letras Português/Inglês na UFTM (Universidade Federal do Triângulo Mineiro) e a partir da leitura do artigo intitulado “Os processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento”, de Barbosa e Costa (2006). A partir de então, surgiu a ideia, juntamente à professora doutora Juliana Bertucci Barbosa, de elaborarmos um projeto de pesquisa para estudarmos os jornais da cidade de Uberaba e Araxá, fazendo um trabalho comparativo com as publicações dos jornais das duas cidades. No entanto, devido à necessidade de delimitação do estudo, optamos por trabalhar apenas com os jornais de Uberaba, visto que já havia, no banco de dados do GEVAR (Grupo de Estudos Variacionistas da UFTM), imagens digitalizadas das edições de jornais publicadas no período escolhido. O projeto realizado ficou intitulado, então, como “Os processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento na formação de substantivos deverbais no Português Mineiro de Uberaba”. O trabalho teve duração de doze meses e foi fomentado pela FAPEMIG e apresentado durante a XXII Jornada de Iniciação Científica da UFTM. Depois da conclusão do trabalho de iniciação científica, apresentamos o interesse de dar continuidade ao estudo dos processos morfofonológicos. Como já tínhamos experiência no trabalho com os jornais antigos de cidades do interior de Minas Gerais, decidimos estender essa pesquisa para uma cidade do interior de São Paulo, estado vizinho e que também tem tradição nos estudos linguísticos e sociolinguísticos.

das informações, além disso, o número de exemplares de períodos anteriores ao início do século XX é bastante reduzido.

Nos períodos posteriores à segunda metade do século XX, os jornais começam a ser arquivados e conservados para pesquisa, de modo que temos um maior número de exemplares e maior disponibilidade, o que pode ser comprovado quando acessamos os arquivos públicos.

Tendo em vista as diferenças entre as duas cidades (localização, número de habitantes, história da imprensa e das cidades), investigamos se os processos morfofonológicos e a escolha dos sufixos para formação dos substantivos deverbais são influenciados por essas diferenças. Com este trabalho buscamos, além do estudo linguístico sobre a formação de substantivos deverbais, contribuir para a preservação do patrimônio histórico e cultural das duas cidades por meio dos jornais digitalizados, disponibilizando-os para futuras consultas e pesquisas.

Sendo assim, a relevância desta pesquisa consiste, justamente, no fato de estarmos analisando processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento nos substantivos deverbais de um período passado da língua presentes nos jornais antigos. É neste ponto, então, que está pautado o ineditismo do nosso trabalho, pois utilizamos jornais antigos de duas cidades distintas do interior de diferentes estados brasileiros para a comparação e o estudo de fenômenos linguísticos presentes nos substantivos deverbais.

A opção pelo trabalho com os jornais foi realizada tendo em vista que eles são um material muito rico para a investigação, por permitirem ao pesquisador estudar o léxico que era utilizado no período selecionado, além de que, a utilização desse material auxilia-nos na caracterização linguística das cidades escolhidas para a realização deste estudo.

Tendo em vista a localização das cidades escolhidas em estados brasileiros distintos e o acervo de Araraquara-SP ser maior e mais bem conservado que o de Araxá-MG, apresentando um número variado de exemplares de jornais disponíveis, buscamos constatar se há uma preferência pela utilização de -s/ção ou de -mento na formação de substantivos deverbais e se os processos morfofonológicos desencadeados por esses sufixos são diferentes nas cidades escolhidas para a realização deste estudo.

Para a fundamentação das nossas análises, foi necessário um intenso levantamento

bibliográfico² em três partes. Na seção dedicada ao levantamento bibliográfico, intitulada **Subsídios teóricos**, realizamos a divisão em três partes. A primeira parte trata da Morfofonologia e dos processos morfofonológicos, tendo em vista que a Fonologia e a Morfologia sempre estiveram relacionadas, apesar de terem seguido percursos distintos (SCHWINDT, 2006, p. 303). Conhecer, neste trabalho, a morfofonologia é importante, pois o seu objetivo é o estudo da estrutura fonológica dos morfemas e a investigação dos processos fonológicos que dependem da estrutura morfológica (CAGLIARI, 2002a; SCHWINDT, 2006). A segunda parte do nosso levantamento bibliográfico trata da Morfologia, buscando conhecer o seu objeto de estudo, os estudos do léxico e da sua ampliação, o estudo da palavra e dos seus constituintes (radicais, afixos, vogais temáticas), os processos de formação de novas palavras (com destaque para a derivação) e, por fim, a formação de substantivos e consequente mudança de classe. Essa subseção é bastante relevante, uma vez que estamos lidando com a formação de substantivos deverbais, ou seja, formação de novas palavras pela adição de um sufixo a uma base, com consequente mudança de classe. A terceira parte do levantamento bibliográfico trata da Fonologia, tendo como foco a Fonologia Lexical e a Fonologia Lexical do Português Brasileiro, além da Teoria de Geometria de Traços, que embasa as nossas análises.

A segunda seção desta dissertação, intitulada **Procedimentos metodológicos**, traz algumas considerações pertinentes aos procedimentos metodológicos e *corpus*, enfatizando como foi realizada a construção do *corpus*, a coleta, divisão e classificação das ocorrências, além de trazer algumas informações relativas às cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP. Nessa seção, descrevemos detalhadamente como ocorreu a digitalização dos jornais antigos utilizados para a construção do nosso *corpus*, além do processo de coleta das ocorrências, que foi bastante trabalhoso, já que as ocorrências foram coletadas sem o auxílio de nenhum *software* com essa finalidade. Além disso, inserimos informações relativas às cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP para caracterizá-las e situá-las geograficamente.

Na terceira seção, intitulada **Resultados e discussões**, apresentamos a análise dos

² Devemos ressaltar que, para o levantamento bibliográfico e realização desta dissertação, foi de suma importância o cumprimento da Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE), fomentada pela FAPESP (processo número 2015/25331-5) realizada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa sob supervisão da professora Alina Villalva, no período de 15/02/2016 a 15/05/2016. O projeto de pesquisa desenvolvido durante a realização da BEPE teve como objetivo estudar a produtividade dos sufixos -s/ção e -mento presentes nos substantivos deverbais coletados em jornais publicados em Portugal, para um levantamento de informações sobre o Português Europeu contemporâneo e comparação com os dados obtidos no Português Brasileiro. Durante a realização do estágio no exterior, a professora Alina Villalva colaborou de maneira significativa, apresentando outras pesquisas envolvendo estudos morfológicos e do léxico, além de bibliografia que ajudou substancialmente a complementar aquela inicial descrita no projeto de pesquisa deste trabalho. A realização do estágio também colaborou para o nosso crescimento como pesquisadores, aguçando o senso crítico e investigativo para que pudéssemos realizar as análises aqui descritas.

nossos dados, destacando os processos morfofonológicos encontrados em cada grupo de ocorrências, divididas de acordo com o sufixo e com a base do verbo derivante, além de descrevermos esses processos à luz da Teoria de Geometria de Traços. Na primeira parte dessa seção, descrevemos e caracterizamos todos os processos morfofonológicos encontrados, mostrando em quais grupos de ocorrências cada um é mais recorrente e os números de ocorrências com cada tipo de processos coletados nos jornais das duas cidades. Na segunda parte dessa seção, utilizamos a Teoria de Geometria de Traços para mostrar como esses processos ocorrem no nível lexical e como as mudanças fonéticas acarretam mudanças morfológicas nos substantivos formados.

Por fim, apresentamos as nossas considerações finais, destacando os resultados obtidos com o nosso estudo e as referências utilizadas para a elaboração desta dissertação, além de inserirmos nos apêndices todas as ocorrências de substantivos deverbais, incluindo aqueles que apresentam processos morfofonológicos e aqueles formados por justaposição do sufixo à base verbal, divididos de acordo com o sufixo formador e com a conjugação do verbo da base. Ainda, inserimos, como anexos, imagens de uma edição de cada título de jornal, das cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP, utilizadas para a montagem do nosso *corpus*.

1 Subsídios teóricos

Nesta dissertação, utilizamos alguns preceitos teóricos que pertencem ao campo de estudos da Morfologia e outros que pertencem à Fonologia, além de trabalhos que também fazem a junção desses dois campos dos estudos linguísticos, tendo em vista que os processos morfofonológicos operam na interface fonologia-morfologia, de modo que a formação de palavras pertence ao campo dos estudos morfológicos, enquanto os processos fonológicos desencadeados estão no âmbito dos estudos fonológicos.

1.1 A Morfofonologia e os processos morfofonológicos

De acordo com Schwindt (2006, p. 303), a Morfologia e a Fonologia tiveram percursos particulares, mesmo estando sempre relacionadas. Assim, a Fonologia sempre teve a sua autonomia reconhecida nas diferentes escolas linguísticas, enquanto a Morfologia teve altos e baixos. No historicismo, esteve ligada à noção de paradigma, no entanto, o seu auge foi atingido no estruturalismo, com o estabelecimento da noção de morfema, passando por um período de obscuridade no gerativismo e ressurgindo nos anos 70 com diferentes desdobramentos.

Os fundamentos da morfofonologia, de acordo com Schwindt (2006, p. 304), foram propostos por Trubetzkoy (1929) e tratava-se de uma disciplina cujo objetivo era encarregar-se de intermediar as relações entre a fonologia e a morfologia. O autor também chama a atenção para as três tarefas básicas da morfofonologia de Trubetzkoy, que se referem “(i) ao estudo da estrutura fonológica dos morfemas” e ao “(ii) estudo das mudanças combinatórias nos sons que constituem um morfema, quando este morfema se combina com outros morfemas” e ao “(iii) estudo das alternâncias de sons que têm uma função morfológica” (SCHWINDT, 2006, p. 304). Das três funções citadas anteriormente, interessam-nos a i e ii, já que, nas análises dos processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento, interessam-nos a estrutura fonológica das bases e sufixos e as mudanças ocasionadas pela junção desses morfemas.

De acordo com Cagliari (2002a, p. 64), a Morfofonologia ou Morfofonêmica é o estudo da estrutura fonológica dos morfemas. Assim, é um campo dos estudos linguísticos que faz o intermédio entre a fonologia e a morfologia, mas sem ser independente gramaticalmente. Alguns fenômenos fonológicos dependem sempre da estrutura morfológica, seja na junta intervocabular, como na formação de substantivos pela adição de sufixos a uma base verbal, ou na de frases, como verificamos em **casas amarelas**, em que o [s] final de **casas** adquire o vozeamento e se torna [z] devido à presença de uma vogal no início da palavra seguinte, ficando

[kazazamarelas]. Assim, a estrutura morfológica da palavra **casas** é alterada, já que temos um substantivo com o alomorfe de plural [s]³ que adquire o vozeamento, passando ao alomorfe de plural [z], e essa alteração morfológica é resultado da adaptação fonológica da palavra, pois a consoante [s] adquire o vozeamento, tornando-se [z], por estar inserida num contexto fonológico entre duas vogais.

Verificamos que, tanto Schwindt (2006) quanto Cagliari (2002a) ressaltam a importância dos estudos que integram a Morfologia e a Fonologia, já que, como observaremos nas nossas análises, os processos acarretados pela junção dos sufixos (-s/ção e -mento) às bases verbais são morfológica e fonologicamente condicionados. Desse modo, antes de passarmos para as análises, devemos entender alguns conceitos pertencentes à Morfologia (definição de palavra, conceito de morfema, os constituintes da palavra, formação de palavras, etc.) e à Fonologia (Fonologia Lexical, Fonologia de Geometria de Traços, etc.) para melhor compreensão do funcionamento dos processos morfofonológicos que são o foco deste trabalho.

1.2 Morfologia

Nesta subseção, trataremos de alguns conceitos pertencentes à Morfologia (tais como o seu objeto de estudo, a definição e classificação das palavras, além dos seus constituintes, e de que maneira o léxico de uma língua se amplia) que são muito importantes para o entendimento da formação de palavras, o que inclui a formação de substantivos deverbais, foco do nosso estudo.

1.2.1 Objeto de estudo da morfologia

De acordo com Aronoff e Fudeman (2011, p. 1), o termo **morfologia** é atribuído ao escritor alemão Wolfgang von Goethe, que o cunhou no século XIX, para referir-se a contextos biológicos. De acordo com esses autores,

³ Os alomorfes de plural, de acordo com Schwindt (2006, p. 307), são [s], [z] e [es].

*Its etymology is Greek: morph- means 'shape, form', and morphology is the study of form or forms. In biology morphology refers to the study of the form and structure of organisms, and in geology it refers to the study of the configuration and evolution of land forms. In linguistics morphology refers to the mental system involved in **word** formation or to the branch of linguistics that deals with words, their internal structure, and how they are formed. (ARONOFF; FUDEMAN, 2011, p. 1-2)⁴*

Para definirmos o objeto de estudo da **Morfologia**, devemos entender que a etimologia dessa palavra já nos traz alguns indícios de qual é a função desse campo dos estudos linguísticos, como indica o excerto acima. As formas gregas *morphê*, “forma”, e *logos*, “estudo”, “tratado”, indicam a etimologia da palavra, mas não esclarecem qual é o objeto de estudo da morfologia, podendo, ainda, confundir o leitor, se tomar “forma” num sentido amplo, como sinônimo de **plano de expressão**, em oposição a **plano de conteúdo**. A **forma** compreende dois níveis de realização: os sons, que não possuem significado, mas se combinam e formam unidades com significado; e as palavras, que têm regras próprias de combinação para comporem unidades maiores. No entanto, a correlação entre o plano de expressão e o de conteúdo pode ser atribuída ao morfema, e não necessariamente à palavra. Assim, chegamos ao impasse de definir o objeto de estudo da Morfologia, que pode ser visto tanto como a palavra, quanto como o morfema (ROSA, 2003, p. 15).

De acordo com Rosa (2003, p. 43), “a linguística retirou da noção de **palavra**, em favor da noção de **morfema**, a ênfase que tinha nos séculos anteriores. O morfema tornou-se a unidade básica da gramática e, por conseguinte, da morfologia – agora transformada em **morfologia baseada em morfemas**.” (grifos da autora). Dessa forma, o objeto de estudo da morfologia deixou de ser uma dúvida e passou a ser o estudo das unidades mínimas significativas que constituem os vocábulos. Ainda de acordo com essa autora, “Cada morfema é um átomo de som e significado - isto é, um signo mínimo.”, assim, cabe à Morfologia estudar os morfemas e suas possíveis combinações para a formação de palavras e construção de sentido. No entanto, essa definição deve ser utilizada com cuidado, tendo em vista que alguns constituintes das palavras, considerados como morfemas, são destituídos de significado, como o caso das vogais temáticas ou das vogais de ligação (ROSA, 2003, p. 50).

De acordo com Schwindt (2006, p. 307), Harris (1951) define que “qualquer sequência de fonemas que contenha significado, e que não seja composta de sequências menores contendo

⁴ Sua etimologia é grega: *morf-* Significa forma, e *morfologia* é o estudo da forma ou formas. Na biologia, *morfologia* refere-se ao estudo da forma e estrutura dos organismos, em geologia refere-se ao estudo da configuração e evolução das formas do solo. Na linguística, *morfologia* refere-se ao sistema mental envolvido na formação de palavras ou ao ramo da linguística que lida com as palavras, sua estrutura interna e como elas são formadas (Tradução nossa).

significado, é um morfema”. No entanto, para Schwindt (2006, p. 307) essa definição de morfema, como sequências particulares de fonemas, deixa de fora morfemas que, em princípio, estariam relacionados, como, em português, os morfemas de plural [s] (casas), e os seus alomorfes [-es] (mares), e [z] (casas amarelas). Assim, devemos ressaltar que o morfema é a unidade abstrata que faz parte do sistema linguística, enquanto que o morfe é a realização fonética do morfema e os alomorfes são as diversas configurações que um morfema pode assumir. Desse modo, os alomorfes do morfema plural [s] podem ser os morfes [s], [es] e [z].

Para aprofundarmos a noção de morfema, devemos esclarecer que os **morfemas aditivos**, são, de acordo com Rosa (2003, p. 51), facilmente captados pela análise morfêmica: são os **radicais** e os **afixos**. Ainda de acordo com essa autora, “a **raiz** ou **radical primário** é o elemento mínimo de significado lexical. Se for ampliado por derivação ou composição, forma o **radical** ou **radical secundário**” (ROSA, 2003, p. 51, grifos da autora). Um exemplo é o verbo **deformar**, que possui um radical, ou radical secundário, **deform-**, se retiramos o prefixo **de-**, ficamos com o radical primário **form-**. Os radicais verbais são exemplos de morfemas aditivos, que funcionam como bases para a adição de afixos, e serão abordados, neste trabalho, sob o ponto de vista da afixação pelos sufixos **-s/ção** e **-mento**. Os afixos são elementos que se distinguem pela posição que tomam em relação à raiz, de modo que os **sufixos** seguem o radical, enquanto os **prefixos** precedem o radical.

Para Villalva e Silvestre (2014, p. 87), de maneira semelhante a Rosa (2003), há dois tipos básicos de constituintes das palavras que são os **radicais** e os **afixos**. No entanto, esses autores acrescentam uma noção importante, que trata da caracterização funcional dessas unidades.

Assim como nas estruturas fráscas, os constituintes desempenham, nas estruturas morfológicas, uma função gramatical, podendo ser **núcleo**, **complemento**, **modificador** ou **especificador** (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 87). Essas funções desempenhadas pelos constituintes morfológicos podem ser definidas da seguinte maneira:

NÚCLEO – constituinte que determina as propriedades da palavra inscritas na sua assinatura categorial. Trata-se de um predicador, que pode selecionar um complemento (predicador transitivo), como, por exemplo, os sufixos derivacionais (cf. *livraria*), ou não selecionar qualquer complemento (predicador intransitivo), como os radicais das palavras simples (cf. *livro*).

COMPLEMENTO – constituinte selecionado por um predicador transitivo. São complementos os radicais (cf. *livraria*), temas (cf. *continuação*) ou palavras (cf. *invariavelmente*) selecionados pelos sufixos derivacionais.

MODIFICADOR – constituinte que não é núcleo, nem complemento, nem especificador – são adjuntos que operam apenas semanticamente. São modificadores os prefixos (cf. *re*ler) e os sufixos avaliativos (cf. *livrinho*).

ESPECIFICADOR – constituinte que preenche informação solicitada pela assinatura categorial da palavra e que não é satisfeita pela informação que vem do núcleo. São especificadores os constituintes temáticos (cf. *começar*, *livro*) e os sufixos de flexão (cf. *começar*, *livros*), para além da vogal de ligação. (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 88, grifos dos autores).

Para as nossas discussões, é importante esclarecermos as funções de núcleo e de complemento das palavras. De acordo com os autores, o núcleo é o responsável por determinar as propriedades de uma palavra, enquanto o complemento é selecionado por um predador transitivo (núcleo). Tomando como base os substantivos deverbais formados com os sufixos –s/ção e –mento, temos como núcleo o sufixo e como complemento a base verbal, já que o sufixo carrega a carga semântica do substantivo deverbal. Assim, no substantivo **administração**, o sufixo –ção indica que é a **ação** ou o resultado da ação de **administrar**.

Os sufixos são o núcleo, pois eles é que vão determinar a classe e o gênero da palavra que vai ser formada. Além disso, os sufixos apresentam forte exigência em relação à classe da palavra que pode figurar na base da derivação. O que quer dizer que os radicais são escolhidos pelos sufixos, e não o contrário. Por isso os radicais são complementos. Por exemplo, –ção e –mento apresentam a propriedade de formarem substantivos femininos e masculinos, respectivamente. Além disso, a exigência desses sufixos em relação ao tipo de radical que pode figurar na base é a de que só podem aparecer verbos como complementos, radicais.

Dado que os sufixos são os responsáveis pela assinatura categorial⁵ da palavra, no caso dos substantivos deverbais, esses morfemas vão determinar o gênero feminino para aqueles substantivos formados em –s/ção (a **aparição**, a **apresentação**) e masculino para aqueles formados em –mento (o **abastecimento**, o **falecimento**). Além disso, os sufixos se comportam como predadores transitivos e selecionam o complemento, no nosso caso, uma base verbal. Assim como os sufixos –s/ção e –mento, que só selecionam bases verbais, há o sufixo **–dor**, que seleciona o tema verbal do infinitivo (**apresentador**, **vencedor**). Por outro lado, encontramos sufixos que só se unem a bases nominais, como **–aria** (**livraria**, **padaria**, **pastelaria**, etc.).

É importante destacarmos as funções exercidas por cada um dos constituintes

⁵ De acordo com Villalva e Silvestre (2014, p. 147), a assinatura categorial, que inscreve as propriedades da palavra, foi definida por Lieber e se refere à moldura de traços morfossintáticos sintaticamente relevantes. Desse modo, no Português, a assinatura categorial é baseada nas informações de gênero e número para os substantivos e adjetivos e nas informações de tempo, modo, aspecto, número e pessoa para os verbos.

morfológicos que estamos abordando nesta dissertação, para entendermos como esses constituintes se organizam para a formação de estruturas maiores, além de estabelecermos as classes de radicais e as classes de afixos que serão melhor descritas posteriormente.

1.2.2 O que estuda a morfologia lexical? Como se amplia o léxico?

Os nossos estudos morfológicos pertencem à corrente gerativista de pensamento, pois, de acordo com Rocha (1999) “na perspectiva gerativista há uma preocupação dos linguistas em explicitar a capacidade ou a competência que um falante nativo tem com relação ao léxico de sua língua, ou seja, a capacidade de formar novas palavras, de rejeitar outras, de estabelecer relações entre itens lexicais, de reconhecer a estrutura de um vocábulo, etc.”.

Para Sandmann (1997b, p. 11), o estudo da Morfologia é o estudo da palavra, assim como também afirmado por Kehdi (2003). Além disso, à Morfologia cabe estudar a composição e a estrutura da palavra, abordando a (in)variabilidade, a sua capacidade de ser acrescida de unidades constitutivas, se a palavra é simples ou composta e, caso seja composta, se por mais de um radical ou se por um radical e mais um ou vários afixos.

Sandmann (1997b) afirma que a competência lexical do falante possibilita que ele crie novas palavras por analogia, ou seja, por ter conhecimento da língua e das suas estruturas, o falante pode criar novas palavras para atender às suas necessidades de comunicação. Isso fica claro, quando analisamos as ocorrências coletadas para a realização deste trabalho, já que encontramos diversas palavras formadas com os sufixos em estudo, mas que não estão dicionarizadas nem são utilizadas em situações de comunicação diferentes daquelas analisadas, como, por exemplo, os casos de **solucionamento** e **arrebatação**, criadas por comparação à **solução** e **arrebatamento**, respectivamente. Esses exemplos mostram que o falante é capaz de criar itens lexicais com base no seu conhecimento das estruturas e das regras de formação dessas palavras.

Assim, ao se deparar com uma estrutura como **agitação**, que se formou pela adição do sufixo **-ção** ao tema do verbo **agitar**, analogamente, o falante pode formar uma estrutura como **falação**, para indicar o excesso de conversa, ou conversa desnecessária sobre algum assunto não pertinente ao momento, podendo, ainda, ser empregada em um contexto como “A falação dos alunos atrapalhou a explicação do professor”. Neste caso, o substantivo carrega um teor pejorativo, assemelhando-se a outro substantivo presente na nossa língua, com valor semântico bastante parecido, que é **falatório**. A morfologia lexical é responsável pelo estudo da palavra, de suas estruturas e composição, além dos processos de formação de novas palavras.

Passando, então, para o estudo de como ocorre a ampliação do léxico, Sandmann (1997a, p. 22) afirma que são três os recursos utilizados pelos falantes para a ampliação do vocabulário, sendo dois marginais e um central ou básico.

O principal recurso utilizado para a ampliação do léxico é a formação de palavras a partir de palavras/morfemas preexistentes, tendo como ponto de partida uma base, sendo que, se o processo se der pela utilização de uma base e de afixos, teremos a derivação, que é o foco deste trabalho, mas se for utilizada mais de uma base, geralmente duas, teremos o processo de composição.

Os recursos secundários são a **criação do nada** e o **empréstimo** de outras línguas. A chamada **criação do nada** ocorre a partir de fonemas ou sílabas, mostrando-se como um recurso raro e o autor mostra que, em língua portuguesa, só encontramos uma forma: **tititi**, em que a repetição da sílaba sem conteúdo semântico, **ti**, forma um vocábulo onomatopaico dotado de significado: mexerico, diz-que-diz. Além da forma citada por Sandmann (1997a), também encontramos, atualmente, as formas **blábláblá** e **mimimi**, que indicam, respectivamente: conversa desnecessária, sem sentido; e reclamação, imitação de choro.

O segundo recurso secundário de enriquecimento do vocabulário são os empréstimos de outras línguas. Os empréstimos são resultado do contato com a cultura de sociedades falantes de diferentes línguas. Desse modo, o português emprestou palavras do francês para referir-se à etiqueta e à moda, do japonês para nomear as lutas (judô, caratê), do italiano recebemos vocábulos referentes à música erudita, a comidas, etc.. Um indício de que um empréstimo está bem adaptado à língua que o recebeu é a existência de palavras derivadas do empréstimo: *snob* = **esnobe**, que apresenta as formas derivadas **esnobar** e **esnobação**; e *lunch* = **lanche**, cujos derivados **lanchar** e **lancheira** são amplamente utilizados (SANDMANN, 1997a, p. 23-24).

Para esse autor, são três as funções exercidas pela formação de palavras: a função semântica, a função sintática e a função discursiva. A **função semântica** está relacionada à necessidade de se dar nome às coisas ou seres, principalmente se se tratarem de entidades novas, como objetos, fatos culturais, dentre outros. Para exemplificar essa função, Sandmann (1997a, p. 25) traz o exemplo de **passeata**, que deu origem a palavras novas como **carreata**, **carroceata**, **bicileata**. Quando as manifestações, que envolviam percorrer um determinado trajeto, eram feitas a pé, ou quando ainda não havia carros ou bicicletas envolvidas nessas manifestações, os falantes utilizavam apenas **passeata**. Mas com a utilização dos carros, bicicletas ou carroças nessas manifestações, os falantes perceberam a necessidade da criação desses novos itens lexicais, citados anteriormente, tendo como base **passeata**.

A **função sintática** ou de **adequação sintática** ocorre quando um processo de formação

de palavras opera uma mudança de classe de palavras, como no caso das palavras focalizadas nesta pesquisa, em que a sufixação opera a mudança de um verbo para um substantivo. Dessa forma, todas as ocorrências encontradas podem ser utilizadas em um contexto de adequação sintática, como no par “Os professores vão **apurar** os votos para a eleição de representante de classe/A **apuração** dos votos para representante de classe será feita pelos professores”. Essa função traz vantagens para os falantes em termos de variedade e adaptabilidade dos recursos expressivos da língua (SANDMANN, 1997a, p. 25-27).

Por último, temos a **função discursiva** da formação de palavras, que, de acordo com Sandmann (1997a, p. 27), pode expressar aspectos subjetivos do emissor em relação ao conteúdo que é comunicado e adequar, discursivamente, ou estruturalmente, o texto como um todo. Essa função destaca-se, principalmente, no que se refere aos aspectos subjetivos do emissor em relação ao conteúdo, como observamos em palavras que, pela adição de um sufixo, adquirem um valor pejorativo, como em **lavação**, **perguntação**, **pingação**, ou pela adição de um prefixo, com enriquecimento do efeito expressivo, observado em palavras como **desprefeito**, **desburocracia**, **descritério** (SANDMANN, 1997a, p. 28). Os recursos morfológicos utilizados para expressar apreço ou despreço são uma importante função da formação de palavras, como já observamos através dos exemplos citados anteriormente.

Outro autor que também trata das funções de formação de palavras é Rocha (1999). Para Rocha (1999, p. 79), as três funções de formação de palavras são: a função de mudança categorial, por exigência do sistema linguístico; a função expressiva de avaliação, por influência do sujeito falante; e a função de rotulação, que está relacionada com o aspecto semântico. Essas três funções relacionam-se, respectivamente, à função sintática, à função discursiva e à função semântica indicadas por Sandmann (1997a). De acordo com Rocha (1999, p. 79-80), a função de mudança categorial está relacionada à exigência do próprio sistema linguístico, quando necessitamos empregar um item lexical de uma classe em outra. Por outro lado, a função expressiva de avaliação (ROCHA, 1999, p. 80) está intimamente relacionada ao papel do sujeito falante e ao uso de sufixos afetivos, enfáticos e intensificadores. Por fim, a função de rotulação (ROCHA, 1999, p. 81) relaciona-se com a necessidade do homem de dar nome às coisas, às ações, aos lugares, etc..

Assim, por estarmos lidando, neste trabalho, com a formação de palavras, nossos estudos pertencem à Morfologia Lexical, no que concerne à Morfologia⁶, já que lidamos com o estudo da palavra, dos seus constituintes e dos seus processos de formação, dentre outros

⁶ No que concerne à Fonologia, nossas análises serão enquadradas no modelo da Fonologia Lexical e na Teoria de Geometria de Traços, como veremos adiante.

assuntos. A formação de palavras, por analogia às formas já existentes e utilizando os recursos disponíveis, é o principal mecanismo de ampliação do léxico. Assim, quando um falante forma uma nova palavra, como **arrematação**, por exemplo, ele está contribuindo para a ampliação do léxico e mostra total competência e conhecimento sobre os mecanismos de formação de palavras. Desse modo, a formação de substantivos deverbiais com os sufixos -s/ção e -mento está relacionada à função de mudança categorial (ROCHA, 1999, p. 79-80) ou função sintática (SANDMANN, 1997a, p. 25-27), já que a formação de substantivos a partir de bases verbais permite a utilização de uma palavra de uma classe em outra.

1.2.3 Léxico

De acordo com Laroca (2001, p. 83), “o léxico é o conjunto das unidades vocabulares de uma língua”. Assim, o léxico está relacionado com as funções de classificação e comunicação da língua, comportando-se como uma espécie de banco de dados ao qual os falantes recorrem quando necessitam se comunicar, tratando-se, então, da soma da experiência acumulada de uma sociedade e também do acervo de sua cultura através das idades (BIDERMAN, 1978, p. 139). Além disso, os falantes são os responsáveis pela ampliação e modificação do léxico de uma língua. Sempre que um novo item lexical é criado, ele pode ser inserido no léxico da língua ou no léxico particular pertinente a cada falante. Desse modo,

O léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados.

O léxico, portanto, não é apenas de um conjunto de palavras. Como sistema dinâmico, apresenta estruturas a serem utilizadas em sua expansão. Essas estruturas, os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a aquisição de palavras novas por parte de cada falante. (BASÍLIO, 2014, p. 9)

Além disso, devemos enfatizar que

O léxico de uma língua é, pois, uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: às palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falantes, juntam-se palavras em uso por outras comunidades linguísticas falantes da mesma língua; às palavras em uso na contemporaneidade, somam-se as que estiveram em uso em sincronias passadas, de que temos notícia pela documentação escrita e que, por vezes, ressurgem; aos dados da escrita, unem-se os da oralidade, quando é possível apreendê-la, dada a muito maior fluidez da oralidade face à escrita. (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 23).

Assim, o léxico de uma língua é o resultado do processo de evolução dessa língua e resultado da interação dos falantes, estando disponível para o uso e modificação de acordo com as necessidades de comunicação que os falantes possam encontrar. Além disso, como explicam Villalva e Silvestre (2014), na citação acima, o léxico é cumulativo: as palavras de uma língua que estão em uso por determinados falantes vão se juntando às palavras utilizadas por outros falantes, esse processo se repete ao longo da história e pode ser verificado tanto na fala, quanto na escrita, de acordo com os dados disponíveis.

Os excertos acima indicam a importância dos processos de formação de palavras para a ampliação do léxico, pois, devido à dinamicidade da língua, da evolução dos seres, a necessidade de novas unidades lexicais para a construção de enunciados vai se tornando maior, para a denominação de novos objetos, ideias, mecanismos ou condições. Os processos de formação de novas palavras podem ser considerados como processos de **reciclagem**, posto que utilizamos elementos da língua já disponíveis aos falantes para fazermos novas construções e ampliarmos o léxico. Desse modo, constatamos que a partir de verbos podemos formar substantivos, como verificamos neste trabalho.

Devemos ressaltar que o léxico utilizado varia de indivíduo para indivíduo e o número e a variedade de palavras utilizadas é resultado do contato do falante com um número grande de palavras, por exemplo, por meio da leitura. Assim, o falante pode apresentar um **léxico passivo**, que é utilizado em operações de reconhecimento de enunciados linguísticos, enquanto o **léxico ativo** é mais reduzido e está disponível para a produção (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 24).

É importante destacar que “a dimensão individual do conhecimento lexical não diz apenas respeito à quantidade de palavras que cada falante conhece e usa - também há diferenças na qualidade do conhecimento das unidades lexicais.” (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 24). Para ilustrar a informação anterior, os autores utilizam, como exemplo, a ortografia ou o conhecimento etimológico. Em relação à ortografia, um indivíduo poderá tentar grafar uma palavra se ouvi-la, mesmo sem nunca tê-lo feito. No entanto, um mesmo som poderá ser grafado

de diferentes maneiras, como nos casos das palavras **exemplo**, **azul** ou **casa**, em que temos o mesmo som de [z] grafado com os grafemas consonantais “x”, “z” e “s”, o que pode gerar um pouco de dificuldade, caso o falante nunca tenha utilizado essas palavras e tente reproduzi-las graficamente apenas ouvindo-as. Além disso, palavras com uma única grafia podem apresentar diversas pronúncias, como no caso de **porta**, em que a consoante “r” apresenta diferentes pronúncias, no Brasil, de acordo com a região de origem do falante. A questão da etimologia é mais complexa e a história etimológica das palavras só pode ser aprendida por vontade expressa e nos casos em que estiver disponível (VILLALVA; SILVESTRE; 2014, p. 26), demandando pesquisas aprofundadas que não são comuns a todos os usuários de uma língua.

O léxico de uma língua é uma fonte inesgotável de elementos de investigação. Além disso, é no léxico que o falante busca os recursos disponíveis para os processos comunicacionais. Assim, o léxico está em constante alteração - sendo que alguns elementos caem em desuso, enquanto outros itens lexicais são formados - e não é o mesmo para todos os indivíduos, variando de acordo com as características particulares de cada um. Além disso, o falante pode apresentar o léxico passivo, que permite o reconhecimento dos enunciados linguísticos, e o léxico ativo, que é utilizado para a formação dos enunciados linguísticos. Por isso, é muito importante conhecer os itens lexicais de uma língua e como as pessoas fazem uso deles, além de entender as modificações feitas no léxico, por parte dos falantes, para as realizações discursivas que se adequam às situações vivenciadas por cada indivíduo.

1.2.4 O que é palavra?

Depois de abordarmos a discussão acerca da Morfologia e do seu objeto de estudo, além de introduzirmos alguns comentários sobre o Léxico e seus mecanismos de ampliação, julgamos necessário e bastante pertinente adentrarmos outra discussão que tem como foco a definição de **palavra**. De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), cabe à Morfologia ocupar-se das palavras quanto à sua estrutura, formação, flexão e classificação (KEHDI, 2003, p. 10). Se à Morfologia cabe o estudo da palavra, necessitamos, então, discutir algumas propostas de caracterização e definição desse elemento linguístico.

Câmara Jr. (2015[1970], p. 62) indica que a função do acento, no português, é dupla: distintiva e delimitativa. A função distintiva do acento em português serve para distinguir palavras como **jaca** (fruta brasileira) e **jacá** (uma espécie de cesto) ou **caqui** (fruta de origem japonesa) e **cáqui** (cor de poeira), além de ser um processo gramatical que distingue padrões morfológicos, entre o substantivo, proparoxítono, e a forma verbal, paroxítona, com mesma

configuração de fonemas do verbo correspondente: **rótulo** e **rotulo**, **fábrica** e **fabrica**, **intérprete** e **interprete** (CÂMARA JR., 2015[1970], p. 64-65). Em relação à função delimitativa, de acordo com o autor, a presença de acento indica a existência de um vocábulo e “a pausa só auxilia a delimitação do vocábulo na circunstância muito relativa de que, de um grupo de força a outro, é preciso se chegar ao fim de um vocábulo para haver pausa.” (CÂMARA JR., 2015[1970], p. 63-65). Assim, o final de um grupo de força é marcado pelo final de um vocábulo, de modo que não há casos em que o fim de um grupo de força coincida com o interior de um vocábulo. Desse modo, o acento, em português, é essencial para a determinação dos vocábulos.

Na visão tradicional, a palavra, sob o ponto de vista fonético - constituída de fonemas e sílabas, podendo ou não ser provida de tonicidade - deve receber a designação de **vocábulo**, por outro lado, de acordo com Kehdi (2003, p. 10), **palavra** seria a denominação adequada quando enfocamos o ponto de vista semântico. Para Rosa (2003, p. 74), o termo **palavra** é utilizado como uma noção oriunda da escrita, que se aplica também à fala. Assim, se tomarmos como base a escrita, para definirmos palavra, podemos considerar que cada palavra é delimitada por dois espaços em branco (um antes e outro depois da palavra) ou por sinais de pontuação. No entanto, para Laroca (2001, p. 21), do ponto de vista psicológico, existe em todo falante uma consciência intuitiva de palavra, mesmo que a sua língua não tenha escrita.

Laroca (2001, p. 21) cita que a dificuldade dos linguistas em definir palavra é grande, de modo que esses estudiosos se valem de critérios fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, que também encontram limitações e não podem ser aplicados automaticamente. Kehdi (2003) mostra que a palavra pode ser abordada sob diferentes perspectivas - relacionadas aos variados campos dos estudos linguísticos - e considerando alguns critérios como a unidade acentual (campo da fonologia), a homonímia (campo da semântica) e a lexia (campo do léxico). Dessa forma, consideramos pertinente, neste trabalho, tratarmos dessas caracterizações distintas da **palavra** sob a óptica dos diferentes critérios gramaticais.

Considerando o critério fonético, a palavra seria uma unidade acentual, ou seja, um conjunto marcado por apenas um acento tônico (KEHDI, 2003, p. 11). Dessa forma, palavras como **mesa**, **computador**, **máquina** correspondem ao critério proposto. No entanto, expressões como **leve-me**, **com o gato**, também satisfazem a esse critério, por apresentarem apenas um acento tônico, porém, não constituem apenas uma palavra do ponto de vista gráfico. Dessa maneira, podemos encontrar sintagmas que apresentam apenas uma unidade acentual, porém compostos por mais de uma palavra.

Basílio (2014, p. 16), assim como Kehdi (2003) e Câmara Jr. (2015[1970]), indica que

a palavra pode ser considerada uma unidade fonológica. Desse modo, a palavra pode ser pensada como uma sequência fônica que ocorre entre pausas, mas, por outro lado, na estrutura do português, as palavras apresentam um padrão acentual que é baseado em tonicidade e duração. De acordo com Bisol (1996, p. 250-251), a palavra fonológica é o nível que faz a interação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática, além disso, a autora também ressalta que a palavra fonológica não pode ter mais de um acento.

No entanto, se considerarmos a palavra como unidade fonológica, encontraremos alguns problemas de identificação da palavra, tais como os clíticos - unidades que se agregam fonologicamente a uma palavra sem fazer parte dela morfológicamente - que fazem parte do vocábulo fonológico, mas não da palavra morfológica e ainda podem alternar de posição ou sofrerem interferência de outro elemento, contrariando a ideia de que as estruturas de uma palavra apresentam uma ordem fixa e não podem ser intercaladas com outros elementos morfológicos. De acordo com Leda Bisol (1996, p. 251), “o grupo clítico é a unidade prosódica que segue imediatamente a palavra fonológica.” e, levando em conta que a palavra fonológica só pode ter um acento, as palavras destituídas de acento podem entrar nessa categoria, como os clíticos. Define-se, então, o grupo clítico como “a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo” (BISOL, 1996, p. 252), como em **leve-me** ou **o leque**.

Ao lado dos clíticos, as locuções também são um problema para a identificação da palavra, já que as preposições também são clíticos e, mesmo sendo consideradas como sequências de palavras, sob o ponto de vista gráfico, algumas expressões como **a pé, de manhã, de repente, em cima**, etc. apresentam unidade de significado e de uso e também são morfológicamente unificadas, não permitindo a interposição de outros elementos (BASÍLIO, 2014, p. 16-17).

Para Câmara Jr. (2015[1970], p. 22), partindo do mínimo para o máximo, “o vocábulo não é o termo inicial que se impõe. Ele se analisa, ou decompõe, em formas mínimas constituintes, que são os 'morfemas'.” Dessa forma, verificamos, novamente, a importância do estudo dos morfemas pela Morfologia, já que essas unidades mínimas significativas se juntam para formar um elemento maior, a palavra.

Devemos ressaltar que,

Ao contrário do critério fonológico que rege a nossa escrita, procurando representar aproximadamente os fonemas pelas letras e dividindo as suas sequências de acordo com as sílabas, a representação do vocábulo na escrita se faz pelo critério formal. Deixa-se entre eles, obrigatoriamente, um espaço em branco, porque, mesmo quando sem pausa entre si num único grupo de força, cada um é considerado uma unidade mórfica per si. (CÂMARA JR., 2015[1970], p. 69)

Assim, podemos afirmar que, na escrita, usam-se espaços em branco para separar os grupos de força, que podem apresentar mais de uma palavra na sua composição. Como no caso, citado por Câmara Jr. (2015[1970], p. 69) da expressão **proscrever uma lei** que pode ser transcrita como [proskreveruma'lei], que é representada por um único grupo de força, mas apresenta várias palavras na sua composição e o final do grupo de força coincide com o final do vocábulo **lei**.

Do ponto de vista morfológico ou gramatical, Laroca (2001, p. 24) indica que as palavras propriamente ditas são as representações concretas dos lexemas, flexionadas ou não. Desse modo, **escrevo, escrevia, escrevi, escrevesse, escreveria** são palavras que manifestam o lexema **ESCREVER**; **livro, livros; lindo; lindos, linda, lindas**, são palavras que representam os lexemas **LIVRO** e **LINDO**. Portanto, os lexemas são “unidades abstratas que representam determinado paradigma” (LAROCA, 2001, p. 24). Ainda, os lexemas podem ser simples (livro), compostos (guarda-chuva) ou derivados (livraria) e constituem entradas de dicionário. Para a autora, algumas sequências de alta frequência são palavras compostas, tais como **mãe solteira, cesta básica**, por exemplo. Por fim, devemos citar que o princípio da **coesão interna** e o da **permutação**⁷ são critérios para a identificação de palavras. O princípio da **coesão interna** diz respeito ao indicativo morfológico de que dois elementos se combinam para formar uma palavra e a impossibilidade de inserir uma ou outra forma entre eles. Já o princípio da **permutação** diz respeito à mobilidade, ou seja, à possibilidade de uma palavra trocar de posição com outra na mesma frase.

Se buscamos caracterizar a palavra sob o ponto de vista semântico, os casos de homonímia vão se tornar um problema. Na língua portuguesa, são consideradas homonímias as formas linguísticas com mesma estrutura fonológica, mas com significados diferentes (KEHDI, 2003, p. 11). Assim uma palavra como **manga**, que apresenta significados distintos, deve ser considerada como uma única palavra ou haveria tantas palavras **manga** quanto os diversos significados correspondentes? A resposta a essa pergunta não é muito simples e, se buscarmos essa resposta em diferentes dicionários, poderíamos ficar ainda mais confusos, já que há aqueles

⁷ Para mais informações, consultar Laroca (2001, p. 24-25).

que consideram **manga** como uma única palavra com distintos significados e há dicionários que consideram que, para cada significado, há uma palavra **manga** distinta.

Continuando as discussões sobre a definição de palavra, podemos considerar a palavra sob o ponto de vista de lexia, que pode ser definida como uma **unidade lexical memorizada** (KEHDI, 2003, p.12). Dessa forma, temos três lexias distintas **guarda**, **chuva** e **guarda-chuva**, sendo que, em guarda-chuva, essas duas palavras não podem ser separadas sem perda de significado; também não podemos inserir um novo item entre as duas, formando, por exemplo, **guarda-novo-chuva**, o que está de acordo com a noção de **coesão interna** proposta por Laroca (2001, p. 24), que se aplica a palavras compostas e lexias complexas.

Kehdi (2003, p. 12), tomando como exemplo **guarda-chuva**, traz outros dois exemplos de lexias compostas: **casa de detenção** e **estrada de ferro**. Nesses exemplos, o autor mostra que se trata de uma única palavra, pois não há relação de determinância, já que **de detenção** e **de ferro** não são determinantes de **casa** e **estrada**; portanto, devemos considerar **casa de detenção** e **estrada de ferro** como um bloco unitário, uma palavra composta. Isso mostra que não é o fato de apresentar hífen ou não que determinará se a palavra é composta. O que determinará isso será a análise da sua estrutura de formação, levando a palavra a ser compreendida como um significado só.

Assim como verificado em Kehdi (2003) e Laroca (2001), Basílio (2014, p. 14) ressalta que as palavras são construções que se estruturam de maneira específica, de forma que seus elementos componentes apresentam ordem fixa, sendo rigidamente ligados uns aos outros, não permitindo mudança de posição ou interferência de outros elementos. Esse fato se aplica às palavras compostas e também às palavras simples e derivadas. Retomando os exemplos anteriores, **guarda-chuva** e **casa de detenção** apresentam uma ordem fixa, sendo que nenhum item poderia ser inserido no interior dessas estruturas, como ***guarda-novo-chuva** ou ***casa velha de detenção**. Essa mesma característica se aplica, também, a palavras simples, derivadas, como **encaixado**, por exemplo, já que não poderíamos inserir segmentos no seu interior, formando **encaixonado**; ou **narração**, cujos elementos não poderiam apresentar uma ordem diferente, formando, por exemplo, **çãonarra** (BASÍLIO, 2014, p. 14). Tal característica também está relacionada à noção de coesão interna proposta por Laroca (2001, p. 24).

Outro problema em relação à determinação do que é palavra está ligado à flexão, já que uma mesma palavra pode se apresentar flexionada de diferentes maneiras. Um exemplo é o verbo **comer**, que pode ocorrer como formas simples, em **comeu** e **como**, ou em formas compostas, como em **comeriam**, **comerá**. Se essas formas estivessem em algum enunciado, como **João comeu o bolo**/**Eu como o bolo**/**Eles comeriam o bolo**/**João comerá o bolo**, seriam

consideradas como uma palavra distinta em cada um desses enunciados, mas, na verdade, trata-se de quatro formas flexionadas do verbo **comer**. Assim, temos dois enfoques diferentes: um que considera as palavras como “unidades de que se compõe o enunciado” (cada uma das conjugações do verbo **comer**, inseridas no enunciado); e outro que considera a palavra “como uma unidade estrutural que congrega diversas formas” (o verbo comer, agregando todas as suas conjugações).

Basílio (2014, p. 15) também enfoca a diferenciação entre **palavra**, **vocábulo** e **lexema** e, retomando o exemplo do verbo **comer**, podemos considerá-lo como um **lexema**, ou uma unidade lexical, enquanto as suas diferentes flexões seriam **vocábulos**, ou variações de forma de uma mesma palavra. Essa diferenciação está pautada na diferenciação palavra como unidade lexical e como unidade formal, de maneira que os vocábulos que não apresentam significado lexical não podem ser considerados lexemas, mas vocábulos gramaticais, tais como as preposições, conjunções e verbos auxiliares.

Basílio (2014, p. 17) apresenta, também, a ideia da palavra como forma livre mínima, que pode constituir, por si só, um enunciado⁸, diferentemente da forma presa, ou afixo, que só ocorre em conjunto com outra, estabelecendo uma relação de dependência com ela. Essa definição não está livre de problemas, assim como todas as anteriores, pois verificamos que nenhuma definição de palavra é eficiente o bastante para ser tomada como correta, todas elas são válidas e se complementam. Muitas vezes a divisão de palavras passa pela intuição do falante que, com o seu domínio e conhecimento da própria língua, mesmo inconscientemente, é capaz de delimitar o que é uma palavra.

Villalva e Silvestre (2014) também problematizam a questão da definição de palavra. Para esses autores, **palavra** é o rótulo mais fácil de ser utilizado, mas a definição deste conceito é difícil de ser estabelecida e não há razões para a aceitação de que palavras e unidades lexicais sejam termos equivalentes. É importante considerarmos que

⁸ Um exemplo de uma palavra que constitui um enunciado completo seria a palavra “pare”.

No léxico, todas essas dimensões de palavras são igualmente relevantes: enquanto unidades lexicais, as palavras são paradigmas (identificados por um lema⁹), ou seja, são conjuntos de formas portadoras de informações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas e ainda de outras informações de vária ordem, como, por exemplo, a etimologia. Conhecer uma palavra significa conhecer todo o conjunto de informações que ela comporta e que a constitui, sendo este um conhecimento abstrato e potencial. Só no uso se podem registrar e medir ocorrências das formas das palavras. (VILALVA e SILVESTRE, 2014, p. 76)

Para finalizar as nossas considerações acerca das definições de **palavra**, devemos ressaltar que, de acordo com Rocha (1999, p. 69) “uma palavra se caracteriza por possuir uma identidade fonética, uma identidade semântica e uma identidade funcional.” Assim, nos exemplos (ROCHA, 1999, p. 69)

- (1.1) a) Meus dentes estão escovados
b) Os dentes desta engrenagem precisam de graxa,

Tanto em **a** quanto em **b**, **dentes** é a mesma palavra, pois em ambos os casos os aspectos fonético, semântico e funcional são os mesmos.

Dessa forma, verificamos, novamente, a dificuldade de se determinar o que é a palavra e que sua definição pode variar de acordo com o enfoque (fonológico, sintático, semântico) dado. Como estamos trabalhando com processos morfofonológicos desencadeados na formação de substantivos deverbiais, lidamos com conceitos que pertencem à Morfologia e à Fonologia e devemos determinar a melhor definição de palavra, para este trabalho, levando em conta os critérios morfológico e fonológico.

Do ponto de vista fonológico, adotaremos a definição dada por Basílio (2014), Kehdi (2003) e Câmara Jr. (2015[1970]) de vocábulo, ou palavra, determinada por uma única unidade acentual, já que em palavras como **adoção** ou **abastecimento**, presentes no nosso *corpus*, verificamos a presença de um único acento (principal), que incide no sufixo adicionado. Do ponto de vista morfológico, devemos enfatizar que as palavras presentes no nosso *corpus* apresentam uma constituição rígida determinada pela **coesão interna** (LAROCA, 2001, p. 24). Assim, **adoção** e **abastecimento** são palavras derivadas que sempre apresentarão a mesma ordem dos seus constituintes (tema verbal + sufixo derivacional), ficando impedida a inserção

⁹ De acordo com Villalva e Silvestre (2014, p. 79), uma **forma de citação** ou **lema** é a forma escolhida pelo falante, dentro de um conjunto de possibilidades, para representar uma ideia. Assim, o verbo **ser**, engloba vários lemas, como **são** ou **foi**, cabe ao falante selecionar um ou outro lema, de acordo com a sua necessidade.

de qualquer outro constituinte no seu interior. Em relação ao ponto de vista semântico, não verificamos casos de homonímia ou polissemia nas ocorrências presentes no nosso *corpus*. Por fim, devemos ressaltar que todas as ocorrências analisadas neste trabalho apresentam uma identidade fonológica, uma identidade semântica e uma identidade funcional, como propostas por Rocha (1999) e podendo ser verificadas nos exemplos abaixo:

(1.2) A adoção da criança foi realizada com sucesso.

A adoção da medida de cortes financeiros não foi bem aceita por todos na empresa.

Nos exemplos anteriores, **adoção** é a mesma palavra, pois apresenta os mesmos aspectos fonético, semântico e funcional.

1.2.5 Os constituintes da palavra e suas classificações

Tendo como base o pressuposto de que a palavra é um elemento cuja constituição é complexa, devemos analisá-la partindo dos seus constituintes morfológicos; desse modo, tomemos, como exemplo, o verbo **administrávamos**. Para analisarmos essa composição, devemos fazer a comparação sempre por pares, tendo em mente a riqueza de flexões que caracteriza a conjugação verbal que nos leva a comparar a forma proposta com as demais que se associam a ela. Na comparação por pares, devemos considerar que cada par apresenta uma só relação de semelhança e uma só relação de diferença, como indica Kehdi (2003, p. 13). Vejamos o seguinte exemplo,

(1.3) administrávamos
administrava

No caso acima, o elemento comum é **administrava** e o diferencial é **-mos**, que só ocorre na primeira forma.

Devemos considerar, também, que os elementos destacados devem ter um valor significativo. No exemplo 1.3 acima, **-mos** indica “que a ação expressa no passado é realizada por um grupo de pessoas, entre as quais se inclui o falante.” (KEHDI, 2003, p. 13). Continuando a nossa decomposição, verificamos que **administrava** também é decomponível:

(1.4) administrava
administra

O segmento que se destaca, **-va**, “indica que a ação expressa pelo verbo se desenrola num passado que se prolonga” (KEHDI, 2003, p. 14).

Podemos ainda continuar com a decomposição, com o seguinte par:

- (1.5) administra
administro

Este par nos fornece, respectivamente, os segmentos **-a** e **-o**, mas o que nos interessa é o **-a**. Baseando-nos no par exemplificado acima, verificamos que o **-a** é a vogal temática do verbo. Nessa forma verbal, tanto o sufixo modo-temporal, quanto o número-pessoal é Ø. O **-o**, de administro, é o sufixo número-pessoal, da primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Desse modo, a forma verbal destacada é constituída por quatro elementos: **administr + á + va + mos**.

Em relação aos segmentos destacados, devemos ressaltar que são unidades portadoras de sentido, que são elementos recorrentes e de grande produtividade na língua e que a ordem desses segmentos é rígida, sendo que qualquer alteração nessa ordem vai resultar em formas agramaticais. Essas unidades mínimas significativas recebem, em língua portuguesa, o nome de **morfemas**. Devemos ressaltar que essa definição de morfema como “unidade mínima significativa” deve ser utilizada com cuidado, tendo em vista que alguns morfemas, como as vogais de ligação e as vogais temáticas verbais, não são portadores de significado, no sentido convencional do termo, como explicam Aronoff e Fudeman (2011, p. 2): “*Some morphemes have no concrete form or no continuous form, as we will see, and some do not have meanings in the conventional sense of the term.*”¹⁰.

A classificação dos morfemas é muito importante e não podemos deixar de abordá-la, pois, neste trabalho, vamos lidar com morfemas específicos que são os morfemas verbais, ou radicais verbais, e os sufixos formadores de substantivos **-s/ção** e **-mento**.

¹⁰ “Alguns morfemas não têm uma forma concreta ou contínua, e como veremos adiante, alguns não possuem significado no sentido convencional do termo.” (Tradução nossa)

1.2.5.1 Radicais

Neste estudo, lidamos com a formação de substantivos deverbais, ou seja, quando, da junção de uma base verbal com um sufixo determinado, forma-se um substantivo. A base verbal com a qual trabalharemos é o tema verbal, formado pelo radical e sua vogal temática, excluindo-se, então, a desinência verbal **-r**, indicadora de infinitivo. De acordo com Kehdi (2003, p. 26), “o radical corresponde ao elemento irreduzível e comum às palavras de uma mesma família.” No nosso caso, vamos trabalhar com radicais verbais, como **administr-**, **aparec-**, **sent-**, que estão presentes, respectivamente, nos verbos **administrar**, **aparecer** e **sentir**.

Para Villalva e Silvestre (2014, p. 89, grifos nossos), “**Radical** é o nome que identifica o tipo de constituintes morfológicos, que, de forma mais ou menos intuitiva, se considera estar na base das palavras”. Além disso, observando-se dados do Português, podemos constatar que há radicais, como **livr-**, que ocorrem em palavras simples (**livro**) e em palavras complexas (**livraria**)¹¹. Há, ainda, os radicais que só ocorrem em palavras complexas, como **bibli-**, presente em **bíblico** e **bibliografia**. Os chamados **radicais livres** são aqueles que ocorrem em palavras simples e complexas (**livr-**), enquanto os **radicais presos** são aqueles que só ocorrem em palavras complexas (**bibli-**).

1.2.5.2 Afixos

De acordo com Kehdi (2003, p. 27), “designam-se afixos os morfemas que se anexam ao radical para mudar-lhe o sentido [...] ou acrescentar-lhe uma ideia secundária [...]”. Os afixos podem ainda contribuir para a mudança de classe gramatical do vocábulo, como no caso dos sufixos abordados neste trabalho, **-sção** e **-mento**. Os afixos que se antepõem ao radical são denominados **prefixos** e os afixos que são pospostos ao radical recebem a denominação de **sufixos**. No entanto, a diferença entre prefixos e sufixos não está apenas na distribuição. A junção de um prefixo a um radical não ocasiona, no português, mudança da classe da palavra formada, diferentemente do que se observa com os sufixos, que podem ou não alterar a classe da palavra que está na base do processo morfológico. Os prefixos agregam-se normalmente a verbos, enquanto que os sufixos podem ser nominais, quando contribuem para a formação de

¹¹ Palavras simples são aquelas formadas por um radical e especificadores formais, como o índice temático, e especificadores morfossintáticos, como os sufixos de flexão (Ex: escol- + -a + -s = escolas). As palavras complexas são aquelas formadas por uma determinada regra e possuem um radical e afixos derivacionais (livr- + -eiro = livreiro).

nomes, e verbais, quando utilizados para a formação de verbos (KEHDI, 2003, p. 28). Observemos os seguintes exemplos:

(1.6) dispor (verbo) → **pre**dispor (verbo)

↓

Junção do prefixo **pre-**

(1.7) dispor (verbo) → **disposi**ção (substantivo)

↓

Junção do sufixo **-ção** à base do verbo **dispor**.

Nos exemplos acima (1.6 e 1.7), verificamos que a junção do prefixo **pre-** ao verbo **dispor**, formando **pre**dispor, não ocasiona a mudança de classe na palavra formada, enquanto que no substantivo **disposi**ção, formado pela junção do sufixo **-ção** à base do verbo **dispor**, temos a mudança de classe.

Devemos acrescentar que, como explicado anteriormente, os sufixos são os núcleos dos substantivos deverbais, por isso ocorre a mudança de classe de palavras, já que são os responsáveis por determinar as propriedades das palavras, enquanto os radicais verbais são os complementos selecionados pelos predicadores transitivos. Os prefixos são especificadores, operando modificações semânticas apenas, por isso quando um prefixo se junta a um radical não ocorre mudança na classe gramatical da palavra formada.

De acordo com Villalva e Silvestre (2014, p. 102), os sufixos predicadores¹² são tradicionalmente chamados de **sufixos derivacionais**, designação esta pouco esclarecedora quanto à sua função na estrutura das palavras e que integra, tradicionalmente, os dois tipos de afixos contrastados: os afixos derivacionais e os afixos modificadores. Para esses autores “a principal característica dos sufixos derivacionais é a de que eles são o núcleo das estruturas em que ocorrem, dado que lhes cabe definir as propriedades morfosintáticas das palavras derivadas” (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 102). Os sufixos derivacionais, enquanto predicadores transitivos, selecionam um complemento, além de definirem as propriedades dos complementos que selecionam. Assim há sufixos que selecionam bases adjetivais (como -al, que forma **paternal**, por exemplo), bases substantivais (como -eira, que forma **canseira** e

¹² Para esses autores (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 102-103) os sufixos predicadores formam substantivos: -aria (livraria), -eira (clareira, canseira), etc.; adjetivos: -ico (metódico), -al (paternall), etc.; verbos: -ificar (desertificar, amplificar), -ilhar (fervilhar) etc.; e advérbio: -mente (sensivelmente).

clareira, por exemplo) ou, como nos casos dos sufixos **-s/ção** e **-mento**, bases verbais.

Como exemplos de sufixos derivacionais temos **-s/ção** e **-mento**, que também podem ser classificados como nominais, pois formam substantivos através da seleção de uma base verbal, como especificado anteriormente. É importante ressaltar que as desinências (sufixos flexionais), apesar de também serem colocadas após o radical, diferem dos sufixos derivacionais por não criarem palavras novas. Trata-se de morfemas terminais de palavras variáveis e que são responsáveis por realizarem as flexões de gênero (**menino**, **menina**) e número (**menino**, **meninos**) - no caso das desinências nominais - ou de modo-tempo (**cantava**, **cantaria**) e número-pessoa (**desististe**, **desistimos**) - desinências verbais, sendo indispensáveis na construção sintática (não acarretando mudança de classe), enquanto que os sufixos são responsáveis pela criação de novas palavras (podendo acarretar mudança de classe).

1.2.5.3 Vogais temáticas e conjugações verbais

As vogais temáticas podem acrescentar-se ao radical para constituir uma base à qual serão adicionadas as desinências (sufixos flexionais); portanto, neste caso, a sua posição é entre o radical e desinência, como verificamos no verbo **trabalhar**, que, na segunda pessoa do pretérito imperfeito do indicativo, forma **trabalhavas**, de modo que a vogal temática **-a-** localiza-se antes da desinência **-va**, indicadora de tempo e modo. Há casos em que a vogal temática participa também de processos não flexionais; neste caso, a sua posição não é entre o radical e a desinência, como, por exemplo, no caso da formação de substantivos deverbais com o sufixo **-dor**, em que a vogal temática localiza-se entre o radical e o sufixo: **jogar** → **jogador**.

No Português, estão presentes três vogais temáticas verbais **-a-**, **-e-** e **-i-** que se referem, respectivamente, à primeira, à segunda e à terceira conjugações. É relevante para este trabalho conhecer as vogais temáticas verbais, pois elas serão muito importantes para análise dos processos morfofonológicos encontrados, já que processos morfofonológicos diferentes podem ser desencadeados dependendo da conjugação verbal. Das três vogais temáticas presentes na língua portuguesa, aquela de primeira conjugação é a mais produtiva, sendo que todos os verbos novos são a ela incorporados (KEHDI, 2003, p. 36).

Pensando-se na definição tradicional de morfema como “unidade mínima significativa”, verificamos que há um problema em aplicar essa definição às vogais temáticas, já que elas não apresentam nenhum significado, mas desempenham funções morfossintáticas apenas. Para Rosa (2003, p. 128), a vogal temática é um formativo responsável por expandir a raiz para a constituição do tema, constituindo, então, a base para as marcas flexionais, o que retira da vogal

temática qualquer função semântica.

Para Villalva e Silvestre (2014, p. 123), o fato de um verbo pertencer a uma das três conjugações verbais não tem relevância sintática ou semântica, a justificativa para a sua consideração é estritamente morfológica e relaciona-se com a realização da flexão. Os autores afirmam que não existem verbos irregulares na primeira conjugação, apenas na segunda e terceira. Além disso, todos os verbos novos são inseridos na primeira conjugação, o que indica que a segunda e a terceira conjugações são classes fechadas dentro da classe aberta dos verbos.

Villalva e Silvestre (2014) também chamam a atenção para o fato de que os sufixos derivacionais, que selecionam temas verbais, são sensíveis às subclasses dos verbos, de modo que esses sufixos podem ser divididos em três grupos. A sensibilidade, aqui, está relacionada à preferência dos grupos de sufixos por se unirem a verbos de determinada conjugação, além das alterações que esses sufixos podem acarretar na base do verbo à qual se unem para formar substantivos. O primeiro conjunto de sufixos derivacionais compreende os seguintes sufixos: **-dela (piscadela), -deira (mamadeira), -diço (movediço), -dio (fugidio), -dor (perfurador), -dura (varredura), -nte (comprovante)**; os sufixos desse conjunto associam-se a temas verbais que exibem a vogal temática na forma que ela assume no infinitivo; o segundo conjunto compreende os sufixos: **-ção (absolvição), -da (nascida), -do (conhecido), -mento (nascimento), -vel (temível)**; esse conjunto exhibe a neutralização da vogal temática das segunda e terceira conjugações em [i]; e o terceiro conjunto, que engloba os sufixos **-ncia (observância)** e **-ndo (sofrendo)**, neutraliza a vogal temática das segunda e terceira conjugações, sendo, posteriormente, nasalizada, devido à presença da consoante nasal no início do sufixo (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 125). O segundo grupo, que neutraliza a vogal temática em [i], engloba os sufixos que estudamos nesta dissertação e esse processo de neutralização será muito importante para as nossas análises, como veremos mais adiante. A caracterização das conjugações verbais apresentada

Permite assim concluir que o sistema de três conjugações deve ser entendido como um sistema que integra produtivamente uma conjugação, (a primeira) representada sistematicamente pela vogal temática [a] e residualmente as duas outras (ou seja, a segunda e a terceira), representadas tipicamente pelas vogais [e] e [i], mas que frequentemente reduzem a distinção temática em favor da vogal [i], mais frequentemente, ou da vogal [e], nos restantes casos. (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 129)

As informações anteriores sobre as vogais temáticas são importantes, pois ajudam na compreensão de alguns processos morfofonológicos, já que, como veremos adiante, os

processos morfofonológicos encontrados nas nossas ocorrências diferem de acordo com a vogal temática do verbo presente na base do substantivo formado.

1.2.6 Processos de formação de palavras

O acervo lexical da língua portuguesa é constituído, como ressalta Kehdi (2003, p. 7), de uma grande maioria de palavras herdadas do latim, às quais foram acrescentadas palavras de outros idiomas, além daquelas formadas na nossa própria língua. Na formação lexical, destacam-se os processos de derivação e de composição¹³, de maneira que o primeiro é o nosso foco e será descrito com detalhes mais adiante. A derivação ocorre quando um vocábulo se forma pela adição de um afixo (prefixo ou sufixo) a um único radical, ao passo que a composição se dá pela junção de dois ou mais radicais.

De acordo com Basílio (2014, p. 27), é possível formar palavras de uma classe de palavras a partir de palavras de outra classe. Dessa forma, a partir de adjetivos podemos formar substantivos, como em **banal/banalidade**, e de substantivos podemos formar adjetivos como em **pessoa/pessoal**. De acordo com a autora, o padrão geral que corresponde aos processos de mudança de classe na constituição do léxico pode ser resumido em: **a)** as categorias lexicais plenas são substantivo, adjetivo e verbo; e **b)** processos de formação de palavras possibilitam a formação de palavras de qualquer categoria lexical plena a partir de palavras de qualquer outra categoria lexical plena (BASÍLIO, 2014, p. 27), como podemos verificar a seguir:

- (1.8)
- a) caderno → encadernar (substantivo → verbo);
 - b) banal → banalizar (adjetivo → verbo);
 - c) por → expor (verbo → verbo);
 - d) banal → banalidade (adjetivo → substantivo);
 - e) administrar → administração (verbo → substantivo);
 - f) sapato → sapataria (substantivo → substantivo);
 - g) brilhar → brilhoso (verbo → adjetivo)
 - h) pessoa → pessoal (substantivo → adjetivo)
 - i) formal → informal (adjetivo → adjetivo).

¹³Laroca (2001, p. 84) cita outros processos morfossintáticos de formação de palavras, como a **redução** (fotografia → foto;) e a **duplicação** (xixi, zunzum). Sandmann (1997a, p. 51-61) cita como processos de formação de palavras, além da derivação e da composição: a **abreviação** (União de Bancos → Unibanco, cerveja → cerva;), a **formação analógica** (explodir → implodir), o **cruzamento vocabular** (democracia + ditadura → democradura) e a reduplicação (pingue-pongue, quero-quero).

Ao lado do fato geral acima exemplificado, há fatos particulares que restringem a formação de palavras. Por exemplo, ao lado do fato geral de que a partir de um verbo podemos formar um substantivo, temos o fato particular de que, se o verbo apresentar a estrutura X-izar, o sufixo a ser utilizado será **-ção**, mas, se o verbo tiver a forma X-ecer, devemos utilizar o sufixo **-mento**. O verbo **formalizar**, que apresenta a estrutura X-izar, poderá formar um substantivo deverbal quando a sua base se juntar ao sufixo **-ção**, formando **formalização**, enquanto que um verbo como **estremecer**, que apresenta a estrutura X-ecer, poderá formar um substantivo deverbal, se a sua base se juntar ao sufixo **-mento**, formando **estremecimento** (BASÍLIO, 2014, p. 27).

Devemos chamar a atenção, como mostra Villalva (1986, p. 85), para a diferenciação entre **processos** e **regras** de formação de palavras, sendo que os **processos** morfológicos são os responsáveis por determinar a categoria que pode incluir novas palavras e a categoria que pode fornecer formas derivantes, de modo que, na formação de substantivos, por exemplo, as categorias que fornecem as formas derivantes são os verbos, os adjetivos e os substantivos. Por outro lado, as **regras** são as concretizações subcategoriais dos processos e envolvem, por exemplo, a adição de afijos (prefixos e sufixos) a bases verbais, nominais e adjetivais.

Os processos são pouco numerosos e consistem na **verbalização**, na **adjetivização** e na **nominalização**, ou seja, a formação de itens de uma das categorias plenas indicadas por Basílio (2014) e exemplificadas em 1.8 acima, sendo que, neste trabalho, interessa-nos a nominalização deverbal, em que a categoria que fornece as formas derivantes são os verbos e a categoria à qual são incluídas novas palavras é a categoria dos substantivos.

Devemos evidenciar que Villalva (1986) exclui a formação de advérbios dos processos de formação de palavras, o que nos leva a cogitar que essa decisão da autora se deve ao fato de que a adverbialização é um processo unilateral, ou seja, podemos formar advérbios a partir de adjetivos femininos (**formal** → **formalmente**; **linda** → **lindamente**) acrescentando à base o sufixo **-mente**, mas não podemos formar um adjetivo a partir de um advérbio. Desse modo, os advérbios não se incluem nas categorias plenas.

Villalva (1986, p. 87) ressalta que as **regras** não são tão facilmente enumeráveis e, para cada afixo, corresponde uma regra, além de que a afixação não é capaz de esgotar os recursos da formação de palavras. Dessa forma, a verbalização, a adjetivização e a nominalização são, provavelmente, processos universais, enquanto as regras que os concretizam são particulares a uma determinada língua.

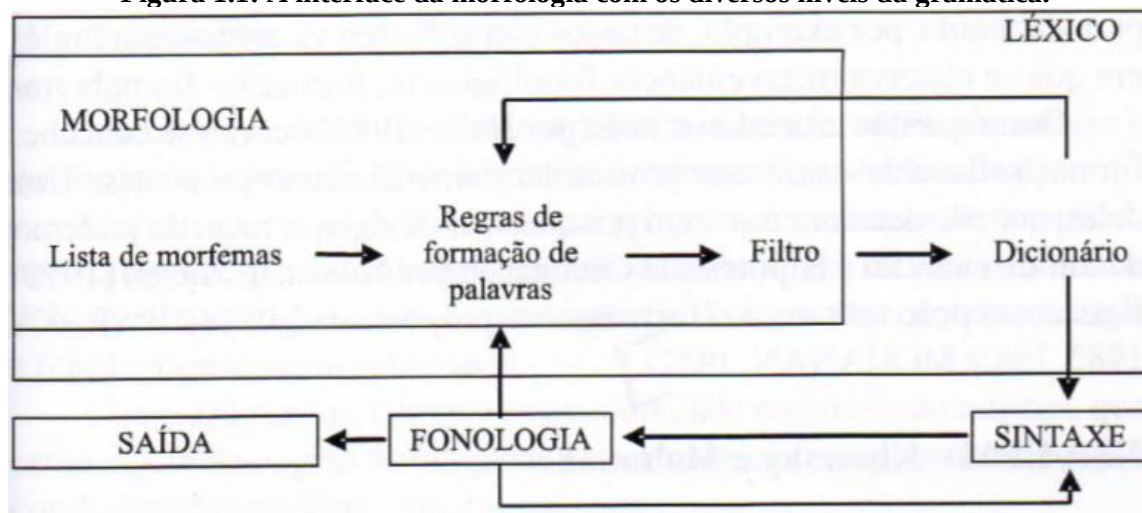
Comparando-se os processos de formação de palavras, podemos chegar à conclusão de

que o processo de nominalização é, talvez, o mais interveniente, não tanto pela produtividade de suas regras, mas pelo número, já que “só é possível nominalizar alguma coisa que já tem uma categoria na gramática, só é possível nominalizar palavras.” (VILLALVA, 1986, p. 99). Desse modo, todas as palavras podem ser nominalizadas, independentemente da sua classe, ou até mesmo outras unidades linguísticas, com sequências de palavras, como sintagmas e frases, podem ser nominalizadas.

Villalva (1986) chama a atenção para a necessidade de se distinguirem as regras de nominalização que não implicam qualquer alteração na sequência fonológica da palavra, ou palavras derivantes, das regras de nominalização que recorrem a materiais lexicais para transformarem essas sequências. As regras de formação de substantivos com o sufixo -dor (nomes de agentes) pertencem ao primeiro grupo: **jogar** → **jogador**; **pescar** → **pescador**. Por outro lado, as regras de nominalização com a adjunção dos sufixos -s/ção e -mento pertencem ao segundo grupo, em que ocorre a derivação pela adjunção de um sufixo a um tema verbal, acarretando vários processos morfofonológicos que já foram descritos e analisados por diversos autores (BARBOSA; COSTA, 2006; PRADO, 2010; BARBOSA; SILVA, 2015, dentre outros).

De acordo com Schwindt (2006, p. 311, grifos do autor), “Halle (1973) propõe um modelo que concebe a flexão e a derivação como processos resultantes da intervenção de um conjunto de regras de formação de palavras que, juntamente com um inventário de morfemas e com um filtro, constitui um submódulo do léxico, a que dá o nome de **morfologia**” e, neste modelo, a Morfologia se relaciona com o léxico e com os demais componentes da gramática, como a Sintaxe e a Fonologia, conforme verificamos na figura abaixo:

Figura 1.1: A interface da morfologia com os diversos níveis da gramática.



Fonte: Schwindt (2006, p. 311)

De acordo com a figura acima, há uma lista de morfemas que inclui os radicais e afixos derivacionais (dentre eles, os sufixos -s/ção e -mento) e flexionais e a esses radicais e afixos se associam informação gramatical e idiossincrática (em alguns casos). As regras de formação de palavras, que se ocupam da flexão e da derivação, selecionam os elementos da lista de morfemas e determinam as sequências bem formadas, gerando as palavras possíveis. O filtro¹⁴ é o responsável por determinar as palavras que entrarão no dicionário e aquelas que ficam de fora. O dicionário é o repositório das formas existentes na língua, mas, como podemos derivar formas do dicionário, ele deve interagir com as regras de formação de palavras.

Em relação à interação com a sintaxe, de acordo com Schwindt (2006, p. 312), “Halle assume que as transformações de inserção lexical selecionam no dicionário paradigmas de formas flexionadas que preencham posições estruturais no nível subjacente das representações sintáticas, sendo as demais formas descartadas por uma convenção geral”. Por fim, as regras de formação de palavras são alimentadas por e alimenta (ainda que indiretamente) o componente fonológico.

Seguindo o diagrama da figura anterior, podemos inferir que as regras de formação de substantivos deverbiais¹⁵ selecionam os morfemas disponíveis (sufixos -s/ção e -mento e bases verbais) determinando as sequências possíveis, como confessar → **confissão**/*confessamento, ou alistar → *alistação/. No entanto, um filtro age no sentido de determinar que somente **alistamento** e **confissão** entrem para o dicionário, sendo *alistação e *confessamento descartadas por uma convenção geral. Por fim, o componente fonológico age de modo que ocorram os processos morfofonológicos de apagamento da sílaba /sa/ e o alteamento da vogal [e], que passa a [i], na base confessa-, dando origem a **confissão**.

Desse modo, podemos afirmar que a Morfologia, sob o enfoque dos processos de formação de palavras, interage com o léxico e com os demais níveis gramaticais, como a Sintaxe e a Fonologia, merecendo atenção e estudo para melhor compreensão desses processos e como eles acarretam alterações gramaticais.

¹⁴ Para maiores explicações sobre o conceito de filtro, consultar Rosa e Villalva (1983).

¹⁵ Para melhor compreensão da regra de formação de palavras com o sufixo -s/ção e -mento, consultar a subseção “1.2.6.3 Formação de substantivos: mudança de classe” (p. 54).

1.2.6.1 Flexão x Derivação

A principal diferença entre a flexão e a derivação está na possibilidade de mudança de classe, tendo em vista que a flexão das palavras não causa mudança, enquanto os processos derivacionais podem levar à alteração da classe gramatical da palavra derivada. De acordo com Gonçalves (2011, p. 44), “na flexão, base e produto apresentam sempre a mesma especificação lexical. Logo, a flexão não muda a classe a que a palavra-base pertence.”, além disso o autor afirma que grande parte dos afixos derivacionais do português é responsável por mudanças categoriais (GONÇALVES, 2011, p. 45).

De acordo com Gonçalves (2011, p. 45), as principais classes envolvidas na formação de palavras e mudança de classe são os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios, sendo que esta última só aparece como resultado do processo de formação, ou seja, os advérbios podem ser apenas *outputs* dos processos derivacionais, não servindo como base para a formação de novas palavras, de forma que, como especificado anteriormente, as categorias plenas para a formação de novas palavras são os substantivos, adjetivos e verbos (BASÍLIO, 2014).

Para diferenciar o processo de flexão e de derivação, Gonçalves (2011, p. 49) utiliza a noção de **cabeça lexical**, afirmando que “sufixos derivacionais constituem o núcleo (a cabeça) de uma palavra morfológicamente complexa, enquanto os flexionais sempre se comportam como modificadores.”, o que nos faz remeter à afirmação de Villalva e Silvestre (2014) sobre as funções de núcleo, modificador, especificador e complemento, desempenhadas pelos constituintes morfológicos. Dessa forma, alguns sufixos derivacionais, como -s/ção e -mento, que se comportam como núcleo da palavra, serão os responsáveis pela modificação da classe gramatical, fornecendo a informação necessária à assinatura categorial daquela palavra, enquanto os sufixos flexionais se comportam como modificadores, realizando, apenas, alterações semânticas na palavra derivada.

No quadro abaixo, retirado de Gonçalves (2011), o autor indica que os sufixos -ção e -mento formam substantivos, respectivamente, femininos e masculinos, contribuindo para as informações semânticas ou sintáticas e atuando, também, na manifestação de gênero, enfatizando o caráter nuclear desses sufixos, como verificamos no quadro 1.1 a seguir:

substantivos **relação** e **relacionamento**, formados, respectivamente, com os sufixos -s/ção e -mento, e com a base **relaciona-** (tema do verbo relacionar). Essa base é selecionada por esses dois determinados sufixos substantivais, mas não por outros, tal como -dor (que formaria relacionador) ou -agem (formando relacionagem), também formadores de substantivos. Em síntese, os sufixos são os responsáveis por determinarem o gênero e por alterarem a classe da palavra formada, comportando-se como núcleo no processo morfológico de formação do substantivo.

A partir das afirmações anteriores e dos esquemas acima, apresentados nos exemplos 1.9 e 1.10, fica a dúvida: quando há a derivação por prefixação, qual elemento morfológico se comporta como núcleo? De maneira semelhante aos elementos tipicamente flexionais, os prefixos funcionam como modificadores numa construção morfológica e assim, as bases são os núcleos e não os prefixos, já que, em estruturas como **pré-vestibular**, **refazer** ou **megacomício**¹⁶, tais afixos apresentam um conteúdo mais adverbial (pré = “anteriormente a”, re = “novamente”) ou adjetival (mega = “grande”) respectivamente. Devido ao fato de não atribuírem gênero nem modificarem as classes gramaticais, os prefixos não podem ser analisados como núcleos nessas estruturas e mais uma vez, o núcleo da palavra encontra-se à direita no esquema **determinante-determinado** (GONÇALVES, 2011, p. 53).

Para finalizar as discussões acerca da flexão e da derivação, é importante destacarmos que, como afirma Gonçalves (2011, p. 54), “afixos derivacionais se localizam mais próximos da base e sempre precedem os flexionais, quando juntos na mesma palavra.”, o que quer dizer que, se numa palavra ocorrem derivação e flexão, o sufixo derivacional estará entre a base e a flexão. Essa proximidade à base é reflexo de mudanças mais acentuadas de significado promovidas por esses afixos. Assim, no substantivo deverbal sufixal **alistamentos** o sufixo -mento precede a marca de plural -s pelo fato de modificar o sentido de **alistar**, que pode ser definido como “ação de alistar/ato de alistar”, enquanto o sufixo de plural não caracteriza mais a base verbal, mas o substantivo, indicando que o “ato de alistar” ocorre mais de uma vez.

As informações anteriores são relevantes para o entendimento de algumas diferenças entre a flexão e a derivação, mas não são as únicas. A escolha por incluir nas nossas discussões

¹⁶ De acordo com Schwindt (2000, p. 65-69), palavras formadas com os prefixos **pre-** e **mega-** são consideradas como formas novas no português, de modo que **pre-** tem o sentido de anterior e **mega-** indica aumentativo. Os exemplos **pré-vestibular** e **megacomício** podem ser confundidos com prefixados, já que, de acordo com Schwindt (2000, p. 71) “menos clara é a distinção entre afixação e composição”. No entanto, de acordo com esse autor, a palavra derivada apresenta apenas um acento, enquanto a composta apresenta dois (SCHWINDT, 2000, p. 71). Já que em pré-vestibular e megacomício verificamos a presença de dois acentos, desse modo, preferimos considerar esses dois exemplos como palavras compostas. A necessidade de determinar se esses exemplos são compostos ou prefixados não altera as discussões propostas, já que o nosso objetivo é mostrar a posição do núcleo e do complemento nesses casos.

tais informações se deve ao fato de serem importantes para o entendimento da derivação com os sufixos em estudo nesta dissertação, já que, observando os substantivos formados a partir da junção de -s/ção ou -mento a bases verbais, verificamos que tais substantivos se comportam de acordo com as descrições realizadas pelos autores citados.

1.2.6.2 Classificação das palavras

Para explicar a importância de dividir as palavras em classes, buscamos auxílio em Perini (1995), que traz como exemplo três palavras, a saber, **cabeça**, **escola** e **sempre**, afirmando que as duas primeiras podem ser acrescidas de sufixos diminutivo (**cabecinha**, **escolinha**) e plural (**cabeças**, **escolas**), enquanto a terceira delas não admite nenhum desses sufixos, assemelhando-se a palavras como **hoje** e **porém** (PERINI, 1995, p. 307). Assim, **cabeça** e **escola** pertencem a uma mesma classe (substantivo), já que apresentam características semelhantes, enquanto **sempre** deve ser incluída em outra classe que engloba palavras com características semelhantes.

A vantagem de se dividir as palavras em classes está na possibilidade de fazerem afirmações gramaticais com o máximo de economia, como por exemplo, “os substantivos são o núcleo em um sintagma nominal”, o que nos dá então o primeiro motivo de se classificar palavras: **economia descritiva**. À medida que são descobertas características comuns às palavras de uma mesma classe, aumenta a utilidade da classe estabelecida, além disso, essas características em comum são denominadas **traços**, e esses traços podem ser morfológicos, sintáticos e semânticos (PERINI, 1995, p. 308-309).

Sobre a economia descritiva, vamos retomar os exemplos de **cabeça** e **escola**, verificamos que ambas as palavras são constituídas por duas unidades: cabeç- + -a e escol- + -a, como cabec- + -inha ou escol- + -inha, enfatizando a semelhança morfológica. Por outro lado, tanto **cabeça** quanto **escola** podem ser núcleo de um sintagma nominal, como verificamos em “A **escola** é um lugar muito importante” ou “A **cabeça** é a parte do corpo mais difícil de desenhar”, o que nos leva à semelhança sintática. Por fim, tratando-se da semelhança semântica, tanto **cabeça**, quanto **crânio** possuem traços semânticos em comum (uma das divisões do corpo humano), assim como **escola** e **colégio** (estabelecimento destinado ao ensino), o que nos leva a inserir todas essas palavras numa mesma classe, a dos substantivos.

A classificação das palavras se faz em função de determinados objetivos, de acordo com os critérios selecionados, de maneira que um mesmo conjunto de elementos pode ser classificado de formas diferentes, caso mudem os objetivos (PERINI, 1995, p. 310). Assim,

poderíamos classificar, por exemplo, os verbos em ordem alfabética, de acordo com a origem ou de acordo com a possibilidade de acrescentar-lhes um sufixo para a formação de substantivos, determinando, então, um objetivo para a classificação.

Perini (1995, p. 319) ressalta que as classes habitualmente apresentadas nas gramáticas pretendem ser exaustivas, ou quase. Assim, a divisão das palavras em classes tem como objetivo fulcral esgotar a caracterização em traços distintivos. No entanto, uma palavra que pertence tradicionalmente a uma classe, como um substantivo, pode ser utilizada em contextos gramaticais que exigem palavras de outra classe, como um adjetivo. Assim, **amigo** é tradicionalmente classificado como substantivo, no entanto, num contexto como “O amigo me estendeu a mão.” ou “Preciso de uma mão amiga.”, não é possível classificar amigo(a) somente como substantivo. No primeiro caso é substantivo, mas no segundo não. Uma palavra, tradicionalmente classificada como substantivo, pode ser usada como adjetivo, dependendo do contexto. Também um adjetivo pode ser usado como advérbio, como em ‘Não fale alto’, em que o adjetivo ‘alto’ está sendo usado como advérbio de modo. No entanto, por ainda não haver nenhuma outra forma mais coerente de classificar as palavras em língua portuguesa, continuaremos a adotar a classificação tradicional e passaremos ao estudo mais aprofundado de duas delas: os verbos e os substantivos.

Perini (1995, p. 319) destaca que os verbos possuem um comportamento morfossintático muito homogêneo, assim, flexionam-se da mesma maneira e desempenham a mesma função sintática. De acordo com o autor, a melhor definição para **verbo** seria “verbo é a palavra que pertence a um lexema cujos membros se opõem quanto a número, pessoa e tempo.” (PERINI, 1995, p. 320). Devemos destacar que **lexema** é um conjunto de palavras que se distinguem através de flexão. Desse modo, **administro**, **administrar**, **administrávamos** fazem parte de um mesmo lexema, enquanto **casa** e **casebre** não fazem parte do mesmo lexema, pois se distinguem por derivação, e não por flexão.

Outra classe de palavras que merece nossa atenção, neste trabalho, é a classe dos substantivos, que é colocada por Perini (1995, p. 321) ao lado dos adjetivos, já que a fronteira entre essas duas classes é muito tênue, como no exemplo de **amigo**, citado anteriormente, que pode funcionar como substantivo ou como adjetivo, dependendo do contexto em que se insere.

Como aponta o autor, os substantivos podem exercer, sintaticamente, a função de **núcleo do sintagma nominal**, mas, além do substantivo, outras classes de palavras também podem exercer essa função, como um adjetivo ou um verbo no infinitivo, como verificamos em **Os apaixonados estão sempre a sorrir**, em que o adjetivo ‘apaixonados’ está desempenhando a função sintática de núcleo do sujeito, ou em **Comer muito é prejudicial à saúde**, em que o

verbo ‘comer’, funciona como sujeito no período. Dessa forma, concluímos que a maioria das palavras pode exercer mais de uma função sintática.

Neste trabalho, estaremos lidando com substantivos formados pela adição dos sufixos **-s/ção** ou **-mento** a uma base verbal, dessa forma, não devemos nos preocupar com a função sintática que esses substantivos exercem em um enunciado, pois essa função exercida não irá influenciar nas nossas análises. Além do mais, os substantivos formados com esses sufixos, como **administração** ou **fortalecimento** não apresentam funções ambíguas, pois se comportam, sintaticamente, apenas como núcleo do sintagma nominal, como verificamos no exemplo (1.11) a seguir:

- (1.11) A administração da empresa tem se mostrado eficiente.
 O fortalecimento dos laços afetivos é essencial para as relações.

É interessante notar que as classes de palavras não são instituições estáticas, de modo que diversos itens lexicais podem ser criados e inseridos nas classes pré-estabelecidas e as palavras de uma classe podem ser inseridas em outra através de algum processo linguístico, como a substantivação deverbal, por exemplo. Assim, a partir de verbos, como **administrar** e **fortalecer**, podemos criar os substantivos **administração** e **fortalecimento**.

1.2.6.3 Formação de substantivos: mudança de classe

Vimos, anteriormente, nesta dissertação, que podemos formar palavras de uma classe a partir de outras classes. Por exemplo, a partir de um adjetivo feminino podemos formar um advérbio: rápida/rapidamente; de um substantivo podemos formar adjetivo: pessoa/pessoal. Vimos, também, que os principais processos de formação de palavras são três: a **nominalização**, a **verbalização** e a **adjectivização** (VILLALVA, 1986, p. 85). Para entender como ocorre a mudança das classes de palavras na formação de substantivos, vamos recorrer, novamente, à autora portuguesa, que nos apresenta a seguinte matriz:

Quadro 1.2: Matriz de traços sintáticos.

	V	A	N	P
N	-	+	+	-
V	+	+	-	-

Fonte: Villalva (1986, p. 85).

Na primeira linha do quadro, encontramos quatro categorias gramaticais: Verbo (V), Adjetivo (A), Nome (N) e Preposição (P), e, na primeira coluna, temos dois traços sintáticos N (nominal) e V (verbal). Os processos de formação de palavras podem ser representados pelo seguinte esquema: $A \rightarrow B$, em que B é uma forma derivada da forma derivante A, e a formalização desses processos é a seguinte:

- (1.12)
1. ... $\rightarrow$ [-N+V]: verbalização
 2. ... $\rightarrow$ [+N+V]: adjetivização
 3. ... $\rightarrow$ [+N-V]: nominalização

No exemplo 1.12, à direita da seta, temos as formas derivantes cujas categorias também podem ser identificadas. Ignorando a categoria P (essa categoria não apresenta nenhum dos traços N e V), o número de processos que obtemos é 9:

- (1.13)
1. [-N+V] $\rightarrow$ [-N+V]: verbalização deverbal (por $\rightarrow$ transpor)
 2. [+N+V] $\rightarrow$ [-N+V]: verbalização deadjetival (formal $\rightarrow$ formalizar)
 3. [+N-V] $\rightarrow$ [-N+V]: verbalização denominal (parede $\rightarrow$ empregar)
 4. [-N+V] $\rightarrow$ [+N+V]: adjetivização deverbal (amar $\rightarrow$ amável)
 5. [+N+V] $\rightarrow$ [+N+V]: adjetivização deadjetival (útil $\rightarrow$ inútil)
 6. [+N-V] $\rightarrow$ [+N+V]: adjetivização denominal (estudante $\rightarrow$ estudantil)
 7. [-N+V] $\rightarrow$ [+N-V]: **nominalização deverbal** (acontecer $\rightarrow$ acontecimento)
 8. [+N+V] $\rightarrow$ [+N-V]: nominalização deadjetival (banal $\rightarrow$ banalidade)
 9. [+N-V] $\rightarrow$ [+N-V]: nominalização denominal (felicidade $\rightarrow$ infelicidade)

No exemplo 1.13, listamos as possibilidades de formação de palavras das classes plenas (verbo, substantivo e adjetivo) a partir de uma palavra das classes plenas. No entanto, precisamos destacar que nos casos 1, 5 e 9 não há mudanças de classes, já que as palavras derivantes e derivadas pertencem às mesmas classes. Dos nove processos identificados anteriormente, interessa-nos o de número 7, nominalização deverbal, já que estamos lidando com a adição de sufixos a bases verbais para a formação de substantivos.

A regra de formação de substantivos deverbais por sufixação pode ser exemplificada da seguinte maneira:

(1.14) {{base}sufixo}s

Em que:

base: tema verbal (radical verbal + vogal temática)

sufixo: -s/ção ou -mento

S: substantivo

De acordo com Basílio (2014, p. 28), há dois motivos principais para a mudança de classe¹⁷ e tais motivações decorrem da dupla função do léxico de designar entidades e fornecer elementos básicos para a construção de enunciados. Um dos motivos para a mudança de classe está na necessidade de se usarem palavras de uma classe em estruturas gramaticais que exigem palavras pertencentes a outra classe. Outro motivo para a mudança de classe diz respeito à necessidade de aproveitar conceitos ocorrentes em palavras de uma classe em palavras de outra classe, sendo que o primeiro motivo é de ordem gramatical e o segundo é devido à motivação semântica.

Assim, se precisarmos fazer referência à atividade expressa por um verbo, como em “**Construíram** uma casa bonita”, num contexto em que se exige um substantivo, como em “A **construção** da casa demorou mais do que o esperado”, podemos utilizar a sufixação para transformar o verbo em substantivo, utilizando, assim, o conteúdo verbal numa função sintática que só permite substantivos.

Aprofundando a discussão sobre as motivações para a mudança de classe, Basílio (2014, p. 28) explica que os **nomes de agente** deverbais, ou seja, substantivos que designam um ser pela prática ou exercício de uma ação ou atividade, especificada pelo verbo são casos de motivação semântica para a mudança de classe: “para formar unidades de designação de seres, usamos o material semântico já contido nos verbos e o sufixo formador de nomes de agente.” (BASÍLIO, 2014, p. 29). Além disso, tanto as propriedades do verbo derivante quanto as propriedades do sufixo formador já se encontram no léxico, de modo que essas formações são fáceis de produzir, aprender e guardar na memória.

É preciso destacar, como ressalta Basílio (2014, p. 29), que as formas derivadas com mudança de classe não possuem motivações particulares, já que as classes de palavras são definidas por conjuntos de propriedades. Se por um lado a motivação gramatical corresponde a necessidades morfológicas e sintáticas, por outro a motivação semântica corresponde a novas necessidades de denotação. Assim, em algumas situações, um fator pode predominar sobre o

¹⁷Para melhor compreensão das motivações para a formação de palavras e consequente mudança de classe, consultar Sandmann (1997b), Rocha (1999) e também a subseção intitulada “1.2.2 O que estuda a morfologia lexical? Como se amplia o léxico?” na p. 27.

outro e o produto da derivação ser uma palavra com classe diferente da palavra derivante, o que acarreta diferenças gramaticais e semânticas.

Para Basílio (2014, p. 31), a formação de substantivos a partir de verbos pode apresentar uma motivação textual relacionada a questões de construção do texto manifestando-se na estrutura sintática. Desse modo, a utilização de substantivos derivados de verbos para substituir uma frase predicada por um verbo é fundamental para a construção de um texto escrito, permitindo representar, numa única palavra, todo um enunciado. Isso fica mais claro quando observamos a substituição de um longo período, como no exemplo abaixo, pela forma nominalizada **declaração**:

(1.15) O presidente da empresa mais poderosa do país **declarou que não pouparia esforços e não descansaria enquanto não conseguisse derrubar o projeto em tramitação na Câmara sobre a limitação do uso de energia de caráter poluente**. A **declaração** deixou os ambientalistas enfurecidos. (BASÍLIO, 2014, p. 31, grifos nossos)

De acordo com Basílio (2014, p. 39) são três as motivações¹⁸ para a formação de substantivos a partir de verbos: a motivação semântica ou denotativa – utiliza o significado do verbo para denotar seres e entidades, como na formação de nomes de agentes com o sufixo -dor; a motivação gramatical – adapta o verbo a contextos sintáticos em que se exige um substantivo – como no exemplo de “**Construíram** a casa → A **construção** da casa”; e, por fim, a motivação textual ou de concretização sintática, em que um substantivo derivado do verbo é utilizado para referir-se a uma estrutura verbal anteriormente utilizada no texto.

Basílio (2014, p. 42) explica que a formação de substantivos a partir de verbos pode ser realizada a partir da sufixação ou pelo processo de derivação regressiva. As formações de estruturas do tipo [V-ção]_N são as mais produtivas e correspondem a cerca de 60%, enquanto as formações em [V-mento]_N correspondem a 20% das formações regulares. Assim, esses dois tipos de formações, são as mais produtivas em Português.

Durante a coleta e análise das ocorrências de substantivos deverbais, encontramos muitos casos de **derivação regressiva**, por isso julgamos necessário entender do que se trata esse fenômeno, para embasar discussões posteriores. De acordo com Kehdi (2003, p. 21), “a derivação regressiva ocorre quando, a partir de um vocábulo com sufixo real ou suposto, formamos um novo vocábulo através da eliminação do referido sufixo” (gritar → grito; encaixar

¹⁸ Sobre as três funções da formação de novas palavras, consultar Sandmann (1997a), Rocha (1999) e a subseção desta dissertação intitulada “1.2.2 O que estuda a morfologia lexical? Como se amplia o léxico?”, p. 27.

→ encaixe; aumentar → aumento). Em alguns casos de derivação regressiva, envolvendo a formação de um substantivo a partir de um verbo, fica a dúvida sobre qual dos vocábulos é o primitivo e qual é o derivado. No entanto, para Barreto (1982, p. 331) essa dúvida pode ser sanada se considerarmos que “se o substantivo denota acção, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva, mas se o nome denota algum objecto ou substância, se verificará o contrário.”

Basílio (2014, p. 44) também comenta a dificuldade de se determinar se o verbo ou o substantivo é o primitivo, quando ocorre a derivação regressiva, no entanto, com as observações de Barreto (1982), fica mais fácil entender qual palavra é derivada e qual é primitiva.

Devemos ressaltar, ainda, que os regressivos são extraídos da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Devido a esse fato, esses substantivos apresentam tema em **-o**, quando procedem da primeira pessoa (errar → erro), ou tema em **-a** (caçar → caça) ou **-e** (abater → abate), quando procedem da terceira pessoa (KEHDI, 2003, p. 23).

Kehdi (2003, p. 26) afirma que “entende-se por nominalização o processo gramatical de formar nomes a partir de outras partes do discurso, usualmente verbos e adjetivos.”, o autor ainda cita que os sufixos mais produtivos para a formação de novos substantivos são **-ança** (esperar → esperança), **-ção** (separar → separação), **-mento** (fornecer → fornecimento) e **ø** (zero) (pescar → pesca), que é o caso da derivação regressiva. Assim, os sufixos que estamos estudando são bastante produtivos para a formação de substantivos deverbais, o que se confirma pelo grande número de ocorrências encontradas, como veremos adiante na seção 3 dos resultados encontrados.

1.3 Fonologia

Depois de termos estudado alguns conceitos pertencentes à Morfologia, que são muito importantes para o entendimento da formação de substantivos deverbais e consequente mudança de classe, passamos agora para o estudo de alguns conceitos pertencente à Fonologia, mais especificamente à Fonologia Lexical, e também à Teoria de Geometria de Traços, para entendermos como os processos fonológicos ocorrem e de que maneira esses processos podem ser aplicados ao estudo das ocorrências coletadas no nosso *corpus*.

1.3.1 Fonologia Lexical

O objeto de estudo da Fonologia Lexical (doravante, FL) é a interação entre a Morfologia e a Fonologia, ou seja, as relações entre a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas que a ela se aplicam (HERNANDORENA, 1996, p. 69). Desse modo, a Fonologia Lexical se aproxima da Morfofonologia, por se voltar ao estudo tanto da Fonologia quanto da Morfologia das estruturas lexicais. Para Wetzels (1991, p. 25-26), na FL, um determinado subconjunto de regras fonológicas opera em interação com o componente de formação de palavras, ou seja, o componente morfológico. Assim, após a operação morfológica, aplicam-se regras fonológicas de maneira cíclica, para dar conta das irregularidades morfológicamente condicionadas, como veremos detalhadamente adiante.

A Fonologia Lexical surgiu como resposta à necessidade de explicar alguns fenômenos estudados pela Fonologia Gerativa (doravante, FG), cuja preocupação, nos anos 70, era o estudo das estruturas de representação dos sistemas de regras fonológicas e dos traços suprasegmentais, como tom, acento, dentre outros, que não podiam ser explicados apenas com as fonologias lineares. A partir da pesquisa sobre os traços suprasegmentais, surgiram diversos modelos da Fonologia, que ficaram conhecidos como Fonologias Não-Lineares (LEE, 1995, p. 4).

É importante ressaltar que a FL, desenvolvida por Kiparsky (1982a, 1982b) e Mohanan (1986), e retomada por Lee (1992, 1995), possibilitou a oferta de novos métodos para as alternâncias fonológicas, além de transferir uma parte das regras fonológicas para o léxico, integrando ao componente morfológico uma parte do componente fonológico (LEE, 1995, p. 4-5).

De acordo com Massini-Cagliari (1999, p. 71-72),

O desenvolvimento da fonologia nas últimas duas décadas tem possibilitado ver que o componente fonológico não pode ser considerado um sistema homogêneo, sendo, por outro lado, melhor caracterizado se constituído de um conjunto de subsistemas interagentes, cada qual governado pelos seus próprios princípios, tais como as teorias que compõem o que atualmente se convencionou chamar de *fonologia não-linear*: a teoria métrica, a teoria lexical, a teoria auto-segmental e a teoria prosódica.

Com o excerto acima, verificamos que o surgimento das fonologias não-lineares é resultado da necessidade de explicar alguns fenômenos fonológicos da língua, tais como estrutura silábica, acento e tom, que não podiam ser explicados com a fonologia gerativa padrão,

de Chomsky e Halle (1968). Além disso, o surgimento das fonologias não-lineares é resultado da preocupação com a interação entre o sistema de regras fonológicas e os outros componentes da gramática, como a morfologia e a prosódia, que não eram abarcados pelas fonologias lineares.

A FL, como observamos, faz parte desse novo grupo e busca relacionar os componentes fonológico e morfológico, além dos processos desencadeados nesses níveis, quando ocorre a formação de itens lexicais, como veremos adiante. Assim, a FL é bastante relevante para os nossos estudos, já que, no estudo da formação de substantivos deverbais com os sufixos -s/ção e -mento, deparamo-nos com diversos processos morfofonológicos. Desse modo, o nosso trabalho pode se enquadrar na Fonologia Lexical, no que diz respeito à Fonologia, já que estamos relacionando os componentes morfológico e fonológico.

Hernandorena (1996, p. 69) explica que

Esse modelo teórico [...] defende que o léxico de uma língua está organizado em uma série de níveis ou estratos, os quais são domínios para regras morfológicas e fonológicas; isso quer dizer que em cada estrato se aplicam, par a par, tanto regras de formação de palavras (morfológicas) como regras fonológicas. A ordenação de estratos reflete a ordenação dos processos de formação de palavras.

Assim, o léxico é o responsável por fornecer as estruturas que se ordenam para o recebimento dos processos morfológicos, de modo que em determinado nível serão aplicadas as regras morfológicas e fonológicas, sendo que as regras fonológicas são aplicadas sempre após a operação de uma regra morfológica.

No processo de formação de substantivos deverbais, o léxico fornece as bases verbais à quais se juntam os afixos (-s/ção ou -mento); depois que ocorre a junção desses afixos a uma base pré-determinada, ocorre a aplicação das regras fonológicas, que vão desencadear os processos morfofonológicos, como a haplogia ou alteamento da vogal temática, como veremos mais detalhadamente na seção 3, sobre a análise dos dados.

De acordo com Lee (1995, p. 5), a estrutura do léxico assumida pela FL, através de Kiparsky (1982b, p. 4), pode ser representada da seguinte maneira:

Assim,

Nível 1- Morfologia = {adota}_{verbo} + {ção}_{suf.} → {adoção}_{substantivo}

Nível 1- Fonologia = [adoção] → haplogia¹⁹ → [adoção]

No esquema representado acima, verificamos a aplicação de duas regras: uma morfológica e uma fonológica, nos níveis indicados. A primeira regra morfológica aplicada refere-se à formação do substantivo **adoção** com adição do sufixo /-ção/ à base verbal /adota-/. Com a adição do sufixo à base verbal, teríamos a forma agramatical ***adoção**; no entanto, ocorre a aplicação da regra fonológica de apagamento da sílaba /-ta-/.

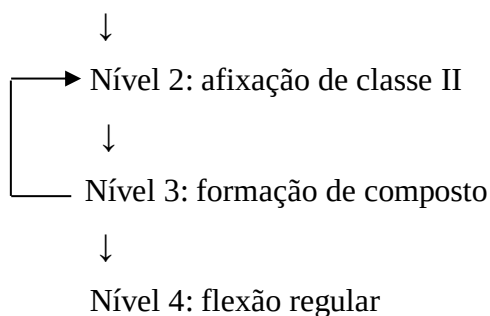
Devemos chamar a atenção para o fato apontado por Lee (1992, p. 104) de que,

No modelo-padrão da Gramática Gerativa, não existe um lugar específico para a formação de palavras: o léxico é somente uma listagem dos formativos lexicais, isto é, o conjunto idiossincrático imprevisível e não-organizado. Assim, nesse modelo, a saída do componente sintático (a estrutura de superfície sintática) é constituída de morfemas, e a maior parte da morfologia com respeito à ligação dos morfemas é tratada no componente fonológico.

O trecho acima chama a atenção para a ausência do componente morfológico na Gramática Gerativa, não considerando o léxico como um sistema organizado e tratando as operações fonológicas como realizadas no domínio pós-sintático.

Para Lee (1992, p. 111), de acordo com o modelo da FL, o léxico do português precisa de quatro níveis, sendo eles:

(1.17) Nível 1: afixação de classe I, flexão irregular



¹⁹ Para definição de haplogia, ver subseção “3.1.1.1 Haplogia”, na p. 105.

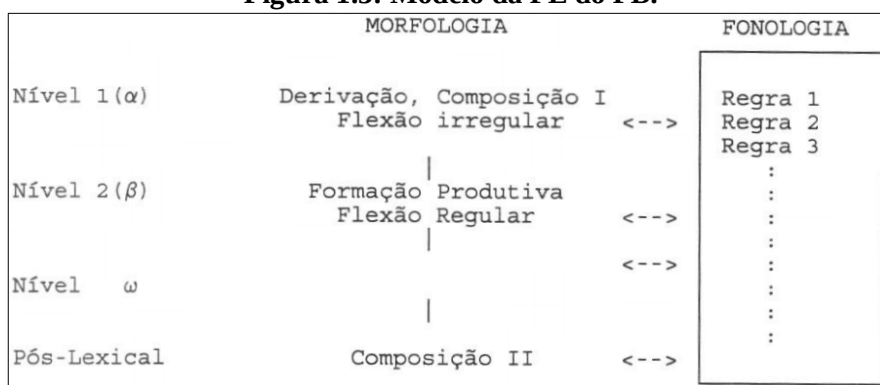
Os sufixos -s/ção e -mento são, respectivamente, pertencentes às classes I e II²⁰ (LEE, 1992, p. 115). No entanto, devemos chamar a atenção para o fato de que, no esquema representado no exemplo 2.16, acima, a seta do nível 2 para o nível 3 indica um *loop*, ou seja, trata-se de um sistema que liga os níveis vizinhos um ao outro (LEE, 1992, p. 115), o que indica que os afixos da classe II, como -mento, podem se afixar ao composto, enquanto os afixos da classe I, como -s/ção, não podem. No entanto, ao revisar esta teoria para a sua tese de doutoramento, Lee (1995) assume que são necessários apenas dois níveis para que os processos morfológicos ocorram, como veremos na subseção seguinte.

1.3.1.1 Fonologia Lexical do Português Brasileiro

Para continuarmos o nosso estudo sobre a Fonologia Lexical, vamos, agora, aprofundar esse tema, com referência ao PB, recorrendo a Lee (1992, 1995), em que o autor faz uma análise dos fenômenos fonológicos do PB, que, segundo a FG padrão (CHOMSKY; HALLE, 1968) são morfológicamente condicionados. Lee (1992, 1995) afirma que há quatro níveis no léxico do PB, como especificado no exemplo 1.17. De acordo com os pressupostos da FL, essa divisão em quatro níveis do léxico do Português é capaz de contemplar todos os processos morfofonológicos que ocorrem no PB.

No entanto, na sua tese de doutorado, revendo essa proposta, o autor afirma que podemos “generalizar que todos os processos derivacionais ocorrem num mesmo nível, ou seja, no nível 1.” (LEE, 1995, p. 11). Dessa forma, Lee propõe que o léxico do PB tem dois níveis ordenados, como pode ser visualizado na figura 1.3:

Figura 1.3: Modelo da FL do PB.



Fonte: LEE (1995, p. 11).

²⁰ Lee (1992, p. 115) divide os afixos em classes I e II, de modo que a classe I inclui os afixos **in-**, **-ia**, **-idade**, **-ção**, **-e**, **-al**, **-ista**, **-ismo**, **-ioso**, **-eza**, **-ial**, etc., enquanto que a classe II engloba os afixos **ex-**, **des-**, **-mento**, **-íssimo**, **-ice**, **-ura**, **-gem**, **-ito**, **des-**, **não-**, **em-**, etc. Essa divisão se deve ao fato de os afixos de classe II poderem se juntar a compostos, enquanto que os afixos de classe I não se juntam a compostos.

Assim, no modelo representado acima, podemos verificar que há apenas um componente fonológico, de maneira que as regras lexicais e pós-lexicais pertencem ao mesmo componente, conforme proposto por Kiparsky (1985) e Borowsky (1986) e retomado por Lee (1995, p. 11), sendo que a justificativa para este modelo é a hipótese da interface entre Fonologia e Morfologia. Com efeito, de acordo com esse modelo, cada nível funciona como um domínio prosódico da aplicação das regras fonológicas e morfológicas.

De acordo com Lee (1995, p. 12), o nível 1 (α) inclui todos os processos derivacionais, a flexão irregular e alguns processos de composição, aos quais se podem acrescentar os sufixos derivacionais, como observamos a seguir:

- (1.18) a) [feliz], [[felic]idade]
 b) [descobrir] [descoberta]
 c) [[rádio-tax]ista], [[puxa-saqu]ismo]

Os exemplos acima mostram que os compostos, no PB, também podem receber os sufixos derivacionais como ocorre na palavra comum.

Ainda de acordo com Lee (1995, p. 12), o nível 2 (β), inclui a flexão regular do verbo e do não-verbo, ou seja, do número, além das formações produtivas, como as formações de diminutivo (-inho, -zinho), advérbio (-mente) e grau (-íssimo), como verificamos a seguir:

- (1.19) a) falo, falava
 b) flor, flores
 c) cafezinho

Por fim, o autor afirma que o nível ω , da palavra prosódica, é a saída do léxico e a entrada para a sintaxe, sendo que, nesse nível, a aplicação da regra é não-cíclica e não afeta as operações morfológicas.

O autor encerra suas discussões, afirmando que há processos de formação de palavras que ocorrem no componente pós-lexical, em que estariam os processos nomeados como Composição II, ou seja, na sintaxe, como nos casos a seguir:

- (1.20) a) funcionário fantasma, presidente ministro, homem-rã
 b) garota propaganda
 c) fim de semana, pé-de-moleque

Cada um dos constituintes dos exemplos anteriores pode atuar como uma palavra independente, no entanto, a diferença entre esses compostos e os exemplos anteriores.

De acordo com Hernandorena (1996, p. 70), a FL diferencia essas duas classes de regras fonológicas – lexicais e pós-lexicais –, partindo do fato de que, se o léxico é o repositório de informações idiossincráticas, as regras que se referem a essas informações também são lexicais, enquanto que as regras que se aplicam fora do léxico devem ser pós-lexicais. Enquanto, no componente lexical, as regras se aplicam somente a palavras, no componente pós-lexical, as regras podem ser aplicadas tanto às palavras quanto a estruturas maiores, como frases ou enunciados.

Nesta dissertação, estaremos lidando com o nível 1 (α), já que é nesse nível que se incluem todos os processos derivacionais, o que engloba os processos de sufixação para a formação de substantivos deverbais, que estão inseridos nas regras lexicais. Assim, no nível 1 (α), ocorre a sufixação das bases deverbais, que é uma regra morfológica, e a aplicação das regras fonológicas.

1.3.2 Teoria de Geometria de Traços

A fonologia da língua portuguesa tem sido estudada desde os meados do século XX, apresentando visões globais sobre o assunto. Desde então, diversos trabalhos têm sido produzidos e publicados com a intenção de tratar, de modo específico, algum aspecto particular da língua (CAGLIARI, 1998, p. 6). Apesar do grande número de trabalhos, e das diversas explicações sobre o sistema da língua que esses estudos trazem, outras descobertas são realizadas com o surgimento de novas teorias. Assim, com o aparecimento de novas teorias e a necessidade de se reinterpretar os fatos da língua sob outros pontos de vista, demandando muito estudo e pesquisa, o que podemos afirmar é que

Toda teoria tem suas vantagens e desvantagens, suas contribuições e suas limitações. A Teoria de Geometria de Traços, embora bem recente, ainda nem desenvolvida de maneira satisfatória em todas as suas potencialidades, já está encontrando concorrência com uma nova teoria, mais recente, da Otimalidade. Esta, por sua vez, certamente, não será a derradeira e definitiva. Outras virão e a ciência continuará a sua busca pela verdade e pela melhor forma de dizê-la e explicá-la. (CAGLIARI, 1998, p. 6)

Dessa maneira, nenhuma teoria utilizada será suficiente para explicar, por completo, um fenômeno linguístico. Sempre haverá questões que serão melhor explicadas por uma ou outra teoria, o que torna o trabalho do pesquisador incessante e, muitas vezes, insuficiente, tendo em vista que, mesmo que se adote a teoria mais moderna, num determinado momento futuro, esse

trabalho estará defasado, carecendo de novas abordagens.

O interesse pelos estudos dos sons da fala começou com os diversos sistemas de escrita da antiguidade. Assim,

Desde a tradição sânscrita, houve pesquisadores interessados em descrever os mecanismos de produção dos sons da fala, desenvolvendo a fonética articulatória e auditiva. Os sons começaram a ser descritos através de parâmetros fonéticos relacionados com os movimentos articulatórios ou com o resultado sonoro percebido auditivamente. (CAGLIARI, 1998, p. 7)

Com efeito, o interesse pelos estudos dos sons da fala não é recente e vem se desenvolvendo ao longo da história da humanidade, sofrendo modificações e atualizações ao passo que novas teorias são desenvolvidas.

Quando ouvimos duas palavras como, por exemplo, **pata** e **bata**, percebemos que, nos sons consonantais iniciais dessas palavras, /p/ e /b/, há semelhanças, mas também há diferenças. De acordo com Cagliari (1998, p. 8), a noção de traços como especificadores dos sons da fala é tão antiga quanto a invenção dos alfabetos, assim, não é difícil para o falante perceber que a diferença entre esses dois sons refere-se à ausência/presença de sonoridade nesses sons oclusivos bilabiais, considerados, individualmente, como um todo. A partir da percepção de que os segmentos consonantais e vocálicos possuem semelhanças e diferenças, quando comparados entre si, os sons das línguas passaram a ser descritos como consoantes e vogais, mas apresentando traços distintivos na sua caracterização.

Para a descrição dos sons das línguas, foram criadas as matrizes de traços. No entanto, essas matrizes não eram suficientes para especificar os tons e as suas regras. Assim, por exemplo, numa matriz, os tons HL (*high – low*) e LH (*low – high*) poderiam causar confusão, fazendo-se pensar que se trata da mesma coisa (tom alto-baixo ou baixo-alto?). Por outro lado, colocar H (*high*) e L (*low*) em matrizes contínuas significa caracterizar com tom um segmento vazio, o que também não seria o correto a se fazer. Goldsmith foi o responsável por criar uma solução para corrigir os problemas apontados anteriormente, como explica Cagliari (1998, p. 8), de modo que

A saída encontrada por Goldsmith foi criar *níveis* (ou “*tiers*” i.é, *fileiras*), de tal modo que os sons ficassem *auto-segmentados* num nível próprio, com seus processos fonológicos atuando aí de forma específica. Este nível liga-se a outros – onde estão os demais traços – através de *linhas de associação*, processo que age com alguma restrição, como o *Princípio de Não Cruzamento de Linhas*. Duas propriedades (nós terminais) ou dois nós estruturais idênticos e contíguos são também proibidos. Para evitar isso, usa-se apenas uma

especificação auto-segmental e, com linhas de associação, juntam-se a ela dois segmentos na parte nuclear que reúne os níveis, chamada *esqueleto*, onde se encontra a especificação fonológica dos segmentos como unidades de tempo (x) ou como C (consoantes) e V (vogais). (CAGLIARI, 1998, p. 8, grifos do autor)

Hernandorena (1996, p. 47, grifos da autora) explica que na Geometria de Traços “os segmentos são representados com uma organização interna a qual se mostra através de configurações de *nós hierarquicamente ordenados*, em que os *nós terminais* são traços fonológicos e os *nós intermediários*, classes de traços.” De acordo Clements e Hume (1995, p. 247):

Perhaps the most influential of these frameworks at the present time – and the one we will be primarily concerned with here – is an approach emanating from the theory of autosegmental phonology developed in the 1970s and early 1980s. In autosegmental phonology, as first presented by Goldsmith (1976, 1979a, 1979b), features that are observed to extend over domains greater or lesser than the single segment are extracted from feature matrices and placed on separate “channels” or tiers of their own. Thus tones, for example, are represented on a separate tier from vowel and consonant segments, where they are able to function in a partly autonomous fashion. Elements on the same tier are sequentially ordered, while elements on different tiers are unordered and related to each other by means of association lines which establish patterns of alignment and overlap.²¹

Os trechos acima nos fazem entender o porquê de essa teoria ser chamada de geometria, o que se deve ao fato de os traços fonológicos estarem organizados em planos, lembrando os modelos geométricos. Este modelo também pertence à **Fonologia Auto-Segmental**, ou seja, por apresentarem uma segmentação própria, os traços não precisam ser segmentados de maneira idêntica, de forma que, em **Auto-Segmental**, **auto** refere-se a **próprio**, tendo como referente o traço, ou seja, o traço apresenta uma segmentação própria.

Devido ao fato de a **Geometria de Traços** apresentar os traços num modelo hierarquizado, poder-se-ia pensar que os traços são organizados de maneira **derivacional**, como ocorre na sintaxe, mas não é o que acontece, como explica Cagliari (1998, p. 9, grifos do autor):

²¹ Talvez, a mais influente dessas estruturas, atualmente – e a que nós iremos colocar em destaque aqui – é uma abordagem que vem da teoria da fonologia autosegmental, desenvolvida na década de 1970, e no início da década de 1980. Na fonologia autosegmental, como inicialmente apresentada por Goldsmith (1976, 1979a, 1979b), os traços que se estendem sobre domínios maiores ou menores que um único segmento são extraídos das matrizes de traços e colocados em “canais” separados ou em camadas próprias. Assim, os tons, por exemplo, são representados numa camada separada dos segmentos vocálicos e consonantais, em que são capazes de funcionar de uma forma parcialmente autônoma. Elementos numa mesma camada são ordenados sequencialmente, enquanto elementos em diferentes camadas são não-ordenados e relacionados uns aos outros por meio de linhas de associação, que estabelecem padrões de alinhamento e sobreposição. (Tradução nossa)

A Fonologia de Geometria de Traços lida com os traços fonológicos *mapeando* os elementos e os processos. Desta forma, ampliou a abrangência de sua ação além dos segmentos. As linhas de associação conectam traços que podem ser atribuídos a mais de um segmento, como ocorre em casos de harmonia vocálica, nasalização, ditongos, segmentos geminados, longos, africados, etc., podendo mesmo ir além da sílaba, atingindo o domínio morfológico, como no caso de nasalização em línguas indígenas do grupo tupi. Em vista desta metodologia, este modelo passou a ser chamado também de *Fonologia Não-linear*.

Assim, a Teoria de Geometria de Traços (doravante TGT) passou a ser chamada de **Fonologia Não-linear**; no entanto, outros modelos também receberam essa denominação, como as fonologias lexical, métrica e prosódica, o que fez com que esse rótulo passasse a denominar vários modelos com diferentes abordagens fonológicas.

A TGT, de acordo com Clements e Hume (1995, p. 250), segue o princípio de que “a organização dos traços é universalmente determinada”, de modo que, de acordo com esse princípio, a forma como os valores dos traços são atribuídos a níveis e agrupados em constituintes maiores não varia de uma língua para outra.”²². Precisamos entender de que maneira a TGT trata os processos fonológicos que ocorrem nas línguas, para isso, devemos destacar que

O modelo geométrico trata os processos fonológicos de maneira *auto-segmental* e não através de *regras*, como fazia a fonêmica e, principalmente, a fonologia gerativa padrão. Isto significa que um segmento é definido através de sua geometria, ou seja, dos nós e dos traços terminais que o caracterizam. Num primeiro momento, nos morfemas, os segmentos apresentam a sua *forma básica* tal qual estipulada pela língua. Pelo fato de um segmento estar adjacente a outros segmentos (*fonotática*), num segundo momento, ocorrem os processos fonológicos, gerando as modificações necessárias em função das *regras fonotáticas* que regem o encadeamento de segmentos para cada língua. Estas modificações (ou processos) são realizadas através de mecanismos, como o uso de linhas de associação, desligamentos, filtros, restrições, condições de boa-formação, etc. Princípios fonéticos gerais podem ser utilizados para fazer certos tipos de ajustes, sobretudo tendo em vista o *output* fonético final. Este segundo momento ou configuração pode ainda sofrer alterações posteriores, se houver razão para tal, até se chegar à forma fonética final. Como se vê, tal processo lembra um pouco o trabalho da fonologia gerativa tradicional (forma básica, derivação, transformação, forma fonética). Porém, a maneira como isto é feito é muito diferente entre os dois modelos. (CAGLIARI, 1998, p. 11, grifos do autor)

²² No original, lê-se “Feature organization is universally determined” e “According to this principle, the manner in which feature values are assigned to tiers and grouped into larger constituents does not vary from language to language.

Desse modo, a TGT e a fonologia gerativa tradicional se diferenciam no modo como tratam os processos fonológicos da língua. Na FG tradicional, os processos fonológicos são descritos linearmente através de regras, enquanto que na TGT os processos fonológicos são explicados através das linhas e nós, de modo que, quando ocorre um processo fonológico, as linhas podem sofrer desligamentos, associações, etc.

O princípio de organização dos traços distintivos da TGT é autossegmental, ou seja, os traços dos fonemas são organizados em **fileiras** ou **níveis** (ou *tiers*), diferentemente da Fonologia Gerativa, que colocava os traços numa matriz única (CAGLIARI, 1998, p. 13). Dessa maneira, os traços de tom, por exemplo, ficam separados dos outros traços, o que possibilita fazer funcionar uma regra que atue apenas numa fileira, sem levar em conta o que está especificado nas demais fileiras. Assim, o que a TGT fez foi ampliar esta ideia para os demais traços distintivos (CAGLIARI, 1998, p. 13). De acordo com Clements e Hume (1995, p. 249)

In this approach, segments are represented in terms of hierarchically-organized node configurations whose terminal nodes are feature values, and whose intermediate nodes represent constituents. Instead of placing features in matrices, this model arrays them in the manner of a Calder mobile.²³

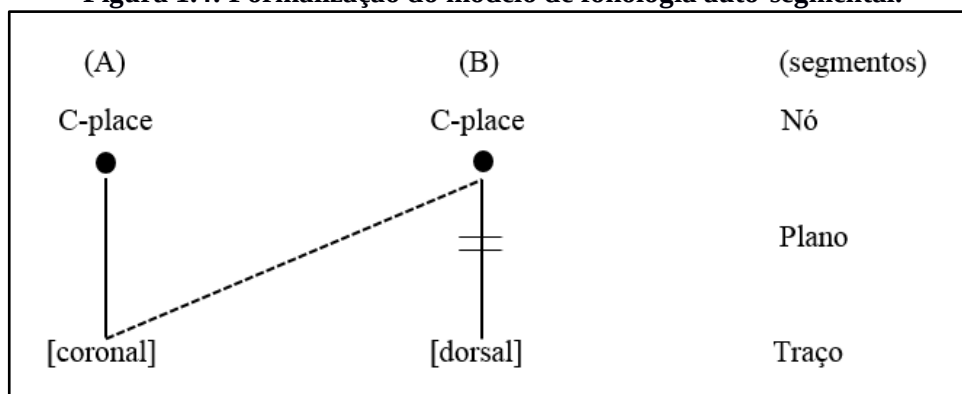
A TGT separa os traços em fileiras, mas também os organiza numa hierarquia de dependências, o que levou à criação dos **planos**, por isso o nome geometria. Os planos são formados pela contiguidade das fileiras superior e inferior, além disso, as fileiras estão ligadas através de **linhas de associação**. Assim, através destas linhas, traça-se o que, antes, correspondia à matriz dos traços, de modo que toda estrutura que estiver ligada ou especificada com um traço terminal acaba por ser eliminada no final da derivação (CAGLIARI, 1998, p. 13). As linhas de associação servem para indicar a aplicação dos processos fonológicos, e será nesse nível que faremos as nossas análises. Devemos acrescentar que

Na formação da hierarquia geométrica, as linhas de associação ligam *nós* até chegar a um *traço terminal*. De um nó, pode sair um traço terminal ou um outro nó. Por exemplo, ao nó inicial que se chama *Raiz*, estão conectados dois nós inferiores independentes (*Laríngeo* e *Cavidade Oral*), dois traços terminais dependentes um do outro (*[consonantal]* e *[sonorante]*) e um traço terminal independente (*[± nasal]*). (CAGLIARI, 1998, p. 13, grifos do autor)

²³ Nessa abordagem, os segmentos são representados em termos de configuração de nós organizados hierarquicamente, cujos nós terminais são valores característicos e cujos nós intermediários representam constituintes. Em vez de colocar os traços em matrizes, este modelo organiza-os como uma caldeira móvel. (Tradução nossa) (O modelo de “caldeira móvel” pode ser observado nas figuras 1.6a e 1.6b “Modelo de Geometria de Traços”, p. 77-78).

Essas afirmações podem ficar mais claras se observarmos as figuras 1.4 e 1.5:

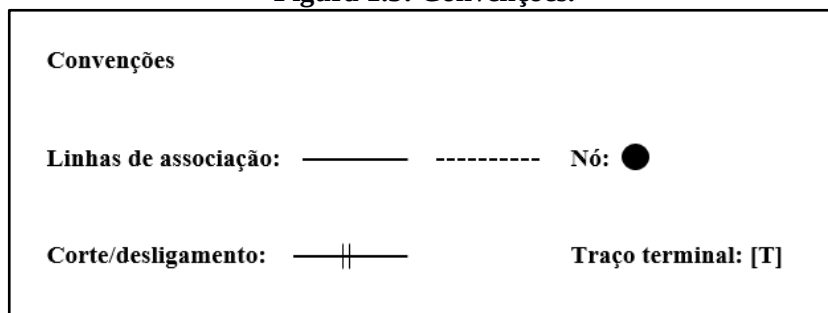
Figura 1.4: Formalização do modelo de fonologia auto-segmental.



Fonte: Adaptado de Cagliari (1998, p. 13).

Em que temos:

Figura 1.5: Convenções.



Fonte: Adaptado de Cagliari (1998, p. 14).

Dessa maneira, o que se pode afirmar é que todo nó, traço ou valência de traço (+ ou -) é escolhido, na TGT por, operar processos fonológicos independentes. Assim, se existem traços como [coronal] e [dorsal], é porque, nas línguas, encontram-se regras que transformam sons velares em palatais (CAGLIARI, 1998, p. 14). Devemos chamar a atenção para o fato de a TGT trabalhar no limite máximo para a eliminação de redundâncias. Assim:

Todo nó tem valor unitário. A maioria dos traços terminais também tem valor unitário, o que significa que basta dizer que um segmento tem tal traço distintivo atuante no sistema de forma positiva. Os valores negativos ficam de fora, ou seja, ficam sub-especificados, por serem de alguma forma previsíveis (redundantes). Para as vogais, basta o uso da valência [+] para o traço [contínuo]. Entretanto, para as consoantes, este traço deverá ser especificado com uma valência binária [+], uma vez que as oclusivas são [-cont] e as fricativas são [+cont]. O traço vocálico [open] não só tem a valência binária, como é, ainda, multiário, apresentando os valores de abertura 1, 2 e 3, formando dois planos especiais. (CAGLIARI, 1998, p. 14)

A TGT trabalha no sentido de promover a economia descritiva, como explicitado anteriormente, de modo que basta apenas dizer se um segmento possui tal traço, assinalando-o com o sinal positivo (+), o que indica que os outros traços estão ausentes, não necessitando demonstrá-los com um sinal negativo (-). No caso da abertura das vogais, que além de ser especificada com o sinal positivo, deve-se indicar os valores de abertura, variando numa escala de 1 a 5.

É importante ressaltar que todo nó representa uma classe de elementos, de modo que somente os traços terminais representam apenas um elemento, definido pelo próprio traço, além disso, quanto mais alto o nó estiver, maior será o número de elementos nele contidos. Assim, um processo fonológico que atua num determinado nó, vai atuar também nos elementos abaixo dele (CAGLIARI, 1998, p. 14).

1.3.2.1 Os processos fonológicos na Teoria de Geometria de Traços

A proposta da TGT em relação aos processos fonológicos é dar conta de todos eles de forma simples e natural, o que significa que esse modelo de fonologia está comprometido com a realidade fonética em todos os seus aspectos (CAGLIARI, 1998, p. 15). Além disso, dentro desse modelo de simplicidade, a TGT opera apenas com um conjunto limitado de processos fonológicos básicos, com os quais, a partir da representação da forma básica subjacente dos morfemas, pode-se chegar à forma fonética de superfície. De acordo com Cagliari (1998, p. 15), retomando Clements e Hume (1995, p. 257-266), os processos mais importantes são:

a) *assimilação* ou *espraiamento*: um segmento liga-se a outro levando um nó ou um traço de um segmento para outro.

b) *desligamento*: um segmento perde um conjunto de traços (nó) ou um traço. Neste caso, corta-se a linha de associação no lugar devido.

c) *fissão*: parte-se um nó raiz ou um elemento do esqueleto (x ou C, V) para surgir a auto-segmentação da geometria de um outro elemento grudado. As africadas têm um C no esqueleto e duas raízes, uma para especificar a parte oclusiva e outra para a parte fricativa.

d) *fusão*: juntam-se dois elementos do esqueleto num único nó de raiz. As geminadas representam casos de fusão de dois C num único nó de raiz, uma vez que os dois tempos do esqueleto têm auto-segmentos iguais.

Outros processos são: desassimilação, inserção, apagamento, metátese, redução, fortalecimento, harmonia vocálica, alongamento, formação de articulação secundária, alçamento vocálico, abaixamento, etc. (CAGLIARI, 1995, p. 15. Grifos do autor)

Dos principais processos apontados anteriormente, podemos citar, como exemplo de assimilação e de desligamento, a transformação da consoante [s] em [z] em **casas amarelas**, [kazazamarelas]. A consoante [s] encontra-se, nesse caso, antecédida e precedida pela vogal [a], que apresenta o traço [+voz], assim, por assimilação, essa consoante adquire esse traço [+voz], tornando-se [z]. Ao mesmo tempo que ocorre a assimilação do traço [+voz] pela consoante [s], ocorre também o desligamento do traço [-voz]. O processo de fissão afeta as consoantes africadas ([tʃ] e [dʒ]) no seu nó C, pois essas consoantes apresentam uma parte oclusiva e outra fricativa, de modo que o nó C se divide em duas partes para representar essa segmentação. A fusão está presente nas consoantes geminadas, pois essas consoantes apresentam dois nós C num único nó de raiz.

Assim, verificamos que, conhecendo os principais processos fonológicos, é possível fazermos uma análise dos outros processos fonológicos que ocorrem na língua, como propomos neste trabalho com os processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento.

A TGT opera com diversas restrições, condições ou princípios para o entendimento dos processos fonológicos, no entanto, os dois principais são: o Princípio de Contorno Obrigatório e a Condição de Não Cruzamento de Linha.

O **Princípio de Contorno Obrigatório** ou **PCO**, que, de acordo com Clements e Hume (1995, p. 262), indica que é proibida a adjacência de elementos idênticos, ou seja, proíbe elementos idênticos adjacentes num mesmo plano, se isso ocorrer, estaremos lidando com uma geminada ou com um processo de assimilação. Essa restrição será muito importante para as nossas análises, principalmente nos casos de haplologia em substantivos formados com o sufixo -s/ção .

Por outro lado, a **Condição de Não Cruzamento de Linha**, ou **CCL**, princípio que funciona como uma Condição de **Boa Formação** e bloqueia a aplicação de qualquer regra que possa violá-lo (HERNANDORENA, 1996, p. 65), proíbe que se faça uma linha de associação cruzar outra dentro de um mesmo plano. Essa condição é responsável por preservar a linearidade dos nós e traços com relação às unidades de tempo do esqueleto. Esses princípios são muito importantes e agem como controladores da abrangência da aplicação de certas regras, o que evita resultados mal formados (CAGLIARI, 1998, p. 16).

1.3.2.1.1 Os processos fonológicos do PB na Teoria de Geometria de Traços

Depois da descrição anterior a respeito de algumas noções e conceitos relevantes da Teoria de Geometria de Traços, vamos passar ao estudo de alguns processos fonológicos do Português à luz dessa teoria, bem como à apresentação os traços distintivos e as propriedades dos segmentos do Português.

Antes de passarmos à descrição dos processos fonológicos, é necessário especificarmos os traços distintivos e os redundantes, tendo em vista que ambos são responsáveis pela definição do sistema da língua. Desse modo, os fonemas são os segmentos que compõem a forma básica dos itens lexicais ou a forma subjacente dos morfemas, que são especificados através de um conjunto de propriedades ou traços. Devemos citar que “os fonemas contém apenas os traços distintivos, ou seja, o mínimo de traços com os quais um segmento se distingue de todos os outros do sistema. Se for alterado um traço, obtém-se um outro fonema ou se destrói o que existia.” (CAGLIARI, 1998, p. 17). Essa afirmação fica mais clara, quando retomamos os exemplos **pata** e **bata**; se o fonema /p/ adquirir vozeamento, ou seja, adquirir o traço [+voz], não teremos mais o mesmo fonema /p/, mas um novo, representado por /b/ (CAGLIARI, 1998, p. 17).

É importante chamar a atenção, ainda, para o fato de que “um processo fonológico pode operar sobre um conjunto de traços ou até mesmo sobre apenas um. Como qualquer mudança na forma subjacente dos segmentos leva a uma modificação, o resultado obtido com a mudança será um segmento diferente do fonema original.” (CAGLIARI, 1998, p. 17-18). Assim, as mudanças fonológicas acarretam mudanças morfológicas e vice-versa, de modo que devemos sempre estar atentos aos fatores que podem desencadear modificações nos traços dos fonemas e, conseqüentemente, na forma subjacente, ou seja, nos morfemas. Assim, com os mesmos exemplos **pata** e **bata**, podemos constatar que a simples alteração em um traço de um único fonema acarretará mudanças nos morfemas (neste caso, no morfema lexical) e, conseqüentemente, alterações semânticas.

O conjunto de traços distintivos dos quais uma teoria dispõe relaciona-se ao conjunto de traços que se pode encontrar em todas as línguas do mundo, o que faz com que a teoria tenha uma dimensão maior do que o necessário para uma língua específica. Assim, as línguas, de maneira individual, vão selecionar os traços que lhe são convenientes e quais se ajustam melhor à descrição do seu sistema fonológico, o que pode levar a escolhas diferenciadas por pesquisadores diferentes (CAGLIARI, 1998, p. 18). Com efeito, somente após se ter uma descrição criteriosa do sistema de traços da língua que se busca estudar é que os traços podem

ser justificados. Devemos ressaltar que, na teoria, os segmentos consonantais e vocálicos apresentam tanto a marca positiva como a marca negativa para todos os traços distintivos, mas, na prática, é preciso explicitar essas marcas em apenas alguns traços. Por convenção, quando o traço vier sem as marcas, devemos assumir que ele traz a marca positiva.

Passemos agora para a observação dos quadros²⁴ seguintes que trazem os fonemas e principais alofones do Português:

Quadro 1.3: Propriedades das vogais.

<i>Vogais:</i>	i	u	e	o	ɛ	ɔ	a	ɑ	ɪ	ʊ	ɜ
- open	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+	-
+open-1	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-
+open-2	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-	+
+open-3	-	-	+	+	+	+	+	+	-	-	+
labial	-	+	-	+	-	+	-	-	-	+	-
coronal	+	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-
distribuído	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-
dorsal	-	+	-	+	-	+	+	-	-	+	-

Fonte: Cagliari (1998, p. 19).

Quadro 1.4: Destaque para as propriedades das vogais.

	i	u	e	o	ɛ	ɔ	a	ɑ	ɪ	ʊ	ɜ
- open	+	+									
+open-1							+	+			-
+open-2					+	+					+
+open-3			+	+							
labial		+		+		+					
coronal											-
distribuído									-		
dorsal							-	+			-

Fonte: Cagliari (1998, p. 19).

Nos quadros representados acima, encontramos os traços das vogais do Português do modelo de Clements e Hume (1995). De acordo com Cagliari (1998, p. 20), autores como

²⁴ Devemos chamar a atenção para o fato de que no quadro “1.3: Propriedades das vogais” a vogal [a] apresenta o traço [dorsal] marcado com o sinal positivo [+dorsal], no entanto, no quadro “1.4: Destaque para as propriedades das vogais” a vogal [a] apresenta o traço [dorsal] marcado com o sinal negativo, [-dorsal]. Como esses quadros foram extraídos de Cagliari (1998), optamos por representá-los como no original, no entanto, a maneira correta de representar o traço [dorsal] para a vogal [a] é [+dorsal].

Wetzels (1991) sugerem algumas modificações nesse esquema para os nós de Abertura para distinguir melhor as vogais do Português. Observemos agora, os quadros a seguir:

Quadro 1.5: Matriz de traços consonantais com especificação plena.

Consoantes: **p b t d k g m n ɲ ŋ f v s z ʃ ʒ ç x ɣ**
h r ʀ ɹ l ɫ ʎ j w tʃ dʒ

Matriz de traços consonantais com especificação plena:

Traços	p b	t d	k g	m	n	ɲ	ŋ	f v	s z	ʃ ʒ	ç	x ɣ
conson.	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
sonor.	-	-	-	+	+	+	+	-	-	-	-	-
nasal	-	-	-	+	+	+	+	-	-	-	-	-
contínua	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+
labial	+	-	-	+	-	-	-	+	-	+	-	-
coronal	-	+	-	-	+	+	-	-	+	+	+	-
anterior	-	+	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-
distrib.	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+	+	-
dorsal	-	-	+	-	-	+	+	-	-	-	+	+

Fonte: Cagliari (1998, p. 20).

Quadro 1.6: Traços das consoantes.

Traços	h	r	ʀ	ɹ	l ɫ	ʎ	j	w	tʃ	dʒ
conson.	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
sonor.	-	+	+	+	+	+	+	+	-	-
nasal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
contínua	+	-	-	+	+	+	+	+	-+	-+
labial	-	-	-	-	-	-	-	+	-+	-+
coronal	-	+	+	-	+	-	+	-	+	+
anterior	-	+	+	-	+	-	+	-	-	-
distrib.	-	-	+	-	-	+	+	-	+	+
dorsal	-	-	-	-	-+	-	-	+	-	-

Fonte: Cagliari (1998, p 20).

Nos quadros 1.5 e 1.6, encontramos a matriz de traços das consoantes com especificação plena. Observemos os próximos quadros 1.7a e 1.7b extraídos de Cagliari (1998, p. 21):

Quadro 1.7 (a): Destaque para os traços das consoantes.

Traços	p b	t d	k g	m	n	ɲ	ŋ	f v	s z	ʃ ʒ	ç	x ɣ
conson.	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
sonor.												
Nasal				+	+	+	+					
contínua								+	+	+	+	+
labial	+			+				+				
coronal		+			+	+			+	+	+	
anterior									+			
distrib.												
Dorsal			+			+	+				+	+

Fonte: Cagliari (1998, p. 21).

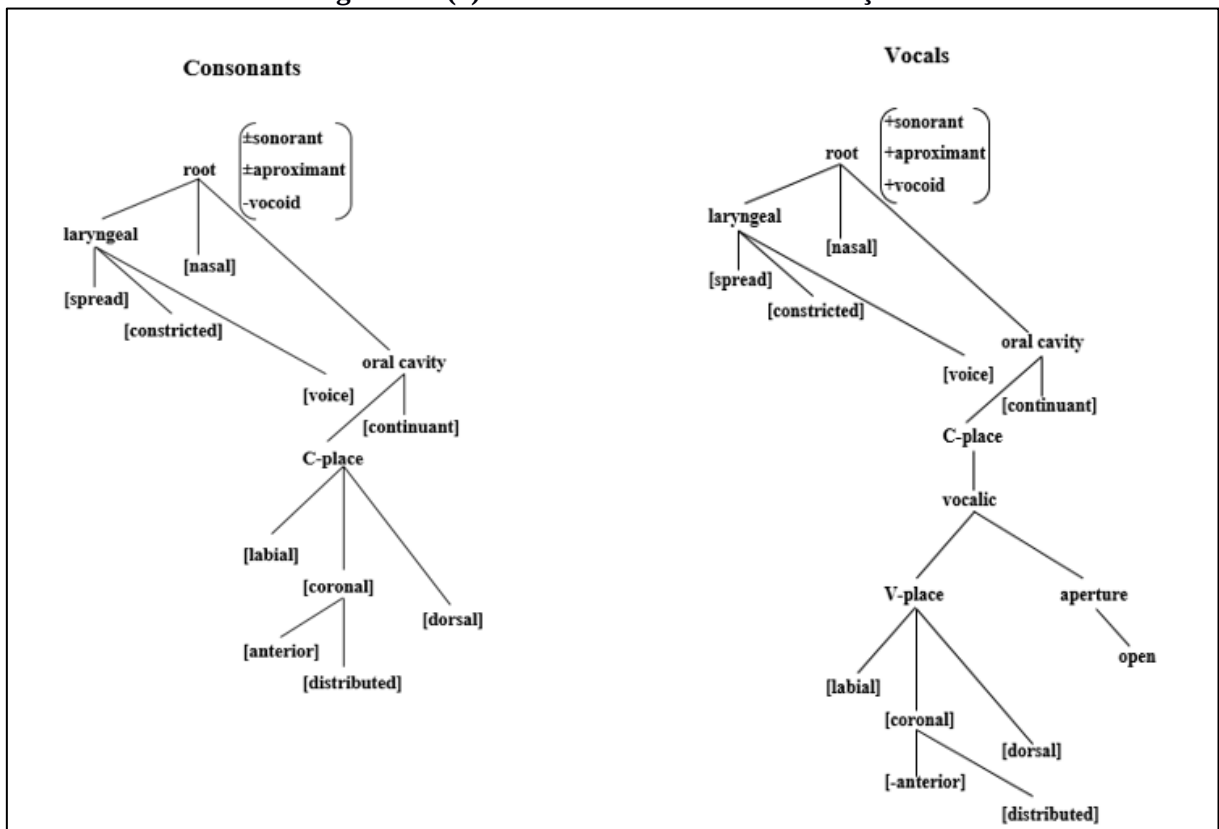
Quadro 1.7 (b): Destaque para os traços das consoantes.

Traços	h	r	ɾ	ɻ	l ɭ	ʎ	j	w	tʃ	dʒ
conson.	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
sonor.		+	+	+	+	+				
nasal										
contínua	+	-	-		+				-+	-+
labial										
coronal					+					
anterior										
distrib.		-	+	-					+	+
dorsal										

Fonte: Cagliari (1998, p. 21).

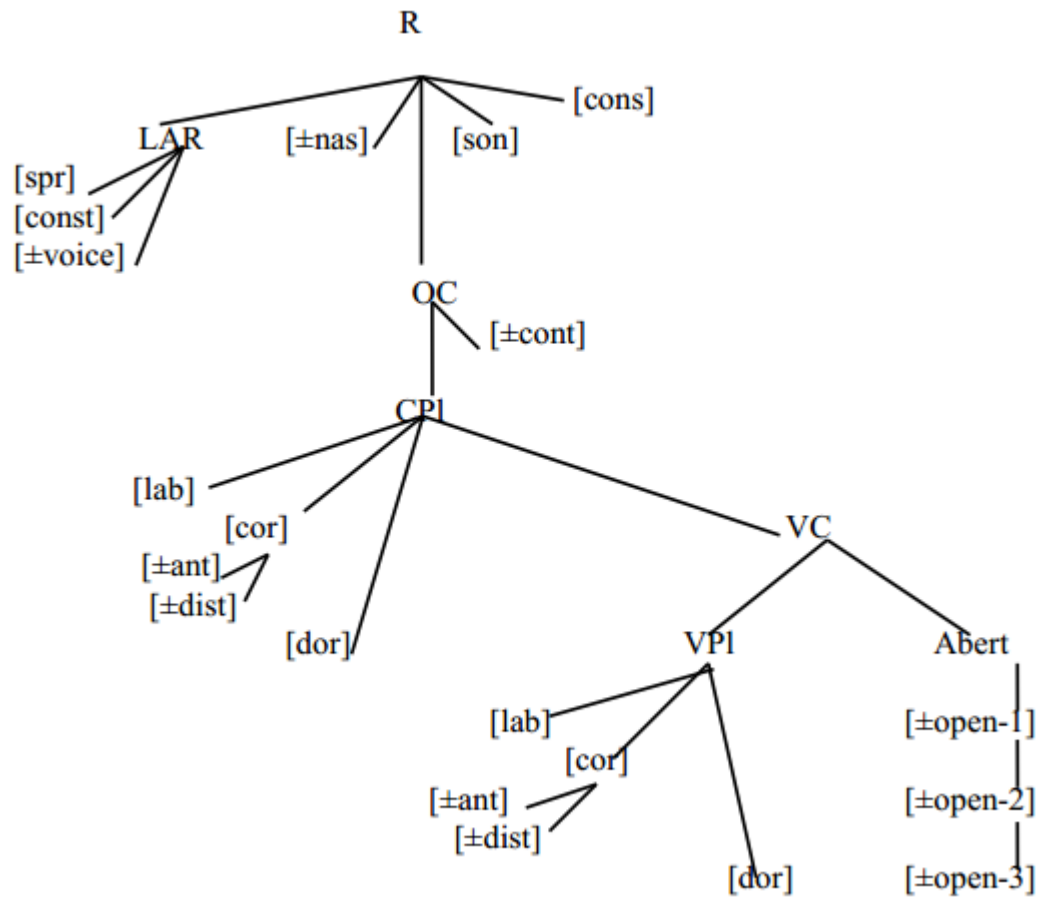
Nos quadro 1.7a e 1.7b acima, encontramos apenas os traços necessários para caracterizar os segmentos e definir as operações nas regras fonológicas. Devemos ressaltar que, nessa organização dos traços, não são contempladas todas as possibilidades de articulação do homem, de maneira que o fonólogo deve adaptar o sistema à língua que está estudando (CAGLIARI, 1998, p. 21). A seguir, o modelo de geometria de traços proposto por Clements e Hume (1995, p. 292) e adaptado por Cagliari (1998, p. 23):

Figura 1.6 (a): Modelo de Geometria de Traços.



Fonte: Adaptado de Clements e Hume (1995, p. 292).

Figura 1.6 (b): Modelo de Geometria de Traços.

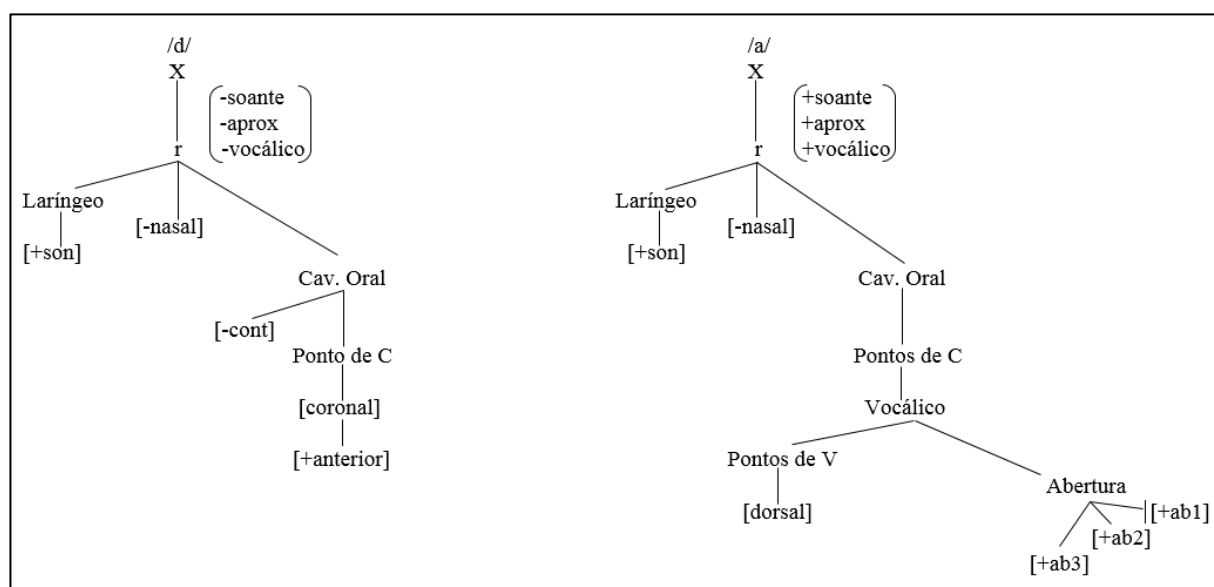


Nós:	R	Raiz	Propriedades:	[spr] aberta
	LAR	Laríngeo		[const] apertada
	OC	Cavidade Oral (CO)		[voice] vozeada
	CPl	Lugar da Consoante (Cpl)		[nas] nasal
	VC	Vocálico		[cons] consonantal
	VPl	Lugar da Vogal (Vpl)		[son] sonorante
	Abert	Abertura		[cont] contínua
	[-open]			[lab] labial
	[+open-1]			[cor] coronal
	[+open-2]			[ant] anterior
	[+open-3]			[dist] distribuída
				[dor] dorsal
				[open] abertura

Fonte: Cagliari (1998, p. 23).

Assim, observando as árvores de traços, verificamos que “a estrutura arbórea que representa a Geometria de Traços possibilita expressar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo” (HERNANDORENA, 1996, p. 51), atendendo sempre ao princípio de Clements e Hume (1995, p. 250) de que “as regras fonológicas constituem uma única operação”²⁵. Isso quer dizer que essa estrutura pode ser utilizada para representar os processos em qualquer língua. Observemos agora a representação da consoante [d] e da vogal [a] de acordo com a estrutura arbórea representada anteriormente:

Figura 1.7: Representação dos traços de [d] e [a].



Fonte: Adaptado de Hernandorena (1996, p. 51).

Na figura 1.7 acima, percebemos a materialização dos conceitos anteriormente discutidos, pois a representação dos traços da consoante [d] e da vogal [a] mostram que a estrutura arbórea pode ser utilizada para representar os processos fonológicos em qualquer língua, podendo ser adaptada de acordo com as especificidades da língua em estudo, buscando sempre a simplicidade na representação dos processos.

De acordo com Wetzels (1991, p. 27), “a base empírica da geometria de traços é formada pelos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo: a estrutura de árvore ideal deve pois, como parte de uma teoria fonológica adequada também ser capaz de oferecer um procedimento de avaliação que distinga regras fonológicas naturais de não naturais”. Assim, essa teoria é capaz de antecipar que as regras que se referem a traços individuais ou a nós de classe são mais naturais do que as regras que se referem a conjuntos arbitrários de traços, porque

²⁵ Phonological rules perform single operations only.

são mais fáceis de definir. Com efeito, a geometria de traços permite ao pesquisador representar os diversos processos fonológicos das línguas, além de determinar as regras naturais e possíveis.

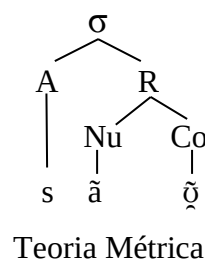
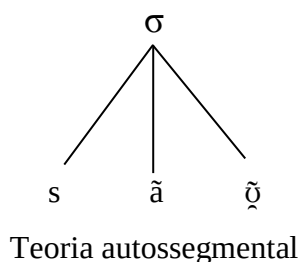
Nesse modelo de geometria de traços percebemos a materialização de todos os conceitos anteriormente inseridos nesta dissertação e que serão úteis para a análise dos processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento. Ele pode ser utilizado para caracterizar qualquer som do português, seja consonantal ou vocálico. Além disso, podemos utilizá-lo para representar os processos fonológicos com *output* morfológico, como já descrito anteriormente. Para a realização das nossas análises, vamos nos basear nesse modelo para a construção das árvores de traços e representar os processos morfofonológicos encontrados nas nossas ocorrências.

1.3.3 A sílaba em Português

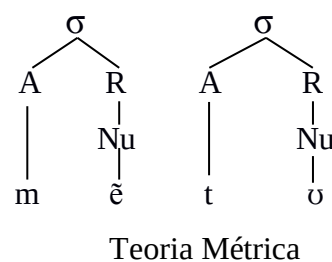
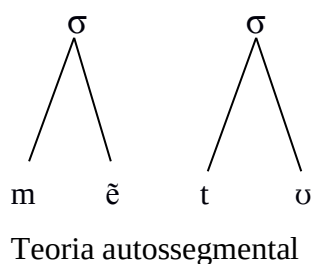
Para finalizarmos o nosso embasamento teórico, devemos inserir um conceito, bastante revisitado na Fonologia, que será muito importante para as nossas análises: a sílaba. Leda Bisol (1996, p. 249) indica que a menor categoria prosódica é a sílaba e que ela é o domínio para a aplicação das regras fonológicas em Português. A autora ressalta que a vogal é o elemento de maior sonoridade na sílaba.

De acordo com Collischonn (1996, p. 95-96) há duas teorias a respeito da estrutura interna da sílaba: a teoria autossegmental e a teoria métrica da sílaba. Na teoria autossegmental, a sílaba é considerada como um nó, σ , ao qual os segmentos estão ligados diretamente, nessa teoria o relacionamento entre os elementos da sílaba é igual. Na teoria métrica (que será adotada nas nossas análises), a sílaba é uma estrutura constituída de ataque (A), ou onset (O), e uma rima (R); a rima é constituída de um núcleo (Nu) e a coda (Co). Numa sílaba, a única categoria que não pode estar vazia é o núcleo. De acordo com a teoria métrica, o relacionamento entre a vogal do núcleo e a consoante da coda é mais estrito do que entre a vogal do núcleo e a consoante do ataque. Essas estruturas podem ser visualizadas, a seguir, na representação dos sufixos -s/ção e -mento:

(1.21)



(1.22)



Observando os esquemas de representação silábica anteriores, percebemos que a teoria métrica da sílaba apresenta essa estrutura de maneira mais elaborada do que a teoria autosegmental. No caso do sufixo -s/ção, o ataque (A) é representado pela consoante [s] a rima (R) é composta de um núcleo (Nu) [ã] e uma coda (Co) [õ]. Por outro lado, a representação do sufixo -mento é mais complexa, já que esse sufixo é formado por duas sílabas. Na teoria métrica, a primeira sílaba desse sufixo é constituída de ataque (A), representado pela consoante [m] e de rima (R), que possui apenas o núcleo (Nu), representado por [ẽ]. A segunda sílaba desse sufixo é constituída de ataque (A), representado pela consoante [t], e de rima (R), que possui um núcleo (Nu), representado pela vogal [u].

Devemos chamar a atenção para o fato de que a posição da semivogal é contestada por alguns autores. Alguns autores, como Câmara Jr. (2015[1970]), Collischonn (1996) e Freitas e Santos (2001), defendem que a semivogal está no núcleo, no entanto, há autores que defendem que a semivogal está na coda. O modelo de representação que será adotado por nós nas análises dos processos morfofonológicos observados nos substantivos deverbais coletados será o da Teoria Métrica.

2 Procedimentos metodológicos e *corpus*

Para a realização desta dissertação e montagem do *corpus*, utilizamos os jornais publicados nas cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP, entre os anos de 1901 e 1950. A nossa escolha por trabalhar com os jornais das duas cidades foi pautada no fato de que ambas as cidades possuem um acervo de jornais antigos pouco explorado²⁶. Dessa forma, o nosso trabalho busca, além de realizar o estudo linguístico, contribuir para a preservação desse material, já que digitalizamos todos os jornais de Araxá-MG, publicados nesse período, e uma parte dos jornais de Araraquara-SP, publicados nesse período e disponíveis para consulta.

A nossa opção por fazermos um estudo linguístico com essas duas cidades do interior dos estados de Minas Gerais e São Paulo foi baseada no fato de que esses estados possuem uma tradição nos estudos no linguísticos, no entanto, a maioria desses estudos são realizados com dados das capitais ou das cidades metropolitanas, deixando muitas cidades do interior de fora.

Essa realidade deve-se ao fato de que os centros de pesquisas, pertencentes às universidades, estão localizados, na maior parte das vezes, nas capitais, o que facilita a coleta e tratamento das informações. Um exemplo de pesquisa que envolveu capitais de estados brasileiros foi o Projeto NURC (Projeto Norma Urbana Culta), cujo início se deu no ano de 1969 e envolveu cinco cidades do Brasil: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. O objetivo do NURC foi descrever os padrões de uso na comunicação oral adotados por um estrato social constituído, exclusivamente, de falantes com ensino superior. Assim, esse exemplo é válido para mostrar que as cidades do interior muitas vezes ficam fora dos estudos linguísticos devido à dificuldade dos pesquisadores de terem acesso às informações, seja pela falta de material de pesquisa, como os registros escritos, seja pela dificuldade de contato com os falantes desses locais ou pela dificuldade do pesquisador de se deslocar até essas cidades.

Além disso, outro fator determinante para que escolhêssemos duas cidades do interior de Minas Gerais e de São Paulo foram as diferenças na fala dos moradores desses dois estados. De acordo com Oliveira e Lee (2008), na fala dos moradores da cidade de Belo Horizonte são verificadas diversas pronúncias das vogais para uma mesma palavra, variando de acordo com o contexto, tratando-se de harmonia vocálica ou redução vocálica. Desse modo, para os autores, os falantes de Belo Horizonte podem apresentar pronúncias como [buli'tʃĩ] e [bole'tʃĩ] para a

²⁶ Durante o tempo que frequentamos as fundações para podermos realizar a digitalização dos jornais, os funcionários que trabalhavam no arquivo comentaram que poucas pessoas mostravam interesse em consultar esses jornais, procurando-os apenas para consultarem algum óbito ou notícias sobre uma determinada pessoa. A maior parte da população desconhece o fato de que esses jornais existem.

palavra **boletim**, [de'dao] e [dʒi'dao] para **dedal** e [mɔ'dɛfnu] e [mu'dɛfnu] para **moderno**, assim, de acordo com Oliveira e Lee (2008, p. 4) “as vogais médias pretônicas podem aparecer em três formas fonéticas distintas, média aberta, média fechada ou alta, configurando um caso de variação;”, além disso, “a variante média aberta e a variante alta resultam, respectivamente, dos processos de HV (harmonia vocálica) e RV (redução vocálica);”. Apesar das diferenças na pronúncia dessas palavras na cidade de Belo Horizonte, a comunicação não fica prejudicada, já que, segundo os autores, os falantes conseguem compreender-se. Essas variações são verificadas apenas no dialeto dos habitantes da capital mineira, de modo que, em outras regiões brasileiras é comum o uso de uma dessas variedades, mas não todas as formas simultaneamente. Mesmo com uso de formas distintas, a comunicação não fica prejudicada, já que os falantes conseguem compreender-se mutuamente.

Viegas (2003) também chama a atenção para processos fonológicos comuns na fala dos moradores da cidade de Belo Horizonte. No seu estudo sobre o alçamento das vogais médias pretônicas, a autora afirma que a harmonização vocálica é um processo comum e atinge diversos itens lexicais, no entanto, o alçamento pode (não) ocorrer em itens lexicais com o mesmo contexto fonológico, como *simestre* e *semana* ou *cumida* e *comício*. Para a autora, o alçamento está ligado ao prestígio e às formas estigmatizadas, de modo que, aquelas em que ocorre o alçamento são utilizadas em contexto informal, assim “em muitas regiões, o alçamento pode ter atingido muitos itens do léxico e em outras nem tanto, dependendo da formação dos grupos e do grau de estigma e marcação que os grupos que se estabeleceram nessas regiões tenham atribuído ao alçamento.” (VIEGAS, 2003, p. 315).

Carmo (2009) realizou um estudo sobre o alçamento das vogais médias pretônicas dos verbos, no entanto, o seu trabalho está voltado para a fala culta do interior paulista, mais especificamente da cidade de São José do Rio Preto. No seu trabalho, a autora mostra que o alçamento é um fenômeno comum na fala dos moradores e ocorre devido à harmonização vocálica ou à redução vocálica.

Desse modo, tendo em vista as peculiaridades da fala dos moradores da cidade de Belo Horizonte e do interior paulista, citadas anteriormente, buscamos compreender se há diferenças na formação de substantivos deverbais com -s/ção e -mento nos jornais antigos das cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP.

A cidade de Araxá²⁷ está localizada no estado de Minas Gerais, na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, com uma população estimada em 102.238 habitantes.

²⁷ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arax%C3%A1>. Acesso em: 08 ago. 2016.

Araraquara²⁸ é uma cidade do interior de São Paulo e está localizada na região central do estado, sua população estimada é de 226.508 habitantes. Apesar dos fatos de que as cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP apresentam um desenvolvimento histórico e econômico distintos – Araxá desenvolveu-se a partir da mineração, da agricultura, da pecuária e do turismo, enquanto Araraquara esteve sempre voltada para agricultura e o comércio – e de que os jornais publicados nessas cidades, durante o período escolhido, são bastante diferentes, essas diferenças não afetam nos resultados encontrados nas nossas análises, como veremos adiante, já que os processos morfofonológicos em estudo sofrem influências apenas intralinguísticas. A localização dessas cidades pode ser visualizada nas seguintes figuras:

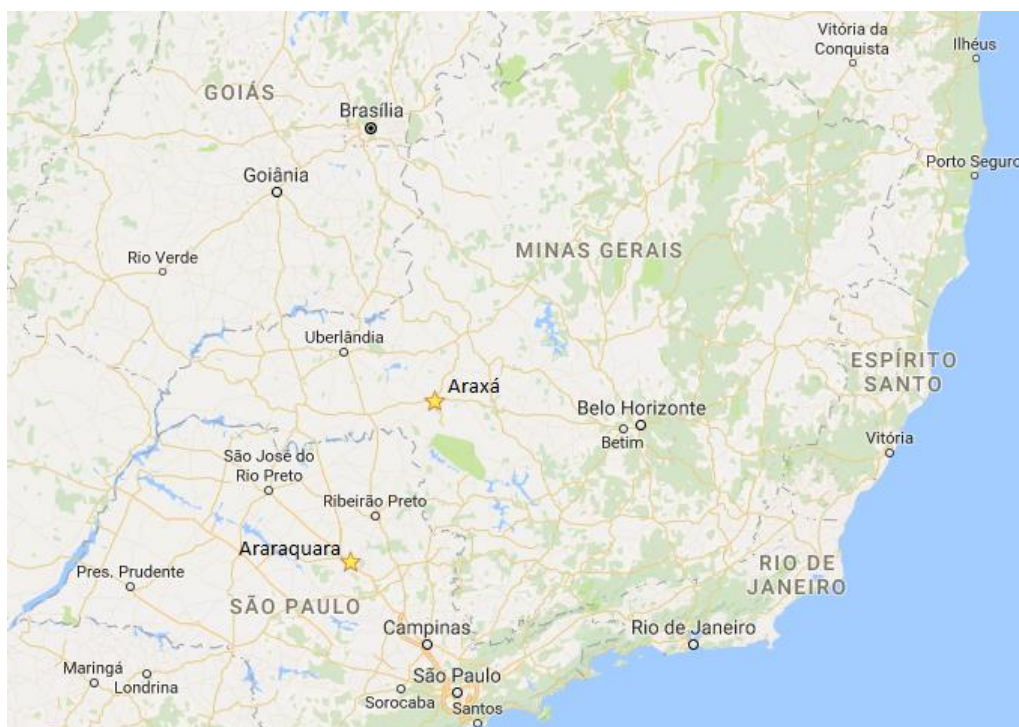
Figura 2.1: Localização de Araxá e Araraquara no Brasil.



Fonte: Google Maps.

²⁸ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Araraquara>. Acesso em: 08 ago. 2016.

Figura 2.2: Destaque para as cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP.



Fonte: Google Maps.

Devemos ressaltar que, em ambas as cidades, os jornais disponíveis são frutos de doações dos antigos moradores aos arquivos públicos dessas cidades, desse modo, não existe uma periodicidade dos exemplares e muitos deles já se encontram bastante deteriorados pela ação do tempo ou por conta do manejo inadequado. Assim, devido ao cuidado que se deve ter ao manusear os jornais, julgamos necessário fazer a digitalização dos exemplares do período em questão, para, além de facilitar a consulta aos exemplares, colaborar para a preservação desse material. Dessa forma, utilizamos uma câmera semi-profissional para fotografar os jornais, gerando arquivos de imagens com qualidade para facilitar a coleta das ocorrências.

Além disso, o trabalho de digitalização e arquivamento desses jornais é muito importante, pois estamos ampliando o acesso a esse material e contribuindo para que ele possa ser utilizado, posteriormente, em outras pesquisas linguísticas ou de natureza diversa. A digitalização permite o acesso e a troca de informações de maneira eficiente, já que esses jornais estarão disponíveis para consulta a qualquer momento. O resgate desse material se justifica, como ressaltam Barbosa e Marine (2012, p. 8), pelo fato de que os jornais antigos

(i) são, em sua maioria, únicos, praticamente não possuem muitos exemplares, pois já se perderam ao longo do tempo; (ii) abordam temas da vida (nascimento, morte, notícias, pedidos, ordens, etc.), e qualquer que seja o assunto, de alguma forma, sempre causam impacto no destinatário; (iii) representam escritos que se valorizam ao marcar, mais do que outros textos, a peculiaridade da escritura do jornalista.

O trabalho com os jornais antigos é muito importante para o resgate de informações da sociedade que viveu nessas cidades durante aquele tempo; como citam Barbosa e Marine (2012, p. 5), os jornais são “um excelente material para a recuperação de aspectos sociais, históricos, econômicos, políticos, científicos, psicológicos, culturais - entre tantos outros - de uma época”.

Além disso, estamos colaborando para a preservação do patrimônio público e da memória cultural dessas cidades, tendo em vista a Lei 25 de 30/11/37, no capítulo 1, artigo 1º, que define o “Patrimônio Histórico e Artístico Nacional” como “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”. A essa definição de patrimônio público, podemos acrescentar a Constituição de 1988, que, no artigo 216, estabelece que

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I- as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer, viver;

Com base nas definições de patrimônio cultural e na ideia de preservar essas “formas de expressão”, mencionada no excerto da Constituição de 1988, consideramos que os jornais constituem um rico patrimônio da sociedade e devem ser conservados.

A importância do trabalho com os jornais reside, também, no fato de que, nesse material, podemos encontrar textos com diferentes graus de formalidade, variando de acordo com a intenção daquele que escreve e com o seu destinatário. A formalidade, nesse caso, é fruto da preocupação daquele que escreve com as suas escolhas lexicais, buscando despertar no seu leitor uma determinada reação ao se deparar com esse texto. Assim, alguns textos, como os obituários, já apresentam uma forma pré-determinada, não permitindo que o seu autor faça alterações ou fuja do padrão, enquanto que uma carta pode apresentar diversos graus de formalidade, de acordo com o seu destinatário. Desse modo, se for uma carta para uma autoridade, ela deverá conter certos pronomes de tratamento que condigam com o destinatário, enquanto que uma carta de leitor pode apresentar uma linguagem mais popular. Portanto, a

situação de produção do texto e o seu destinatário determinam as escolhas lexicais para esses textos, posto que alguns gêneros apresentam uma estrutura mais versátil, o que faz dos jornais uma fonte muito rica para o estudo dos diversos gêneros textuais e das suas particularidades.

Partindo, então, para o nosso *corpus*, em relação aos jornais de Araraquara, foi obtido um total de 2842 imagens de páginas de jornais e selecionadas 866 imagens para posterior coleta das ocorrências. Em relação aos jornais de Araxá, obtivemos um total de 458 imagens de páginas de jornais, sendo que todas essas páginas foram utilizadas para a coleta de ocorrências, e as imagens dos jornais de Araxá correspondem a todos os exemplares disponíveis no acervo da cidade, publicados no período escolhido. Devemos ressaltar que a diferença entre os números dos jornais fotografados em Araxá e em Araraquara é devida ao tamanho do acervo de cada uma das cidades, sendo que o acervo de Araraquara é muito grande e bem conservado, enquanto o acervo de Araxá é bastante reduzido e limitado. No entanto, em ambas as cidades, muitas das edições dos jornais já se encontram em estado avançado de decomposição, dificultando bastante o trabalho de digitalização das imagens.

Em relação aos títulos dos jornais de Araxá, encontramos **A Voz Parochial** (1917 e 1918), **Boletim Parochial** (1943), **Cidade de Araxá** (1929), **Gazeta de Araxá** (1949), **Lar Católico** (1939), **O Boneco** (1932), **O Comêta** (com apenas uma edição de janeiro de 1945), **O Estudante** (com uma edição de 30 de agosto de 1917), **O Tagarela** (duas edições de 1933), **O Treco** (duas edições de 1937), **The Triangle** (1949 e 1950) e **Voz Escolar** (com uma edição de 1939).

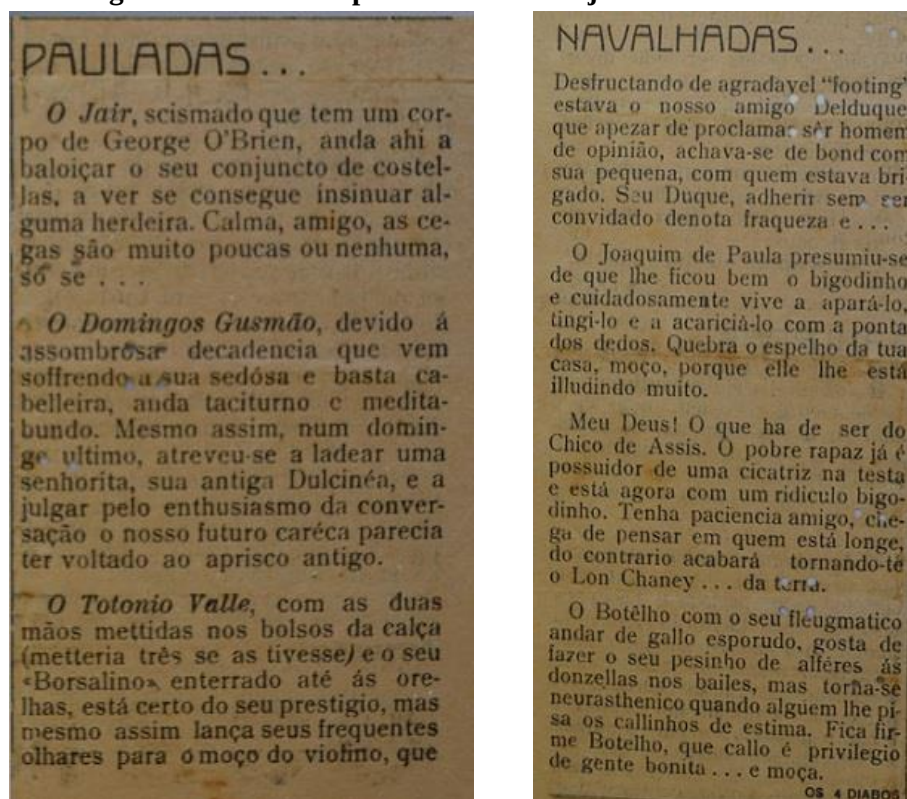
Pelos títulos dos jornais de Araxá, verificamos que alguns deles são jornais católicos, cuja intenção principal era divulgar informações acerca da Igreja na cidade, dos acontecimentos que envolviam a comunidade religiosa, tais como os dias santos, as necessidades das igrejas, os feitos realizados pela igreja, dentre outros. Por outro lado, encontramos o jornal **O Boneco**, de teor bastante satírico, fazendo críticas abertas a figuras públicas da cidade de Araxá. Além disso, um jornal bastante curioso era o **The Triangle**, cujo título, em Inglês, já chama a atenção, tendo em vista que esse jornal fazia publicações diversas, incluindo vários textos literários consagrados e de autores locais, apresentando versões em Inglês e em Português. Há, ainda, os jornais estudantis, como o **Voz Escolar** e **O Estudante**, que buscavam divulgar os acontecimentos em torno da comunidade escolar, as comemorações, as necessidades, as festividades, dentre outros assuntos. Os jornais de Araxá se encontram disponíveis para consulta pública na Fundação Cultural Calmon Barreto.

Sobre os títulos dos jornais de Araraquara, temos **Correio da Tarde** (1940), **Correio Popular** (1945, 1946, 1949, 1950), **Jornal de Notícias** (1907, 1908), **Jornal do Commercio**,

com uma edição de 01 de outubro de 1927, **O Araraquarense** (1912), **O Commercio** (1911), **O Imparcial** (1901, 1931, 1933, 1938), **O Nacionalista**, com uma edição de 01 de janeiro de 1935 e **O Popular** (1929). Os jornais de Araraquara estão disponíveis para consulta no arquivo público da Casa da Cultura Luiz Antônio Martinez Corrêa.

Os jornais de Araraquara não apresentam tantas peculiaridades como os jornais de Araxá, de maneira que os títulos publicados em Araraquara destinavam-se a veicular informações sobre os acontecimentos na cidade e na região, além de acontecimentos no país e no mundo, além de que alguns desses jornais tiveram início com a intenção de veicular informações sobre o comércio da cidade. Já os jornais de Araxá-MG apresentam algumas peculiaridades, como piadas com antigos moradores da cidade, ou a publicação de textos em Inglês, como podemos verificar nas imagens a seguir:

Figura 2.3: Chacotas publicadas em um jornal de Araxá-MG.



Fonte: **Jornal O Boneco**, edição de 02/10/1932, p. 1-2.

Nas imagens anteriores, verificamos que os títulos dos textos são bastante sugestivos: *Pauladas* e *Navalhadas*. Essas “*pauladas*”, “*navalhadas*”, “*ferroadas*” e “*picadelas*” (títulos dessas seções de comentários) eram dadas nos Domingos, Botelhos, Chicos e outros moradores da cidade que, por algum motivo, chamavam a atenção por suas ações e caíam na página desse jornal zombeteiro.

Figura 2.4: Canção brasileira em Português e Inglês.

"THE TRIANGLE"

From : - "WHERE THE SABIÁ SINGS."

By Henriqueta Chamberlain.

II ■ II

Tristeza do Jéca	Sorrows of the Jéca
Nestes versos tão singelos, Minha bela, meu amô! P'ra mecê quero contá O meu sofrê, a minha dô. Eu sou como o sabiá Que quando canta é só tristeza Desde o gaio onde está.	In these simple verses, My beautiful one, my love! I will tell you of my Suffering and my pain. I am like the sabiá When it sings — only sadness comes From the branches where it rests.
Côro :	Chorus :
Nesta viola canto e gemo de verdade. Cada toada representa uma saudade.	I sing and sigh with my guitar. Every chord represents a longing.
Eu nasci naquela serra Num ranchinho a bêra chão. Tudo cheio de buraco Donde a lua faz crarão Quando chega a madrugada Lá no mato a passarada Principia o barulhão.	I was born in the backlands. In a little mud-floored hut. It was old and full of holes And the moonlight shone through, Till dawn, when the birds, There in the woods, Began their noisy singing.
Lá no mato tudo é triste Desde o geito de falá. Quando riscam na viola Dá vontade de chorá. Não tem um que cante alegre Tudo vive padecendo Cantando p'ra se aliviá	There in the backwoods every-thing is sad Even in the manner of speaking. When anyone strums on a guitar — It makes you want to cry. No one sings happily there, All of them have troubles! They sing only to relieve their pain.
Vou pará co'a minha viola Já não posso mais cantá. Pois o jéca quando canta Tem vontade de chorá. E o choro que vai caindo De vagá vai se sumin-lo Como as águas vão p'r'o mar.	I'm going to stop playing on my guitar. I can no longer sing, Because when the jéca starts to sing, It means he really wants to cry. And the tears that fall Slowly roll along — Like the waters that go to the sea.

Fonte: Jornal *The Triangle*, edição de julho/1949, p. 3.

Na figura acima, temos a famosa canção brasileira “Tristeza do Jeca”, na sua versão original, em Português, e traduzida para o Inglês por Henriqueta Chamberlain, *Sorrows of the Jeca*, publicada no jornal *The Triangle*, na edição de julho de 1949. Esse é apenas um exemplo dos textos em Inglês encontrados nas edições desse jornal. Os títulos variam desde a canção brasileira, a trechos de obras de Shakespeare e até mesmo textos dos antigos moradores da cidade. Nesse jornal, os textos em Inglês se misturam às notícias da cidade, que eram publicadas em Português.

A seguir, podemos verificar duas imagens de páginas de jornais digitalizadas e utilizadas para a coleta das ocorrências analisadas. A primeira corresponde a uma edição do jornal *Correio da Tarde*, de Araraquara-SP, publicada em 01 de abril de 1940, e a segunda corresponde à edição de 01 de maio de 1917 do jornal *A Voz Parochial*, publicado em Araxá-MG:

Figura 2.5: Exemplar de jornal de Araraquara-SP.

CORREIO DA TARDE

PUBLICAÇÃO DIÁRIA

Direção: — LEMOS DA CRUZ — Redação e oficinas: Rua 9 de Julho 114

ANNO III | ARARAQUARA, — (S. PAULO) — 2ª FÉRIA — 1 DE ABRIL DE 1940 | NUM. 460

O aniversário do "CORREIO"

Com grande desvanecimento e profundamente sensibilizados agradecemos aqui as expressões de sympathia que nos foram e continuam sendo formuladas, pessoalmente, ou em cartas e cartões, por motivo da passagem do 2º aniversário do «Correio da Tarde».

Dentre as primeiras felicitações recebidas, destacamos, jubilosamente as formuladas pelo illustre governador da cidade, dr. Camillo Gavião de Souza Neves e concebidas nos seguintes termos:

«Ilmo. Sr. Lemos da Cruz
Diretor do «Correio da Tarde»
Araraquara»

Pela etapa brilhantemente vencida que «CORREIO DA TARDE» hoje assina, queira receber as minhas efusivas felicitações, extensivas a todos os seus auxiliares.

(a) CAMILLO G. DE SOUZA NEVES
Prefeito Municipal»

Ao nosso prezado collega local «O Imparcial» fomos gratos também pelos termos capacitantes com que alludiu ao facto. Escreve o brilhante confrade:

«CORREIO DA TARDE»

«Com uma edição de 12 paginas, muito bem impressa e contendo farta materia redatorial e de colaboração, comemorou hontem seu segundo aniversario o apreciado vespertino local «Correio da Tarde», brilhantemente dirigido por Lemos da Cruz.

Ao prezado collega «O Imparcial» envia suas saudações mui cordiaes, com votos de crescente prosperidade e uma longa existencia, repleta de feitos meritorios».

«A VOZ DAS ESPLANADAS»

Uma homenagem do «Correio da Tarde» a essa organização que se impõe a sympathia de toda a cidade — «Araraquara Reporter».

«Araraquara Reporter» ou, para melhor dizer, «A Voz das Esplanadas», essa pequena empresa de propaganda que ha quasi quatro annos vem funcionando com regularidade e prestando a população uma serie de beneficios, seja pela caprichosa organização dos seus programas musicos, seja pelo seu empenho em offerecer ao publico o mais perfeito serviceo informaliro, seja, ainda, pela boa vontade e desinteresse com que ella tem servido de intermediaria para o encontro de objectos perdidos, muitos dos quaes de alto valor tem sido restituídos aos seus legittimos proprietarios graças a «A Voz das Esplanadas» — e uma dessas res-

Unções que temem pelo edificio dos seus dirigentes a que se torcem a consideração geral pelo «sucesso» dos seus serviços.

A sua propaganda commercial, objetivo primeiro da sua razão de ser, é a melhor possível e tornou-se pacifica contada com o esto a lecutoria magnifica, como José Mariottini e Henrique Real Ao esporte, «A Voz das Esplanadas» dá dea especial attenção. Promovendo annualmente esse gigantesco programma esportivo que é «A Volta de Araraquara», informando, estimulando, sempre em dia com tudo quanto ocorre, no scenario das nossas noites, ás 10.45, de entremetido, com informações do momento o «Comentário do Dia», chronicas esportivas que focaliza todo o movimento do esporte brasileiro e cuja redacção está confiada a «Ruesinhos», chronista experiente e observador, cujos commentarios criticos e justos, são por todos apreciados.

«A Voz das Esplanadas», pelo muito que faz pela nossa terra, bem merece a sympathia que lhe dá de a nossa gente. Ella é o nervo motor do lulio e da alegria e despreocupação que reúne a mocidade araraquana e que se põe no mais encantador da nossa encantadora curba.

«Correio da Tarde», homenageando com estas linhas a florente empresa, congratula-se com os seus proprietarios sr. Francisco Pariza e Jo e Mariottini pelo vulto dos serviços que enzinham e desinteressadamente vêm prestando ao nosso publico e faz votos pelo progresso constante dessa organização já perfeitamente integrada na vida de Araraquara — «A Voz das Esplanadas».

Sapatos para meninas em todas as cores e tipos e na CASA LOGATTI

Correio Social

Nossos cumprimentos Anniversarios
Fazem annos hoje: o menino Luiz, filho do sr. Carlos Milani, batizado neste municipio.
o sr. Paulo Honório de Costa Michod, funcionario municipal com exercicio no distrito de Moju.
a sra. Honória, filha do sr. Januario Cassiano de Moraes.

NATALICIO

Verificou-se hoje, nesta cidade, o advento de José Eduardo, gêmeo, filho do sr. pharmaceutico Byron Ortiz de Ararij e da exma. sra. prof. Doolinda Monteiro Ararij, residentes em S. Carlos.
O recém-nascido é neto da exma. sra. d. Alexandrina Vieira Monteiro, aqui residente.
Com os nossos parabens aos dignos progenitores auguramos ao José Eduardo vida longa e venturosa.

Sapatos Assabília em diversas cores encontrando na CASA LOGATTI

Dr. J. de Freitas Madeira

Cirurgião-Medico da Beneficência Portuguesa
Doenças de Senhores, Partos, Cirurgia Geral
Avenida 15 de Novembro, 30—O
Teleph. 243

Sapatos para meninas em diversos tipos e na CASA LOGATTI

Crime ou suicidio?

Encontrado morto num terreno baldio, no bairro do Carmo

Às 6 horas da manhã de hoje a policia foi sciennificada de que num terreno baldio sito no extremo da avenida Brasil, nas proximidades do cemiterio municipal, fora encontrado o cadaver de um homem, apresentando 30 annos de idade, de cor branca, trajado regularmente e apresentando varios ferimentos inrosos, na face e no pescoço.

Comparecendo immediatamente ao local, o sr. dr. Odorico F. de Moraes, delegado de policia, constatou o caso, mas que, no entanto, apesar de acuradas pesquisas levadas a effeito, desde logo, pudesse descobrir, no momento, a identidade do morto, bem como se se tratava de um caso de suicidio ou de barbaro homicidio.

Depois das formalidades legais, o cadaver foi transportado para o necaterio, afim de ser submetido á autopsia pelo dr. Syrtzes de Lorenzo, medico legista.

A policia continua diligenciando para esclarecer convenientemente a identidade do morto e o mysterio em que o caso se apresenta.

A CASA LOGATTI

RECEBEU UM BELLISSIMO SORTIMENTO DE CALÇADOS PARA CAVALHEIROS, SRAS. E CRIANÇAS

Artigos finos por preços reduzidos

CASA LOGATTI —:— Rua 9 de Julho, 42 —:— Telephone, 48

Fonte: acervo pessoal.

Figura 2.6: Exemplar de jornal de Araxá-MG.



Fonte: acervo pessoal.

Depois de digitalizarmos as páginas dos jornais, passamos para a coleta, em todas as seções dos jornais, das palavras terminadas em -s/ção e -mento, montando um arquivo que contém todas as ocorrências, dispostas da seguinte maneira:

(2.1) fugir se no cumprimento de obrigações OI 02/06/1901 ano 1 n. 24 p.1 artigo

Antes de continuarmos as nossas considerações sobre o nosso *corpus*, devemos fazer alguns esclarecimentos em relação às informações contidas juntamente às ocorrências coletadas. No exemplo 2.1, a primeira informação diz respeito à sigla utilizada (OI), que se refere ao jornal O Imparcial, de Araraquara-SP, como podemos verificar no quadro 2.1 a seguir:

Quadro 2.1: Siglas e nomes dos jornais de Araraquara-SP e Araxá-MG.

Jornais de Araraquara - SP		Jornais de Araxá - MG	
Sigla utilizada	Nome do Jornal	Sigla utilizada	Nome do Jornal
CP	Correio Popular	AVP	A Voz Parochial
CT	Correio da Tarde	BP	Boletim Paroquial
JN	Jornal de Notícias	CA	Cidade de Araxá
OA	O Araraquarense	GA	Gazeta de Araxá
OC	O Commercio	LC	Lar Católico
OI	O Imparcial	OB	O Boneco
		OC	O Comêta
		OE	O Estudante
		OT	O Treco
		OTag	O Tagarela
		TT	The Triangle
		VE	Voz Escolar

Fonte: elaboração própria.

Após a sigla do jornal em que a ocorrência foi coletada, inserimos também a data em que o jornal foi publicado, que, no caso do exemplo 2.1, foi no dia 02 de junho de 1901. Além da data em que o jornal foi publicado, inserimos também o ano do jornal e o número da edição, que, no exemplo 2.1, foi o ano 1 e edição de número 24, ou seja, estamos trabalhando com a vigésima quarta edição do primeiro ano de circulação do jornal O Imparcial. Por fim, inserimos

também a página e o tipo de texto em que a ocorrência foi coletada, já que uma mesma ocorrência pode aparecer numa mesma página, em textos distintos ou até no mesmo texto. Em relação aos textos encontrados nos jornais utilizados, eles se dividem em: título, subtítulo, artigo, reportagem, aviso, nota, texto literário, edital, anúncio, demonstrativo de despesas, evangelho, oração e legenda de foto, de modo que a maioria das nossas ocorrências encontram-se em artigos. Algumas informações como data do jornal, ano e número podem não ocorrer em alguns exemplares, de modo que, quando essas informações estão ausentes, inserimos um ponto de interrogação.

No exemplo 2.1, verificamos que a ocorrência **obrigações** se encontra em um artigo, localizado na primeira página do jornal **O Imparcial** (OI), publicado em Araraquara no dia 02 de junho do ano de 1906. Este modo de dispor as ocorrências foi utilizado para todas aquelas encontradas, de maneira que, caso seja necessário, os pesquisadores podem recorrer aos jornais para tirar alguma dúvida em relação à grafia utilizada, ao contexto da ocorrência, dentre outras dúvidas que possam surgir. Devemos ressaltar que incluímos, na nossa lista de ocorrências, também aquelas que se apresentam na forma de plural do substantivo deverbal, como no caso da ocorrência anterior **obrigações**. É preciso ter em mente que, por se tratarem de textos do início do século XX e, por ainda não haver regras claras em relação à grafia das palavras, muitas ocorrências se apresentam com grafias bastante diferentes, como verificamos a seguir²⁹:

- (2.2) a) mistificação: mystificação (JN 11/07/1907 p. 1 artigo)
- b) apelação: apellação (JN 11/07/1907 p. 2 artigo)
- c) edição: edicção (OB 2/10/1932 ano 610 n. 02 p. 1 artigo)

No exemplo 2.2, verificamos a presença de grafias distintas para palavras conhecidas do nosso vocabulário. A palavra **mistificação** ocorre também com a grafia **mystificação**, **apelação** pode ocorrer com uma letra dobrada, como no caso de **apellação**, e, por fim, **edição**, que pode apresentar, dentre as ocorrências coletadas, a grafia **edicção**.

Considerando as diversas grafias encontradas, fizemos a montagem de um arquivo

²⁹ No ano de 1907, houve a tentativa de uniformização da escrita pela Academia Brasileira de Letras, devido à repercussão, no Brasil e em Portugal, do livro Ortografia nacional – simplificação e uniformização das ortografias portuguesas. Em 1911, o governo de Portugal soltou uma Portaria nesse sentido, de modo que as propostas eram semelhantes e seguiam as ideias de Gonçalves Viana. Foi a primeira intervenção do Governo na questão ortográfica. Em 1943, houve um acordo entre Brasil e Portugal, no sentido de unificar as ortografias dos países. No entanto, o acordo não agradou os dois países, e, somente 1945, foi aprovada uma lei que colocou em vigor o acordo de 1943. O Brasil passou (e ainda passa) por diversas reformas ortográficas periódicas e no século XX as modificações ortográficas ocorreram muitas vezes: 1907, 1912, 1915, 1919, 1929, 1931, 1938, 1943, 1945, 1955 e 1971. (CAGLIARI, 1999, p. 88-90). A mais recente reforma ortográfica pela qual o Brasil passou, foi a de 2009.

contendo as ocorrências em seus devidos contextos com a indicação do texto em que se encontram, conforme especificado anteriormente, obtendo um total de 2720 ocorrências para Araxá e 3631 ocorrências para Araraquara.

Após a etapa de coleta das ocorrências para cada uma das cidades escolhidas e de acordo com o sufixo (-s/ção e -mento) presente no substantivo formado, dividimos as nossas ocorrências de acordo com a conjugação do verbo da base: primeira (-ar), segunda (-er) e terceira (-ir). Após essa divisão, passamos para a análise das ocorrências que apresentam alguma alteração na base verbal, constatando que essas alterações são resultado dos processos morfofonológicos desencadeados na formação dos substantivos deverbais. As nossas análises foram realizadas tendo como base a Teoria Fonologia de Geometria de Traços, de modo que utilizamos as árvores de traços para explicar como os processos ocorrem.

3 Resultados e discussões

Para a realização das nossas análises, foi necessário que fizéssemos a coleta de todas as ocorrências de substantivos terminados em -s/ção e -mento. Depois da coleta, passamos para a exclusão das ocorrências repetidas e seleção das ocorrências de substantivos deverbais, contabilizando um total de 632 ocorrências de substantivos terminados com o sufixo -s/ção, e 208 ocorrências deverbais com o sufixo -mento, para Araraquara – SP; em relação a Araxá– MG, foram coletadas 568 ocorrências com o sufixo -s/ção e 167 ocorrências com o sufixo -mento. Assim, retomando os exemplos anteriores, encontramos **mystificação** e **mistificação**, no entanto, na contagem final, consideramos apenas uma ocorrência, representada por **mistificação**.

Depois que separamos apenas as ocorrências deverbais de acordo com o sufixo formador, dividimo-las de acordo com a conjugação do verbo base (-ar, -er e -ir), como verificamos na tabela 3.1 a seguir:

Tabela 3.1: Número de ocorrências deverbais de acordo com a conjugação do verbo.

Conjugação do verbo	Dados Araxá-MG		Dados Araraquara-SP	
	-s/ção	-mento	-s/ção	-mento
-ar	403 (70,9%)	103 (61,7%)	480 (75,9%)	131 (62,9%)
-er	64 (11,3%)	48 (28,7%)	49 (7,8%)	59 (28,4%)
-ir	101 (17,8%)	16 (9,6%)	103 (16,3%)	18 (8,7%)
Total	568 (100%)	167 (100%)	632 (100%)	208 (100%)

Fonte: elaboração própria.

A tabela acima apresenta os valores de todos os substantivos deverbais coletados nos jornais de Araxá-MG e Araraquara-SP, incluindo aqueles que não apresentam processos morfofonológicos, ou seja, formados apenas por justaposição do sufixo à base verbal. Com a tabela acima, verificamos que, no nosso *corpus*, o número de ocorrências deverbais formadas com o sufixo -s/ção é, praticamente, três vezes maior que o número de substantivos formados com o sufixo -mento. Isso se deve, como aponta Basílio (2014, p. 27), ao fato geral de que, a partir dos verbos, podemos formar substantivos, mas ao fato particular de que, com os verbos terminados em **-izar**, o sufixo a ser utilizado tem que ser o **-ção**. No entanto, se o verbo tiver a estrutura **-ecer**, o sufixo **-mento** deverá ser utilizado.

Outras pesquisas realizadas com dados do PB também mostram que o número de substantivos deverbais formados com -s/ção é maior que o número de substantivos formados

com -mento. Barbosa e Costa (2006) utilizaram para as suas análises 246 (79,1%) substantivos formados com -s/ção e 65 (20,9%) formados com -mento, de um total de 311 (100%). Prado (2010), para as suas análises, utilizou um total de 425 (77,1%) substantivos formados com -s/ção e 126 (22,9%) substantivos formados com -mento de um total de 551 (100%). Os dados de Barbosa e Costa (2006) e Prado (2010), quando comparados aos nossos resultados, mostram que no PB ocorreu o aumento da utilização de substantivos deverbiais formados com -s/ção em relação àqueles formados com -mento, já que as nossas amostras do PB se referem ao início do século XX (1901-1950), enquanto que esses autores utilizaram amostras do PB da década de 1990.

De acordo com Rio-Torto (1993), no Português de Portugal havia a preferência pela utilização do sufixo -mento, quando comparado ao sufixo -s/ção, na formação de substantivos deverbiais. No entanto, verificamos o aumento da utilização do sufixo -s/ção na formação de substantivos deverbiais no PP. Em pesquisa realizada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, juntamente à professora Alina Villalva (processo FAPESP nº 2015/25331-5), constatamos que, no jornal português Público, publicado entre os anos de 1991 e 1998, há uma maior utilização de substantivos deverbiais formados com o sufixo -s/ção em relação ao sufixo -mento. Para as nossas análises, coletamos 643 (51%) substantivos deverbiais formados com -s/ção e 618 (49%) formados com -mento, de um total de 1261 (100%). Apesar dos valores serem bem próximos, constatamos que, no PP, tem aumentado a preferência pela utilização de -s/ção, em relação ao sufixo -mento, na formação de substantivos deverbiais.

Nas ocorrências coletadas nos jornais de Araraquara-SP, encontramos 29 substantivos formados com -mento a partir de verbos terminados em -ecer (abastecer → abastecimento) e 38 ocorrências formadas com -ção a partir de verbos terminados em -izar (arborizar → arborização). Nas ocorrências de Araxá-MG, encontramos 22 ocorrências de substantivos deverbiais com -mento, formados a partir de verbos terminados em -ecer (comparecer → comparecimento) e 30 ocorrências com -ção, formadas a partir de verbos terminados em -izar (autorizar → autorização). Esses números corroboram a afirmação de Basílio (2014, p. 27).

Depois de realizarmos a divisão das ocorrências de acordo com a tabela 3.1 acima, passamos para análise dos dados - utilizando as teorias da morfologia e da fonologia anteriormente especificadas - e apontamentos relevantes sobre os resultados obtidos, que serão descritos nesta seção.

Devemos lembrar que, na nossa dissertação, optamos por utilizar chaves – { } - para representarmos os processos morfológicos, no lugar dos tradicionais colchetes - [] -, com a intenção de se evitarem confusões com as transcrições fonéticas, que também utilizam os

colchetes – [], de modo que, para as transcrições fonéticas, mantivemos a utilização dos colchetes []. Essa substituição foi realizada apenas na análise dos dados, já que as nossas análises envolvem transcrições fonéticas e representações dos processos morfológicos, o que pode causar equívocos com o uso dos colchetes. Nas outras seções, preferimos manter a utilização dos colchetes para a representação dos processos morfológicos.

Antes de iniciarmos as discussões sobre os resultados encontrados, devemos retomar algumas considerações pertinentes à formação de substantivos deverbiais. Para a formação de um nome a partir de um verbo, consideramos que a uma base - tema do verbo (radical verbal + vogal temática) - junta-se um dos sufixos em estudo -**s/ção** ou -**mento**, formando, então, um substantivo deverbal. A ordem dos constituintes é sempre a mesma: base verbal à esquerda e sufixo à direita. Essa ordem segue o princípio da **coesão interna**, que diz respeito ao indicativo morfológico de que dois elementos se combinam para formar uma palavra e a impossibilidade de inserir uma ou outra forma entre eles (LAROCA, 2001, p. 24-25). Quando verificamos que, no substantivo formado, há diferenças em relação à base verbal, percebemos que houve alguma alteração fonológica durante a formação desse substantivo e são essas alterações que denominamos processos morfofonológicos.

A regra de formação de substantivos deverbiais com os sufixos -s/ção e -mento, como já mostrada no exemplo 1.14, na seção 1.2.6.3 “Formação de substantivos: mudança de classe”, p. 54, pode ser descrita da seguinte maneira:

(3.1) {{base}sufixo}s

Em que:

base: tema verbal (radical verbal + vogal temática)

sufixo: -s/ção ou -mento

S: substantivo

Assim, aplicando a regra de formação de substantivos a **administração**, por exemplo, verificamos o seguinte:

(3.2) {{administra}ção}

No exemplo acima, a formação do substantivo se dá pela justaposição do sufixo à base verbal, sem verificarmos a ocorrência de nenhum processo morfofonológico.

No entanto, em um substantivo deverbal como **aparição**, verificamos que há diferenças

entre a base do verbo derivante, **aparecer**, e o substantivo formado. Nesse caso, podemos afirmar que houve os processos de haplologia e de alteamento da vogal do radical, como visualizamos a seguir:

$$\begin{array}{ccccc}
 (3.3) & \{\{\text{aparece}\}\text{ção}\} & \rightarrow & \{\{\text{apare}\}\text{ção}\} & \rightarrow & \{\{\text{apari}\}\text{ção}\} \\
 & \downarrow & & \downarrow & & \\
 & \text{haplologia} & & \text{alteamento} & &
 \end{array}$$

Além de ocorrer o apagamento da sílaba ‘ce’, devido à semelhança fonética com o sufixo escolhido para formar o substantivo, -ção, o que caracteriza o processo de haplologia, ocorre, também, uma mudança no radical do verbo, que, aqui, é visualizada na modificação da vogal da sílaba /-re-/, que passa a /-ri-/, que pode ser descrita como um alteamento da vogal, ou seja, a vogal média-alta /e/ passa a vogal alta /i/. Esse processo de alteamento da vogal também é bastante comum nas ocorrências formadas a partir de verbos da segunda conjugação com o sufixo **-mento**, como verificamos em **fortalecer** → **fortalecimento**, em que ocorre uma alteração na vogal temática verbal. Apesar da presença dos processos morfofonológicos de haplologia e alteamento - que são resultado da interação entre os componentes morfológico e fonológico (BISOL, 1996) - no substantivo formado, a sua estrutura se reorganiza mantendo a unidade fonológica que caracteriza a palavra (BASÍLIO, 2014; KEHDI, 2003; CÂMARA JR., 2015[1970]).

O substantivo **aparição** chama a atenção pelo fato de ser o resultado da combinação de dois processos morfofonológicos, já que os componentes fonológicos e morfológicos se misturam, de maneira que todas as regras fonológicas relevantes se aplicam à saída de toda regra morfológica, criando uma forma que é entrada para outra regra morfológica. Portanto, a entrada de um processo de formação de palavras é submetida às regras fonológicas dos seus níveis dentro do léxico, dessa maneira, as estruturas lexicais admitem a aplicação cíclica de regras (LEE, 1995, p. 6, HERNANDORENA, 1996, p. 70). Para Schwindt (2006, p. 314), “as regras fonológicas lexicais são cíclicas, no sentido de que podem, respeitando os princípios que governam a teoria, reaplicar-se” (SCHWINDT, 2006, p. 314), como ocorre em **aparição**, já que nesse substantivo são aplicadas duas regras fonológicas no mesmo nível lexical.

De acordo com Rocha (2008, p. 58), os sufixos -s/ção e -mento formam substantivos significando ação, resultado de ação, qualidade, estado. Assim, o substantivo **administração** significa **ação** ou **resultado** da ação de **administrar**. Esse valor semântico dos sufixos está diretamente relacionado à **função sintática** da formação de palavras proposta por Sandmann

(1997a, p. 25) e Rocha (1999, p. 79). A função sintática, que se relaciona à necessidade de adequação sintática ou adequação ao sistema linguístico, é resultado da conveniência de se empregar um item linguístico de uma classe em outra. Assim, em

(3.4) “era impossível a nomeação OI 02/06/1901 ano 1 n. 24 p. 2 nota”

O autor opta por utilizar **nomeação** – que significa ação ou resultado da ação de **nomear** - pois o sistema linguístico permite, podendo fazê-lo como um recurso para evitar a repetição, já que, em outro momento do texto, poderia escrever “era impossível nomear...”.

O nosso estudo dos processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento tem como fundamento as tarefas básicas da Morfofonologia, que se referem “(i) ao estudo da estrutura fonológica dos morfemas”, ao “(ii) estudo das mudanças combinatórias nos sons que constituem um morfema, quando este morfema se combina com outros morfemas” e ao “(iii) estudo das alternâncias de sons que têm uma função morfológica” (SCHWINDT, 2006, p. 304). Desse modo, para compreendermos os processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento é necessário que conheçamos as estruturas fonológicas desses morfemas, pois os processos morfofonológicos são mudanças nas estruturas dos morfemas resultantes das combinações entre sufixos e bases verbais. Devemos ressaltar que as ocorrências anteriores são apenas alguns exemplos dos processos encontrados, de maneira que discutiremos, a seguir, mais detalhadamente, outros casos de processos morfofonológicos.

Os exemplos anteriores foram utilizados para mostrarmos os tipos de ocorrências coletadas, englobando aquelas que não apresentam nenhuma alteração na base verbal, quando ocorre a formação do substantivo, ou seja, formadas por justaposição do sufixo à base; e aquelas que apresentam alterações na base verbal e são o foco das nossas análises. Apesar de termos encontrado um número muito alto de substantivos deverbais que apresentam algum tipo de processo morfofonológico, eles ainda são uma parte pequena, quando comparados ao número total de substantivos deverbais formados com -s/ção e -mento, como podemos observar na seguinte tabela:

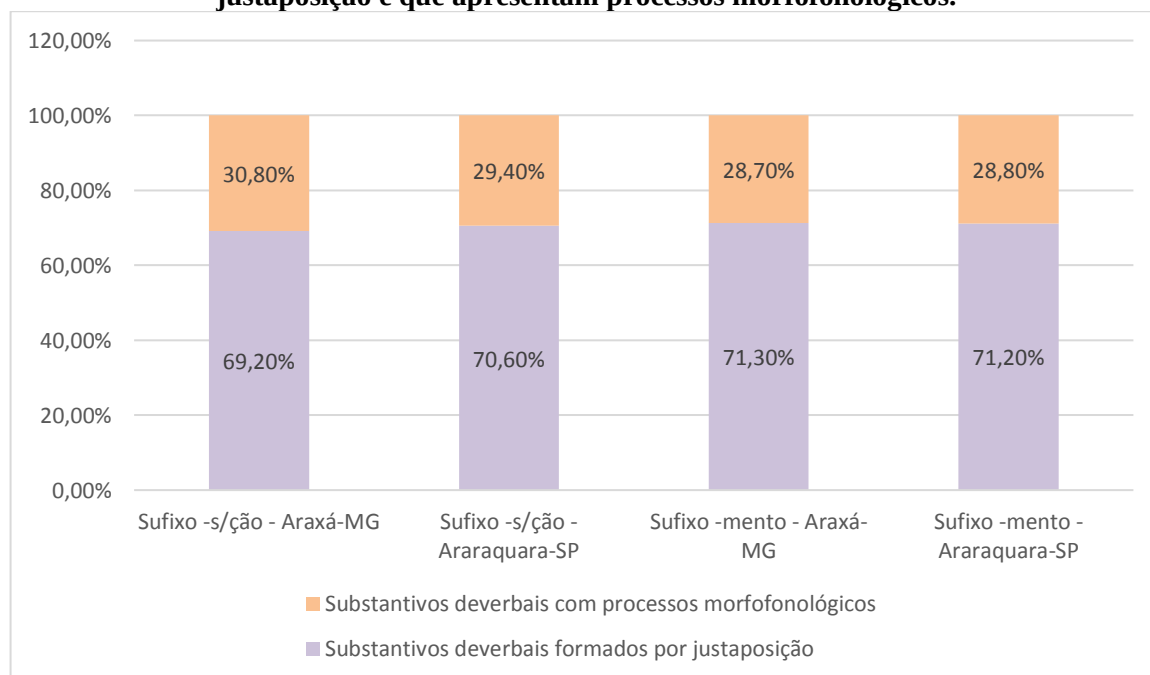
Tabela 3.2: Número de substantivos deverbais formados por justaposição e com processos morfofonológicos.

	Araxá - MG		Araraquara - SP	
	-s/ção	-mento	-s/ção	-mento
Substantivos deverbais formados por justaposição	393 (69,2%)	119 (71,3%)	446 (70,6%)	148 (71,2%)
Substantivos que apresentam algum processo morfofonológico	175 (30,8%)	48 (28,7%)	186 (29,4%)	60 (28,8%)
Número total de substantivos deverbais	568 (100%)	167 (100%)	632 (100%)	208 (100%)

Fonte: elaboração própria.

Observando a tabela 3.2 acima, constatamos que o número de substantivos deverbais, formados tanto com os sufixos –s/ção e –mento e que apresentam algum tipo de processo morfofonológico, está em torno de 30% do número total de substantivos deverbais coletados nos jornais de Araxá-MG e Araraquara-SP. Isso significa que os processos morfofonológicos estão presentes em um terço dos substantivos deverbais formados com –s/ção e –mento, o que significa dizer que, apesar do grande número de substantivos que apresentam algum processo morfofonológico, eles ainda representam uma pequena parcela quando comparados ao valor total. Essas informações também podem ser visualizadas no seguinte gráfico:

Gráfico 3.1: Porcentagem de substantivos deverbais com –s/ção e –mento formados por justaposição e que apresentam processos morfofonológicos.



Fonte: elaboração própria.

Observando o gráfico acima, verificamos que a porcentagem de substantivos deverbais formados com os sufixos *-s/ção* e *-mento* que apresentam processos morfofonológicos está em torno de 30%, tanto para aqueles coletados nos jornais de Araxá-MG, quanto para aqueles coletados nos jornais de Araraquara-SP. Por outro lado, a porcentagem de substantivos formados por justaposição está em torno de 70% do valor total de substantivos deverbais coletados nos jornais de ambas as cidades.

3.1 Processos morfofonológicos encontrados

Nesta subseção apresentaremos os processos morfofonológicos presentes nas ocorrências que apresentam alterações na base verbal. Os processos estão divididos de acordo com a terminação dos substantivos: *-s/ção* e *-mento*. Os processos encontrados nos substantivos deverbais foram os mesmos nas ocorrências coletadas nos jornais de Araxá-MG e Araraquara-SP.

Os processos morfofonológicos encontrados seguem os pressupostos da Fonologia Lexical, já que ocorrem dentro dos limites da formação do léxico e aplicam-se no nível lexical, como proposto por Lee (1995, p.12). Nas nossas análises, interessa-nos o nível 1(α), que inclui todos os processos derivacionais, a flexão irregular e alguns processos de composição, como explica Lee (1995, p. 12).

3.1.1 Processos morfofonológicos desencadeados pelo sufixo *-s/ção*

Nas nossas ocorrências formadas com o sufixo *-s/ção*, encontramos diferentes processos morfofonológicos; dentre eles, os mais comuns foram a haplologia, a haplologia combinada com outros processos, a nasalização, o desvozeamento, a inserção de uma sílaba, o apagamento de sílabas e outros menos comuns, que não seguem um padrão específico, distribuídos da seguinte maneira:

Tabela 3.3: Principais processos encontrados nas ocorrências de Araxá-MG formadas com o sufixo -s/ção.

Processos	Sufixo -s/ção	
	Quantidade	%
Haplologia	79	45,1
Haplologia + Outro processo	27	15,4
Nasalização	5	2,9
Desvozeamento	2	1,1
Inserção de uma sílaba	10	5,7
Alteração na vogal temática	15	8,6
Apagamento de sílabas	15	8,6
Outros	22	12,6
Total	175	100

Fonte: elaboração própria.

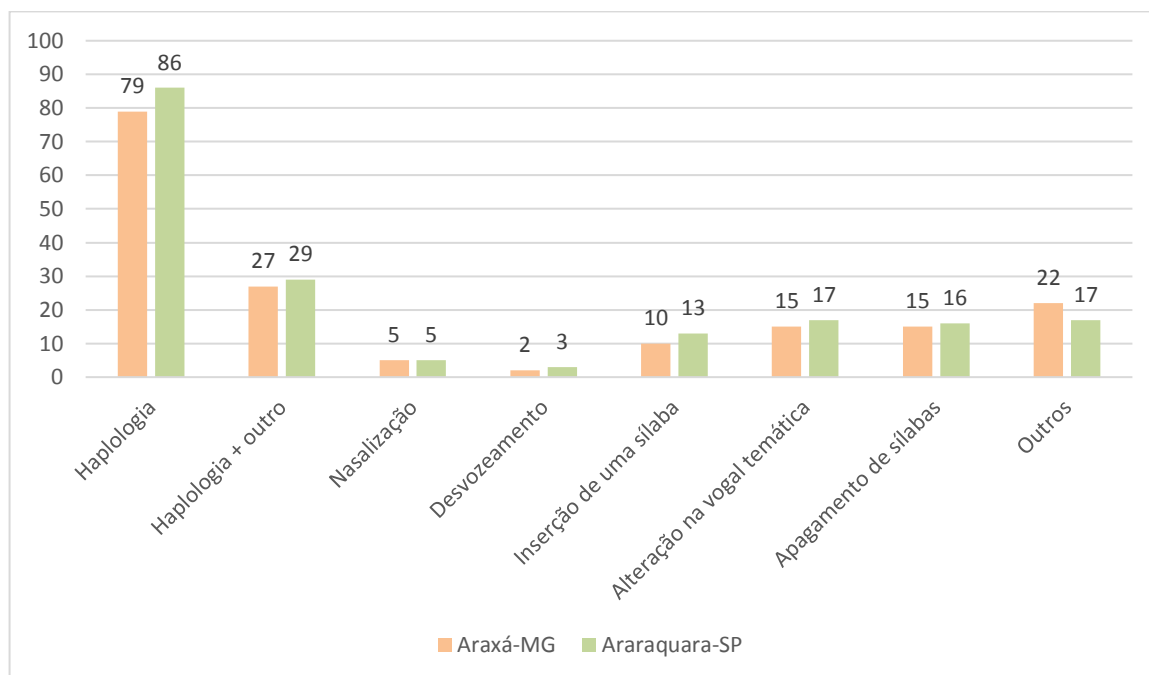
Na tabela acima, apresentamos o número de substantivos deverbais coletados nos jornais de Araxá-MG que apresentam processos morfofonológicos.

Tabela 3.4: Principais processos encontrados nas ocorrências de Araraquara-SP formadas com o sufixo -s/ção.

Processos	Sufixo -s/ção	
	Quantidade	%
Haplologia	86	46,2
Haplologia + Outro processo	29	15,6
Nasalização	5	2,7
Desvozeamento	3	1,6
Inserção de uma sílaba	13	7,0
Alteração na vogal temática	17	9,1
Apagamento de sílabas	16	8,6
Outros	17	9,1
Total	186	100

Fonte: elaboração própria.

Na tabela acima estão representados os números de substantivos deverbais coletados nos jornais de Araraquara-SP que apresentam processos morfofonológicos. Os dados das tabelas anteriores podem ser melhor visualizados no seguinte gráfico:

Gráfico 3.2: Principais processos desencadeados pelo sufixo -s/ção.

Fonte: elaboração própria.

Por meio das tabelas 3.3 e 3.4 e do gráfico 3.2 acima, podemos constatar que os processos morfofonológicos presentes nas ocorrências formadas com o sufixo -s/ção são os mesmos e aparecem em quantidade, praticamente, idêntica para os jornais das cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP. Além disso, observando as tabelas e os gráficos acima, constatamos que, nas ocorrências formadas com o sufixo -s/ção, podemos encontrar diferentes processos morfofonológicos, que podem ser divididos em oito categorias, de modo que o processo com maior número de ocorrências é a Haplologia, que também pode ocorrer combinada com algum outro processo, como a alteração na vogal temática, por exemplo. Além disso, a Haplologia também chama a atenção por estar presente em substantivos formados com o sufixo -s/ção e com verbos das três conjugações. Desse modo, precisamos exemplificar e discutir cada um desses casos, o que será feito a seguir.

3.1.1.1 Haplologia

Nas nossas ocorrências, encontramos diversos casos de haplologia, sendo este o processo mais comum na formação dos substantivos deverbiais com o sufixo *-s/ção*, correspondendo a um total de, aproximadamente, 60% das ocorrências formadas com este sufixo (tabelas 3.3 e 3.4). De acordo com Cagliari (2002a, p. 65), a haplologia é um fenômeno em que, havendo o encontro de duas sílabas iguais, fato que a língua procura evitar, ocorre a eliminação da primeira sílaba.

Desse modo, a Haplologia é um processo que consiste na supressão de uma sílaba, quando da adjacência entre sílabas iguais ou com semelhança fonética, podendo ocorrer, também, no nível sintático. No nível da palavra ou intravocabular, Sandmann (1991, p. 53) cita exemplos como *Candinho* e *Candinha* formados por *Candido* + *inho* → *Candinho* e *Candida* + *inha* → *Candinha*, em que a primeira sílaba ‘di’ é eliminada. A haplologia sintática, ou extravocabular, ocorre quando, numa sequência de palavras com segmentos semelhantes adjacentes, como em “*Universidade de São Paulo*”, um dos segmentos, no caso a sílaba /de/, é apagado, ficando a pronúncia como [u.ni.ver.si.da.dʒi.sãõ'paʊ.lu].

Tenani (2002; 2003) também trata do processo de haplologia, voltando-se, principalmente, para a haplologia extravocabular. De acordo com essa autora, a haplologia varia de acordo com a estrutura prosódica (2002, p. 135; 2003, p. 284), assim, determinados contextos segmentais favorecem o processo, o que veremos, adiante, na análise das ocorrências encontradas no nosso *corpus*. Para Tenani (2002, p. 136; 2003, p. 285), a presença dos traços [+coronal, -contínuo e -nasal], nas duas sílabas, é determinante para que ocorra a queda de uma sílaba, de modo que, em *lei(te) de coco*, a sílaba entre parênteses será apagada. Apesar do fato de as análises de Tenani (2002; 2003) terem sido realizadas observando-se o contexto extravocabular, percebemos que suas afirmações também podem ser relacionadas às nossas análises, que se situam no contexto intravocabular, como veremos adiante.

Neste trabalho, encontramos, além dos casos de haplologia (intravocabular) simples - em que ocorre somente a supressão da última sílaba do tema verbal, quando o sufixo *-s/ção* se junta à base verbal - também a combinação da haplologia com algum outro processo morfofonológico, em que ocorre o apagamento da última sílaba do radical verbal e também alguma alteração fonológica na sílaba imediatamente à esquerda da sílaba apagada. Um exemplo de haplologia combinada com outro processo é o caso da formação do substantivo **aparição** a partir do verbo **aparecer**, em que ocorre o apagamento da sílaba “ce”, [se], e o alteamento da vogal [e], que passa a [i], na sílaba “ri”, [ri]. A haplologia combinada com outros

processos será melhor detalhada adiante. Nas tabelas a seguir apresentamos os números de ocorrências em que encontramos a haplologia simples e a haplologia combinada com outros processos:

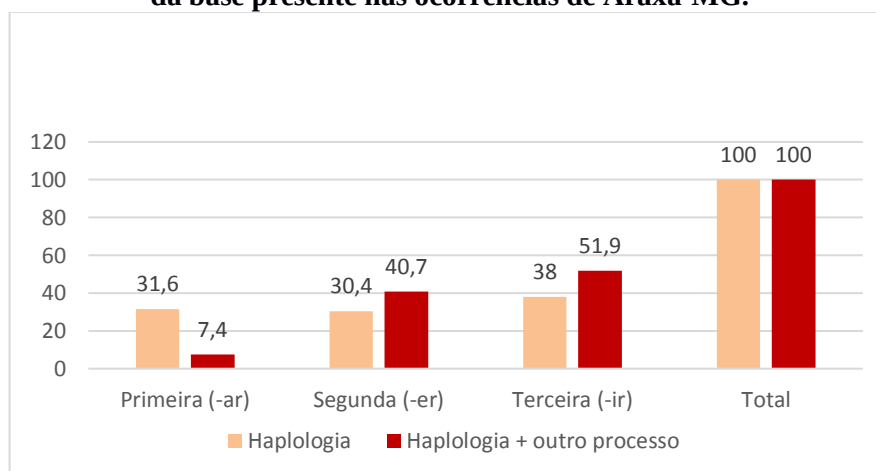
Tabela 3.5: Número de ocorrências com Haplologia de acordo com a conjugação do verbo da base nas ocorrências de Araxá-MG.

Conjugação	Processos			
	Haplologia		Haplologia + Outro processo	
	Quantidade	%	Quantidade	%
1ª (-ar)	25	31,6	2	7,4
2ª (-er)	24	30,4	11	40,7
3ª (-ir)	30	38	14	51,9
Total	79	100	27	100

Fonte: elaboração própria.

Na tabela acima, apresentamos o número de ocorrências, coletadas nos jornais de Araxá-MG, em que encontramos a haplologia simples e a haplologia combinada com outros processos. Podemos constatar que o número de ocorrências, formadas com bases verbais das três conjugações e com o sufixo -s/ção, em que encontramos apenas a haplologia simples é maior do que o número de ocorrências que apresentam a haplologia combinada com outros processos. Observemos agora o seguinte gráfico:

Gráfico 3.3: Porcentagem de ocorrências com Haplologia de acordo com a conjugação do verbo da base presente nas ocorrências de Araxá-MG.



Fonte: elaboração própria.

Observando o gráfico acima, podemos constatar que a haplologia, tanto simples quanto

combinada com outros processos, é mais recorrente nos substantivos formados com bases verbais da terceira conjugação.

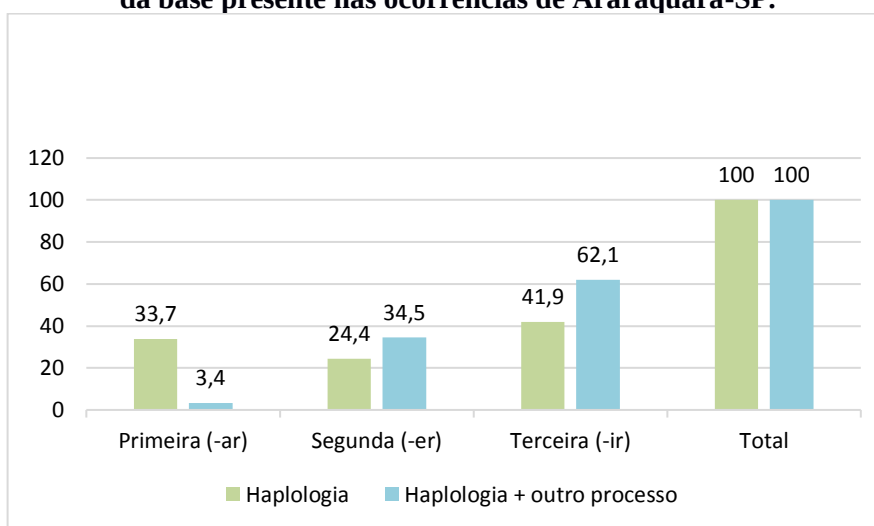
Tabela 3.6: Número de ocorrências com Haplogia de acordo com a conjugação do verbo da base presente nas ocorrências de Araraquara-SP.

Conjugação	Processos			
	Haplogia		Haplogia + Outro processo	
	Quantidade	%	Quantidade	%
1ª (-ar)	29	33,7	1	3,4
2ª (-er)	21	24,4	10	34,5
3ª (-ir)	36	41,9	18	62,1
Total	86	100	29	100

Fonte: elaboração própria.

Na tabela acima apresentamos os números de ocorrências, coletadas nos jornais de Araraquara-SP, em que encontramos a haplogia simples e a haplogia combinada com outros processos. Podemos constatar que o número de ocorrências, formadas com bases verbais das três conjugações e com o sufixo -s/ção, em que encontramos apenas a haplogia simples é maior do que o número de ocorrências que apresentam a haplogia combinada com outros processos. Observemos, então, o seguinte gráfico:

Gráfico 3.4: Porcentagem de ocorrências com Haplogia de acordo com a conjugação do verbo da base presente nas ocorrências de Araraquara-SP.



Fonte: elaboração própria.

Observando o gráfico acima, podemos constatar que a haplogia, tanto simples quanto

combinada com outros processos, é mais recorrente nos substantivos formados com bases verbais da terceira conjugação.

Com as tabelas 3.5 e 3.6 e os gráficos 3.3 e 3.4, que apresentam informações referentes às ocorrências coletadas nos jornais de Araxá-MG e Araraquara-SP, podemos perceber que a Haplologia simples, em que ocorre somente o apagamento da última sílaba da base verbal quando esta se une ao sufixo -s/ção para formar os substantivos verbais, afeta os substantivos formados a partir de bases dos verbos das três conjugações (-ar, -er e -ir), sendo maior o número de ocorrências nos substantivos derivados de verbos da terceira conjugação. Por outro lado, a haplologia combinada com outro processo ocorre principalmente com bases verbais de segunda e terceira conjugações, apresentando apenas um caso de haplologia combinada com outro processo em substantivo formado a partir de base verbal da primeira conjugação, coletada nos jornais de Araraquara-SP. Observemos, agora, como acontece o processo de Haplologia em ocorrências de cada uma das conjugações verbais:

Quadro 3.1: Exemplos de Haplologia.

	Ocorrências		
	edição	proteção	condução
Forma de base	{edita} _{base} {-ção} _{sufixo}	{protege} _{base} {-ção} _{sufixo}	{conduzi} _{base} {-ção} _{sufixo}
Justaposição	editação	protegeção	conduzição
Haplologia	edição	proteção	condução

Fonte: elaboração própria.

Analisando o quadro 3.1 acima, podemos perceber que a Haplologia afeta sílabas distintas “ta” [ta], “ge” [ʒe] e “zi” [zi], no entanto, todas elas possuem diversos traços em comum com o sufixo adicionado à base verbal -ção, o que leva ao seu apagamento nos substantivos formados. Os motivos que levam ao apagamento dessas sílabas nos substantivos deverbais serão especificados mais adiante na subseção “3.2.1.1 Haplologia”, na p. 127.

Vamos observar, agora, alguns casos de haplologia combinada com alterações na vogal temática:

Quadro 3.2: Exemplos de Haplologia combinada com outro processo.

	Ocorrência		
	aparição	descrição	intromissão
Forma de base	{aparece} _{base} {-ção} _{sufixo}	{descreve} _{base} {-ção} _{sufixo}	{intromete} _{base} {-são} _{sufixo}
Justaposição	apareceção	descreveção	intromete(s)são
Haplologia	apareção	descreção	introme(s)são
Alteração na vogal temática	aparição	descrição	intromi(s)são

Fonte: elaboração própria.

Analisando o quadro 3.2 acima, percebemos que a haplologia, nesses casos, também afeta sílabas distintas como “ce” [se], “ve” [ve] e “te” [te], devido ao fato de todas as consoantes dessas sílabas apresentarem traços em comum, como [coronal], [anterior], [contínuo], com a consoante do sufixo -s/ção, o que faz com que o PCO (Princípio do Contorno Obrigatório) entre em ação, inibindo a junção de sílabas com traços semelhantes. Devemos chamar a atenção para a formação de **intromissão**: intromete → intromissão. No substantivo formado, a presença de duas consoantes “s” é apenas um recurso gráfico para indicar o não vozeamento dessa consoante (s → z).

Observando o quadro 3.2, constatamos, também, que a vogal temática média-alta [e] sofre um alteamento, passando a vogal alta [i]. Esse alteamento é resultado, como apontam Villalva e Silvestre (2014, p. 125), do fato de que o sufixo -s/ção neutraliza a vogal temática da segunda e terceira conjugações verbais em [i].

3.1.1.2 Alterações na Vogal Temática

Depois de termos apresentado alguns casos de haplologia - simples e combinada com outros processos - encontrados nas nossas ocorrências, vamos passar, agora, ao estudo das alterações que ocorrem nas vogais temáticas dos verbos derivantes. Para isso, observemos as seguintes tabelas:

Tabela 3.7: Número de ocorrências com alterações na vogal temática com o sufixo –s/ção nas ocorrências de Araxá-MG.

Conjugação	Sufixo -s/ção	
	Quantidade	%
1 ^a	-----	-----
2 ^a	3	20
3 ^a	12	80
Total	15	100

Fonte: elaboração própria.

Na tabela acima, encontramos o número de ocorrências, formadas com -s/ção e divididas de acordo com a conjugação do verbo da base, que apresentam alterações na vogal temática, coletadas nos jornais de Araxá-MG. A seguir, apresentamos essas mesmas informações referentes às ocorrências coletadas nos jornais de Araraquara-SP:

Tabela 3.8: Número de ocorrências com alterações na vogal temática com o sufixo –s/ção nas ocorrências de Araraquara-SP.

Conjugação	Sufixo -s/ção	
	Quantidade	%
1 ^a	-----	-----
2 ^a	5	30
3 ^a	12	70
Total	17	100

Fonte: elaboração própria.

Com as tabelas 3.7 e 3.8 acima, verificamos que as alterações na vogal temática são processos menos comuns nos substantivos formados a partir da adição do sufixo -s/ção a uma base verbal, não apresentando nenhum caso em substantivos formados a partir de verbos da primeira conjugação. Além disso, encontramos mais casos de substantivos com alterações na vogal temática nos textos dos jornais de Araxá-MG.

Os processos de alterações nas vogais temáticas verbais são distintos, de acordo com a conjugação do verbo, sendo que, nos substantivos formados a partir de bases de verbos da segunda conjugação, ocorre o alteamento da vogal temática, enquanto nos substantivos formados a partir de verbos da terceira conjugação, constatamos que ocorre o apagamento da vogal temática. Desse modo, observemos o seguinte quadro:

Quadro 3.3: Exemplos de alterações na vogal temática verbal.

	Ocorrências		
	previsão	instrução	inserção
Forma de base	{preve} _{base} {-são} _s	{instrui} _{base} {-ção} _s	{inseri} _{base} {-ção} _s
Justaposição	prevesão	instruição	inseriçã
Alteração na vogal temática	previsão	instrução	inserção

Fonte: elaboração própria.

Com o quadro acima, podemos perceber que as alterações na vogal temática verbal são distintas. No caso de **previsão**, o processo observado é o alteamento dessa vogal, passando de [e] a [i] como verificamos em [ve] → [vi], além de que a consoante do sufixo -s/ção adquire vozeamento, passando de [s] a [z]. A alternância de [e] → [i] pode ser explicada pelo fato de que, como explica Câmara Jr. (2015[1970], p. 105), a segunda e terceira conjugações pertencem a uma mesma classe, em oposição à classe que engloba os verbos de primeira conjugação. Essa divisão em duas classes é resultado da evolução do sistema latino de conjugações verbais.

Já em **instrução**, o processo que ocorre é o apagamento da vogal temática, que é suprimida na forma derivada: **instruir** → **instru_ção**. A queda da vogal temática se dá pelo fato de que essa vogal não é essencial para a boa formação do conjunto de sílabas da palavra, então ela **pode ser** suprimida. Porém, ela poderia ser mantida, sem que isso causasse problemas estruturais. Então, o fato de ela não ser essencial é o motivo de ela poder ser apagada.

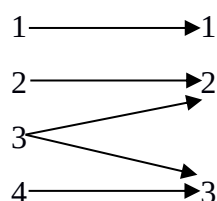
Por fim, observamos que em **inserção**, também ocorre o apagamento da vogal temática **inserir** → **inser_ção**. Neste caso, com o apagamento da VT, a consoante ‘r’ ficou flutuante, pois ela não poderia constituir um nó silábico sozinha, já que, no português, consoantes não podem ser núcleo de sílaba. Sendo assim, ela teve que se ligar a outra sílaba. Como não pode existir um núcleo ramificado constituído pelas consoantes [rs], o que aconteceria se ela se juntasse ao sufixo, a única saída foi se agregar como coda da sílaba anterior, respeitando as regras de formação de sílabas da língua.

Essas alterações nas vogais temáticas podem ser explicadas pela evolução do sistema latino de quatro conjugações verbais, causando a perda do contraste entre a duração das vogais (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 127). Assim, os verbos da primeira conjugação latina (tema em -a), foram integrados à primeira conjugação do Português, o que explica a grande regularidade desses verbos. Mas a segunda conjugação do Português integrou verbos da segunda e terceira conjugações latinas, (tema em -e longo e -e breve, respectivamente),

enquanto a terceira conjugação recebeu verbos da terceira e quarta conjugações latinas (tema em **-e** breve e em **-i**, respectivamente) (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 127). Desse modo, os verbos pertencentes à segunda e à terceira conjugações podem apresentar alternância entre [e] e [i], já que, de acordo com Câmara Jr. (2015[1970], p. 105), a segunda e terceira conjugações pertencem a uma mesma classe. Essas afirmações podem ser melhor compreendidas se observamos o seguinte esquema, adaptado de Villalva e Silvestre (2014, p. 127):

(3.5)

Latim > Português



amāre (C1)	>	amar (C1)
placēre (C2)	>	prazer (C2)
bibēre (C3)	>	beber (C2)
fugēre (C3)	>	fugir (C3)
sentīre (C4)	>	sentir (C3)

Dessa forma, devido à evolução do sistema latino, os verbos de segunda e terceira conjugações apresentam algumas irregularidades, de modo que, quando formamos substantivos deverbais com verbos dessas conjugações, o sufixo **-s/ção** exibe a neutralização da vogal temática da segunda e terceira conjugações em [i] (VILLALVA e SILVESTRE, 2014, p. 125).

Villalva e Silvestre (2014, p. 125-126) mostram que os sufixos podem se dividir em três classes: a) **-dela, -deira, -diço, -dio, -dor, -dura, -nte**; b) **-ção, -da, -do, -mento, -vel**; e c) **-ncia, -ndo**. O conjunto “a” associa-se a temas verbais que exibem a vogal temática na forma que ela assume no infinitivo. O grupo “b” neutraliza a vogal temática na segunda e terceira conjugações em [i]. O grupo “c” neutraliza a vogal temática da segunda e terceira conjugações em [e], que se nasaliza devido à influência da consoante no sufixo.

Os autores chamam a atenção, ainda, para a existência (na sufixação e na flexão) de um tema verbal (TV) no infinitivo (que realiza a vogal temática de forma distinta nas três conjugações), um tema verbal no passado (que neutraliza a distinção entre as vogais da segunda e terceira conjugações em [i]) e um tema verbal do presente (que neutraliza a distinção entre a vogal temática da segunda e da terceira conjugações em [e]). Assim, em relação ao TV infinitivo temos: **observa** (1ª conjugação), que forma **observa** → **observador**; **rege** (2ª conjugação), que forma **rege** → **regedor**; e **conferi** (3ª conjugação), que forma **conferi** → **conferidor**. Em relação ao TV passado temos: **observa** (1ª conjugação), que forma **observa** → **observável**; **regi** (2ª conjugação), que forma **regi** → **regível**; e **conferi** (3ª conjugação), que

forma **conferi** → **conferível**. Por fim, em relação ao TV presente temos: **observa** (1ª conjugação), que forma **observa** → **observância**; **rege** (2ª conjugação), que forma **rege** → **regência**; e **confere** (3ª conjugação), que forma **confere** → **conferência** (VILLALVA e SILVESTRE, 2014, p. 125).

3.1.1.3 Inserção de uma sílaba

Esse processo foi encontrado, basicamente, nos verbos de segunda conjugação, derivados do verbo **por** (segunda conjugação, **poer**), incluindo também este verbo. Foram encontradas um total de treze ocorrências em que esse processo se verifica, sendo que dez delas ocorrem nos textos dos jornais de Araxá-MG e Araraquara-SP: **composição**, **decomposição**, **deposição**, **disposição**, **exposição**, **imposição**, **oposição**, **posição**, **proposição** e **suposição**, enquanto **contraposição**, **preposição** e **predisposição** ocorrem apenas nos textos dos jornais de Araraquara-SP.

Tabela 3.9: Número de ocorrências com inserção de uma sílaba com o sufixo –s/ção presentes jornais de Araxá-MG.

Conjugação	Sufixo -s/ção	
	Quantidade	%
1ª	-----	-----
2ª	10	100
3ª	-----	-----
Total	10	100

Fonte: elaboração própria.

Na tabela acima, apresentamos o número de ocorrências, que apresentam a inserção de uma sílaba, coletadas nos jornais de Araxá-MG e divididas de acordo com a conjugação do verbo da base. A seguir, apresentamos a tabela com essas mesmas informações referentes às ocorrências coletadas nos jornais de Araraquara-SP:

Tabela 3.10: Número de ocorrências com inserção de uma sílaba com o sufixo –s/ção presentes jornais de Araxá-MG.

Conjugação	Sufixo -s/ção	
	Quantidade	%
1ª	-----	-----
2ª	13	100
3ª	-----	-----
Total	13	100

Fonte: elaboração própria.

O processo de inserção pode ser descrito da seguinte maneira:

(3.6) $\{\{Xpo\}_{TV} si \}ção\}_s$

Em que:

X: prefixo presente no verbo derivante;

si: sílaba inserida;

TV: tema verbal;

S: substantivo formado.

Segundo Kehdi (2003, p. 7), **por** é a evolução do verbo latino *ponere*, de modo que essa evolução é o resultado de adaptações fonológicas ao longo do tempo e pode ser resumida da seguinte maneira:

(3.7)

ponere > ponére > poner > põer > poer > pôr

Assim, a formação do substantivo **imposição** ocorre da seguinte maneira:

(3.8)

$\{\{\underline{im}po\}_{TV} si \}ção\}_s$

A inserção da sílaba ‘si’ nos substantivos sufixados cujas bases verbais derivam do verbo “por” em sua constituição pode ser verificada no seguinte quadro:

Quadro 3.4: Ocorrências com inserção de uma sílaba.

Ocorrências	Forma de base	Justaposição	Inserção da sílaba
composição	{compo} _{base} {-ção} _s	compoção	composi <u>ção</u>
contraposição	{contrapo} _{base} {-ção} _s	contrapoção	contraposi <u>ção</u>
decomposição	{decompo} _{base} {-ção} _s	decompoção	decomposi <u>ção</u>
deposição	{depo} _{base} {-ção} _s	depoção	deposi <u>ção</u>
disposição	{dispo} _{base} {-ção} _s	dispoção	disposi <u>ção</u>
exposição	{expo} _{base} {-ção} _s	expoção	exposi <u>ção</u>
imposição	{impo} _{base} {-ção} _s	impoção	imposi <u>ção</u>
oposição	{opo} _{base} {-ção} _s	opoção	oposi <u>ção</u>
posição	{po} _{base} {-ção} _s	poção	posi <u>ção</u>
preposição	{prepo} _{base} {-ção} _s	prepoção	preposi <u>ção</u>
predisposição	{predispo} _{base} {-ção} _s	predispoção	predisposi <u>ção</u>
proposição	{propo} _{base} {-ção} _s	propoção	proposi <u>ção</u>
suposição	{supo} _{base} {-ção} _s	supoção	suposi <u>ção</u>

Fonte: elaboração própria.

De acordo com Monteiro (2002, p. 128-129), o infinitivo do verbo *por* é [po](e)r e a sua conjugação, no pretérito perfeito, é [pus]e[ø]ste]; além disso, o constituinte [po] é o radical [poN] sem a nasalização, fenômeno que ocorre no futuro do presente, como em [po]øre[i], no futuro do pretérito, como em [po]øria[ø], e no infinitivo [po]ø[r].

A explicação para a inserção dessa sílaba quando ocorre a formação dos substantivos derivados do verbo **por** está no fato de que o tema do verbo é **poe-** e o radical primário é **po-**, que vem do Latim *poer*. Apesar de essa vogal temática não aparecer no infinitivo (*por*), ela ainda existe, sincronicamente, e aparece na conjugação verbal (*pusemos*, *puseram*) e em palavras derivadas (*poente*, *poedeira*). Desse modo, se o tema do verbo **por** é **poe-**, temos como regra de formação de substantivos deverbais o seguinte: {poe}_{TV} + {sãõ}_{suf}.

No entanto, uma particularidade desse verbo, que nós devemos levar em consideração, é que, quando a vogal temática está presente na conjugação, o radical escolhido não é **po-**, mas ‘pus’, um alomorfe. Dessa forma:

(3.9) Pus

Pus+e+Ø+ste

Pos

Pus+e+Ø+mos

Pus+e+Ø+stes

Pus+e+ra+m

A partir desse fato, podemos, também, afirmar que o radical usado nessa derivação com -ção é o alomorfe pos-, o que geraria o tema ‘pose’, sendo a regra, portanto, {pose}_{TV}+{ção}_{suf} → {poseção}_{subst}. Desse modo, ocorre apenas o alteamento da vogal temática, processo já verificado anteriormente em ocorrências formadas a partir de verbos da segunda conjugação, como podemos observar em: {poseção} → [pozisãõ].

Outra explicação para a inserção dessa sílaba nos substantivos derivados do verbo por pode ser baseada na afirmação de Câmara Jr. (1979, p. 157) de que a forma **pôs**, deriva do latim vulgar *posi*. Assim podemos imaginar, também, que, na derivação com o sufixo -ção, o alomorfe escolhido é **pôs**; no entanto, a escolha por esse alomorfe traz como *output* a forma latina *posi*, presente nos substantivos derivados, que se justapõe ao sufixo para a formação desses substantivos.

Nesta dissertação, optamos pela primeira interpretação, já que se trata de uma explicação sincrônica e o nosso trabalho opta pela abordagem sincrônica dos processos. Assim, a VT aparece quando o radical é um alomorfe: pos. Então, nesses casos, temos um tema alomórfico {pose}, em que vai ocorrer o alteamento da VT: [e] → [i].

3.1.1.4 Nasalização

A nasalização também é um processo pouco recorrente dentre os substantivos deverbiais analisados. Esse processo foi observado em quatro ocorrências, formadas a partir de verbos da segunda conjugação, com a adição do sufixo -ção, sendo elas **abstenção**, **obtenção** e **retenção**, que aparecem em textos dos jornais de Araxá-MG e Araraquara-SP, e **detenção**, que só foi encontrada em textos de jornais da cidade de Araxá-MG.

Encontramos, também, dois casos de nasalização em substantivos derivados de verbos da terceira conjugação, sendo esses casos **intervenção**, que aparece nos textos dos jornais de Araxá-MG e Araraquara-SP, e **contravenção**, que ocorre somente em textos dos jornais de

Araraquara-SP. Esses resultados podem ser melhor visualizados nas tabelas seguintes:

Tabela 3.11: Número de ocorrências com nasalização com o sufixo –s/ção nas ocorrências de Araxá-MG.

Conjugação	Sufixo -s/ção	
	Quantidade	%
1 ^a	-----	-----
2 ^a	4	80
3 ^a	1	20
Total	5	100

Fonte: elaboração própria.

Na tabela acima, apresentamos o número de ocorrências em que encontramos a nasalização, divididas de acordo com a conjugação do verbo da base, coletadas nos jornais de Araxá-MG. Na tabela seguinte, apresentamos essas mesmas informações referentes às ocorrências coletadas nos jornais de Araraquara-SP:

Tabela 3.12: Número de ocorrências com nasalização com o sufixo –s/ção nas ocorrências de Araraquara-SP.

Conjugação	Sufixo -s/ção	
	Quantidade	%
1 ^a	-----	-----
2 ^a	3	60
3 ^a	2	40
Total	5	100

Fonte: elaboração própria.

Tomando como exemplo a ocorrência de **abstenção**, poderíamos pensar que a formação desse substantivo se dá da seguinte maneira:

$$\begin{array}{ccccccc}
 (3.10) & & [\text{abste}] & \rightarrow & [\text{abstesãõ}] & \rightarrow & [\text{abistêsãõ}] \\
 & & \downarrow & & \downarrow & & \\
 & & \text{justaposição} & & \text{nasalização} & &
 \end{array}$$

Uma das possibilidades de interpretação é que o traço [+nasal], presente na vogal do sufixo, se espalha para a vogal da sílaba final do tema, já que o espraçamento de traços é um fenômeno comum no PB e explicado pela Geometria de Traços. No entanto, devemos chamar a atenção para o fato de que os verbos derivantes de segunda conjugação, que fornecem as bases

para a sufixação e formação dos substantivos são todos derivados do verbo **ter**, que deriva da forma latina **tenēre**: **abster** → **abstenção**, **deter** → **detenção**, **obter** → **obtenção** e **reter** → **retenção**. De acordo com Monteiro (2002, p. 131), o radical teórico do verbo **ter** é [teN] ([tê]), desse modo, a nasalização ocorre devido à seleção desse radical para a formação dos substantivos deverbais, e não o radical do infinitivo **te-**.

De maneira semelhante, podemos observar que os verbos derivantes de terceira conjugação, cujas bases são utilizadas na formação dos substantivos deverbais, são derivados do verbo **vir**, que deriva da forma latina **venīre**: **intervir** → **intervenção** e **contravir** → **contravenção**. Monteiro (2002, p. 131- 132) afirma que o verbo **vir** apresenta a forma atemática [veN] ([vê]) que aparece na segunda e terceira pessoas do singular e na terceira do plural do presente do indicativo, de maneira semelhante ao verbo **ter**. Dessa forma, podemos afirmar que, para a formação dos substantivos deverbais com os verbos derivantes que apresentam em sua estrutura o verbo **vir**, é utilizado o alomorfe /vê/, e o radical verbal vi-. Desse modo, a formação desses substantivos ocorre apenas pela justaposição do sufixo -ção às bases verbais terminadas em [tê] e [vê], assim como explica Prado (2010, p. 115-116). A regra de formação desses substantivos pode ser determinada da seguinte maneira:

$$(3.11) \{ \{ X t \tilde{e} \}_{TV} \} \text{ção} \}_S$$

Em que:

X: prefixo presente no verbo derivante;

TV: tema verbal alomórfico;

S: substantivo formado.

$$(3.12) \{ \{ X v \tilde{e} \}_{TV} \} \text{ção} \}_S$$

Em que:

X: prefixo presente no verbo derivante;

TV: tema verbal alomórfico;

S: substantivo formado.

Baseando-nos na regra de formação dos substantivos deverbiais cujas bases são terminadas por [tê] e [vê], como mostramos nos exemplos 3.11 e 3.12 acima, podemos afirmar, enfim, que esses substantivos são formados do seguinte modo:

Quadro 3.5: Formação dos substantivos que possuem [tê] na base.

	Ocorrências			
	abstenção	detenção	obtenção	retenção
Forma de base	{abstê}_base {-ção}_s	{detê}_base {-ção}_s	{obtê}_base {-ção}_s	{retê}_base {-ção}_s
Justaposição	abstenção	detenção	obtenção	retenção

Fonte: elaboração própria.

No quadro anterior apresentamos quatro casos de substantivos formados pela regra representada em 3.11. Esses substantivos são formados a partir de bases verbais que apresentam “ter” na sua base, acionando o alomorfe [tê]. No quadro a seguir, apresentamos dois casos de substantivos formados pela regra representada em 3.12, sendo que nesses casos, a formação dos substantivos se dá pelo acionamento do alomorfe [vê]:

Quadro 3.6: Formação dos substantivos que possuem [vê] na base.

	Ocorrências	
	intervenção	contravenção
Forma de base	{intervê}_base {-ção}_s	{contravê}_base {-ção}_s
Justaposição	intervenção	contravenção

Fonte: elaboração própria.

Para Câmara Jr. (2015[1970], p. 111), a mudança no radical é muito relevante e contribui para as noções gramaticais de modo-tempo e número-pessoa; além disso, “a mudança no radical é que é verdadeiramente importante e cria uma série de padrões morfológicos verbais”.

Monteiro (2002, p. 121) afirma que “há verbos que causam certas dificuldades na interpretação de seus constituintes” e ainda “o problema maior diz respeito ao tema, sujeito a alomorfias ou alternâncias”, como verificamos nas análises anteriores. Assim, o autor (MONTEIRO, 2002, p. 121) considera que os verbos irregulares apresentam dois temas: um no infinitivo (T) e um do pretérito perfeito (T') e, algumas vezes, este último pode ser da segunda conjugação, com vogal temática [ɛ] em vez de [e], correspondendo a um infinitivo da primeira conjugação (T = **estar** e T' = **estiver**; T = **dar** e T' = **der**). Em outros momentos, T é da segunda conjugação e T' da terceira (T = **ver** e T' = **vir**), desse modo, T' deve ser interpretado como

alomorfe de T.

Para concluir, enfim, devemos afirmar que a nasalização da vogal é resultado de uma alomorfia, não-condicionada, no radical e que, portanto, não se trata, exatamente, de um processo morfofonológico, mas de uma escolha morfológica, uma alomorfia puramente morfológica.

3.1.1.5 Desvozeamento

Um processo pouco recorrente, mas que merece a nossa atenção neste trabalho, é o processo de desvozeamento, presente em algumas ocorrências encontradas no nosso *corpus*. O processo de desvozeamento está presente tanto em **natação** e **rotação**, que derivam dos verbos **nadar** e **rodar**, pertencentes à primeira conjugação, quanto em **petição**, que deriva do verbo **pedir** da terceira conjugação. A distribuição das ocorrências com desvozeamento, de acordo com a conjugação do verbo derivante, pode ser observada na seguinte tabela:

Tabela 3.13: Número de ocorrências com desvozeamento com o sufixo –s/ção presentes nas ocorrências de Araxá-MG.

Conjugação	Sufixo -s/ção	
	Quantidade	%
1 ^a	1	50
2 ^a	-----	-----
3 ^a	1	50
Total	2	100

Fonte: elaboração própria.

Na tabela acima, apresentamos os casos de substantivos, que apresentam o desvozeamento, divididos de acordo com a conjugação do verbo da base coletados nos jornais de Araxá-MG. Na tabela a seguir, apresentamos essas mesmas informações para os substantivos coletados nos jornais de Araraquara-SP:

Tabela 3.14: Número de ocorrências com desvozeamento com o sufixo –s/ção presentes nas ocorrências de Araraquara-SP.

Conjugação	Sufixo -s/ção	
	Quantidade	%
1 ^a	2	66,7
2 ^a	-----	-----
3 ^a	1	33,3
Total	3	100

Fonte: elaboração própria.

Nos três casos, **nadar**, **rodar** e **pedir**, temos a presença de uma consoante oclusiva alveolar vozeada no radical do verbo derivante, [d], que passa para oclusiva alveolar desvozeada, [t], na forma derivada. Assim, na formação de **natação**, **rotação** e **petição**, a consoante dos verbos **nadar**, **rodar** e **pedir** perde o traço [+voz], passando a [-voz].

O desvozeamento da consoante [d], no substantivo derivado, deve-se ao processo de assimilação de traços, que ocorre entre essa consoante e a consoante do sufixo [s], que é uma fricativa alveolar desvozeada, isto é [-voz], traço que foi assimilado por [d], transformando-a em [t]. Essas informações serão retomadas e esclarecidas quando, adiante, apresentarmos as nossas análises baseando-nos na TGT.

3.1.1.6 Outros processos

Dentre as nossas ocorrências formadas com o sufixo -s/ção, encontramos diversos casos que apresentam alterações na base verbal das três conjugações, no entanto os processos não seguem um padrão determinado. Esses casos foram encontrados nos jornais de Araxá-MG e Araraquara-SP, como podemos visualizar a seguir:

Tabela 3.15: Distribuição dos diversos processos encontrados.

Conjugação	Sufixo -s/ção			
	Araxá-MG		Araraquara-SP	
	Quantidade	%	Quantidade	%
1ª (-ar)	1	4,5	-----	
2ª (-er)	14	63,7	13	76,5
3ª (-ir)	7	31,8	4	23,5
Total	22	100	17	100

Fonte: elaboração própria.

Nas ocorrências presentes no nosso *corpus*, verificamos a presença de diversas alterações no radical verbal que não seguem um padrão e não se encaixam em nenhuma das descrições anteriormente realizadas. Como observamos na tabela acima, esses processos afetam principalmente os substantivos formados a partir de verbos da segunda e terceira conjugações. Observemos o seguinte quadro:

Quadro 3.7: Exemplos de ocorrências com processos distintos.

	Ocorrências		
	concepção	repulsão	possessão
Forma de base	{concebe} _{base} {-ção} _s	{repeli} _{base} {-ção} _s	{possui} _{base} {-ção} _s
Justaposição	concebeção	repelição	possuição
Processo x	Desvozeamento de [p]?	Apagamento da VT e mudança da vogal do radical?	Apagamento da VT e mudança da vogal do radical?

Fonte: elaboração própria.

Em **concepção**, derivado do verbo **conceber**, ocorre o apagamento da vogal temática [e], e a consoante [b] sofre o processo de desvozeamento, perdendo o traço [+voz], transformando-se em [p], esse mesmo processo se repete em **receber** → **recepção** e **perceber** → **percepção**.

Já em **repulsão**, que deriva do verbo **repelir**, verificamos que ocorre o apagamento da VT [i] além de a vogal [e] da penúltima sílaba ser substituída pela vogal /u/. Nesta ocorrência, acreditamos que /l/ foi inserido na grafia para representar um ditongo, que, foneticamente, pode ser representado por [uɔ]. O ‘l’ será pronunciado como ditongo, pois foi agregado à coda da sílaba anterior, por conta do apagamento da VT. Trata-se, então, de ressilabificação após supressão da VT, como já ocorreu em outros casos. O que difere neste caso é a troca de [e] por [u], que poderia ser tratada como harmonia vocálica com a última vogal do sufixo, adquirindo os traços desta. Outra explicação para a formação de **repulsão** está no fato de que esse substantivo se relaciona semanticamente com esse verbo, mas não é derivado. Esse substantivo entrou diretamente pela forma latina *rēpulsio*. No caso de **possessão**, que deriva de **possuir**, ocorre o apagamento da vogal [u] da sílaba ‘su’, e o abaixamento da vogal temática [i], que passa a [e].

O único caso de substantivo derivado de verbo da primeira conjugação é **ressurreição**, que deriva do verbo **ressuscitar**. Neste caso, o que podemos afirmar é que o verbo **ressuscitar** originou-se da forma latina *resuscitare*, de acordo com a Infopédia³⁰, enquanto que o

³⁰ A Infopédia é uma página da Internet da Porto Editora que reúne diversos dicionários seus. Trata-se de uma ferramenta bastante útil, possibilitando consultas em Português, Espanhol, Inglês, Alemão, Francês, Italiano e Neerlandês. Assim, ao digitarmos uma palavra, como **coesão**, por exemplo, a Infopédia fornece, além dos significados dessa palavra, o étimo latino, que corresponde a *cohaesiōne*. Além disso, a Infopédia fornece também informações acerca da variedade do latim à qual essa palavra pertence. Dessa forma, podemos saber que uma palavra como **correlação** (*correlatio*) pertence ao **Latim Tardio**, ou **devolução** (*devolutio*), pertence ao **Latim Medieval**. A utilização da Infopédia é importante, pois, além de informar o étimo latino, ela informa também se as palavras são empréstimos de outras línguas, como, por exemplo, **eclosão**, que é um empréstimo do Francês (*eclosion*), ou **concussão**, que se trata de um empréstimo do Inglês (*concussion*).

substantivo **ressurreição** deriva da forma latina *resurrectiōne* ou *rěssurětĭo*, de acordo, respectivamente, com a Infopédia e com a *Perseus*³¹, por isso as diferenças constatadas.

Os casos de substantivos formados a partir de verbos da segunda e terceira conjugações, que apresentam irregularidades nas suas formações, podem ser explicados, como já dito anteriormente, pela evolução do sistema latino de quatro conjugações, que deu origem às três conjugações do português (VILLALVA; SILVESTRE, 2015, p. 127). Além disso, podemos afirmar que, dentre esses casos, há substantivos que se relacionam semanticamente aos verbos, mas não são derivados, pois tiveram a sua origem em formas latinas que passaram diretamente ao Português, sem que houvesse o processo de sufixação, enquanto que os verbos também se originaram em formas latinas distintas, como nos casos de *repellĕre* → repelir / *rěpulsĭo* → repulsão e *audĭre* → ouvir / *audĭtĭo* → audição.

3.1.2 Processos morfofonológicos desencadeados pelo sufixo -mento

Nas nossas ocorrências formadas com o sufixo -mento, encontramos um processo mais recorrente que consiste no alteamento da vogal temática que ocorre, por exemplo, em **apodrecer** → **apodrecimento**. Nos jornais de Araxá-MG, encontramos 48 ocorrências em que esse processo está presente. Nos jornais de Araraquara-SP, encontramos 58 ocorrências em que está presente a alteração da vogal temática, além de outros dois casos, em que ocorrem processos distintos: **entretenimento** e **depoimento**. Observemos as tabelas e o gráfico a seguir:

Tabela 3.16: Principais processos encontrados nas ocorrências de Araxá-MG com o sufixo -mento.

Processos	Sufixo -mento	
	Quantidade	%
Alteração na vogal temática	48	100
Outros	-----	-----
Total	48	100

Fonte: elaboração própria.

Na tabela anterior, apresentamos o número de ocorrências em que encontramos o alteamento da vogal temática coletadas nos jornais de Araxá-MG. Na tabela a seguir, inserimos, além do número de ocorrências em que encontramos o alteamento da vogal temática, o número de ocorrências, formados com -mento, que apresentam outros processos, coletadas nos jornais

³¹ A *PerseusDigital Library* é uma página da Internet que possibilita ao usuário fazer pesquisa em diversos dicionários. Para a realização deste trabalho, utilizamos os dicionários *An Elementary Latin Dictionary*, de Charlton T. Lewis e o *A Latin Dictionary*, de Charlton T. Lewis e Charles Short.

de Araraquara-SP:

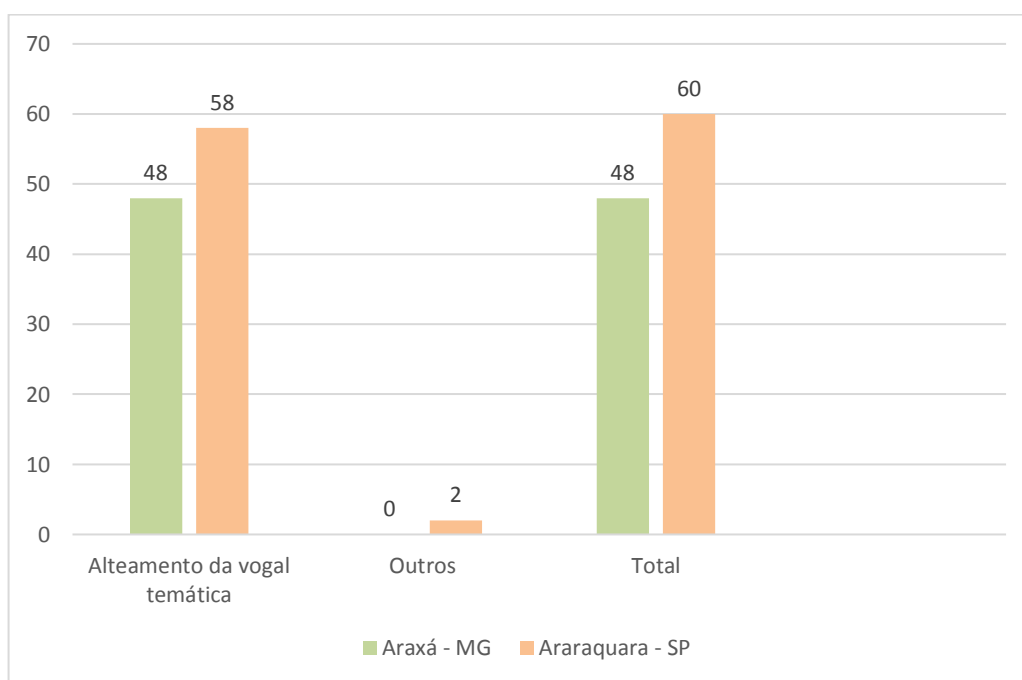
Tabela 3.17: Principais processos encontrados nas ocorrências de Araraquara-SP com o sufixo -mento.

Processos	Sufixo -mento	
	Quantidade	%
Alteração na vogal temática	58	97
Outros	2	3
Total	60	100

Fonte: elaboração própria.

Os dados das tabelas acima também podem ser visualizados no seguinte gráfico:

Gráfico 3.5: Processos desencadeados pelo sufixo -mento.



Fonte: elaboração própria.

De acordo com a tabela e o gráfico acima, percebemos que as ocorrências formadas com o sufixo -mento são mais regulares quando comparadas àquelas formadas com o sufixo -s/ção. O processo morfofonológico mais comum nos substantivos deverbiais formados por sufixação com -mento é o alteamento da vogal temática. Esse processo está presente em 100% das ocorrências formadas por sufixação, que apresentam alterações na base, coletadas nos jornais de Araxá-MG, e em mais de 90% das ocorrências formadas por sufixação, com alguma alteração na base verbal, encontradas nos jornais de Araraquara-SP. Esse processo será melhor discutido e exemplificado adiante.

3.1.2.1 Alterações na vogal temática

Como vimos anteriormente, o principal processo encontrado nas ocorrências formadas com o sufixo -mento é alteamento da vogal temática, que afeta os substantivos formados a partir de verbos da segunda, como observamos na tabela seguinte:

Tabela 3.18: Distribuição das ocorrências com alteração na vogal temática com o sufixo –mento.

Conjugação	Araxá-MG		Araraquara-SP	
	Quantidade	%	Quantidade	%
1 ^a	-----	-----	-----	-----
2 ^a	48	100	58	100
3 ^a	-----	-----	-----	-----
Total	48	100	58	100

Fonte: elaboração própria.

O processo de alteamento da vogal temática é o mesmo em todos os casos encontrados: a vogal temática verbal média-alta [e] passa a vogal alta [i], o que se deve, novamente, ao fato apresentado e descrito por Villalva e Silvestre (2014, p. 125) de que o sufixo -mento desencadeia uma neutralização, na segunda e terceira conjugações verbais, da vogal temática em [i], já que os verbos dessas duas conjugações pertencem a uma mesma classe (CÂMARA JR., 2015[1970], p. 105). No quadro 3.8, a seguir podemos visualizar como ocorre esse processo:

Quadro 3.8: Processo alteamento da vogal temática.

	Ocorrências			
	crescimento	movimento	nascimento	vencimento
Forma de base	{cresce} _{base} {-mento} _s	move _{base} {-mento} _s	nasce _{base} {-mento} _s	vence _{base} {-mento} _s
Justaposição	crescimento	movimento	nascimento	vencimento
Alteração na Vogal Temática	crescimento	movimento	nascimento	vencimento

Fonte: elaboração própria.

Esse processo de alteamento da vogal temática também será analisado a seguir, quando apresentaremos as nossas análises baseadas na Teoria de Geometria de Traços.

3.1.2.2 Outros casos

Dentre os substantivos formados com o sufixo -mento que apresentam alterações na base verbal, encontramos dois casos que chamaram a nossa atenção e merecem ser discutidos, que são: **entretenimento** e **depoimento**, que foram encontrados nos textos dos jornais de Araraquara-SP. Como podemos visualizar na tabela 3.19 a seguir, ambos os substantivos são formados com bases verbais da segunda conjugação:

Tabela 3.19: Outros casos de processos nos substantivos formados com -mento.

Conjugação	Sufixo	
	-mento	
	Quantidade	%
1ª (-ar)	-----	-----
2ª (-er)	2	100
3ª (-ir)	-----	-----
Total	2	100

Fonte: elaboração própria.

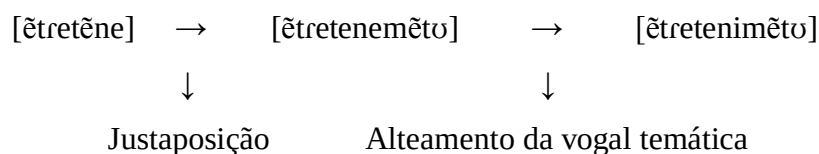
O caso de **entretenimento** é similar aos casos de substantivos formados com -s/ção a partir de verbos que apresentam /ter/ em sua estrutura, já que o verbo derivante **entreteter**, deriva do verbo **ter**. Como já mostramos anteriormente e de acordo com Monteiro (2002, p. 131), o radical teórico do verbo **ter** é [teN] ([tê]), que se palataliza na primeira pessoa do presente do indicativo (**tenho**), alomorfa que se repete ao longo de todo o presente do subjuntivo, mas, nas demais pessoas do presente do indicativo, o radical é despalatalizado e sem vogal temática. Assim, para a formação do substantivo **entretenimento**, a base escolhida não é o tema /entrete-/ , mas o alomorfe do radical /entreten-/ , com a consoante nasal /n/. A vogal [i] inserida entre o radical verbal e o sufixo é resultado da reestruturação silábica, já que, sem a presença dessa vogal, teríamos uma estrutura com travamento silábico com consoante nasal seguida de sílaba iniciada por consoante nasal, o que vai de encontro ao PCO, que proíbe a junção de segmentos com conformação de traços semelhantes.

Outra explicação para a formação desse substantivo pode ser devido ao fato de se tratar de uma palavra derivada do verbo castelhano *entretener*, de acordo com a Infopédia³², de modo que o substantivo chegou até o Português como derivado diretamente do verbo *entretener*,

³² Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/entretener>.

enquanto que o verbo sofreu a queda da sílaba [ne], num momento passado da língua. Como no Português é comum a alternância entre as vogais [e] e [i], esse substantivo também sofreu o alteamento da sua vogal temática verbal. Assim, poderíamos supor que a formação desse substantivo se deu da seguinte maneira:

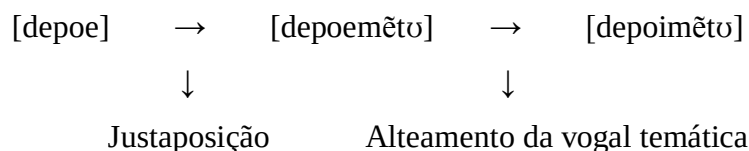
(3.13)



Essa opção também é válida, já que esse substantivo é muito antigo, ocorrendo em textos datados do século XVII, como podemos constatar na página do Corpus do Português³³.

O caso de **depoimento** pode ser comparado aos substantivos formados com -s/ção a partir de verbos derivados de **por**, já que o verbo derivante **depor** é formado a partir de **por**. A explicação para o surgimento desse substantivo deve-se ao fato de que o tema do verbo **por** é **poe-** e o radical primário é **po-**, que vem do Latim *poer*. Desse modo, se o tema do verbo **por** é **poe-**, temos como regra de formação desse substantivo a seguinte: {poe}_{TV} + {mêto}_{suf}. Assim, o processo presente neste substantivo deverbal é, novamente, o alteamento da vogal temática, que afeta praticamente todos os substantivos derivados de verbos da segunda conjugação, como podemos observar no seguinte esquema:

(3.14)



No esquema acima, representamos o processo morfofonológico presente na formação do substantivo **depoimento**, que ocorre devido ao alteamento da vogal temática [e] do tema verbal **poe-**.

³³ Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>.

3.2 Análise pela TGT dos processos morfofonológicos encontrados

Nesta subseção, apresentamos as análises dos processos morfofonológicos encontrados nos sufixos formados com -s/ção e -mento, tendo como base a Teoria de Geometria de Traços. Os processos aqui analisados são os mesmos anteriormente descritos na subseção “3.1 Processos morfofonológicos encontrados”, na p. 101.

3.2.1 Análise dos processos desencadeados pelo sufixo –s/ção

Nesta subseção, apresentamos as análises dos processos desencadeados pelo sufixo -s/ção, que são: Haplologia, alterações na vogal temática, inserção de uma sílaba, nasalização, desvozeamento e outros processos.

3.2.1.1 Haplologia

Como já foi dito anteriormente, a haplologia é o processo morfofonológico mais recorrente nas ocorrências com alterações na base verbal formadas com o sufixo –s/ção, de modo que encontramos ocorrências que apresentam apenas a haplologia e outras em que a haplologia ocorre combinada com algum outro processo, como verificado anteriormente. Para dar continuidade às nossas análises, vamos retomar os exemplos anteriormente especificados:

Quadro 3.9: Exemplos de Haplologia.

	Ocorrências		
	execução	proteção	condução
Forma de base	{executa} _{base} {-ção} _{sufixo}	{protege} _{base} {-ção} _{sufixo}	{conduzi} _{base} {-ção} _{sufixo}
Justaposição	executação	protegeção	conduzição
Haplologia	execução	proteção	condução

Fonte: elaboração própria.

Observando o quadro acima, podemos perceber que a Haplologia afeta sílabas distintas “ta” [ta], “ge” [ʒe] e “zi” [zi], além de outras como “sa”[sa] (expressar → expressão), “de”[de] (ascender → ascensão), “ti” [ʧi] (transmitir → transmissão). No entanto, todas elas possuem diversos traços em comum com o sufixo adicionado à base verbal -ção, o que leva ao seu apagamento nos substantivos formados. Retomando a matriz de traços consonantais

especificada em Cagliari (1998, p. 21), verificamos que as consoantes [t], [ʒ] e [z], presentes nos exemplos anteriores, apresentam traços em comum com a consoante [s] presente no sufixo -ção [sãõ]. Os traços comuns a essas consoantes podem ser visualizados no quadro seguinte:

Quadro 3.10: Traços das consoantes.

	v	t	d	s	z	f	ʒ	r
Soante	-	-	-	-	-	-	-	+
Silábico	-	-	-	-	-	-	-	-
Consonântico	+	+	+	+	+	+	+	+
Alto	-	-	-	-	-	+	+	-
Baixo	-	-	-	-	-	-	-	-
Recuado	-	-	-	-	-	-	-	-
Arredondado	-	-	-	-	-	-	-	-
Anterior	+	+	+	+	+	-	-	+
Coronal	-	+	+	+	+	+	+	+
Contínuo	+	-	-	+	+	+	+	+
Estridente	+	-	-	+	+	+	+	-
Vozeado	+	-	+	-	+	-	+	+
Nasal	-	-	-	-	-	-	-	-
Lateral	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Adaptado de Cagliari (2002b, p. 93).

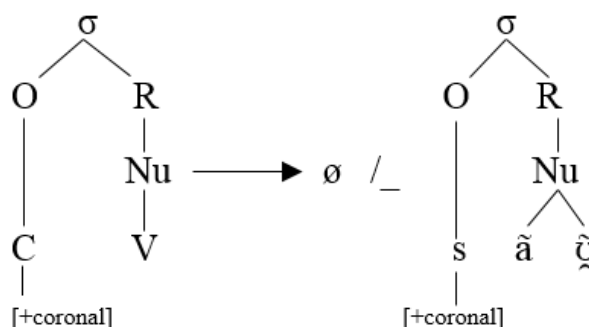
Observando o quadro 3.10, constatamos que, dentre as consoantes [t], [ʒ] e [z] citadas, aquela que mais se aproxima da consoante [s], presente no sufixo -ção, é [z], pois apresenta os mesmos traços, diferenciando-se apenas quanto ao vozeamento, de modo que [s] é uma fricativa alveolar desvozeada, enquanto [z] é fricativa alveolar vozeada. A consoante, dentre as especificadas acima, que mais se distancia de [s] é a consoante [ʒ], que apresenta três traços diferentes em relação a [s], sendo eles em [ʒ]: [+alto], [-anterior] e [+vozeado].

Observando, mais uma vez, o quadro 3.10, percebemos que, apesar de as consoantes suprimidas [z], [t] e [ʒ] apresentarem diversos traços em comum com a consoante do sufixo -ção, muitos desses traços estão ausentes (apresentam o sinal negativo), como [-baixo], [-recuado] e [-lateral], não se manifestando nessas consoantes. Devemos chamar a atenção para o fato de que o traço marcado com o sinal positivo (+), que está presente em quase todas as consoantes das sílabas apagadas na base verbal para a formação dos substantivos com o sufixo -s/ção, é o traço [+coronal]. A única consoante da sílaba apagada que não possui o traço

[+coronal] é [v], no entanto, os traços apresentados no quadro 4.11, que se diferem em [v], em relação a [s], são os traços [coronal] e [vozeado], que, em [v], apresentam-se como [-coronal] e [+vozeado].

Desse modo, a semelhança fonética entre as consoantes das sílabas apagadas e a consoante do sufixo -s/ção fazem com que o PCO (Princípio do Contorno Obrigatório) aja de forma a inibir a junção de sílabas com configuração de traços semelhante. Além disso, a presença dos traços [+coronal, -contínuo e -nasal] nas duas sílabas é determinante para que ocorra a queda de uma sílaba (TENANI, 2002, p. 136; 2003, p. 285). A regra geral para os processos de haplologia é a seguinte:

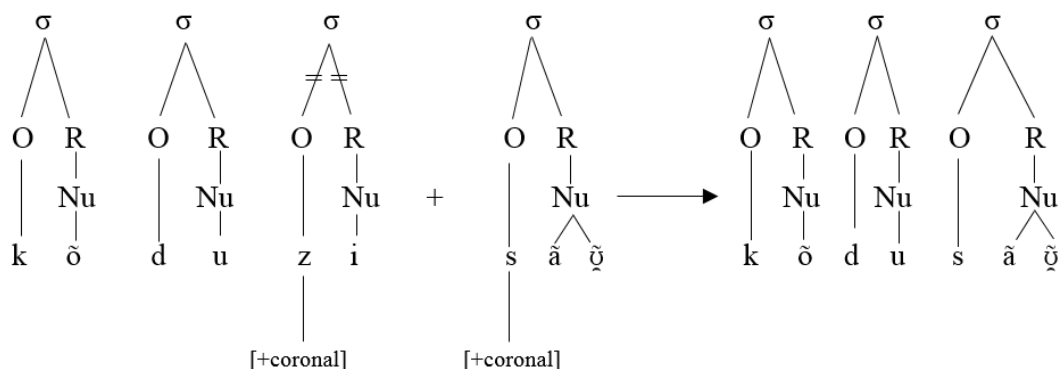
(3.15)



No exemplo acima, representamos *onset* e rima por O e R, Nu é o núcleo da rima e a sílaba é formada por consoante (C) e vogal (V). A rima é formada pelo núcleo (Nu) e coda (Co). Observando esse exemplo, percebemos que a sílaba que apresenta uma consoante, na posição de *onset*, com o traço [+coronal] é apagada diante do sufixo -ção, devido à presença desse mesmo traço na consoante do sufixo.

Podemos observar o apagamento da sílaba [zi] e como ocorre a haplologia na formação de **condução** a partir de **conduzir**, no exemplo 3.16 a seguir:

(3.16)



No exemplo 3.16 acima, verificamos que a sílaba, cuja consoante [z] em onset apresenta o traço [+coronal], será apagada quando ocorre a junção com o sufixo -ção, pois, tanto a consoante da sílaba apagada, [z], quanto a consoante [s] do sufixo apresentam configuração de traços semelhante, apresentando apenas um traço distinto: [vozeado]; que em [s] é [-vozeado] e em [z] é [+vozeado]. O apagamento dessa sílaba ocorre devido à ação do PCO, restringindo a adjunção de sílabas com conjunto de traços semelhantes, assim como ocorre nas análises de Prado (2010, p. 119).

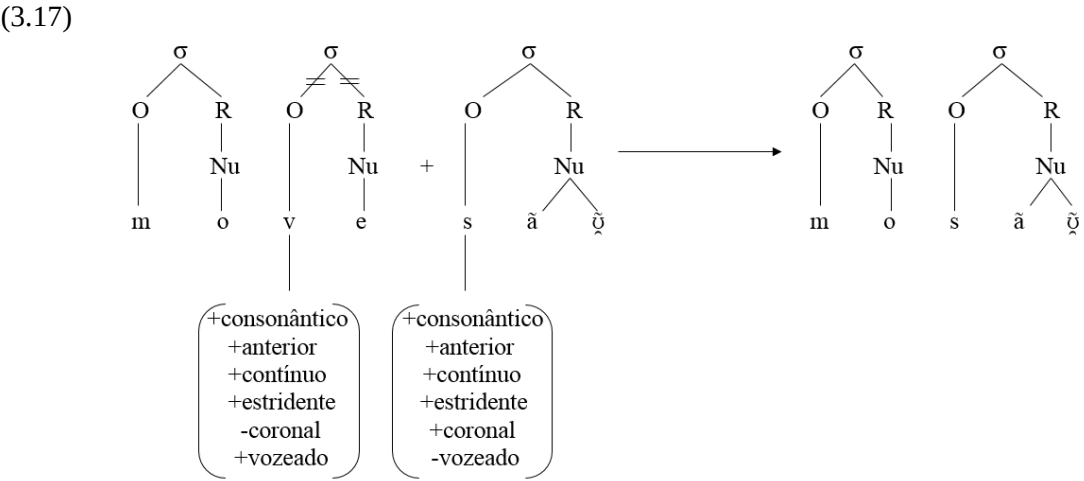
Os únicos casos de haplologia em que a sílaba apagada possui uma consoante que não apresenta o traço [+coronal] são aqueles cujo verbo da base é terminado em **-ver**: **absorver** → **absorção**; **comover** → **comoção**; **promover** → **promoção**; **remover** → **remoção**. No entanto, a consoante [v], da sílaba [ve] que é apagada, apresenta uma configuração de traços muito semelhante à consoante [s] do sufixo -ção, já que essas consoantes apresentam mais traços em comum do que distintos, como verificamos no quadro seguinte:

Quadro 3.11: Traços comuns às consoantes [s] e [v].

	s	v		s	v
Soante	-	-	Anterior	+	+
Silábico	-	-	Coronal	+	-
Consonântico	+	+	Contínuo	+	+
Alto	-	-	Estridente	+	+
Baixo	-	-	Vozeado	-	+
Recuado	-	-	Nasal	-	-
Arredondado	-	-	Lateral	-	-

Fonte: Adaptado de Cagliari (2002b, p. 93).

No quadro 3.11 acima, verificamos que as consoantes [s] e [v] apresentam vários traços em comum, já que apenas dois aparecem com sinais distintos, sendo que o traço [coronal] aparece com sinal positivo em [s] e negativo em [v], enquanto o traço [vozeado] aparece com o sinal negativo em [s] e positivo em [v]. Assim, a união das sílabas em que essas consoantes estão presentes faz com que o PCO entre em ação, bloqueando a adjunção de sílabas com configuração de traços semelhantes, o que consiste no processo de haplologia, como observamos no exemplo abaixo:



No exemplo 3.17 acima, em que representamos as sílabas finais do tema verbal de **remove** e o processo de formação de **remoção** e haplologia, inserimos apenas os traços comuns às consoantes [s] e [v] que aparecem com o sinal positivo em ambas, e que aparece com o sinal positivo em [s] e negativo em [v]: [coronal]; e com o sinal positivo em [v] e negativo em [s]: [vozeado].

Observemos, agora, o seguinte quadro:

Quadro 3.12: Exemplos de Haplologia combinada com outros processos.

	Ocorrências				
	confissão	submissão	aparição	confusão	correção
Forma de base	{confessa} _{base} {-são} _s	{submete} _{base} {-são} _s	{aparece} _{base} {-ção} _s	{confundi} _{base} {-são} _s	{corrigi} _{base} {-ção} _s
Justaposição	confessa(s)são	submete(s)são	apareceção	confundisão	corrigição
Haplologia	confissão	subme (s)são	apareção	confunsão	corrição
Outro processo	confissão	submi(s)são	aparicação	confusão	correção

Fonte: elaboração própria.

No quadro 3.12 acima, verificamos que há uma ocorrência de substantivo derivado de verbo da primeira conjugação (-ar): **confissão** (**confessar**); duas ocorrências derivadas de verbo da segunda conjugação (-er): **submissão** (**submeter**) e **aparição** (**aparecer**); e duas ocorrências da terceira conjugação: **confusão** (**confundir**) e **correção** (**corrigir**). Em **confissão**, observamos que ocorre a haplologia da sílaba /sa/ e, em seguida, o alteamento da vogal da sílaba do radical [fe] → [fi], passando de vogal média-alta a vogal alta. No caso de **submissão**, constatamos que ocorre haplologia da sílaba /te/, em seguida ocorre o alteamento da vogal da sílaba do radical [me] → [mi], passando de uma vogal média-alta para uma vogal alta. Em **aparição**, o processo é o mesmo, ocorre o apagamento da sílaba [se], e alteamento da vogal do radical [re] → [ri]. Já em **confusão**, o processo é distinto, inicialmente ocorre o apagamento da sílaba [dʒi], em seguida, verificamos que ocorre a desnasalização da vogal do radical [fũ] → [fu]. Em **correção**, ocorre a haplologia da sílaba [zi] e, em seguida, notamos um abaixamento da vogal do radical, passando de [i] → [e], nas sílabas [yi] → [ye].

É preciso destacar que a haplologia ocorre nos substantivos formados com verbos das três conjugações pelo mesmo motivo: semelhança entre a consoante da última sílaba da base verbal e a consoante do sufixo adicionado à base, respeitando, então, o PCO. No entanto, os processos que ocorrem nas vogais da sílaba da base verbal, anteriores ao sufixo, após a haplologia, são distintos nas três conjugações. Nos substantivos formados a partir de verbos da primeira e da segunda conjugações, além da haplologia, ocorre, principalmente, o alteamento da vogal do radical, como em: **confessar** → **confissão**, **professar** → **profissão** (primeira conjugação); e **aparecer** → **aparição**, **descrever** → **descrição** (segunda conjugação). Nos substantivos formados a partir de verbos da terceira conjugação, é comum a haplologia combinada com a desnasalização, como no caso de **confusão**, ou combinada com o abaixamento da vogal da base, como em **correção** e **impressão**.

Observemos, a seguir, os traços comuns às consoantes das sílabas apagadas nos exemplos do quadro 3.13 e da consoante do sufixo -s/ção:

Quadro 3.13: Traços comuns às consoantes.

	s	t	ʒ	ɖʒ
Soante	-	-	-	-
Silábico	-	-	-	-
Consonântico	+	+	+	+
Alto	-	-	+	±
Baixo	-	-	-	-
Recuado	-	-	-	-
Arredondado	-	-	-	-
Anterior	+	+	-	±
Coronal	+	+	+	+
Contínuo	+	-	+	±
Estridente	+	-	+	±
Vozeado	-	-	+	+
Nasal	-	-	-	-
Lateral	-	-	-	-

Fonte: Adaptado de Cagliari (2002b, p. 93).

Observando o quadro acima, constatamos que todas as consoantes presentes nas sílabas apagadas na formação dos substantivos exemplificados no quadro 3.13 apresentam em comum diversos traços, além do traço [+coronal], que está presente em todas as consoantes especificadas. Assim, respeitando, novamente o PCO, que inibe a junção de segmentos com traços semelhantes, ocorre o apagamento dessas sílabas. No entanto, nos exemplos citados, além do apagamento das sílabas finais das bases verbais, ocorrem alterações nas vogais da sílaba anterior ao sufixo, no substantivo formado.

Em **confusão**, a perda da nasalidade na sílaba anterior ao sufixo é explicada pelo fato de essa sílaba estar num contexto em que há a presença da nasalidade na vogal da sílaba que a antecede, [kõ], e na que a procede [zãõ]. Assim, a perda da nasalidade se deve à ação do PCO, impedindo a formação de uma palavra com todas as vogais nasalizadas, ou seja, inibindo a junção de sílabas com configuração de traços semelhantes.

Em **aparição** verificamos que ocorre o alteamento da vogal e esse processo é explicado por Villalva e Silvestre (2014, p. 125), que afirmam que o sufixo -ção neutraliza a vogal temática da segunda e terceira conjugações em [i], enquanto que em **correção**, o processo é o de abaixamento da vogal [i] que passa a [e], devido à harmonia vocálica, com a vogal da sílaba

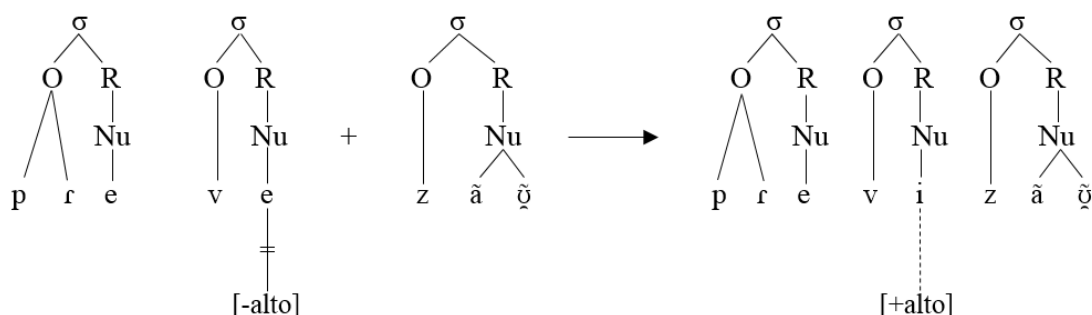
anterior [o], que também é uma vogal média-alta. Devemos ressaltar que não encontramos o processo de Haploglia em nenhuma ocorrência com o sufixo -mento.

3.2.1.2 Alterações na vogal temática

Como explicamos anteriormente, na formação de substantivos com o sufixo -s/ção ocorrem dois processos de alterações nas vogais temáticas que são: o alteamento da vogal [e] → [i], nos substantivos formados a partir de verbos da segunda conjugação, como em **prever** → **previsão**; e o apagamento da vogal nos substantivos formados a partir de verbos da terceira conjugação, como em **instruir** → **instrução**.

O alteamento da vogal temática verbal da segunda conjugação se deve ao fato de os verbos de segunda e terceira conjugações pertencerem a uma mesma classe (CÂMARA JR., 2015[1970]), que se originou a partir da reorganização do sistema latino, como explicam Villalva e Silvestre (2014). Já o apagamento da vogal temática nos substantivos derivados de verbos da terceira conjugação ocorre devido à reorganização estrutural da sílaba no substantivo formado, já que há duas vogais seguidas no mesmo nível autosegmental, assim como ocorre nas análises de Prado (2010, p. 123). Podemos visualizar a formação desses substantivos e os processos citados nos seguintes esquemas:

(3.18)

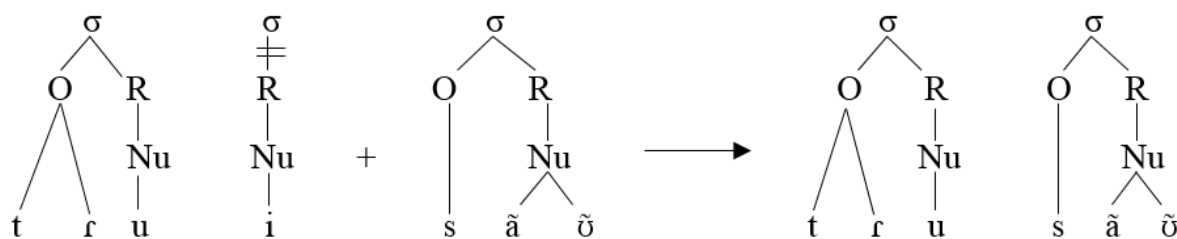


No esquema representado em 3.18, do lado esquerdo da seta, a linha que liga o traço [-alto] à vogal temática [e] está sendo cortada por duas linhas paralelas, indicando que esse traço será perdido na sufixação; do lado direito da seta, observamos que a linha tracejada liga o traço [+alto] à vogal [i], indicando que esse traço foi adquirido no processo de formação do substantivo **previsão**. Devemos ressaltar que, neste caso, estamos lidando com um caso de alomorfia pura, pois a formação do substantivo **previsão** acessa o alomorfe [vi] - presente em

(eu) vi e (tu) vistes, por exemplo - do verbo “ver”, que constitui o verbo **prever**, assim, a base verbal utilizada na formação desse substantivo é **previ-**. Neste caso, não estamos lidando com um processo morfofonológico, mas com um caso de alomorfia, no entanto, a representação da perda do traço [-alto] da vogal [e], passando a vogal [i], é necessária para mostrar que a escolha do alomorfe para a formação do substantivo acarreta apenas uma alteração no traço, ou seja, uma alteração fonológica, mas que altera a estrutura morfológica da base verbal.

No exemplo 3.19, representamos as sílabas finais do tema verbal **instrui-** e as sílabas finais do substantivo **instrução**:

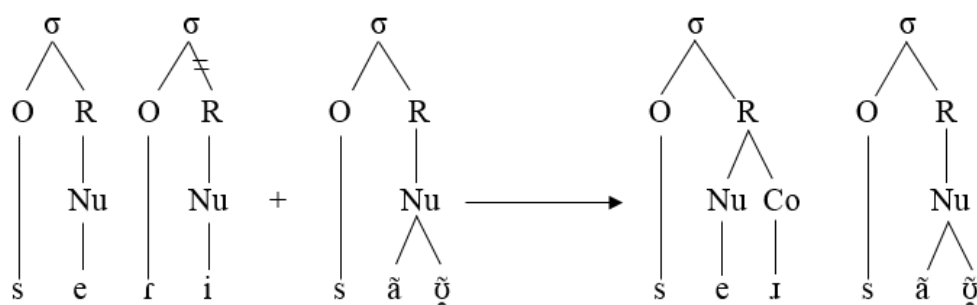
(3.19)



Observando o esquema 3.19, constatamos que, do lado esquerdo da seta, a sílaba em que a vogal temática está presente é constituída apenas da rima, de modo que essa sílaba é apagada do lado direito da seta, já que ela não é necessária e não prejudica a estrutura silábica da palavra formada.

No exemplo abaixo, representamos as sílabas finais da base verbal **inseri-** e a junção com o sufixo -ção, além das sílabas finais do substantivo **inserção**³⁴:

(3.20)



³⁴ Na transcrição fonética do substantivo **inserção**, preferimos utilizar a variante retroflexa do “r”, [ɻ], na posição de coda, pois essa é variante comum na fala dos autores desta dissertação.

Observando o exemplo 3.20, verificamos que na formação do substantivo **inserção** ocorre o apagamento da VT [i], representado pelas barras paralelas cortando aquele nó do lado esquerdo da seta. Com o apagamento da VT, a consoante ‘r’ ficou flutuante, pois ela não poderia constituir um nó silábico sozinha, já que, no português, consoantes não podem ser núcleo de sílaba. Sendo assim, ela teve que se ligar a outra sílaba. Como não pode existir um *onset* ramificado constituído pelas consoantes [rs], o que aconteceria se ela se juntasse ao sufixo, a única saída foi se agregar como coda da sílaba anterior, respeitando as regras de formação de sílabas da língua como podemos constatar do lado direito da seta.

3.2.1.3 Possível inserção de uma sílaba

Dando continuidade às nossas análises à luz da TGT, vamos discutir alguns pontos importantes, para entender como ocorre a inserção da sílaba /si/ no interior dos substantivos deverbiais derivados dos verbos que apresentam /por/ na sua estrutura. Os casos coletados foram: **composição, decomposição, deposição, disposição, exposição, imposição, oposição, predisposição, posição, proposição, recomposição, transposição e suposição**. Como já discutimos anteriormente, a base verbal para a formação desses substantivos é {pose} à qual se une o sufixo {ção}. desse modo, a regra para a formação dos substantivos é a seguinte:

$$(3.21) \{ \{ X_{\text{pose}} \}_{\text{TV}} \{ \text{ção} \}_{\text{sufixo}} \}_S$$

Em que:

X: prefixo presente no verbo derivante;

TV: tema verbal;

S: substantivo formado.

Tendo como exemplo a palavra **exposição**, vejamos como fica a aplicação da regra:

(3.22) {{expose}_{TV}{ção}_{sufixo}}_S

Em que:

TV: tema verbal;

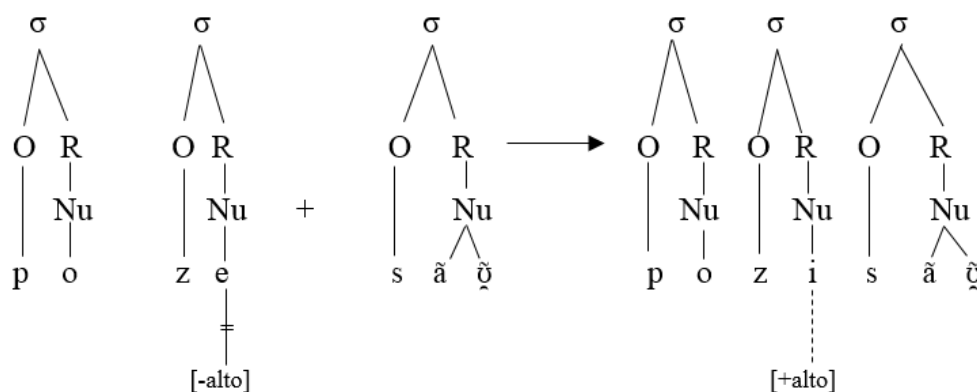
S: substantivo formado.

Como já explicamos anteriormente, o alteamento da vogal temática [e], passando a [i], na formação de substantivos derivados de verbos da segunda conjugação é um processo bastante recorrente no Português, já que o sufixo -s/ção neutraliza essa vogal temática (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 125). Desse modo, constatamos que, neste caso, o fenômeno observado é a mudança na vogal temática, e não a inserção de uma sílaba, como supomos anteriormente. A regra fonológica para a formação dos substantivos a partir de verbos derivados de **por**, pode ser definida do seguinte modo:

(3.23) [poze] → [pozi] / ____ [sãõ]

A regra fonológica anterior indica que a vogal do tema verbal, uma vogal média-alta [e], se torna uma vogal alta [i] diante do sufixo -ção [sãõ], podendo ser visualizada no seguinte exemplo, em que representamos as sílabas finais do tema **pose-**, o sufixo -ção e o substantivo formado **posição**:

(3.24)



No exemplo acima, verificamos que, do lado esquerdo da seta, a linha que liga o traço [-alto] à vogal [e] está sendo cortado por duas linhas paralelas, o que indica que esse traço será

perdido, enquanto, do lado direito da seta, a linha pontilhada liga o traço [+alto] à vogal [i], apontando que esse traço não existia na vogal do tema verbal antes da formação do substantivo, mas foi adquirido com a formação de **posição**.

3.2.1.4 Desvozeamento

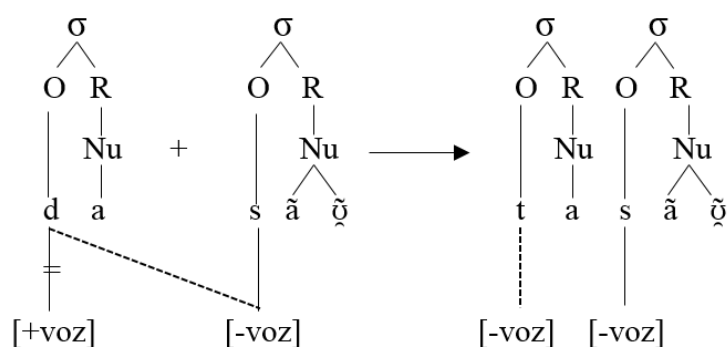
Já afirmamos, anteriormente, que o desvozeamento não é um processo ~~nao~~ muito comum nas formações com o sufixo -s/ção, ocorrendo em apenas três casos: **natação**, **petição** e **rotação**, que derivam, respectivamente, dos verbos **nadar** e **rodar**, da primeira conjugação, e **pedir**, da terceira conjugação.

A regra fonológica para a perda do vozeamento da consoante na formação desses substantivos deverbais pode ser descrita da seguinte maneira:

(3.25) [t] → [d] / ____ [sãõ]

A regra fonológica de Desvozeamento pode ser observada na seguinte representação:

(3.26)



No exemplo acima, as linhas paralelas no nó terminal que representa o traço [+voz] indicam que esse nó será perdido, enquanto que a linha pontilhada indica que o traço [-voz] será. Com o exemplo acima, verificamos que o espraçamento do traço [-voz] faz com que a consoante /d/, do verbo **nadar**, passe a /t/ no substantivo deverbal **natação**. O espraçamento do traço [-voz] também ocorre no verbo **pedir**, formando, da mesma forma, **petição**.

3.2.2 Análise dos processos desencadeados pelo sufixo –mento

Depois do estudo dos principais processos morfofonológicos desencadeados pelo sufixo -s/ção e a análise desses processos utilizando a Geometria de Traços, vamos, então, passar para o estudo do principal processo desencadeado pelo sufixo -mento na formação de substantivos com bases verbais da segunda conjugação e a sua representação também pela Geometria de Traços.

3.2.2.1 Alterações na Vogal Temática

Para podermos realizar, pela TGT, as nossas análises dos processos desencadeados pelo sufixo –mento, observemos o seguinte quadro:

Quadro 3.14: Exemplos de alterações na vogal temática verbal.

	Ocorrências			
	aborrecimento	entendimento	nascimento	recebimento
Forma de base	{aborrece} _{base} {-mento} _s	{entende} _{base} {-mento} _s	{nasce} _{base} {-mento} _s	{recebe} _{base} {-mento} _s
Justaposição	aborrecimento	entendimento	nascimento	recebimento
Alteamento da vogal temática	aborrecimento	entendimento	nascimento	recebimento

Fonte: elaboração própria.

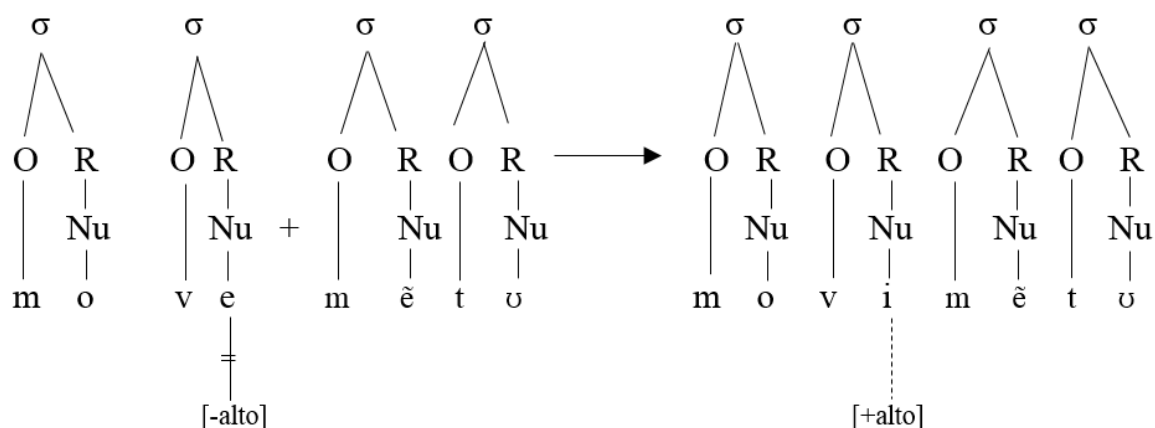
No quadro 3.14, verificamos que as alterações nas vogais temáticas ocorrem com substantivos formados a partir de verbos da segunda conjugação. É importante destacar que as consoantes que antecedem as vogais alteradas são diferentes: [s] (aborrecer, nascer), [d] (entender) e [b] (receber). A explicação para essa alteração na vogal temática, quando ocorre a formação de substantivo com o sufixo -mento e verbos da segunda conjugação, está no fato de que esse sufixo exibe a neutralização da vogal temática das segunda e terceira conjugações em [i] (VILLALVA e SILVESTRE, 2014, p. 125), já que, como explica Câmara Jr. (2015[1970], p. 105), os verbos da segunda e terceira conjugações pertencem a uma mesma classe.

A regra fonológica para o alteamento da vogal temática verbal nos substantivos formados a partir de verbos da segunda conjugação com o sufixo -mento pode ser descrita da seguinte maneira:

(3.27) [e] → [i] / ____ [mêto]

Assim, a concretização dessa regra pode ser observada no seguinte exemplo:

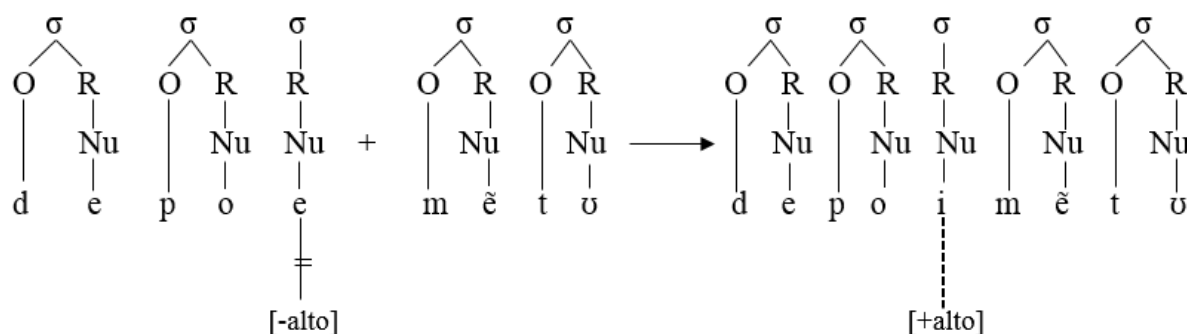
(3.28)



Observando o exemplo acima, em que representamos a formação do substantivo **movimento**, do lado esquerdo da seta, percebemos que o a linha que liga o traço [-alto] à vogal temática [e] está sendo cortada por duas linhas paralelas, o que indica que esse traço será perdido quando o sufixo -mento se juntar à base verbal. Do lado direito da seta, constatamos que a linha que liga o traço [+alto] à vogal [i] é pontilhada, indicando que esse traço não estava presente, mas foi adquirido depois da sufixação com -mento.

Devemos ressaltar que, no caso do substantivo **depoimento**, exemplificado anteriormente, essa regra de alteamento da vogal também é válida, já que o tema verbal presente em sua base é **depoe-**, derivado do verbo **por**, que é de segunda conjugação, **poer**. Assim, quando a base depoe- se junta ao sufixo -mento, ocorre também o alteamento da vogal temática, como podemos observar na seguinte representação:

(3.29)



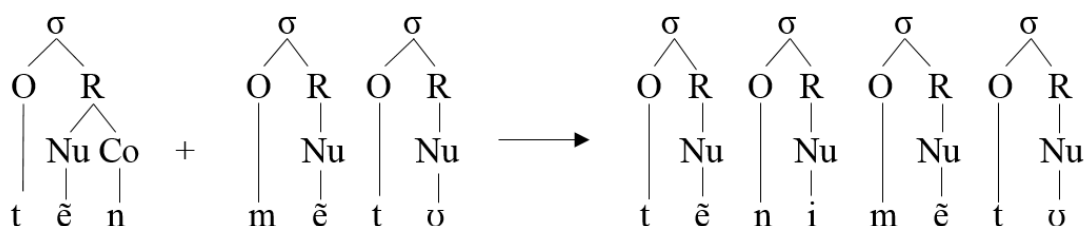
No esquema anterior, do lado esquerdo da seta, constatamos que a linha que liga o traço [-alto] à vogal [e] (núcleo da rima e da sílaba) está sendo cortada por duas linhas paralelas, o que indica que esse traço será perdido quando a base verbal se unir ao sufixo *-mento*. Do lado direito da seta, observamos que a linha que liga o traço [+alto] à vogal [i] (também núcleo da rima e da sílaba) é um linha pontilhada, o que indica que esse traço foi adquirido no processo de formação do substantivo **depoimento**.

3.2.2.2 Outros casos

Para finalizarmos as nossas análises dos processos morfofonológicos desencadeados por *-mento*, vamos mostrar como ocorre a formação dos substantivos **entretenimento** e **depoimento**, presentes nos jornais de Araraquara-SP.

Como já explicamos anteriormente, o tema verbal selecionado para a derivação sufixal, e formação de *entretenimento*, não é /entrete-/, mas o seu alomorfe /entreten-/, além disso, ocorre a inserção da vogal [i] para impedir que haja duas consoantes nasais em sequência, respeitando, assim, o PCO, como observamos no seguinte esquema:

(3.30)



Em 3.30 representamos, do lado esquerdo da seta, a sílaba final do tema selecionado

/entreten-/ , que se une ao sufixo -mento, formando, então, **entretenimento**, cujas sílabas finais estão representadas do lado direito da seta, em que a vogal [i] é inserida. A epêntese ocorre, nesse caso, devido à ação do PCO, restringindo a junção de dois segmentos nasais. Assim, a vogal inserida [i] evita uma sequência de duas consoantes nasais [n] e [m], o que causa a ressilabificação do substantivo formado, de modo que a consoante [n] da coda da sílaba [tẽn], forma uma nova sílaba, passando, então, para o *onset*, formando [ni]. Dessa forma, após a ressilabificação, temos uma nova sílaba [tẽ] formada por *onset* [t] e rima, cujo núcleo é [ẽ], e outra sílaba [ni], formada por *onset* [n] e rima, cujo núcleo é [i].

CONCLUSÃO

Buscando compreender os processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento, na formação de substantivos deverbiais presentes nos jornais antigos das cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP, desenvolvemos este trabalho, que mostrou, através da Fonologia Lexical e da Teoria de Geometria de Traços, que os principais processos são a Haplologia, desencadeada pelo sufixo -s/ção, e o alteamento da vogal temática, desencadeado pelo sufixo -mento.

Apresentamos, na primeira seção desta dissertação, o referencial teórico que utilizamos para a realização das nossas análises. No referencial teórico, discutimos algumas questões de Morfologia, Fonologia e Morfofonologia. No que se refere à Morfofonologia, podemos afirmar que se trata de um campo de estudo com o objetivo de intermediar as relações entre a Morfologia e a Fonologia. Além disso, a Morfofonologia também pode ser compreendida como o estudo da estrutura fonológica dos morfemas. O estudo da Morfofonologia, para a realização da nossa dissertação, foi importante para conhecermos a estrutura fonológica dos morfemas envolvidos na formação dos substantivos - bases verbais e os sufixos -s/ção e -mento -, além de entendermos as mudanças na estrutura fonológica causada pela combinação desses morfemas.

Em relação à Morfologia, foi necessário que fizéssemos um aprofundamento dos conceitos sobre os processos de formação de palavras e ampliação do léxico, que envolvem a mudança de classe, e sobre a noção de palavra e os seus constituintes (radicais e afixos). O estudo da palavra e dos seus constituintes permitiu-nos entender como ocorre a junção dos morfemas para a formação da estrutura maior – a palavra. Além disso, verificamos que as categorias lexicais plenas são substantivo, adjetivo e verbo, pois podemos formar palavras de qualquer categoria lexical plena a partir de uma palavra pertencente a uma das categorias lexicais plenas.

Com o estudo da Fonologia, compreendemos que o foco da Fonologia Lexical é a interação entre a Morfologia e a Fonologia, de maneira semelhante à Morfofonologia, já que a FL busca compreender as estruturas fonológicas dos morfemas e as regras que se aplicam a essas estruturas. A estrutura do léxico, na FL, é composta por níveis, que são os domínios para a aplicação cíclica de regras fonológicas e morfológicas. Na teoria da Geometria de Traços, os segmentos são representados com uma organização interna através dos nós hierarquicamente ordenados, além disso, esses nós podem sofrer desligamentos, associações, etc., que caracterizam os processos fonológicos. Assim, de acordo com a Geometria de traços, a Haplologia consiste num processo de desligamento, enquanto o alteamento da vogal temática

representa um processo de assimilação de traço.

Na segunda seção dessa dissertação, apresentamos os passos para a montagem do nosso *corpus*, coleta e divisão das nossas ocorrências. Buscando utilizar os jornais antigos das cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP, publicados entre os anos de 1901 e 1950, para a coleta das ocorrências, foi necessário que realizássemos a digitalização desses jornais por meio das fotografias, para facilitar o acesso a esse material e ajudar na preservação dos jornais, que já se encontram bastante gastos devido à ação do tempo e o manuseio incorreto. Com as imagens dos jornais, foi possível realizar a coleta dos substantivos deverbais terminados com -s/ção e -mento que foram utilizados nas análises.

O número de substantivos deverbais formados com -s/ção coletados, para a realização das nossas análises, é praticamente três vezes maior que o número de substantivos formados com -mento, mostrando que o sufixo -s/ção é mais produtivo no Português Brasileiro. Tendo em vista os resultados do nosso trabalho e os resultados dos trabalhos anteriores, como Barbosa e Costa (2006) e Prado (2010), constatamos que, no PB, houve um crescimento da preferência pela utilização de substantivos formados com -s/ção e relação a -mento. Além disso, com outro trabalho desenvolvido, podemos inferir também que houve um aumento na preferência pela utilização de substantivos deverbais formados com -s/ção no Português de Portugal, em comparação com os dados apresentados por Rio-Torto (1993).

O crescimento da preferência pela utilização do sufixo -s/ção pode estar ligado ao fato de que esse sufixo apresenta uma dinamicidade semântica maior do que o sufixo -mento. É possível encontrarmos substantivos formados com -s/ção, como **falação** ou **perguntação**, que possuem uma carga semântica pejorativa, enquanto que o sufixo -mento não permite construções desse tipo. Além disso, o sufixo -s/ção apresenta uma estrutura mais simples, sendo constituído apenas de uma sílaba, enquanto que o sufixo -mento é mais complexo, apresentando duas sílabas na sua constituição, o que leva à preferência pela forma estruturalmente mais simples.

Apesar do grande número de substantivos formados com -s/ção e -mento que apresentam algum processo morfofonológico, eles representam uma porcentagem pequena quando comparados a todos os substantivos formados com esses sufixos, o que indica que são formações regulares no Português.

Na terceira parte desta dissertação, trouxemos as nossas análises e discussões dos resultados. Com a pesquisa desenvolvida, podemos afirmar que o sufixo -s/ção desencadeia mais processos morfofonológicos que o sufixo -mento, assim como os resultados de Barbosa e Costa (2006) e Prado (2010) apontam. O processo de maior recorrência no nosso *corpus* foi a

haplologia, presente nos substantivos formados com -s/ção e com bases das três conjugações verbais: adotar → adoção; converter → conversão; divertir → diversão. A haplologia pode ocorrer, também, associada a outros processos, já que, no nível lexical, pode haver a aplicação cíclica de regras morfológicas e fonológicas. De acordo com autores consultados, esse processo pode ocorrer tanto no nível lexical (SANDMANN, 1991; CAGLIARI, 2002a), quanto no nível pós-lexical (TENANI, 2002; 2003). O grande número de substantivos em que a haplologia foi constatada deve-se à ação do PCO, que inibe a junção de sílabas com configuração de traços semelhantes. Observando os casos em que esse processo ocorre, verificamos que a presença do traço [+coronal], tanto na consoante das sílabas apagadas quanto na consoante do sufixo -s/ção, é um motivador para o processo de haplologia. Dessa forma, notamos que o PCO provoca a queda de sílabas que tenham o traço [+coronal], presente na consoante de -s/ção, podendo também provocar a queda de outras sílabas em contextos diferentes, que apresentem configuração de traços semelhantes à consoante do sufixo -s/ção.

Nos substantivos formados com -mento, que apresentam alterações na base verbal, o processo mais recorrente foi o alteamento da vogal temática. Esse processo afeta, praticamente, 100% dos substantivos formados com -mento a partir de verbos da segunda conjugação (-er), como em: nascer → nascimento; fornecer → fornecimento. O alteamento da vogal temática é recorrente no Português Brasileiro, como constatado em estudos variacionistas (VIEGAS, 2003; CARMO, 2009). Além disso, esse processo é resultado da evolução do sistema latino de conjugações verbais, pois, de acordo com Câmara Jr. (2015[1970]), os verbos de segunda e terceira conjugações pertencem a uma única classe, além de que o sufixo -mento provoca a neutralização da vogal temática da segunda e terceira conjugações em [i].

Com as nossas análises, além de afirmar que o sufixo -s/ção desencadeia processos mais variados quando comparado ao sufixo -mento, podemos afirmar também que a conjugação do verbo da base, que forma os substantivos, influencia nos processos encontrados. Os substantivos deverbais formados com verbos da primeira conjugação (-ar) são mais regulares, apresentando menos ocorrências de processos morfofonológicos, enquanto que os substantivos formados com bases verbais da segunda (-er) e terceira (-ir) conjugações apresentam maior irregularidade, com mais casos de ocorrências de processos morfofonológicos.

Uma das nossas grandes dificuldades enfrentadas neste trabalho deve-se à nossa escolha em considerar os sufixos -são e -ção como alomorfes. Os substantivos formados com -são apresentam um comportamento bastante irregular, e os processos morfofonológicos presentes nesses substantivos foram difíceis de se explicar, pois esse alomorfe pode adquirir o traço [+vozeado] em alguns substantivos, mas em outros não, como nos casos de **expulsão** (que

deriva de **expulsar**), em que a consoante do sufixo apresenta o traço [-vozeado] e **revisão** (que deriva do verbo **revisar**), cuja consoante do sufixo adquire o traço [+vozeado].

Outra dificuldade encontrada durante as nossas análises foi a explicação para a formação dos substantivos derivados dos verbos **ter**, como **abstenção**, **retenção**, **obtenção** e **retenção**, já que, num primeiro momento, chegamos a considerar que a nasalidade presente no sufixo -ção se espalha para a vogal temática. No entanto, o que ocorre é que, na formação desses substantivos, o tema selecionado é /teN/ ([tê]), radical teórico do verbo **ter**, e não o radical verbal **te-**.

Os substantivos derivados do verbo **por**, como **oposição** (por), **preposição** (prepor), **imposição** (impor) e **oposição** (opor) também foram bastante problemáticos. Nas nossas análises, observamos que, quando ocorre a formação desses substantivos derivados do verbo **por**, o radical usado nessa derivação com -ção é o alomorfe pos-, que gera o tema ‘pose’, sendo a regra, portanto, {pose}_{TV}+{ção}_{suf} → {poseção}_{subst}. Desse modo, ocorre apenas o alteamento da vogal temática, processo bastante recorrente nas ocorrências formadas a partir de verbos da segunda conjugação, como podemos observar em: {poseção} → [pozisãõ].

A escolha pela utilização da Teoria de Geometria de Traços foi bastante eficaz para realizarmos as nossas análises e a representação dos processos morfofonológicos encontrados. Partindo do princípio da simplicidade, a TGT opera com um conjunto limitado de processos fonológicos básicos, com os quais, a partir da representação da forma básica subjacente dos morfemas, pode-se chegar à forma fonética de superfície. Conhecendo os processos básicos da TGT, como a assimilação, o espalhamento e o desligamento de traços, somos capazes de representar a forma básica subjacente dos morfemas, chegando à forma fonética de superfície.

Por fim, devemos enfatizar que os processos morfofonológicos presentes nos substantivos formados com -s/ção são os mesmos, tanto nas ocorrências coletadas nos jornais de Araxá-MG, quanto naquelas coletadas nos jornais de Araraquara-SP. Os processos encontrados nos substantivos formados com -mento também são os mesmos nas ocorrências coletadas nos jornais da cidade mineira e da cidade paulista. Isso indica que esses processos são desencadeados unicamente por fatores intralinguísticos, de modo que a escolha pela utilização de um ou outro sufixo na formação desses substantivos é linguisticamente condicionada.

Com os nossos estudos, foi possível realizarmos a análise dos processos morfofonológicos encontrados, no entanto, esse é um campo bastante frutífero que ainda pode ser muito explorado, já que os processos de formação de palavras são muito numerosos e cada um guarda as suas particularidades.

Devido à extensão deste trabalho, não foi possível comparar as diferenças semânticas

entre esses dois sufixos estudados, mas podemos afirmar sucintamente que o sufixo –s/ção apresenta maior versatilidade semântica, podendo ser utilizado em palavras que carregam um valor pejorativo, o que não se verifica com o sufixo –mento. Assim, colaboramos com uma parcela para o esclarecimento dos processos morfofonológicos desencadeados na formação de novas palavras, mostrando como esses processos ocorrem e em quais situações são desencadeados. Com este trabalho, contribuímos também para a preservação dos jornais antigos das cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP e com a ampliação do conhecimento sobre o Português das cidades do interior de dois estados brasileiros distintos.

REFERÊNCIAS

- ARONOFF, M; FUDEMAN, K. *What is morphology?* 2nd ed.; Malden, MA: Blackwell Pub., 2011.
- BARBOSA, J. B.; SILVA, G. Os sufixos -s/ção e -mento: Análise dos processos morfofonológicos desencadeados na formação de substantivos deverbais no Português Mineiro de Uberaba-MG. *Diálogos Pertinentes*, v. 11, n. 2, 40-57, 2015.
- BARBOSA, J. B; MARINE, T. *Organização de um banco de dados a partir de jornais do Triângulo Mineiro: contribuições para o resgate da sócio-história do Português Brasileiro*. Anais do I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) e V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica. 2012.
- BARBOSA, J. B., COSTA, D. S. Os processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), v. XXXV, p. 1043-1051, 2006.
- BARRETO, M. *De gramática e de linguagem*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Presença, 1982.
- BASILIO, M. *Formação de classe de palavras no Português do Brasil*. 3^a ed. 2^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.
- BISOL, L. Constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 247 – 261, 1996.
- BOROWSKI, T. *Topics in English and Lexical Phonology*. Doctoral dissertation. UMass. Amhrest. 1986.
- CAGLIARI, L. C. *Fonologia do Português – Análise pela Geometria de Traços*. Parte I, v. 2, 2^a edição revista. Edição do Autor, 1998.
- CAGLIARI, L. C. A ortografia na escola e na vida. In: *A escrita na alfabetização*. MASSINI-CLAGIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Campinas-SP: FAPESP, p. 61-96, 1999 (Coleção Leituras no Brasil).
- CAGLIARI, L. C. *Questões de fonologia e morfologia*. Campinas: Edição do Autor, 2002a. (Série Lingüística, v. 5)

CAGLIARI, L. C. *Análise Fonológica – Introdução à Teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002b.

CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 47ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2015 (primeira edição 1970).

CARMO, M. C. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. Dissertação de Mestrado. IBILCE/UNESP, São José do Rio Preto, 2009.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. Harper na Row, Nova York, 1968.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (org.) *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, p. 245-306, 1995.

COLLISCHONN, G. A sílaba em Português. In: BISOL, L. (org) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 95 – 130, 1996.

Corpus do Português. <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>> Acesso em: 07 jan. 2017.

FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. *Contar (histórias de) sílabas: Descrição e implicações para o Ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: Colibri. P. 51-55, 2001.

GONÇALVES, C. A. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

HALLE, M. Prolegomena to a theory of word-formation. *Linguistic Inquiry*, v. 4 n. 1, p. 3-16, 1973.

HARRIS, Z. *Structural Linguistics*. Chicago and London: The Univ. of Chicago Press, 1951.

HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, L. (org) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 09-94, 1996.

Infopedia. Porto, 2017. <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/entreter>>
Acesso em: 07 jan. 2017.

KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios).

KEHDI, V. *Morfemas do português*. 3ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2003, (Série Princípios).

KIPARSKY, P. Some consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook* 2. p. 85 - 138. 1985.

KIPARSKY, P. From Cyclic Phonology to Lexical Phonology in Harry van der Hulst and Norval Smith (eds.). *The Structure of Phonological Representations – Part I*. Foris Publications, 1982a.

KIPARSKY, P. Lexical Morphology na Phonology. In I. – S. Yang. (ed.) *Linguistics in the Morning Calm*. Hanshin. Seoul. 3-91. 1982b.

LAROCA, M. N. C. *Manual de morfologia do português*. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes; Juiz de Fora, MG: UFJF, 2001.

LEE, Seung-Hwa. *Fonologia Lexical do Português*. Cadernos de estudos Lingüísticos (23), p.103-120, 1992.

LEE, S.-H.. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português*. Tese de Doutorado IEL/UNICAMP, Campinas, 1995.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MOHANAN, K.P. *The theory of Lexical Phonology*. Reidel, Dordrecht, 1986.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

OLIVEIRA, M. A. Aspectos da difusão lexical. *Estudos Linguísticos*, ano 1, v. 1, p. 31/41, jul/dez., 1992.

OLIVEIRA, M. A.; LEE, S. H. Variação Linguística, Teoria Fonológica e Difusão Lexical. In: *Actas do XV Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina*. XV ALFAL, 2008.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

Perseus. <<http://www.perseus.tufts.edu>> Acesso em: 08 jan. 2017.

PRADO, N. *Processos morfofonológicos na formação de nomes deverbais com os sufixos -ção/ção e -mento: um estudo comparativo entre Português Arcaico e Português Contemporâneo*. Dissertação de mestrado FCL-Araraquara/UNESP, Araraquara, 2010.

RIO-TORTO, G. M. *Formação de palavras em Português*. Aspectos da construção de avaliativos. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra, 1993.

ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ROCHA, L. C. A. *Estruturas morfológicas do Português*. 1ª ed. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

SANDMANN, A. J. *Competência Lexical: Produtividade, Restrições e Bloqueio*. Curitiba: Editora da UFPR, 1991.

SANDMANN, A. J. *Morfologia Lexical*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1997a.

SANDMANN, A. J. *Morfologia Geral*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1997b.

SCHWINDT, L. C. S. A relação entre morfologia e fonologia na história dos estudos linguísticos. In: MARTINS, E. S.; CANO, W. M. MORAES FILHO, W. B. (orgs.) *Léxico e morfofonologia: perspectivas e análises*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

SCHWINDT, L. C. S. *O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP, 2002.

TENANI, L. E. Haplologia e domínios prosódicos. *Letras de Hoje*, Porto Alegre. v. 38 n. 4, p.,

Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 283 – 306, 2003.

TRUBETZKOY, N. Zur allgemeinen Theorie des phonologischen Vokalsystems. *Travaux du cercle linguistique de Prague* 4, v. 1, p. 39-67, 1929.

VIEGAS, M. C. O alçamento de vogais médias pretônicas e as consequências de diferentes recortes na amostragem. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 4. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 307-318, 2003.

VILLALVA, A; SILVESTRE, J. P. *Introdução ao estudo do léxico* – Descrição e análise do Português. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VILLALVA, Alina. *Análise morfológica do português*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa, 1986.

WETZELS, L. Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento e Neutralização no Sistema Verbal do Português: uma análise auto-segmental. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, UNICAMP – IEL, p. 25-58, 1991.

Wikipedia. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Arax%C3%A1>> Acesso em: 08 ago. 2016.

Wikipedia. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Araraquara>> Acesso em: 08 ago. 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BASÍLIO, M. *Estruturas lexicais do Português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BASÍLIO, M. *A Morfologia no Brasil: indicadores e questões*. In: D.E.L.T.A., Vol. 15, n.º ESPECIAL. São Paulo, 1999. (p. 53-70).

BATTISTI, E. *Haplologia sintática e efeitos da economia*. Organon (UFRGS), Porto Alegre - RS, v. 18, n. 36, p. 31-39, 2004.

BISOL, L. *Sândi vocálico externo: degeminação e elisão*. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 23, p. 83-101, jul/dez 1992.

BORBA, F. S. (coordenador). *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

BORBA, F. S. e colaboradores. *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.

BYBEE, J. *Morphology: A study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.

CAGLIARI, L. C. *Análise Fonológica*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática referente a Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 2004 (primeira edição 1964).

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática: referente a língua portuguesa*. 13ª edição. Petrópolis: Vozes, 1986.

CÂMARA JR., J. M. *Princípios de lingüística geral*. 7ª edição. Revista e aumentada. Rio de Janeiro: Padrão Livraria, 1989.

CÂMARA JR., J. M. *Problemas de lingüística descritiva*. 13ª edição. Petrópolis: Vozes, 1988.

CAMARGO, C. O. *Morfologia Derivacional: o sistema de sufixos em português*. Tese (Livre-Docência em Lingüística) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 1986.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DI SCIULLO, A.M.; WILLIAMS, E. *On the definition of word*. Cambridge: MIT Press, 1987.

DUBOIS, J. *Dicionário de lingüística*. Trad. BLIKSTEIN, I. (org.). São Paulo: Cultrix, 1973.

ELSON, B.; PICKETT, V. *Introdução à morfologia e à sintaxe*. Petrópolis: Vozes, 1973.

FREITAS, H. R. *Princípios de morfologia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1997.

HECKLER, E.; BACK, S.; MASSING, E. R. *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1984.

HECKLER, E.; BACK, S.; MASSING, E. R. *Estrutura das palavras: famílias, morfologia, análise, origem*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994.

LAGE, N. *A Linguagem Jornalística*. São Paulo: Ática, 1985.

NIDA, E. *Morphology: the descriptive analysis of words*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1978.

ORTEGA, S. V. *Fundamentos de morfologia*. Espanha. Editorial Sintesis, 1993.

PAVEZI, V. C. *Monomorfemas, haplologia e elisão*. In: Estudos Lingüísticos XXXIV. Campinas, SP, p. 750-755, 2005.

PAVEZI, V.C. *Haplologia entre fronteiras acima da palavra fonológica*. In: Estudos Lingüísticos XXXV. Araraquara, SP, p. 1945-1951, 2006.

PLAG, I. Morphological haplology in a constraint-based morpho-phonology. In.: KEHREIN, W; WIESE, R. (Eds.). *Phonology and morphology of the Germanic Languages*. Tübingen: Niemeyer, 1998. p.199-215.

PRADO, N. Processos morfofonológicos desencadeados pela adjunção dos sufixos -çon (-ção) e -mento em português arcaico. In.: REZENDE, L. M.; SILVA, B. C. D. da;

BARBOSA, J. B (org.). *Léxico e gramática: dos sentidos a construção da significação*. Série Trilhas Lingüística 16. Araraquara: Cultura Acadêmica: 2009.

RIO-TORTO, G. M. *A formação das palavras em português: aspectos de construção avaliativos*. 1993. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Portugal.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramento, 1964.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

TAVANI, G. *Ensaio português: Filologia e Lingüística*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

VILLALVA, A. *Morfologia*. In MATEUS, M. H. M.; ANDRADE, A; VIANA, M. do C.; VILLALVA, A.: *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990. p. 413-518.

VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

APÊNDICES

Nesta seção dos apêndices inserimos todas as ocorrências de substantivos deverbais coletadas nos jornais das cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP. Os apêndices estão divididos em 4 partes: A, B, C e D. Nos apêndices A e B estão os substantivos deverbais coletados na cidade de Araxá-MG, sendo que em A estão os substantivos formados com -s/ção e em B, aqueles formados com -mento. Nos apêndices C e D estão os substantivos deverbais coletados nos jornais da cidade de Araraquara-SP, sendo que em C estão os substantivos terminados em -s/ção e, em D, os substantivos formados com -mento.

APÊNDICE A

Ocorrências terminadas em -s/ção coletadas nos jornais de Araxá-MG

Substantivos deverbais formados a partir de verbos da primeira conjugação (-ar):

1. Abjeção	28. Angariação	55. Beatificação
2. Abnegação	29. Animação	56. Benção
3. Abominação	30. Antecipação	57. Calcificação
4. Aceitação	31. Apelação	58. Calefação
5. Aclamação	32. Aplicação	59. Capitalização
6. Acomodação	33. Apreciação	60. Capitulação
7. Acusação	34. Apresentação	61. Captação
8. Administração	35. Aprovação	62. Castração
9. Admiração	36. Aproximação	63. Caução
10. Admissão	37. Apuração	64. Celebração
11. Admoestação	38. Argumentação	65. Cintilação
12. Adoção	39. Arrancação	66. Circulação
13. Adoração	40. Arrecadação	67. Citação
14. Afetação	41. Arrematação	68. Civilização
15. Afirmação	42. Articulação	69. Classificação
16. Agitação	43. Aspiração	70. Cogitação
17. Aglomeração	44. Aspiração	71. Colaboração
18. Agregação	45. Asserção	72. Coleção
19. Agremiação	46. Associação	73. Colocação
20. Alegação	47. Atenção	74. Colonização
21. Alfabetização	48. Atribulação	75. Comemoração
22. Alimentação	49. Atuação	76. Comiseração
23. Alteração	50. Audição	77. Comparação
24. Ambição	51. Autorização	78. Compensação
25. Amenização	52. Averiguação	79. Complicação
26. Amortização	53. Bajulação	80. Comprovação
27. Ampliação	54. Baldeação	81. Comunicação

- | | | |
|----------------------|---------------------|---------------------|
| 82. Concentração | 115. Cristianização | 148. Dotação |
| 83. Conciliação | 116. Decepção | 149. Duração |
| 84. Concretização | 117. Declaração | 150. Edição |
| 85. Condenação | 118. Decretação | 151. Edificação |
| 86. Confabulação | 119. Dedicção | 152. Educação |
| 87. Confecção | 120. Degradação | 153. Efetivação |
| 88. Confirmação | 121. Delegação | 154. Elaboração |
| 89. Confissão | 122. Deliberação | 155. Elevação |
| 90. Conflagração | 123. Demarcação | 156. Eliminação |
| 91. Confraternização | 124. Demonstração | 157. Elucidação |
| 92. Congratulação | 125. Denominação | 158. Emanação |
| 93. Congregação | 126. Depravação | 159. Emancipação |
| 94. Consagração | 127. Depreciação | 160. Embarcação |
| 95. Conservação | 128. Depredação | 161. Emoção |
| 96. Consideração | 129. Desapropriação | 162. Encadernação |
| 97. Consolação | 130. Designação | 163. Entonação |
| 98. Consolidação | 131. Desinfecção | 164. Erradicação |
| 99. Constelação | 132. Desmoralização | 165. Escalação |
| 100. Consternação | 133. Desolação | 166. Escavação |
| 101. Consumo | 134. Desorganização | 167. Especialização |
| 102. Contaminação | 135. Despreocupação | 168. Especificação |
| 103. Contemplação | 136. Determinação | 169. Especulação |
| 104. Contestação | 137. Deturpação | 170. Estação |
| 105. Continuação | 138. Devastação | 171. Estagnação |
| 106. Contraindicação | 139. Devoção | 172. Esterilização |
| 107. Conversação | 140. Diferenciação | 173. Eugenização |
| 108. Convocação | 141. Discriminação | 174. Evacuação |
| 109. Convulsão | 142. Disseminação | 175. Evocação |
| 110. Cooperação | 143. Dissimulação | 176. Exaltação |
| 111. Coroação | 144. Dissipação | 177. Exceção |
| 112. Cotação | 145. Dizimação | 178. Excitação |
| 113. Crepitação | 146. Doação | 179. Exclamação |
| 114. Criação | 147. Dominação | 180. Execução |

- | | | |
|-------------------------|-----------------------|----------------------|
| 181. Exitação | 214. Imediação | 247. Investigação |
| 182. Exortação | 215. Imitação | 248. Invicação |
| 183. Exortação | 216. Importação | 249. Invocação |
| 184. Expição | 217. Imprecação | 250. Irrigação |
| 185. Explanação | 218. Impugnação | 251. Irritação |
| 186. Exploração | 219. Imunização | 252. Isenção |
| 187. Exportação | 220. Inauguração | 253. Legislação |
| 188. Expressão | 221. Inclinação | 254. Libertação |
| 189. Fabricação | 222. Indagação | 255. Ligação |
| 190. Felicitação | 223. Indenização | 256. Liquidação |
| 191. Filiação | 224. Indignação | 257. Locação |
| 192. Filtração | 225. Industrialização | 258. Localização |
| 193. Fiscalização | 226. Infecção | 259. Majoração |
| 194. Flutuação | 227. Infiltração | 260. Maldição |
| 195. Fonação | 228. Inflamação | 261. Manifestação |
| 196. Formação | 229. Informação | 262. Manipulação |
| 197. Fortificação | 230. Injeção | 263. Manipulação |
| 198. Fundação | 231. Inquietação | 264. Marcação |
| 199. Geração | 232. Insinuação | 265. Mastigação |
| 200. Germinação | 233. Inspeção | 266. Mediação |
| 201. Gradação | 234. Inspeção | 267. Meditação |
| 202. Gravação | 235. Inspiração | 268. Menção |
| 203. Habilitação | 236. Instalação | 269. Mercantilização |
| 204. Habitação | 237. Integração | 270. Mineração |
| 205. Hesitação | 238. Intenção | 271. Mobilização |
| 206. Hidroeletrificação | 239. Intensificação | 272. Moderação |
| 207. Hostilização | 240. Interdição | 273. Modificação |
| 208. Humilhação | 241. Internação | 274. Movimentação |
| 209. Idealização | 242. Interpretação | 275. Nacionalização |
| 210. Identificação | 243. Interrogação | 276. Narração |
| 211. Iluminação | 244. Intimação | 277. Natação |
| 212. Ilustração | 245. Inundação | 278. Navegação |
| 213. Imaginação | 246. Invenção | 279. Negação |

280. Negociação	313. Preparação	346. Reparação
281. Noção	314. Prescrutação	347. Repatriação
282. Nomeação	315. Prestação	348. Representação
283. Notificação	316. Proclamação	349. Reprovação
284. Objeção	317. Procuração	350. Reputação
285. Obrigação	318. Profissão	351. Requisição
286. Observação	319. Programação	352. Resignação
287. Obsessão	320. Projeção	353. Respiração
288. Obstinação	321. Proliferação	354. Ressurreição
289. Obturação	322. Propagação	355. Restauração
290. Ocupação	323. Provocação	356. Retificação
291. Ondulação	324. Publicação	357. Revalidação
292. Operação	325. Purificação	358. Revelação
293. Oração	326. Qualificação	359. Salvação
294. Ordenação	327. Queimação	360. Sanção
295. Organização	328. Quitação	361. Santificação
296. Orientação	329. Realização	362. Santificação
297. Ornamentação	330. Reclamação	363. Saudação
298. Ovação	331. Recomendação	364. Secção
299. Palpitação	332. Reconciliação	365. Secreção
300. Patinação	333. Reconstitucionalização	366. Segregação
301. Penetração	334. Recordação	367. Seleção
302. Peregrinação	335. Recuperação	368. Semeação
303. Perpetuação	336. Reestruturação	369. Separação
304. Personificação	337. Refração	370. Seriação
305. Plantação	338. Refutação	371. Significação
306. População	339. Regeneração	372. Simplificação
307. Postergação	340. Regimentação	373. Situação
308. Povoação	341. Reivindicação	374. Solicitação
309. Precisão	342. Relação	375. Solução
310. Predestinação	343. Remodelação	376. Suavização
311. Pregação	344. Remuneração	377. Sublimação
312. Preocupação	345. Renovação	378. Substituição

379. Sujeição	388. Transmigração	397. Veiculação
380. Supervisão	389. Tribulação	398. Versão
381. Suplicação	390. Tributação	399. Vibração
382. Sustentação	391. Tripulação	400. Violação
383. Tentação	392. Utilização	401. Viração
384. Terminação	393. Vacinação	402. Vociferação
385. Torrefação	394. Valorização	403. Votação
386. Transformação	395. Variação	
387. Transição	396. Vegetação	

Substantivos deverbais formados a partir de verbos da segunda conjugação (-er):

1. Apreensão	22. Detenção	43. Prescrição
2. Aparição	23. Eleição	44. Proscrição
3. Ascensão	24. Extensão	45. Perdição
4. Apreensão	25. Exposição	46. Propensão
5. Abstenção	26. Estenção	47. Predição
6. Conversão	27. Intercessão	48. Promoção
7. Contradição	28. Inscrição	49. Percepção
8. Composição	29. Imposição	50. Resolução
9. Cocção	30. Interrupção	51. Recepção
10. Circunscrição	31. Intromissão	52. Repreensão
11. Concepção	32. Manutenção	53. Retenção
12. Corrupção	33. Oposição	54. Revolução
13. Comoção	34. Obtenção	55. Remoção
14. Compreensão	35. Perversão	56. Sucessão
15. Concessão	36. Pretensão	57. Suspensão
16. Convicção	37. Previsão	58. Subscrição
17. Devolução	38. Proteção	59. Satisfação
18. Descrição	39. Putrefação	60. Subvenção
19. Dissolução	40. Proposição	61. Submissão
20. Decomposição	41. Prisão	62. Transcrição
21. Deposição	42. Precaução	63. Visão

64. Versão

Substantivos deverbais formados a partir de verbos da terceira conjugação (-ir):

1. Ação	30. Distinção	59. Instrução
2. Abolição	31. Distração	60. Intervenção
3. Abstração	32. Distribuição	61. Introdução
4. Adesão	33. Diversão	62. Intuição
5. Aflição	34. Divisão	63. Invasão
6. Aquisição	35. Divulgação	64. Nutrição
7. Atração	36. Documentação	65. Permissão
8. Atribuição	37. Ereção	66. Perseguição
9. Competição	38. Erosão	67. Persuasão
10. Compressão	39. Erudição	68. Petição
11. Conclusão	40. Evolução	69. Poluição
12. Condução	41. Exclusão	70. Posição
13. Confusão	42. Exibição	71. Possessão
14. Constituição	43. Expansão	72. Presunção
15. Construção	44. Expedição	73. Produção
16. Contribuição	45. Explicação	74. Profusão
17. Contusão	46. Explosão	75. Proibição
18. Correção	47. Extinção	76. Prostituição
19. Dedução	48. Ilusão	77. Reação
20. Definição	49. Impressão	78. Reconstituição
21. Deglutição	50. Inanição	79. Reconstrução
22. Demolição	51. Inclusão	80. Redação
23. Depressão	52. Incompreensão	81. Redenção
24. Destruição	53. Incorreção	82. Regressão
25. Difusão	54. Incursão	83. Repartição
26. Diminuição	55. Indicação	84. Repercussão
27. Direção	56. Inquisição	85. Repetição
28. Discussão	57. Inserção	86. Reprodução
29. Disposição	58. Instituição	87. Repulsão

- | | | | | | |
|-----|--------------|-----|------------|------|--------------|
| 88. | Restrição | 93. | Subdivisão | 98. | Transação |
| 89. | Retribuição | 94. | Suposição | 99. | Transgressão |
| 90. | Retrogressão | 95. | Tradição | 100. | Transmissão |
| 91. | Sedução | 96. | Tradução | 101. | Unção |
| 92. | Sensação | 97. | Traição | | |

APÊNDICE B

Ocorrências terminadas em -mento coletadas nos jornais de Araxá-MG:

Substantivos deverbais formados a partir de verbos da primeira conjugação (-ar):

1. Abaixamento	28. Armamento	55. Encerramento
2. Abortamento	29. Arrendamento	56. Ensino
3. Acabamento	30. Assentamento	57. Enterramento
4. Acampamento	31. Atordoamento	58. Entrelaçamento
5. Acatamento	32. Atropelamento	59. Envenenamento
6. Acompanhamento	33. Aumento	60. Esfacelamento
7. Adestramento	34. Aviamento	61. Estacionamento
8. Adiantamento	35. Barateamento	62. Estrangulamento
9. Afastamento	36. Beneficiamento	63. Financiamento
10. Afrouxamento	37. Casamento	64. Firmamento
11. Agrupamento	38. Chamamento	65. Franqueamento
12. Ajardinamento	39. Congraçamento	66. Funcionamento
13. Ajuntamento	40. Contentamento	67. Fundamento
14. Ajustamento	41. Cruzamento	68. Fuzilamento
15. Alheamento	42. Cumprimento	69. Isolamento
16. Alimento	43. Departamento	70. Julgamento
17. Alinhamento	44. Derramamento	71. Juramento
18. Alistamento	45. Desaparelhamento	72. Lamento
19. Andamento	46. Desbaratamento	73. Lançamento
20. Aniquilamento	47. Descoramento	74. Latejamento
21. Aparelhamento	48. Deslocamento	75. Levantamento
22. Apartamento	49. Deslumbramento	76. Loteamento
23. Aperfeiçoamento	50. Destacamento	77. Mandamento
24. Apontamento	51. Documento	78. Medicamento
25. Aprimoramento	52. Embelezamento	79. Melhoramento
26. Aproveitamento	53. Empastelamento	80. Orçamento
27. Argumento	54. Encantamento	81. Ornamento

82. Pagamento	90. Reaparelhamento	98. Sarjeteamento
83. Passamento	91. Recenseamento	99. Temperamento
84. Pensamento	92. Refinamento	100. Torpedeamento
85. Policiamento	93. Regulamento	101. Tratamento
86. Processamento	94. Remodelamento	102. Treinamento
87. Prolongamento	95. Retemperamento	103. Vasculhamento
88. Pronunciamento	96. Salvamento	
89. Reajustamento	97. Saneamento	

Substantivos deverbais formados a partir de verbos da segunda conjugação (-er):

1. Abastecimento	17. Desvanecimento	33. Nascimento
2. Abatimento	18. Embrutecimento	34. Padecimento
3. Aborrecimento	19. Empobrecimento	35. Preenchimento
4. Acolhimento	20. Empreendimento	36. Procedimento
5. Acontecimento	21. Engrandecimento	37. Provimto
6. Agradecimento	22. Enriquecimento	38. Recebimento
7. Aparecimento	23. Entendimento	39. Recolhimento
8. Arrependimento	24. Esclarecimento	40. Reconhecimento
9. Atrevimento	25. Esquecimento	41. Reerguimento
10. Comparecimento	26. Estabelecimento	42. Regimento
11. Conhecimento	27. Falecimento	43. Rendimento
12. Constrangimento	28. Florescimento	44. Requerimento
13. Crescimento	29. Fornecimento	45. Restabelecimento
14. Decrescimento	30. Mantimento	46. Sofrimento
15. Desaparecimento	31. Merecimento	47. Valimento
16. Desenvolvimento	32. Movimento	48. Vencimento

Substantivos deverbais formados a partir de verbos da terceira conjugação (-ir):

1. Compartimento	5. Discernimento	9. Fingimento
2. Calçamento	6. Divertimento	10. Impedimento
3. Cumprimento	7. Descobrimento	11. Prosseguimento
4. Consentimento	8. Ferimento	12. Retraimento

13. Ressurgimento

14. Sentimento

15. Sortimento

16. Seguimento

APÊNDICE C

Ocorrências terminadas em -s/ção coletadas nos jornais de Araraquara-SP:

Substantivos deverbais formados a partir de verbos da primeira conjugação (-ar):

- | | | |
|-------------------|--------------------|--------------------|
| 1. Abnegação | 29. Animação | 57. Averiguação |
| 2. Abstenção | 30. Anotação | 58. Aviação |
| 3. Aceitação | 31. Antecipação | 59. Bonificação |
| 4. Aclamação | 32. Apelação | 60. Caiação |
| 5. Acomodação | 33. Aplicação | 61. Canonização |
| 6. Acumulação | 34. Aposentação | 62. Capitalização |
| 7. Acusação | 35. Aproximação | 63. Caracterização |
| 8. Adaptação | 36. Apreciação | 64. Carregação |
| 9. Adjudicação | 37. Apresentação | 65. Catação |
| 10. Administração | 38. Aprovação | 66. Celebração |
| 11. Admiração | 39. Apuração | 67. Centralização |
| 12. Adoção | 40. Aração | 68. Cintilação |
| 13. Adoração | 41. Arborização | 69. Circulação |
| 14. Adubação | 42. Argumentação | 70. Circunvolução |
| 15. Afinação | 43. Armação | 71. Cristianização |
| 16. Afirmação | 44. Arrebatação | 72. Citação |
| 17. Afixação | 45. Arrecadação | 73. Civilização |
| 18. Agitação | 46. Arregimentação | 74. Classificação |
| 19. Agremiação | 47. Arrematação | 75. Coagulação |
| 20. Alegação | 48. Aspiração | 76. Colaboração |
| 21. Alfabetização | 49. Assimilação | 77. Coleção |
| 22. Alienação | 50. Associação | 78. Coligação |
| 23. Alimentação | 51. Assombração | 79. Colocação |
| 24. Alteração | 52. Atenção | 80. Colonização |
| 25. Amamentação | 53. Atribulação | 81. Coloração |
| 26. Ambição | 54. Atuação | 82. Combinação |
| 27. Ampliação | 55. Autorização | 83. Comemoração |
| 28. Anexação | 56. Avaliação | 84. Comparação |

- | | | |
|-----------------------|-----------------------|---------------------|
| 85. Compensação | 118. Continuação | 151. Desintegração |
| 86. Complicação | 119. Contradição | 152. Desocupação |
| 87. Composição | 120. Contraposição | 153. Desorganização |
| 88. Comprovação | 121. Conversação | 154. Desproporção |
| 89. Comunicação | 122. Convocação | 155. Desvendação |
| 90. Concentração | 123. Cooperação | 156. Determinação |
| 91. Concessão | 124. Coroação | 157. Deturpação |
| 92. Conciliação | 125. Correlação | 158. Devoção |
| 93. Concretização | 126. Cotação | 159. Dialectação |
| 94. Condecoração | 127. Criação | 160. Dialogação |
| 95. Condenação | 128. Decepção | 161. Dilatação |
| 96. Confabulação | 129. Declamação | 162. Dimensão |
| 97. Confecção | 130. Declaração | 163. Disseminação |
| 98. Confederação | 131. Decoração | 164. Distinção |
| 99. Confirmação | 132. Dedicção | 165. Distribuição |
| 100. Confissão | 133. Deflagração | 166. Divagação |
| 101. Conflagração | 134. Degeneração | 167. Divulgação |
| 102. Conformação | 135. Degradação | 168. Doação |
| 103. Confraternização | 136. Delegação | 169. Dominação |
| 104. Congratulação | 137. Deliberação | 170. Dotação |
| 105. Congregação | 138. Demarcação | 171. Duração |
| 106. Consecução | 139. Demonstração | 172. Edição |
| 107. Conservação | 140. Denominação | 173. Edificação |
| 108. Consideração | 141. Deposição | 174. Educação |
| 109. Consignação | 142. Depravação | 175. Elaboração |
| 110. Consolação | 143. Deputação | 176. Eletrificação |
| 111. Consolidação | 144. Desafinação | 177. Elevação |
| 112. Conspiração | 145. Desagregação | 178. Eliminação |
| 113. Consternação | 146. Desapropriação | 179. Elucidação |
| 114. Constipação | 147. Descentralização | 180. Emancipação |
| 115. Contaminação | 148. Discriminação | 181. Emoção |
| 116. Contemplação | 149. Designação | 182. Emulação |
| 117. Contestação | 150. Desinfecção | 183. Encampação |

184. Encenação	217. Fabricação	250. Imunização
185. Entronização	218. Facilitação	251. Inalação
186. Equiparação	219. Falação	252. Inauguração
187. Escalação	220. Fascinação	253. Inbdumação
188. Escavação	221. Felicitação	254. Incineração
189. Escrituração	222. Fermentação	255. Inclinação
190. Especialização	223. Fiação	256. Inconformação
191. Especificação	224. Fiscalização	257. Incorporação
192. Estabilização	225. Fissão	258. Incriminação
193. Estimação	226. Fixação	259. Incubação
194. Exalação	227. Flagelação	260. Indagação
195. Exaltação	228. Floração	261. Indenização
196. Exasperação	229. Formação	262. Indicação
197. Exceção	230. Fragmentação	263. Indignação
198. Excursão	231. Fulguração	264. Individuação
199. Execução	232. Fundação	265. Infecção
200. Exoneração	233. Generalização	266. Inflamação
201. Exortação	234. Geração	267. Informação
202. Expectoração	235. Gratificação	268. Injeção
203. Expeculação	236. Gravação	269. Inoculação
204. Experimentação	237. Habilitação	270. Inovação
205. Expiação	238. Habitação	271. Insinuação
206. Expiração	239. Humilhação	272. Inspeção
207. Explicação	240. Identificação	273. Inspiração
208. Exploração	241. Iluminação	274. Instalação
209. Exportação	242. Imaginação	275. Instauração
210. Exposição	243. Imediação	276. Intenção
211. Expressão	244. Imigração	277. Intensificação
212. Exprobação	245. Imitação	278. Intercessão
213. Expulsão	246. Imolação	279. Interdição
214. Extenuação	247. Importação	280. Internação
215. Extradicação	248. Impugnação	281. Interpelação
216. Exumação	249. Imputação	282. Interpretação

283. Interrogação	316. Mendigação	349. Oscilação
284. Intimação	317. Mineração	350. Pacificação
285. Intoxicação	318. Mistificação	351. Palpitação
286. Intubação	319. Moderação	352. Panificação
287. Inumação	320. Modificação	353. Paralisação
288. Invenção	321. Moralização	354. Participação
289. Investigação	322. Mortificação	355. Patinação
290. Invicação	323. Movimentação	356. Penetração
291. Invocação	324. Multiplicação	357. Percepção
292. Irradiação	325. Murmuração	358. Peregrinação
293. Isenção	326. Narração	359. Perturbação
294. Justificação	327. Natação	360. Plantação
295. Lamentação	328. Naturalização	361. Pontuação
296. Legislação	329. Navegação	362. População
297. Libação	330. Negação	363. Pormenorização
298. Liberação	331. Negociação	364. Posição
299. Ligação	332. Neutralização	365. Povoação
300. Limitação	333. Nomeação	366. Precaução
301. Liquidação	334. Notificação	367. Precipitação
302. Locação	335. Objeção	368. Precisão
303. Localização	336. Obrigação	369. Predestinação
304. Lotação	337. Obscedação	370. Preocupação
305. Louvação	338. Observação	371. Preparação
306. Magnetização	339. Obsessão	372. Prestação
307. Majoração	340. Ocupação	373. Prestidigitação
308. Malcriação	341. Ondulação	374. Pretensão
309. Manifestação	342. Opção	375. Privação
310. Manipulação	343. Operação	376. Proclamação
311. Marcação	344. Opilação	377. Procuração
312. Mastigação	345. Oração	378. Profanação
313. Medicação	346. Organização	379. Programação
314. Meditação	347. Orientação	380. Projeção
315. Menção	348. Ornamentação	381. Proliferação

382. Promulgação	415. Remodelação	448. Sublevação
383. Propagação	416. Remuneração	449. Submissão
384. Proporção	417. Renovação	450. Sufocação
385. Prorrogação	418. Reorganização	451. Superprodução
386. Proteção	419. Reparação	452. Sustentação
387. Provação	420. Representação	453. Tensão
388. Provisão	421. Reputação	454. Tentação
389. Provocação	422. Resignação	455. Terminação
390. Publicação	423. Respiração	456. Torrefação
391. Pulverização	424. Ressurreição	457. Transação
392. Purificação	425. Restauração	458. Transfiguração
393. Qualificação	426. Revacinação	459. Transformação
394. Quitação	427. Revelação	460. Translação
395. Racionalização	428. Revitalização	461. Transmigração
396. Radiação	429. Revogação	462. Transpiração
397. Ratificação	430. Revolução	463. Transposição
398. Reabilitação	431. Rotação	464. Trepidação
399. Realização	432. Ruralização	465. Tribulação
400. Recitação	433. Rutilação	466. Tributação
401. Reclamação	434. Salvação	467. Tripulação
402. Reconciliação	435. Sanção	468. Unificação
403. Recordação	436. Saturação	469. Utilização
404. Recreação	437. Saudação	470. Vacinação
405. Recuperação	438. Secção	471. Vadiação
406. Reedição	439. Secreção	472. Valorização
407. Reestruturação	440. Seleção	473. Variação
408. Refinação	441. Separação	474. Vegetação
409. Refrigeração	442. Significação	475. Veneração
410. Regulamentação	443. Simplificação	476. Ventilação
411. Regularização	444. Sindicalização	477. Verificação
412. Reivindicação	445. Situação	478. Vibração
413. Relação	446. Solicitação	479. Viração
414. Rememoração	447. Solução	480. Votação

Substantivos deverbais formados a partir de verbos da segunda conjugação (-er):

1. Absolvição	18. Guarnição	35. Proposição
2. Absorção	19. Imposição	36. Recepção
3. Acepção	20. Incompreensão	37. Recomposição
4. Aparição	21. Inscrição	38. Reeleição
5. Apreensão	22. Interrupção	39. Remoção
6. Ascensão	23. Intromissão	40. Repreensão
7. Circunscrição	24. Maldição	41. Requisição
8. Comoção	25. Manutenção	42. Resolução
9. Compreensão	26. Obtenção	43. Retenção
10. Concepção	27. Oposição	44. Revisão
11. Conversão	28. Predição	45. Satisfação
12. Descrição	29. Predisposição	46. Subvenção
13. Devolução	30. Preposição	47. Sucessão
14. Disposição	31. Prescrição	48. Suspensão
15. Dissolução	32. Previsão	49. Visão
16. Eleição	33. Prisão	
17. Extensão	34. Promoção	

Substantivos deverbais formados a partir de verbos da terceira conjugação (-ir):

1. Abolição	14. Compressão	27. Depressão
2. Abstração	15. Conclusão	28. Desilusão
3. Ação	16. Confusão	29. Desobstrução
4. Adesão	17. Constituição	30. Destruição
5. Admissão	18. Constrição	31. Diluição
6. Aflição	19. Contravenção	32. Diminuição
7. Agressão	20. Contribuição	33. Direção
8. Alusão	21. Construção	34. Discussão
9. Aquisição	22. Correção	35. Distinção
10. Atração	23. Decisão	36. Distração
11. Atribuição	24. Definição	37. Diversão
12. Audição	25. Demissão	38. Divisão
13. Competição	26. Dentição	39. Ebulição

- | | | |
|----------------|------------------|------------------|
| 40. Eclosão | 62. Inquirição | 84. Redação |
| 41. Efusão | 63. Inserção | 85. Redenção |
| 42. Emissão | 64. Instituição | 86. Redução |
| 43. Ereção | 65. Intervenção | 87. Repartição |
| 44. Erosão | 66. Introdução | 88. Repercussão |
| 45. Evolução | 67. Instrução | 89. Repetição |
| 46. Exibição | 68. Intuição | 90. Repressão |
| 47. Expansão | 69. Invasão | 91. Reprodução |
| 48. Expedição | 70. Munição | 92. Rescisão |
| 49. Explosão | 71. Nutrição | 93. Restrição |
| 50. Extinção | 72. Omissão | 94. Retribuição |
| 51. Extração | 73. Opressão | 95. Sedução |
| 52. Fundação | 74. Permissão | 96. Sensação |
| 53. Fusão | 75. Perseguição | 97. Subnutrição |
| 54. Ilusão | 76. Petição | 98. Substituição |
| 55. Imiscuição | 77. Prevenção | 99. Supressão |
| 56. Impressão | 78. Produção | 100. Tradução |
| 57. Inclusão | 79. Proibição | 101. Traição |
| 58. Incursão | 80. Punição | 102. Transfusão |
| 59. Indecisão | 81. Reação | 103. Transmissão |
| 60. Infração | 82. Readmissão | |
| 61. Injunção | 83. Reconstrução | |

APÊNDICE D

Ocorrências terminadas em -mento coletadas nos jornais de Araraquara-SP:

Substantivos deverbais formados a partir de verbos da primeira conjugação (-ar):

1. Abaulamento	29. Argumento	57. Derramamento
2. Abrandamento	30. Armamento	58. Desarmamento
3. Acabamento	31. Armazenamento	59. Desdobramento
4. Acampamento	32. Arrendamento	60. Deslumbramento
5. Acanhamento	33. Arrojamento	61. Desmembramento
6. Açodamento	34. Arrolamento	62. Desnudamento
7. Acompanhamento	35. Arruamento	63. Destacamento
8. Acondicionamento	36. Assentamento	64. Documento
9. Adiantamento	37. Atassalhamento	65. Embasamento
10. Afastamento	38. Aterramento	66. Embelezamento
11. Agrupamento	39. Aumento	67. Emplacamento
12. Ajardinamento	40. Avançamento	68. Encaminhamento
13. Ajuntamento	41. Beneficiamento	69. Encanamento
14. Alargamento	42. Calçamento	70. Encerramento
15. Alheimento	43. Cancelamento	71. Encurtamento
16. Alimento	44. Carregamento	72. Engrossamento
17. Alinhamento	45. Casamento	73. Enrolamento
18. Alistamento	46. Cimento	74. Ensinoamento
19. Alojamento	47. Complemento	75. Enterramento
20. Andamento	48. Comportamento	76. Envenenamento
21. Aniquilamento	49. Condimento	77. Equipamento
22. Aparelhamento	50. Congelamento	78. Esbofeteamento
23. Apartamento	51. Congestionamento	79. Estacionamento
24. Aperfeiçoamento	52. Congraçamento	80. Estofamento
25. Aportamento	53. Contentamento	81. Fechamento
26. Aprimoramento	54. Cruzamento	82. Fermento
27. Aproveitamento	55. Departamento	83. Financiamento
28. Aquartelamento	56. Depauperamento	84. Firmamento

85. Fomento	101. Movimento	117. Raleamento
86. Fragmento	102. Nivelamento	118. Rasgamento
87. Funcionamento	103. Orçamento	119. Reajustamento
88. Fundamento	104. Ornamentos	120. Recenseamento
89. Incitamento	105. Pagamento	121. Recrutamento
90. Instrumento	106. Paramento	122. Regulamento
91. Isolamento	107. Passamento	123. Revigoramento
92. Julgamento	108. Pavimento	124. Rudimento
93. Lacramento	109. Pensamento	125. Sarjeteamento
94. Lamento	110. Policiamento	126. Sepultamento
95. Lançamento	111. Polvilhamento	127. Solucionamento
96. Licenciamento	112. Povoamento	128. Tabelaento
97. Mandamento	113. Predicamento	129. Temperamento
98. Medicamento	114. Prolongamento	130. Tratamento
99. Melhoramento	115. Pronunciamento	131. Treinamento
100. Monumento	116. Racionamento	

Substantivos deverbais formados a partir de verbos da segunda conjugação (-er):

1. Abastecimento	15. Conhecimento	29. Encarecimento
2. Abatimento	16. Constrangimento	30. Engrandecimento
3. Aborrecimento	17. Corrimento	31. Entendimento
4. Acolhimento	18. Cozimento	32. Entretenimento
5. Acontecimento	19. Crescimento	33. Esclarecimento
6. Agradecimento	20. Depoimento	34. Esmorecimento
7. Aparecimento	21. Desaparecimento	35. Esquecimento
8. Apodrecimento	22. Desconhecimento	36. Estabelecimento
9. Aprazimento	23. Desenvolvimento	37. Estremecimento
10. Aquecimento	24. Desfalecimento	38. Falecimento
11. Arrependimento	25. Desprendimento	39. Fornecimento
12. Batimento	26. Desvalimento	40. Mantimentos
13. Cabimento	27. Desvanecimento	41. Merecimento
14. Comparecimento	28. Empreendimento	42. Nascimento

43. Padecimento	49. Recolhimento	55. Restabelecimento
44. Preenchimento	50. Reconhecimento	56. Rompimento
45. Procedimento	51. Reerguimento	57. Sofrimento
46. Provimento	52. Regimento	58. Valimento
47. Reaparecimento	53. Rendimento	59. Vencimento
48. Recebimento	54. Requerimento	

Substantivos deverbais formados a partir de verbos da terceira conjugação (-ir):

1. Compartimento	7. Divertimento	13. Retraimento
2. Consentimento	8. Ferimento	14. Saimento
3. Cumprimento	9. Fingimento	15. Seguimento
4. Deferimento	10. Impedimento	16. Sentimento
5. Descobrimento	11. Prosseguimento	17. Sortimento
6. Discernimento	12. Ressentimento	18. Surgimento

ANEXOS

Nesta seção dos anexos, apresentamos a primeira página (capa) de uma edição de cada jornal utilizado para a montagem do *corpus*. Os nossos anexos foram divididos em duas partes, A e B, somando o total de dezoito jornais. No **Anexo A**, inserimos os jornais de Araxá-MG, cujos títulos são: A Voz Parochial, Boletim Paroquial, Cidade de Araxá, Gazeta de Araxá, Lar Católico, O Boneco, O Comêta, O Estudante, O Treco, O Tagarela, The Triangle e Voz Escolar. No **Anexo B**, inserimos os jornais de Araraquara-SP, cujos títulos são: Correio Popular, Correio da Tarde, Jornal de Notícias, O Araraquarense, O Commercio, O Imparcial. Todas as imagens que constam nos anexos fazem parte do nosso acervo e foram geradas a partir das fotografias dos jornais que se encontram nos arquivos das cidades de Araxá-MG e Araraquara-SP.

ANEXO A – Jornais de Araxá-MG

Jornal A Voz Parochial, edição de 01/05/1917.

ASSIGNATURAS ANNO 5\$000 SEM 3\$000 AVULSO 200	A Voz Parochial Director Padre ANDRÉ AGUIRRE † † Redactor Dr. EDUARDO MONTANDON COLLABORADORES DIVERSOS (Com aprovação da autoridade Diocesana)	GERENTE Antonio Ribeiro da Silva
ANNO I	Araxá, 1 Maio de 1917	Num. 1

Apresentação

Vem hoje á luz da publicidade *A Voz Parochial*, periodico quinzenal, de orientação catholica, cuja principal circulação se destina a este municipio.

E' costume, quando um novo campeão surge na arena da imprensa, apresentar-se com suas credenciaes ao publico perante o qual elle vai se exhibir.

O jornal catholico podia fazer excepção a essa regra, pela simples razão de que o seu titulo já representa, elle proprio, um programma bem definido.

Faremos, todavia, concerto com a praxe e diremos ao leitor o que somos, o que pretendemos e ao que viemos.

Somos um punhado de catholicos, humildes em nossa condição, altivos em nossa fé e que encheremos na Cruz o verdadeiro signo da redempção da humanidade.

Pretendemos, na medida de nossas forças, contribuir para o fortalecimento da fé religiosa no circulo de nossa acção, fazendo projectar por intermedio do jornal catholico a luz de nossa crença nos espiritos absorvidos pelo indifferentismo.

Seremos sempre moderados na linguagem, procurando imitar, na palavra como no gesto, a meiguice convincente de Christo Nazareno, cuja voz suave e mansa ia sempre direita ao coração dos que o ouviam.

Uma crença não se discute, mas defende-se e reconstrue-se, na alma daquelle em que o alicerce da Fé ameaça se esborçar. E a palavra escripta, como a falada, constitue o elemento melhor para reanimar os espiritos solapados pela descrença.

Viemos juntar o nosso modesto concurso ao daquelle que pelem sob o pallio da Fé contra o abuso e a heresia dos outros que só encaram a vida pelo lado material. Entre estes proeminam os destemperados da imprensa, cuja penna se ensopa na tinta negra da calumnia, provocando escandalos, atacando reputações, desrespeitando alheias crenças, ferindo susceptibilidades, procurando, enfim, demolir o proprio edificio da moral social.

Contra taes elementos nocivos, perniciosos, a acção da boa imprensa se faz necessaria, e apresenta vantagens, e offerece resultados, quando a dirige um espirito forte que não se deixa rodar no euxurro das paixões mundanas, discutindo e defendendo os bons principios com o descortino elevado de um cerebro illuminado.

Brevemente terá que circular um grande diario catholico na capital

da Republica, diario que vai se firmando em alicerces solidos no scenario da imprensa, e que será collaborador da elite dos escriptores catholicos. Infelizmente, porém, esse futuro paladino de nossa crença não poderá ser lido por toda a população do paiz, principalmente por esta do interior, onde os grandes jornaes são pouco disseminados. Dahi a razão pela qual *A Voz Parochial* se propõe ainda a diffundir entre as centenas de seus assignantes e respectivas familias a sã doutrina christã, haurindo nas columnas do grande diario o que mais importar ser divulgado.

O nosso periodico procurará tambem pôr os seus leitores a par do movimento commercial, social, politico e religioso do paiz e do estrangeiro, evitando commentarios que indiquem parcialidade, excepto no que se referir á crença catholica. E tambem não admittirá em suas columnas artigos, noticias ou correspondencias de caracter offensivo contra quem quer que seja.

Assim nos apresentamos, esperando do publico em geral e muito particularmente do povo araxense o apoio moral e material de que carecemos para bem desempenharmos nossa missão.

Uberaba, 4 de Abril de 1917.
Rev. Padre André e amigo dr. Eduardo Montandon.

Sendo a boa imprensa uma arma poderosa para sempre combater pela causa santa de Deus, fazer conhecido o reino de Deus e ganhar almas para o céu, não regeitei meus applausos e minha aprovação a qualquer empreendimento dessa ordem. Portanto muito louvo e approvo a publicação da *A Voz Parochial*, fazendo votos para que tenha longa duração e saiba pugnar sempre pela extirpação do erro com o auxilio divino, que ha de amparar os seus dedicados redactores.

Envio á *A Voz Parochial* a minha benção, extensiva aos illustres Directores.

† Eduardo, Bispo de Uberaba

RELIGIÃO E PATRIA

Nas actuaes circumstancias de profunda divisão dos animos, de lucta continua e de odios encarniçados, quando mais forte devia vibrar o amor da patria, tem-se observado um facio doloroso: é a guerra movida a religião por certos governos. Antigamente a divisa do patriotismo era uma divisa que dizia tudo: *Pro caris et fecis*—Pelos altares e pela patria—O heroe antigo antes de fazer de seu peito um baluarte para a patria, fazia escudo de seu corpo aos altares da religião. Era

assim que estava escripto nas bandeiras gloriosas dos nossos antepassados, era assim que entendiam o patriotismo aquelles varões destemidos que honraram a patria. Sempre e por toda a parte a religião e a patria estiveram unidas no mesmo pensamento e no mesmo affecto, porque Deus sendo a alma da patria, não pode haver verdadeiro patriotismo sem religião. Estes dois santos amores, a crença aprende sobre os joelhos maternos e nos bancos da escola. Ha hoje quem ensine e pretenda separar os; mas, esse tal, ainda que se diga patriota é um inimigo, um verdadeiro traidor da sua nação.

Quando da patria se separa a religião, como é que o soldado poderá ter pela sua bandeira aquelle culto que é a base do espirito militar? Desde a agulha de Roma até ao pendão da ultima nação constituída, não houve uma bandeira que não tivesse um caracter sagrado, que não tivesse recebido a benção da religião. Com respeito ao nosso pendão nacional, disse algúem que elle deveria ser formado com retalhos da roupeta do Jesuita e do andrajo do Bandeirante; e com sobeja razão, porque a religião e o patriotismo, symbolizados nestes dois elementos, foram a base da nossa nacionalidade.

O primeiro dever do cidadão é a submissão ás leis, que mantêm na patria a ordem e a harmonia, tutelam os direitos, protegem-lhe a vida, a grandeza e a gloria. E não é porventura a Religião que dá força á autoridade, tornando a sagrada e inviolavel? Não é a religião que nobilita a obediencia proclamando a homenagem ao Supremo principio de toda a ordem?

O segúndo dever do cidadão é amar e servir a patria; e quem mais do que o fundador da nossa religião ensinou e cultivou o amor patrio? Christo é pobre, mas faz um milagre e paga aos agentes do fisco o seu tributo. O seu amor á patria é tão forte, que por varias vezes esquecendo as proprias dores, chora as desventuras que esperam a sua nação. Quando da patria se separa a religião, começa para ella o lucto e a ignominia. Athenas se deixa arrastar pelos sophistas e Alexandre deita-lhe as cadeias; Roma deixa de adorar os numes e calie aos pés de Helio-gabal; a França se afasta da fé e vê surgir o reino do terror. Porisso dizia o fundador da independencia dos E. U.: «Uma nação para ser grande é necessario que seja religiosa».

Porisso, exclamava Benjamin Constant: «Quando se avizinha a epocha em que as ideias religiosas diminuem em um povo, avizinha-se para este povo a epocha da decadencia». Separar portanto o amor da patria do amor da religião, é fello

nia, é um delicto de lesa patria. Para engrandecer a patria não ha senão um segredo, um segredo desconhecido ou esquecido pelos politicos, e que se chama *Sacrificio*. E' necessario saber sacrificar as proprias opiniões e os proprios interesses, sa criticar-se a si mesmos pelo bem geral? E quem nos ensinará a sacrificar-nos? Porventura os potentos os litteratos, ou os philosophos? Engano! E' necessario o sopro divino, é necessaria a religião que nos inspira a caridade, sem a qual não é possivel o *Sacrificio*.

No livro de Ruth, lemos em poucas palavras a expressão simples mas verdadeira do sentimento natural que não pode separar do conceito de patria o pensamento da religião. A filha de Moab, dizia ao esposo: «Seguir-te-ei para onde quer que fores; o teu povo será o meu povo, o teu Deus será o meu Deus»—*Eis a Religião e a Patria*.

VALAFRIDUS STRABON

Aos cavalheiros que por qualquer circumstancia não quiserem tomar a assignatura da nossa modesta folha pedimos a fineza de devolverem o 1º exemplar expedido, dentro do prazo de 15 dias, quanto aos da cidade, e de 30, quanto aos de fora, ficando considerados assignantes os que não observarem esta disposição.

Si o nosso periodico comportasse por seu formato, publicariamos integralmente o magnifico sermão proferido pelo Exm. Snr. Arcebispo D. Duarte Leopoldo na sexta-feira santa na matriz de Santa Ephigenia em S. Paulo. E' bem provavel que seja reproduzido em folhetos largamente diffundidos com grande proveito dos fieis, que em poucas paginas teriam um historico da paixão de N. S. Jesus Christo, entremelhado de reflexões, que elucidam o entendimento, e dirigem a vontade nos caminhos do Senhor.

Comtudo não podemos forrarnos ao desejo de transcrever alguns trechos, que servirão de instrução a muitos, que labutam em erros sobre factos e acios, aos quaes dão interpretação contraria á boa doutrina.

Ha trechos, que em poucas palavras nos orientam sobre o viues christão que sem saltos e mansamente, sem necessidade de inelaudavelmente conduzirão o fiel ao maior grão de perfeição.

Eis um dos trechos da oração do eminente prelado que nos suggerem ensinamentos para a vida pratica. «Pedro e João vinham seguindo de longe ao divino Mestre, cuidados de que não fossem reconhecidos e presos talvez, mas interessados em acompanhar os acontecimentos que se pscipitavam.

O discipulo amado, que tinha intelligencias no palacio e era das relações do Pontifice, entrou no átrio, em quanto Pedro, cautelosamente, se deixava ficar da parte de fóra,

Jornal Boletim Paroquial, edição de jan.-fev./1943.



Diretor-Proprietário : P. EMILIO PHILIPPINI

Periodico registrado no D. I. P.

Precisamos Acabar a Matriz!

E' uma vergonha para o povo católico e culto de Araxá, ter a Matriz em tão deploravel estado ! E fazem 25 anos que a começaram !

Este ano ocorrem as bodas de prata do lançamento da primeira pedra da igreja paroquial !

Envidemos todos os esforços para levarmos a termo sua construção !

Que satisfação experimentaremos em sole-
nizar a festa do S. Natal na Matriz terminada !

Os turistas que visitarem Araxá, não leva-
rão mais a impressão tão desagradavel de terem
visto uma igreja em ruina, numa cidade que tem
fama de culta e católica !

Católicos !

Precisamos acabar a nossa Matriz !

Católicos, que possuis riquezas e que
Deus vol-as deu — empregae parte dessas ri-
quezas para o acabamento da casa de Deus, da
vossa casa de oração — do monumento melhor
e maior de vossa cidade !

COPA DO MUNDO

Atendendo às nossas solicitações, pareceram à redação de "Gazeta de Araxá" as entidades convocadas para ajudar-nos na nossa campanha, as quais, em companhia do nosso redator, dirigiram-se á Prefeitura e obtiveram do prefeito, sr. José Adolfo de Aguiar, tudo quanto junto a ele pleitearam. Em seguida foram ao Barreiro para concertar, com o diretor daquela estância, sr. Cleanto Vieira, acomodação gratuita para 50 hóspedes da CBD, tendo ficado aquele funcionário da estância encarregado da obtenção dessa hospedagem perante o governo do Estado, sr. Milton Campos. Obterá? S.s. pediu-nos dez dias de prazo para a solução do caso, afirm de consultar o Estado. Nossa campanha, para essa concentração, prosseguirá, cada vez mais incisiva, até a concretização do anelo do Povo

GAZETA DE ARAXÁ

Com o Trilógio, para o Município, pelo Povo
Semanário Independente, literário, noticioso e de combate

ANO 1

Diretor e redator
Dionísio de Melo

Araxá, de 13 Fevereiro de 1949

Gerente
Gaudêncio Alves Ferreira

N. 4

— Galeria dos Homens Ilustres —



Sr. Fausto Alvim, que urbanizou nossa cidade e deu impulso ao nosso progresso



Sr. Almeida Machado, que lutou pelo bem de Araxá e a quem devemos a existência do Asilo de S. Vicente

Francisco dos Santos

A uma hora da madrugada do dia 6 deste, em sua residência 4 rua Olegário Marciel nº 334, o sr. Francisco dos Santos, faleceu.

Esse indito acontecimento despertou e abalou profundamente a nossa ci-

dade, pois o morto contava com um vastíssimo círculo de amigos e era pessoa que desfrutava de imenso prestígio perante as diversas classes que compõem a nossa sociedade.

Bom conselheiro aos a-

lunos nas ocasiões difíceis, tendo por norma de vida o bom senso e a compreensão clara das coisas, era a personificação viva da lisura, honestidade, energia na manutenção da verdade, ferisse ela a quem ferisse, e amigo do progresso e da grandesa da cidade e da Pátria.

Excelente pai de família, alestou os filhos que deixou, muitos formados e

batalhadores das boas causas de Araxá, salientando-se entre eles como incansáveis lutadores pela solução dos nossos problemas, os dres. Walter, José Maria e Nilson. Esposo honrado, bom irmão, avô carinhoso, sogro solidário e tio protetor, deixou viúva a sra. d. Adozinda Porfírio dos Santos.

Era irmão do sr. Feofilos dos Santos, de saudosa memória, falecido

AGRADECIMENTO

Consignamos aqui os nossos agradecimentos aos srs. dr. Cristiano Barsante, representante do Aero Club, Ordem dos Advogados, Ipiranga E. C., Rotary Club e Centro dos Choferes; Ernesto Rosa, representante da colonia italiana; Abrão Tannus, da colonia siria; Mario Rosa, do Najá F. C.; Hildebrando Maneira, da Associação Comercial; Helio Ferreira, da Radio Imbiara, Cine Bra-

sil e Club Brasil—pela maneira distinta com que acorreram ao nosso chamamento para imes todos ao Prefeito solicitar do mesmo os seus bons officios em prol da nossa campanha para a concentração da Copa do Mundo em nossa terra. A's classes acima enumeradas, os nossos agradecimentos e os nossos parabens pelo bom exito obtido junto ao sr. José Adolfo de Aguiar.

há mais de um ano; do capitão Izidro Ferreira dos Santos, de d. Antonia Calmeida dos Santos (Tonica), falecida; de Alonso dos Santos, falecido; há muitos anos; de d. Julia Santos (Sinhazinha), também falecida; de d. Maria Santos Araujo, falecida; de d. Francisca dos Santos (Chiquinha), residente em Berredo; de d. Ana Santos Porfírio (Nicta) falecida, e do sr. Armando dos Santos, que todos conhecemos. Era também sogro do sr. José Antero, e das sras. dnas. Conceição, Marieta, Ruth e Ladizla.

O finado deixa, ainda os filhos: dr. Walter Santos, medico de real valor nesta cidade; dr. José Maria Santos, advogado, politico e chefe da secretaria da prefeitura; dr. Nilson Santos, também advogado, ex-coleitor nesta cidade e residente atualmente em Belo Horizonte; sr. Lauro Santos, ex-prefeito de Campos Altos; Luiz Guazaga, residente na capital do paiz; dr. Julio Cesar, recentemente formado em Direitos, sra. Dinora Santos, normalista;

e Francisco José, que segue a carreira militar.

Ao enterro de Francisco dos Santos compareceu grande massa de gente, representantes de diversas classes e entidades, inumeras familias, o clero e elevado numero de populares.

Dentre as inumeras pessoas que vimos na casa do estífo, e que acompanharam o féto ao cemiterio, vimos o sr. José Adolfo de Aguiar, prefeito municipal, dr. João Jaques Montandon, dr. Helio Montandon, dr. Danilo Cunha, sr. Damasco Drumond, dr. Americo Salgueiro Autran, sr. Leonidas Rosa, dr. Hugo Levy, sr. Joaquim Porfírio Santos, sr. Geraldo Porfírio, sr. Ernesto Rosa, sr. Romeu Zena, sr. Antonio Lessa, sr. Jaime Dumont, sr. Gil Dumont, sr. Abrão Tannus, sr. Hildebrando Maneira e diversas outras pessoas cujos nomes, no momento, não nos occorrem.

"Gazeta de Araxá", solidária com a familia enlutada no tri-le transe por que acaba de passar, envia-lhe as suas condolencias.



O prefeito da cidade, sr. José Adolfo de Aguiar, que acolheu, satisfatoriamente, e pedido que diversas classes lhe fizessem, para nomear uma comissão que vá ao Rio pleitear a concentração da COPA DO MUNDO em Araxá.



Jornal Lar Católico, edição de 20/08/1939.



FILIADO À ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS CATÓLICOS

Ano XXVII

Semanário ilustrado, editado pelos Missionários do Verbo Divino — com licença e aprovação eclesástica.

ASSINATURA anual 10\$000

AGOSTO

20
1939

Com o Suplemento mensal ilustrado da Revista missionária "ESTRELA DAS MISSÕES".

Adm.: Caixa 73 - Juiz de Fora

Numero 34

XII Domingo depois de Pentecostes

OS LADRÕES

A VIDA humana é uma grande viagem, que prossegue do berço ao túmulo, entre mil peripecias e obstáculos perigosos, a caminho da eternidade. É um raid exaustivo de resistência moral, em que a vitória cabe às almas fortes, que perseveraram na senda do dever, atingindo, à custa de mil esforços e sacrifícios pungentes, à meta de seus destinos: a glória celeste, a posse do Eterno e Sumo Bem.

A's vezes é o sereno transpôr de uma planície amena; outras vezes o espinhoso galgar de uma escabrosa encosta. Ora, a atmosfera sábia e plácida dos campos; ora os ares puros, na solidão dos montes; por vezes a charneca estéril, cheia de miasmas mortíferos; ora a cidade agitada, em que os perigos se apresentam a cada dobra do caminho.

Em qualquer trilha, porém, que nos coloque a Providência amantíssima do Pai celeste, a sua graça nos assiste, sempre cuidadosa e solícita, iluminando a estrada com o farol da fé e da esperança, fortificando o coração com os ardores da caridade. Sejam quais forem as lutas que esperem o viandante, os perigos que o ameacem, pode vencê-los, si quizer e cobrir-se de maior glória e louros mais videntes do que aqueles para os quais o caminho da vida é mais suave e agradável. As graças do estado facultam aos mais tentados e perseguidos a vitória, desde que a sua vontade corresponda fielmente às inspirações e aos mandamentos divinos.

Muitas vezes, porém, no caminho da vida, os ladrões assaltam o viajante incauto, que se expõe à jornada sem o conforto da oração e o cuidado prudente da vigilância.

Os inimigos rancorosos da humanidade saltam-na na estrada: o mundo com suas vaidades e atrações perigosas; o corpo com suas inclinações viciadas pelo pecado original; o demônio com suas tentações e inspirações funestas.

O espírito imprudente e enfraquecido não resiste ao assalto e cai em poder dos saltea-

dores, como aquele pobre homem de que nos fala Jesus no Evangelho de hoje e que desceu de Jerusalém para Jericó, quando foi atacado pelos ladrões.

É sempre nas descidas que se realizam esses perigosos incidentes: quando a alma, descurando-se e cedendo ao peso dos sentidos ou do orgulho, desce de seu elevado ideal cristão, para rastejar entre as paixões terrenas. Então se realiza o funesto assalto e a alma, destalecida, exangue, quasi expira abandonada à beira do caminho.

Desoladora ruína moral, que destrói todos os encantos e envenena a própria seiva orgânica, reduzindo o cristão a uma posta de carne sangrenta e corrupta!

O espírito, com suas aspirações elevadas ao Bem, ao Belo e à Verdade, quasi se extingue e de certo se perderá eternamente, si não vier em socorro do moribundo a caridade de algum bom Samaritano, que o socorra, dando-lhe a beber o elixir da Verdade, deitando-lhe piedosamente nas chagas o bálsamo suavíssimo da caridade cristã.

Na parábola do bom Samaritano Jesus nos revela o dever rigoroso que nos incumbe, de interessar-nos pelo bem do próximo, concorrendo de todos os modos que pudermos, para a sua salvação e felicidade.

"Faze isto e viverás!" — remata o Mestre, depois de apresentar aos que o interrogavam, como um modelo, o exemplo do bom Samaritano que, com tanto sacrifício e dedicação, salva o seu próprio inimigo. Jesus bem podia exilgê-lo de nós, pois também, como o piedoso estrangeiro, vinha cumprir na terra uma piedosa tarefa. Deu-nos o exemplo da mais sublime abnegação, do amor supremo: perfeição soberana, onipotência e sabedoria infinitas, desceu a irmanar-se com a mísera humanidade, tomou sobre si todas as nossas culpas e Ele, o inocente, declarou-se o culpado, fazendo-se vítima de reparação, hostia viva de amor! Deu-nos mais do que o bom Samaritano: não apenas os cuidados solícitos, os remédios e o dinheiro da hospedagem. Deu-nos, como preço do nosso eterno resgate, o seu Corpo e Sangue, Alma e Divindade: — a sua própria vida em holocausto. E, como si não bastasse todo o Sangue derramado no Calvário, para saciar aquela imensa sede de amor, eis que o sacrifício se eterniza e o milagre eucarístico perpetua.

através dos séculos, a caridade do Samaritano Divino, sempre à espera de um momento oportuno, em que sua graça possa derramar nas chagas de algum pobre coração ferido o bálsamo vivificante da fé, da esperança e da caridade.

EVANGELHO

S. Lucas, X, 25 — 37

NAQUELE tempo, Jesus tendo-se voltado para seus discípulos, disse: Ditosos os olhos que vêem o que vós vedes. Porque eu vos afirmo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes, e não o viram: e ouvir o que vós ouvis, e não o ouviram.

E eis que se levantou um certo doutor da lei, e lhe disse para o tentar: Mestre, que devo eu fazer para possuir a vida eterna? Jesus disse-lhe: O que é que está escrito na lei? Como lêes tu? Ele respondendo, disse: Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, e com toda a tua alma, e com todas as tuas forças, e com todo o teu entendimento, e o teu próximo como a ti mesmo. E Jesus disse-lhe: Respondeste bem: faz isso, e viverás (eternamente). Mas ele querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? E Jesus retomando a palavra, disse: Um homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos ladrões, que o despojaram (da que levava); e tendo-lhe feito feridas, retiraram-se, deixando-o meio morto. Ora, aconteceu que passava pelo mesmo caminho um sacerdote, o qual, quando o viu, passou de largo. Igualmente um levita, chegando perto daquele lugar, e vendo-o, passou adiante. Mas um Samaritano, que ia a seu caminho, chegou perto dele: e quando o viu, moveu-se de compaixão. E aproximando-se, ligou-lhe as feridas, lançando nelas azeite e vinho: e pondo-o sobre o seu jumento, levou-o a uma estalagem, e teve cuidado dele. E no dia seguinte tirou dois dinheiros, e deu-os ao estalajadeiro, e disse-lhe: Tem cuidado dele: e quanto gastares a mais, eu to satisfarei quando voltar. Qual destes tres te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões? E ele respondeu: O que usou com ele de misericórdia. Então Jesus disse-lhe: Vai, e faz tu o mesmo.

— Salvaste uma alma? Predestinaste a tua para a salvação eterna. — Sto. Agostinho.

Jornal O Boneco, edição de 02/10/1932.

Genaro Porfirio.

O BONECO

PUBLICAÇÃO INCERTA

CRITICO

RESPONSABILIDADE ILLIMITADA

Anno L C X

Araxá, 2 de Outubro de 1932

N. 002

AMIGOS LEITORES

Convocados em assembléa extraordinária, os accionistas da poderosa S. A. "O Boneco", deliberaram, por unanimidade de votos, a impressão desta nova edição do já popular pasquim.

O que levou a augusta assembléa a tomar esta deliberação foi o facto de termos ainda em caixa uns magros mil réis que nos sobraram da edição passada, os quaes, addicionados aos dez tostões da barba que cada um deixou de fazer uma vez, completaram a importancia exigida pelo Cabral. E não houve quem convencesse este a nos fazer um abatimento. O homem foi intransigente. Também, deixa estar, jacaré... Ninguém fica rico á nossa custa. Se vingar o plano que tencionamos por em pratica, era uma vez a bella "mamata".

Este projecto, nas suas linhas geraes, é, mais ou menos, o seguinte: edificaremos na Chapada, o bairro aristocratico da cidade, um arranha-céu de uns vinte e cinco andares, estylo Martinelli, onde installaremos uma officina graphica modernissima, com os ultimos modelos de rotativas, linotypos, etc. Teremos, ainda, uma completa installação de rotogravura, que vae ser a primeira de Minas.

Com todo este aparelhamento, contamos poder editar, de quando em vez, o nosso "Boneco" sem necessitar de recorreremos a outra typographia.

Desta forma, o nosso amigo Cabral, perderá uma grande "come-deira".

Todavia, como não temos ainda

em caixa um unico vintem para darmos inicio ás obras, estamos recorrendo á proverbial caridade alheia para realisarmos o nosso objectivo.

Assim, já temos recebido diversos trastes, cujos legitimos donos no-los offereceram, para serem vendidos em leilão, em prol desta louvavel iniciativa.

No proximo numero publicaremos os nomes dos distinctos offer-tantes, bem como a lista dos objectos doados.

A subscrição continúa aberta.

BEN LEÃO

PAULADAS...

O Jair, scismado que tem um corpo de George O'Brien, anda ahi a baloiçar o seu conjuncto de costellas, a ver se consegue insinuar alguma herdeira. Calma, amigo, as cegas são muito poucas ou nenhuma, só se...

O Domingos Gusmão, devido á assombrosa decadencia que vem soffrendo a sua sedosa e basta cabelleira, anda taciturno e medita-bundo. Mesmo assim, num domingo ultimo, atreveu-se a ladear uma senhorita, sua antiga Dulcinéa, e a julgar pelo entusiasmo da conversação o nosso futuro caréca parecia ter voltado ao aprisco antigo.

O Totonio Valle, com as duas mãos mettidas nos bolsos da calça (metteria três se as tivesse) e o seu «Borsalino» enterrado até ás orelhas, está certo do seu prestigio, mas mesmo assim lança seus frequentes olhares para o moço do violino, que

Jornal O Comêta, edição de jan./1945.

O COMÊTA

JORNAL NOTICIOSO INDEPENDENTE

DIRETOR-REDATOR: OLAVO DRUMMOND

NUM. 1

ARAXÁ — JANEIRO — 1945

Tiragem: 200.000

Honra ao Mérito

Teve o Centro Municipal da L. B. A. o gesto altamente simpático de colocar em exposição, no Bazar Fonseca, os retratos dos cinco bravos araxaenses que lutam na Europa pela Vitória do Brasil.

Gravemos na nossa memória, segundo as palavras do Dr. Heitor Montandon, os nomes desses heróis araxaenses, que traçam com suas laminas flamejantes uma epopeia brasileira ao longo da Linha Gótica. São todos eles conhecidos de nossa sociedade, bravos rebentos de distintas famílias araxaenses, bem dignos de nossa amizade e de nossas simpatias — credores eternos da gratidão de todos os brasileiros.

São eles: Tobias Vilela de Paiva, José Martins, Sebastião Batista Ribeiro, Francisco Matias de Oliveira e Cabo Vicente José Vieira.

Que Deus os guie no caminho luminoso da Vitória e os traga de volta à nossa terra querida, onde os esperamos de braços abertos!

Presente de Natal

(Palavras de uma mãe às mães araxaenses)

O Natal, a festa de maior relevo da cristandade, o dia das grandes alegrias, enchia de um novo surto de vida a nossa maravilhosa Araxá, quando o carteiro se nos apresentou, trazendo a 35 famílias araxaenses a nova da chamada de seus queridos filhos, as mais viçosas flores de nossa mocidade, às fileiras do exercito ativo.

Grande foi a tristeza que a todos empolgou! Houve lágrimas, soluços, gemidos de dor, corações aflitos e oprimidos pelo imprevisto do acontecimento!

Agora, porém, que já nos afizemos à ideia acabrunhadora da separação, agora que já deixamos que falasse bem alto o coração, a força de nosso afeto, o egoísmo maternal, cumpre-nos, ó mães araxaenses, deixar também que o cérebro tome a palavra.

— E o que dirá ele?

Dirá que esta guerra envolveu todas as nações, obrigando-as à mobilização total de seus recursos materiais e humanos; dirá que o dever de todo cidadão que se preza é colocar-se ao lado de seu chefe para, num desapego total de interesses e de afetos, cumprir o seu dever de brasileiro digno e forte, conscio de seu dever e de sua dignidade!

Não desanimemos, pois, caras

Jornal O Estudante, edição de 30/08/1917.

O ESTUDANTE

Semanario dedicado aos interesses intellectuaes civicos, moraes e sociaes dos alumnos do

"INSTITUTO DELFIM MOREIRA"

DIRECTOR

João Jeronymo

DIRECTOR-GERENTE

José Maria de Resende

REDACTOR

Joakim Senna Jeronymo

Trimestre III | Instituto Delfim Moreira, 30 de Agosto de 1917 | Numero 34

O Brazil e a divida do Paraguay

Acha-se na camara, actualmente em discussão o projecto de perdoar-se a divida do Paraguay e lhe entregar os trophéos de guerra que foram tomados, durante a lucta entre este paiz e o Brazil.

E' de lamentar-se que se este projecto passar traga para nós alguns pontos de observação que merecem ser bem ponderados.

Será por uma parte verdadeira demonstração de amizade ao paiz irmão e visinho que é a republica do Paraguay.

E poderá futuramente trazer para o Brazil algumas consequências na politica sul-americana. Tambem precisamos lembrar que o Brazil possui "deficit" financeira e dos nossos irmãos que morreram na campanha que houve entre Elle e a republica do sul.

E' bem posto no entanto que si se perdõe parte da divida ficando isso debaixo do criterio do nosso governo que resolverá de accordo com os interesses do paiz.

A este modo de agir não deixarão de ligar-se estreitas relações de amizade entre as duas republicas sul-americanas.

Quanto ao Uruguay o mesmo.

Este paiz nos tem demonstrado uma solida amizade desde muito tempo; mesmo hoje com a nossa quebra de neutralidade neste tremendo conflicto universal, elle acaba de provar a sua solidez de relação com o Brazil.

Esperamos pois, com ansiosidade qua seja a resolução tomada pela Camara pró ou contra o importantissimo projecto.

JOAKIM SENNA JERONYMO

MARINHA

Desce a Noite enrolada em brumas hybernaes...
Tragica solidão, vago instante sombrio,
Em que, tonto de medo o olhar não sabe mais
Onde começa o mar e onde acaba o navio.

Nem o arfar de uma vaga: o mar parece um rio
De oleo; e oxydado o ceu de nuvens colossaes,
Um zimbório de chumbo alcapado e frio,
Escondendo no bôjo a alma dos temporaes.

Nem das aguas no espelho e reflexo de um astro...
Apenas do pharol na vertice do mastro,
Rubra, a pupila a arder dentro de uma garôa...

E lá vai o navio, espectral, lento e lento,
Como um negro vampiro enorme e somnolento,
Pairando sobre um chaos de tenebras, atôa...

Dr. Egas Muniz Barreto do Aragão

Dr. Carlos Peixoto Filho

Trouxe-nos o despacho de ante-hontem, da "Gazeta do Araxá" a lastimavel noticia da morte do grande vulto brasileiro, Dr. Carlos Peixoto.

E' lastimado em todo o paiz, o desaparecimento daquelle illustre homem publico, porque como sabemos, nunca lhe faltou esforços ardentes pelo engrandecimento da Patria!

Carlos Peixoto Filho, foi um grande auxiliar do progresso brasileiro, das sublimes idéas dos grandes homens, da boa politica do Brazil, con-

servando sempre sua honra e posto de sensato patriota.

E' sabido que o nosso Brazil, tem perdido muitos homens de nome e de fibra, cujo merito é até hoje chorado, como: Euclides da Cunha, Barão do Rio Branco, Osvaldo Cruz. Ajunta-se-lhes agora Carlos Peixoto!

Pezames á nação enlutada!

—Recebemos, ha pouco, "O Patrocinio", jornal de bom formato e bem regido, que se publica na visinha cidade de Patrocínio.

—Temos tambem sobre a meza o "A. B. C." de pequena forma, editado no prospero commercio de Ipamery. Gratos permutaremos.

O BERÇO

Entre violetas e rosas, pequenino e risonho, as mãosinhas cruzadas sobre o peito. Dedê, de cinco mezes, dorme para todo o sempre. Veste-lhe o corpinho rechonchudo a mesma cambraleta com que foi à pia: á cabecinha loura, a mesma touca branca. Parece que esperam que desperte para levá-lo novamente á igreja. Baby, de tres annos, guarda o pequenino irmão. Sabe que dorme, porque lh'o disseram. Para não acordal'o, pisa manso, cautelosa, apertando nos braços Colombina. O sol faz um véusinho translucido para o rosto risonho de Dedê. Os cirios empallidecem e as flores vão murchando junto do corpo frio do defunto

Batem palmas á porta. Baby estremece. Aperta mais Colombina e lança um olhar ao irmão, receiosa de que o tenha despertado. Mas Dedê não desperta: dorme, as mãosinhas cruzadas sobre o peito, como rezando. Bate palmas de novo. Baby, pizando de mansinho, cautelosa, vae á porta e, coitadinha! não consegue abafar um grito ao dar com os olhos no africano velho, que traz debaixo do braço, como um estojo, o pequeno esquisite cor de rosa e branco, cercado de franjas de ouro. Baby não consegue suffocar um grito: bate as palmas, contente, deixa cair Colombina e entra a correr annunciando: "Está ali o berço novo de Dedê! Está ali o berço de Dedê!" e com a voz de choro, agarrando-se ás saias da avó tremula, que vae compondo ramos para o pequenino, implora: "Mandas fazer um berço igual para mim, vósinha? Mandas fazer, vósinha?" E, para convencerla, beija-lhe repetidas vezes a mão magra, e a velha, soluçando, beija-lhe os cabelos louros.

COELHO NETTO

Jornal O Treco, edição de 18/06/1937.

NUM. 10	O TRECO	ANNO 1
Bi-mensario - Critico - Humoristico		
Propriedade da S. A. "O TRECO"		
Collaboradores diversos	Araxá, 18 de Julho de 1937	REDACTOR e DIRECTOR - GERENTE Geraldo Porfirio Botelho

Santa Casa de Misericórdia de Araxá

Resgate das apolices do empréstimo de 1932

Para a população já bastante densa do nosso município, Araxá é uma cidade onde fallece, quasi que integralmente, a assistencia social. Não é que seja causa desse descuido deploravel a ausencia de meios que possam sanal-o. Razões existem, que nos poderiam dar, com eficiencia, o aspecto de cidade onde os desfavorecidos pela sorte e pela fortuna, pudessem encontrar o amparo que se lhes não pode negar.

Se as possibilidades financeiras dos coíres publicos municipaes são parcas, se são ainda frageis para fazel os protectores absolutos dos cidadãos necessitados e sem recurso, como devera ser, as fortunas particulares, maiores ou menores, se contam numerosas, entre npssos conterraneos. Não há postulado social mais eloquente do que aquelle que preconiza a assistencia material do potentado ao miserento. Se bem que tal mandamento não seja ainda obedecido, por razões varias, entre as quaes se incluye, *in primo loco*, um egoismo injustificado, a razão do cerebro e principalmente do coração, n formado, evidencia que dentre os mais precipuos deveres do homem, se enquadra o dever de assistencia do abastado ao desfavorecido. E esse dever precisa ser cumprido. Atraz delle, quando sua ausencia se prolonga, investem as reações populares, consideradas, às vezes, o arruinamento economico e mesmo politico das Nações. Entretanto, o effeito pode ser desastroso; mas a causa pode ser justa. Cumpre, pois, ao povo, evitar, pelos actos e não pelas palavras, que a penuria faça do necessitado um revoltado, cuja razão se estriba na reação incontida de sua propria miseria.

Ocorrem-nos á penna estas considerações, quando voltamos a tratar da situação financeira de nossa Santa-Casa.

Ninguém ignora o que ella foi e o que ella é. De um pardieiro esquecido, se tornou, em tempo relativamente curto, em um hospital cujos serviços inestimaveis prestados á população, só são avaliados pelos que o conhecem de perto.

Os melhoramentos que lá se fizeram custaram dinheiro; e custaram, sabe Deus como, uma somma valiosa de sacrificios, de abnegação e de bôavontade. Infelizmente, porém, a grande obra de philantropia não há merecido a attenção a que faz júz, por parte da maioria dos que deviam auxiliá-la com enthusiasmo.

Já o germen nefasto da politicagem tentara destruí-la. Não o conseguiu, porém, porque a justiça costuma vencer o absurdo.

Enfrentando toda especie de difficuldades, a actual provedoria, cercada pelos intentos altruisticos que a orientam, vem, pouco a pouco, salvando da agonia que o ameaçava, o nosso maior patrimonio de caridade publica. A Santa-Casa já tem adquirida uma mesa operatoria que satisfaz convenientemente ás exigencias da technica cirurgica moderna; irá, dentro de breves dias, possuir uma lavanderia e passadeira electricas, além de excellente geladeira tambem electrica, imprescindiveis ao seu aparelhamento. Durante o anno passado, mais de mil doentes transitaram pelo seu ambulatorio e enfermaria, o que lhe custou cerca de 40 contos de despeza. Que seria dessa gente, pobre, media, ou mesmo abastada, se não fosse o soccorro lá encontrado? Com essa pergunta, que ha de calar na cabeça e no coração dos que a lerem, vamos tratar de um caso que, resolvido como precisa ser, será o beneficio da Santa Casa, será sua garantia de vida; será a seiva que a alimentará, no proseguimento de sua tarefa humanitaria.

Estamos informados de que, há cinco annos passados, ainda sob a direcção proficua do Sr. José Adolpho de Aguiar, a Santa-Casa lançou um empréstimo de 54 contos, em 27 apolices de 2 contos, para enfrentar a gravissima situação pecuniaria que a cercava. Com prazo de cinco annos, esse empréstimo se vence agora em Agosto. Pelo compromisso assumido, a Santa-Casa deve resgatal-o. Entretanto, sua situação não o permite, de modo nenhum. Pagar tal divida seria arruinar para sempre a nossa casa de caridade. Ella não pode fazel-o. Não tem, disponivel, fundo que dê para resgatar nem sequer 2 ou 3 apolices. Prolongar o vencimento, não é solução: é, apenas, adiar um compromisso acima de suas possibilidades. E a divida augmentará, com o acrescimo dos jures sobre ella contados. Só há uma solução. Dois contos, para os portadores de apolice, é quantia irrisoria; e, para a Santa-Casa, é quantia consideravel. Cobrar essa divida significa tirar aos pobres enfermos que a procuram, o alento a que têm direito. Compreendendo a justeza desta verdade, já houve quem doasse suas apolices á Santa-Casa. Não têm outro caminho os seus credores. O exemplo deve ser imitado. E será. Porque seria crime imperdoavel, arrancar aos pobres doentes sem remedio e sem assistencia, a unica esperança que lhes resta. No proximo numero publicaremos os nomes das pessoas cuja grandeza de coração e sentimento puro de caridade christã as conduzam a um gesto capaz de collocar-as á admiração dos homens e elevá-las no conceito de Deus.

Jornal O Tagarela, edição de 01/11/1933.

O TAGARELA

Pelos alunos do Grupo Escolar "Delfim Moreira"

Redatores: Maria Jacob e Osvaldo Soares Secretária: Oneida Rezende
Colaboradores: Os alunos do 2.º ano

Ano I	Araxá (Grupo Escolar), 1.º de Novembro de 1933	Num. I
-------	--	--------

COMO FIZEMOS NOSSO JORNAL

Arranjamos em nossa classe um jornalzinho porque vimos 2.º dos alunos do 2.º ano do grupo de Alfenas, muito bonitinhos. É este o nosso primeiro numero. Tiramos sorte para ver quem devia ser secretario, redator, etc. Fui em todas as classes pedir ás professoras para arranjarem um nome para o nosso jornal. Os nomes que surgiram para o nosso jornalzinho foram:

- «O Alvorecer» — D. Conforti
- «O Tagarela» — D. Carmosina
- «Alegria Infantil» — D. Lilia
- «A Tarde» — D. Mariazinha
- «Nossos Gorgeios» — D. Adelia
- «O Colibri» — D. M. Henriqueta
- «Nosso Cantinho» — D. Ana
- «Atividades» — D. Marina
- «Alegria Infantil» — D. Percilia

D. Nilza perguntou de qual gostamos mais. Quase toda a classe gostou do de D. Carmosina e ficou assim escolhido o nome para o nosso jornal para o qual pedimos muita condescendencia, porque não sabemos escrever cousas bonitas e certas.

Maria Jacob

EXCURSÃO

Fizemos excursão a um cortume e vimos lá muitas cascas de barbatimão. Vimos os tanques e maquinas de preparar o couro. Gastamos 90 dias para curtir um couro. D. Nilza deu-nos muitos problemas para resolver.

Benedito Magalhães

CARTA

Boa amiguinha Maria Jacob.

Escrevo-te esta afim de dar-te as minhas noticias e saber as tuas. Eu de estudos vou bem e tu?

Tens gostado da aula da tarde? Eu estou gostando muito.

Adeus. Beijos da amiguinha que muito te preza.

Yolanda

D. NILZA

Gostei muito do jornalzinho que a sra. nos deu para ler. Quero estudar muito para saber escrever bem para o nosso jornal. Si eu fizer os deveres todos os dias e ficar boazinha a sra. me dá um presente?

Olga Soares

O TOSTÃO

Ontem moí café para a mãe e ela deu-me um tostão e eu fui muito alegre para o emprego.

Petronio

TOCATA

A avenida Antonio Carlos é muito alegre.

Os filhos do sr. Elias Porfirio sabem tocar muitos instrumentos.

Eles tocam com as janelas abertas.

Todos que passam ali ficam apreciando os toques.

Jeronima Fernandes

Jornal The Triangle, edição de 30/06/1950.



"THE TRIANGLE"

Órgão mensal editado sob os auspícios da "SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA INGLESA"

ARAXÁ — MINAS GERAIS — BRASIL

Redação e administração — Sede da "ANGLO-BRAZILIAN CULTURAL SOCIETY."

Diretor-Redator — RICARDO GENTIL MONTANDON — Executive Director.

Devidamente legalizado, em Registro Especial de Títulos e Documentos, de acordo com o que manda o decreto-lei n.º 24.776 de 14 de Julho de 1.934 (Lei de Imprensa)

1ST. YEAR.

JUNE, 30 th. — 1950

N.º 12

O PEQUENO VENDEDOR DE FRUTAS

Ricardo Gentil Montandon

Parece-me que estou a ouvi-lo. Parece-me vê-lo. Aquêl rostinho mimoso, aquela voz sonora... Muito tempo, porém, passou, desde que o vi. O pequeno vendedor de frutas, que horas e horas ficava andando, com o cesto carregado de frutas sôbre a cabeça, de um lado a outro do passeio. Trabalhava o dia inteiro sob o sol causticante, sempre com um sorriso prazenteiro nos lábios, para depois levar o que ganhasse à sua mãe. Pobre mãe!... No turbilhão da vida, sómente com o pequenino vendedor de frutas, seu consôlo e arrimo, só Deus sabe o que passou a pobre mulher!...

Mãe e filho muito se amavam. O filho - consôlo da mãe, a mãe - alegria do filho. Um dia, quando o pequenino vendedor de frutas voltava para casa, ao atravessar uma rua, um automóvel guiado sem prudência, o pegou e o choque foi tão violento que o prostou por terra moribundo. Alguns transeúntes, que passavam por ali, logo correram ao local do desastre, mas não puderam socorrer a pobre criança, pois verificaram que pouco faltava para expirar. Com a cabeça entre as mãos de um dos transeúntes, que muito caridosamente estava limpando o sangue que escorria pela face do pequeno, êste, com uns olhos tristonhos que pareciam fitar algo, esboçou um leve sorriso e disse: Mamãe!... Pouco depois expirava. Foram dar a cruel notícia à pobre mãe, mas encontraram-na morta. Havia sofrido uma síncope cardíaca. Quem sabe, porém, se Deus, na sua infinita sabedoria e bondade, não havia chamado à mansão celestial as duas almas, que, tanto na vida como na morte deveriam unir-se?...



"The Triangle" recebeu prazerosamente a magnífica reportagem de OLAVO DRUMMOND, distinto intelectual conterrâneo, intitulada "HONRA AO MÉRITO", dizendo do Exmo. Sr. Dr. Américo Salgueiro Autran, muito digno Juiz de Direito da Comarca de Araxá. "The Triangle", subscrevendo plenamente os elogiosos dizeres do ilustre conterrâneo acêrca do imparcial edil, transcreve dois trechos da referida reportagem de Maio de 1950, no intuito de prestar uma singela, mas sincera, homenagem ao insigne e muito presado DR. AMÉRICO SALGUEIRO AUTRAN: — "Com as maiores e melhores provas de simpatia, amizade, admiração e respeito, a sociedade de Araxá, comemorou a passagem do primeiro decênio das atividades do Exmo. Sr. Dr. Américo Salgueiro Autran, como Juiz de Direito da comarca. É fato digno de nota é que o ilustre magistrado no desempenho de suas nobres funções nestes dez anos de judicatura honrada e brilhante em Araxá, de trabalho aturado e proveitoso, jamais teve um só dia de licença, nem gozou férias vez alguma, nem tampouco guardou o leito um único dia."

"Não há dúvida que o Exmo Sr. Dr. Américo Salgueiro Autran, por seus raros predicados, honraria qualquer Tribunal do País."

10% da população do Rio sofre das faculdades mentais

S. Paulo, (S. N. P.) Curiosa revelação vem de fazer o diretor do Serviço Nacional de Doentes Mentais. Disse s. s. que existem no Rio de Janeiro cerca de 200 mil pessoas necessitando de tratamento psíquico o que corresponde a dizer que 10% da população é atacada por distúrbios mentais.

RESSALVA — o número (12) de Maio, 26 - 1950, é o suplemento do N.º 11, e não a edição do N.º 12 conforme saiu.

Voz Escolar

Mensario dos alunos do Grupo Escolar Delfim Moreira

Diretor: Fausto Júlio Mesquita Redatora: Olenka de Almeida

Ano III

Araxá, 31 de Março de 1949

N.13

Apresentação

Olenka de Almeida 5o. ano

Como sabem, é indispensável, para um educandário, um jornalzinho.

Atendendo ao pedido de nossa boa Diretora, D. Luíza Oliveira de Faria, nossa classe assumiu a direção desta iniciativa no primeiro semestre de 1.949. Apresentamos hoje, com grande satisfação, o seu primeiro número.

Foi ele criado para desenvolver o gosto pela leitura, o interesse pelos estudos e o espírito de colaboração dos alunos. Agradecemos a todos que concorreram para a publicação deste jornalzinho. Esperamos que o interesse por este pequeno órgão seja sempre crescente para que ele realize plenamente sua finalidade.

Desejamos publicá-lo mensalmente. Para nos auxiliar nas despesas, solicitamos dos distintos leitores, a quantia de Cr\$ 1,00.

Margarida Lopes de Almeida

Enio Braga de Araújo 5o. ano

Araxá teve a grata satisfação de hospedar uma grande escritora e poetisa brasileira. É uma senhora de nobres predicados morais. Embora viesse aqui para uma estação de repouso, D. Margarida deu um magnífico recital em benefício da Caixa Escolar do nosso Grupo. Seus pais eram: Dr. Felinto de Almeida e D. Júlia Lopes de Almeida. O pai, português, naturalizou-se brasileiro; poeta da Academia Brasileira de Letras. Sua mãe era grande poetisa e escritora. Ambos já faleceram; imortalizaram-se todavia nas suas grandes obras!

Nosso Grupo

O grupo escolar "Delfim Moreira", neste ano de 1949, acolheu mais de mil crianças. Neste estabelecimento passam quatro horas do dia, orientadas por suas Mestras que visam a educação moral e intelectual de seus alunos. Mui árdua é a missão do educador e não menos difícil é a tarefa da criança no período escolar. De uma parte e outra existem sacrifícios, renúncias. É mister pois que alunos e Mestras trabalhem unidos no maior entendimento possível, tendo em mente o mesmo ideal. Para que o convívio diário se torne fácil e mesmo agradável é necessário que cada um faça aquilo que lhe compete no momento oportuno. A professora compenetrando-se da sua missão sublime, não poupará esforços para que seu magisterio seja profícuo e seu ensino eficiente. O aluno deverá munir-se de disposições tais como: docilidade, obediência, aplicação nos estudos. Se cada um considerar bem "AQUILO QUE FAZ" e se dispuser a fazer "AQUILO QUE DEVE", o grupo será de fato um lugar onde se preparam os cidadãos para a Pátria e os corações para Deus.

A Missa das 8 horas

Fábio Aroldo de Souza 3º ano

A Missa das 8 horas. Todos os domingos em nossa igreja há Missa para as crianças das escolas. Antes das 8 horas a avenida fica repleta de crianças de todas as idades que vão para a missa. Cada professora com sua classe, todos enfi-

leirados com seus cartões na mão para serem carimbados. Entramos em ordem. O padre reza com os meninos. Os bancos da igreja, naquela hora, ficam reservados para as crianças. Todos nós devemos frequentar a missa das 8 horas. No fim do ano, aqueles que foram frequentes receberão um prêmio; de Deus e também recebemos graçasse bênçãos.

Quando eu crescer

Eliseu Alves Ferreira 4o. ano

Estou cursando agora o 4º ano primário. Tenho me esforçado muito para alcançar boas notas. No próximo ano quero receber um bonito diploma de curso primário. Estou aprendendo também o ofício de eletricitista com o meu tio. Si Deus me ajudar que eu possa fazer o curso ginásial, eu o farei. Ao terminar este quero ver se consigo seguir a carreira de dentista. Si meus pais não puderem pagar meus estudos, continuarei a trabalhar como eletricitista, pois sendo o irmão mais velho, preciso começar a trabalhar cedo para ajudar na manutenção de meus irmãos. Quero cumprir sempre meus deveres de cristão, para merecer a bênção e a proteção de Deus.

Araxá e sua Estância

"Araxá" quer dizer: terra de
Continúa 4a. página

ANEXO B - Jornais de Araraquara-SP

Jornal Correio Popular, edição de 01/01/1946.

Correio Popular

Director : L. ROCHA CAMARGO — DNI 11.962 — Publicação diária

Ano I | Araraquara, (3a feira) 1 de Janeiro de 1946 | N.º 167

Presentes de Natal

W. de Camargo Barbosa

(AO AMIGO GERALDO BLUM, DEDICO ESTA CRONICA)

Deixei que a noite me levasse para bem perto das luzes de raio multicoloridos, para bem junto das vitrinas ornamentadas feericamente, cheias de flores e de desenhos lindos. Dentro dessa embriaguez noturna as estrelas sentiam-se pequenas, sosinhas; o seu cintilar puro morria na sombra profunda da terra. Os gazeons cor de sangue ofuscavam o brilho dessas lágrimas prateadas do céu. Dança de cores e de rabiscos luminosos rabiscando a noite, alumando almas, mistificando os corações ingênuos. E a fugitiva música romântica parecia enlaçar todas as coisas, num desejo de possuir a beleza extasiante, prender nas suas notas, esse jogo de mil tons fulgurantes. Alegria mansa de Natal. Meus passos seguiam outros pés despreocupados; quantas vidas esquecidas pela sorte, quantos meninos descalços almejando um modesto par de sapatos para proteger os seus pés; um par de sapatos para ser depositado sobre o fogão frio e encardido — sonho inocente das crianças pobres — porque as crianças ricas não precisam acreditar no Papai Noel; ele sempre há de vir com as suas longas barbas brancas para lhes trazer ricos brinquedos. Automóveis, bicicletas, bonecas, cavalos pretos, revólveres, sim, tudo isto, são presentes que o Papai Noel haverá de colocar nos sapatinhos de pelica e de verniz. Sapatos novos aguardando a chegada infalível do velho de barbas brancas. Mas os coitadinhos esfarpados não têm sapatos — é por isso que o Papai Noel nunca lhes

deixa nada — não dá atenção aos rogos insistentes. E' preciso ter um par de sapatos colocado à boca do fogão caipira. Mas quando que o Zequinha poderá comprar uma botina marron? Com muito custo o bom pai lhe comprou algumas roupinhas que não chegaram a durar dois meses! E o Joãozinho? Talvez este nunca venha a ter um par de sapatos pretos! O seu pai é um varredor de ruas; ganha somente para comprar um pouco de arroz e de feijão. Joãozinho nunca terá uma botina preta!

(Continua na 2a pag)

Natal dos Mensageiros da E.F.A.

Banco Paulista de Comercio OR. \$ 15,00

Normalizada a vida da cidade

Terminou a greve dos empregados da Empresa de Eletricidade

Araraquara voltou á sua vida normal ante-ontem com o regresso ás actividades dos empregados da Empresa de Eletricidade de Araraquara S/A, que, inspirados na palavra de ordem emanada de Ribeirão Preto, retornaram ao serviço, confiados numa solução justa para as reivindicações apresentadas ao Ministério do Trabalho, e, consequentemente, ao Governo da República, em favor de suas aspirações.

Terminou, assim, sem maiores e nem mais graves consequências, o movimento grevista que desde 27 do corrente, cerca de 22 horas, correu privado Araraquara de iluminação pública e particular, paralisando suas indústrias, truncando sua vida comercial, num movimento que, a continuar por mais dias, estaria acarretando, como acarretará, prejuizos incalculáveis não só

Curiosidades Latinas

ANA, NAS? (Ananaz) — Em latim: O' Ana, tu nas das?

UVAS ATENAS PORTAS? — (Uva até nas portas) — Em latim: Levas uvas para Atenas?

MARIA, AN TU NES? (Maria Antunes) — Em latim: Maria, por acaso tu fias?

PANDE LOCUM VINO — (Pão de ló com vinho) — Em latim: Guarde lugar para o vinho.

Cor, que vado? — (Corcovado) — Em latim: Coração, para onde vou?

MARIA, TU COMES CARA, QUOIS? — (Maria, tu comes caracóis?) — Em latim: Maria, querida companheira, para onde vais?

TUA NETA, MARIA, ROSA — (Tua neta Maria Rosa) — Em latim: O' Maria, teus (tecidos) vestidos, estão rotos (corcorfados).

NO VI HORAS — (Nove horas) — Em latim: Nado com força para as praias

á vida publica, como também, á industria e ao comércio locais.

Felizmente as providências adotadas pelo Governo, na questão em apreço, e referente ás justas reivindicações apresentadas pelos empregados interessados, foram bem compreendidas e ajuizadas, pondo-se um paradeiro á uma situação que, de aflição, já estava ganhando fóros de calamitosa, provocando, até certo ponto, indignação.

Enfim tudo voltou á normalidade e com isso podemos dizer que encerrou-se bem o ano de 1945, iniciando-se promissoramente o 1946

PERGUNTE A SEU AMIGO O BAR QUE FREQUENTA E ELE RESPONDERÁ

BAR RECREIO

Salve 1.946!

No linhar deste Novo Ano de 1946, «Correio Popular» tem a satisfação de agradecer a preferência e assegurar aos seus inumeros e presados amigos anunciantes, assinantes, colaboradores e admiradores em geral, uma farla mense de felicidades e que o Ano Novo lhes seja propicio e venturoso sob todas as formas possiveis.

-- TERTIO --

(Especial para o «CORREIO POPULAR»)

S. H. MENDES

Nos últimos dias do ano de 1942, quando já agonizava o ano escolar e a nossa mente preocupava-se apenas com a próxima festa de formatura que iria culminar os cinco anos de estudo no ginásio, uma nota profética veio empanar um pouco o brilho que almejávamos dar á solenidade: O nosso professor de matemática, médium espírita, em preleção que sempre gostava de nos fazer, disse ser aquela turma a melhor que até aquela data se formava, mas que iria nos próximos três anos, perder 3 de seus componentes. Muitos não acreditaram, outros até desafiaram a respeito. Dois anos se passaram e nada aconteceu. A triste clarividência foi esquecida e ninguém mais tocou nela.

Um dia o telefone tocou e eu vou atendê-lo. E' um dos meus colegas quem fala: — Queris saber se você pôde estar hoje á noite em casa da Maria A. L., para tratarmos da missa que iremos mandar rezar por alma do Nelson D. R. — Nelson? O que houve com ele? — Faleceu em um desastre de aviação, ante-ontem, no Rio de Janeiro.

Era o primeiro. Nessa noite não dormi direito porque a cabeça me escaldava. Vi por várias vezes o professor a me apontar o dedo, dizendo as fatídicas palavras. No dia seguinte o médico disse estar eu com sarampo (pela segunda vez) e que precisava ter muito cuidado. Não pude comparecer á missa que os colegas mandaram rezar.

Cinco meses mais tarde a cidade estava sendo assolada por uma epidemia de gripe: cá! logo de cá! Estava com bastante febre quando minha irmã me disse: — Sabe quem morreu? O Hamilton, aquele seu colega de ginásio. Foi vítima de um desastre de trem, quando estava quasi chegando ao Rio.

Minha imaginação trabalhava bastante e a coincidência era por demais insinuadora: As duas notícias da morte de meus companheiros de estudo eu as recebi na cama. Por diversas circunstâncias eu seria o mais indicado para encerrar a triste triade, pois vários acontecimentos resolver-se-iam satisfatoriamente com esse fato. Nes-

NATAL DAS TELEFONISTAS

Com referência ao assunto supra, temos recebido ainda, remessa de donativos em favor do Natal das Telefonistas, sendo, porém, tais importâncias devolvidas aos doadores.

A' vista da recusa das telefonistas em serem premiadas pelos serviços prestados ao público e ao comércio e industria desta cidade, recebemos ordens das seguintes firmas para encaminharmos as importâncias de suas doações ás seguintes instituições araraquenses:

Indústrias Reunidas Irmãos Lia, revertendo a importância de Cr. \$300,00, doada ao Natal das Telefonistas, em favor do Orfanato N. S. das Mercês; Do Banco Moreira Salles S/A, revertendo a importância de Cr. 200,00, doado ás Telefonistas, em Cr. \$100,00 em favor da Vila Vicentina e Cr. \$100,00 em favor do Orfanato N. S. das Mercês; do «Telefone 19», revertendo a importância de Cr. 50,00 em favor do Asilo de Mendicantes; outros doadores resolveram pela devolução das importâncias, restando ainda alguns, cuja solução daremos á medida que forem sendo realizadas.

Legião Brasileira de Assistência

Da Exma. sra. dña. May de Souza Neves, DD. Presidente da Seção de Araraquara da Legião Brasileira de Assistência, recebemos atenciosa comunicação sobre a transferência da sua sede para o edificio da Prefeitura Municipal local, onde passará, doravante, a funcionar.

Jornal Correio da Tarde, edição de 30/12/1940.

CORREIO DA TARDE

Direção: — LEMOS DA CRUZ

PUBLICAÇÃO DIÁRIA

Redação e oficinas: Rua 9 de Julho 916

ANNO III

ARARAQUARA, — (S. PAULO) — 2ª FEIRA

30 DE DEZEMBRO DE 1940

NUM. 676

Novo sacerdote Redemptorista

A recepção e outras homenagens prestadas entre nós ao rev. padre Alfredo Morgado

Revestiram-se de invulgar brilhantismo a recepção e varias homenagens proporcionadas ao rev. padre Alfredo Morgado, o primeiro sacerdote Redemptorista araraquarense. A recepção, que se verificou no dia 28, com a chegada do trem das 18.30 horas, estiveram presentes autoridades, membros do clero local, associações religiosas e grande numero de catholicos. Da estação todos se dirigiram a Igreja de Santa Cruz onde, á porta do templo, o recepcionado foi saudado em brilhante allocução pelo prof. Victor Lacorte, allocução que foi calorosamente applaudida.

Em seguida falou o rev. padre Morgado, agradecendo áquella saudação. Entrando no templo, que regorgitava de fieis, na occasião, o néo sacerdote deu a bênção do Santissimo Sacramento.

Dia 29, ás 7 horas, na referida Igreja, houve commumhão geral que foi procedida pelo mesmo sacerdote.

Ás 8.30 horas, estando o templo repleto de fieis, o novo Redemptorista celebrou a sua primeira missa solenne, a qual teve o concurso da orchestra e coro da Escola Cantorum de Santa Cruz.

Após o evangelho, fez-se ouvir no pulito eloquente orador sacro do Seminário de Pindamonhangaba.

No púteo fronteiro á Igreja, a Banda Brasileira, regida pelo sr. Joaquim Nunes executou varios numeros musicaes, ao termino do acto religioso em apreço.

Após o meio-dia, na sede da Congregação Mariana de Sta. Cruz, foi servido luto almoço, do qual participaram numerosos convidados: entre os quaes se viam além do homenageado e membros de sua exma familia, os revmos. padres Redemptoristas, o rev. cónego Jeronymo Cesar, vigário da parochia; o dr. Candido de Barros, representando o sr. Prefeito Municipal, dr. Miguel de Campos Junior, promotor publico da comarca, dr. Paulo Pestana, delegado de policia, representantes da imprensa e numerosas pessoas gradadas da sociedade local bem como de localidades vizinhas. O homenageado tinha á sua direita o rev. cónego Jeronymo Cesar e á esquerda seu venerando progenitor.

O agaspe decorreu num ambiente de viva cordialidade. A sobremesa, saudou o homenageado, pronunciando bellissimo discurso, o jovem Antonio Martins Fallou. depois o rev. cónego Jeronymo Cesar que, numa commovido e brilhante oração, saudou o novo Redemptorista, em nome dos catholicos de Araraquara, acrescentando que felicitava vivamente a comunidade redemptorista de Santa Cruz, por receber agora em seu convento mais um ministro de Christo Redemptor.

Por ultimo, levantou-se o padre Morgado que, visivelmente commovido e sensibilizado, agradeceu as provas de apreço e carinho de que estava sendo alvo por parte de todos manifestando sua gratidão principalmente, aos revmos. Redemptoristas de Santa Cruz que o fizeram ingressar na

carreira sacerdotal, agradecendo também naquelle instante as preciosas ofertas que lhe foram feitas de paramentos e do caliz com que consagrara sua primeira missa.

Clinica Dentaria Dr. Lacerda

Communica nos o cirurgião dentista, dr. Lacerda, haver transferido seu gabinete de clinica dentaria da avenida S. Paulo, 132 — Villa Xavier, — para o prédio no 1567 da Praça Pedro de Toledo, onde continuará á inteira disposição de seus amigos e clientes.

Gremio Ferroviario de Araraquara

No amplo salão de sua sede social, á av. Brasil, o Gremio Ferroviario, promoverá, amanhã, pomposo sarau dancante, commemorando a passagem de anno. As danças terão inicio ás 22 horas.

Agradecemos a gentileza do convite com que fomos distinguidos pela Directoria daquela prestigiosa agremiação local.

Leiam
CORREIO da TARDE

EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL LTDA.

— AVISO

Communicamos aos interessados em geral nesta zona que deixou de fazer parte, como inspector regional desta Empresa, o sr. Paulo Azevedo. O novo inspector regional é o sr. Walter Zaniolo, com escriptorio á avenida São Paulo 24 — teleph. 50.

Outrosim, deixa de ser coobrador a serviço da mesma Empresa o sr. Benedicto Rodrigues Gomes, em substituição do qual foi nomeado o sr. Orlando Guimarães Villani.

EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL LTDA.

"DIVERSA" CUTIS
Usando os produtos
CLERON



ADQUIRINDO UM ESPLINDIDO ROSTO CLERON
PELO PREÇO DE 50000

Para as Festas de

Procurem a

Anno Bom e Reis - Merceria Mosca

O popular estabelecimento da Avenida S. Paulo oferece á sua numerosa e selecta freguezia artigos espeziaes da época, por preços os mais convidativos. — A MERCEARIA MOSCA, como sempre, esmera-se em bem servir á todos, com artigos de primeira qualidade. — Para as festas de Anno Bom e Reis—procurem, pois, os artigos da MERCEARIA MOSCA — AVENIDA S. PAULO 377 — TELEPHONE 334

JORNAL DE NOTÍCIAS

Director, IRINEU CORRÊA

SECRETARIO
RAPHAEL MARTINS

ANNO II N. 138

Araraquara — 1907
Quinta-feira, 5 de Setembro

Atravez da Independencia

Após o bloqueio continental da Inglaterra decretado por Napoleão, e porque o reino português também sentia-se oprimido com essa medida, D. João VI resolveu-se no Brasil, deixando a corte governando em seu nome o general Beresford.

No Brasil, após alguns sentimentos anárquicos, demonstrado por uma tumultuosa revolução na madrugada do dia seguinte na convocação de eleitores, feita por D. João VI, com o fim de prover deputados a corte de Lisboa, o animo publico sentiu-se justamente deprimido, e era assim também a expansão de ideias liberais.

D. João, iria em breve regressar a Portugal cujo governo estava entregue a uma junta provisória, e não mais ao malogrado Beresford, com quem então o deixara.

Dando apoio as inúmeras agitações políticas dessa época, e o temor da perda do território brasileiro, com a sua designação dos domínios da coroa Bragançina, levava D. João a antes de partir, dár ao regente D. Pedro, com quem então estava o governo brasileiro, as seguintes palavras:

«Pedro, o Brasil em breve se separará da coroa de Portugal, se assim for, põe a coroa sobre a tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mãos d'ella.»

Palavras estas nascidas de um espirito de experiência e previsão.

E D. João partira.

Alargou-se mais ainda as trepidações da politica, sempre caminhando para a separação final, que seria a separação do Brasil dos domínios Portuguezes.

Por graves suspeitas de que D. Pedro deixava campear livremente as ideias liberais dos mais afluente brasileiros, soffreu o seu prestigio uma desmoralização geral. Todas as provincias foram vinculadas de mais energias dependencias do governo de Lisboa; e foi então que a sua politica assim desabida, o seu poder rebatido, os seus recursos prestes a fadarem-se, D. Pedro, foi feito nada mais que simples Capitão-mór do Rio de Janeiro.

Mais impulsionados ficaram os brasileiros no avultado passo, que pretendiam dar.

Mas, o horizonte da liberdade que se deslumbrante offerece para tocarem-se libes raios, um mundo de im-

possiveis.

Fazer-se liberto e saber viver liberto, era mister, e não era o lema que fulgia

dominante em torno a aspiração da Independencia!

Era avultado o passo que pretendiam dar.

Para esse passo pareciam escassas as forças do Brasil. Para essa immediata mudança, não se achavam ainda reunidas collectivamente a opinião e a vontade; dahi resultaram as cisões em diversos partidos.

Formou-se uma divergencia completa, um extremo antagonismo entre Brasileiros e Portuguezes.

D. Pedro foi forçado a aceitar as bases da constituição; nas fileiras das tropas auxiliares reinava a insubordinação; soffreu o Brasil o despotismo vil das cortes superiores.

Desprestigiados, bardeados recursos para se imporem aos mais aviltantes desnores dos actos do governo, refugiaram-se para Inglaterra quasi todos deputados brasileiros perante a corte de Lisboa.

As provincias, em seus gremios, foram declaradas livres, os tribunales superiores foram abolidos; e, assim nesses passos para a decadencia fatal, achou-se o Brasil na mais infeliz das emergencias.

A conspiração por tudo o em tudo era a ordem natural das cousas.

Quasi a totalidade dos patriotas do Rio, ao par da degeneração governamental, prevendo certo triumpho, por disporem de fortes elementos, dirigiram ao principe regente uma representação com oito mil assignaturas, sendo encarregado de entregal-a, Clemente José Pereira, um dos ardorosos propagandistas das aspirações em prol da nova causa.

A referida representação teve resposta favoravel do principe que disse:

«Como é para bem de todos, e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico.»

Estava dado o primeiro passo para a nossa independencia.

Por questões de divergencias, o commandante da divisão auxiliadora pediu a sua demissão, e ao mesmo tempo as suas tropas declararam sem levante, desocupando os quartéis foram se alojar no morro do Castello.

Ahi se mantiveram em caracter de provocação, até que patriotas armados e as tropas brasileiras, formando-se um forte de resistencia no campo de S. Anna, dispuzeram-se a uma conflagração.

Devido as energicas resoluções destes defensores e para obediencia de uma intimação do principe, Avilez, que era então como se chamava o commandante da divisão auxiliadora, capitulou, e deixando o morro do Castello, foi esperar junto a fronteira da Bahia, com os seus soldados, occasião oportuna para regressarem a metropole.

Mais outro passo foi este na larga rota do triumpho; em breve se daria o golpe final, e o jugo portuguez sobre a Nação Brasileira, iria se perder, sumir de todo e o

Brasil se apresentaria em paz e liberto!

Destacaram-se como valiosos em patriotismo, lutando pela victoria da nova causa os nomes de Gonsalves Ledo, Frei Sampaio e dos jornalistas que expandiam suas ideias pelo *Recebera*.

Por essa occasião regressou a Portugal, José Bonifácio.

Após ter com grande proveito e dilatado talento interpretado as sabias lições de Jousien, Fourroy, Chapal e do grande ministro, o Koltzsch, Lempe, Werner, Freyler na Alemanha, de Volta em Pavia; de Bergmann em Upsala; de Albi-gard em Copenhague, José Bonifácio creava reputação

para o seu nome nas capitales em que estudara, e foi chamado um dos mestres da sciencia accionando ao par de Humboldt, von Buck, Eschmarch e del Rio.

Logo depois da sua chegada foi nomeado desembargador.

Devido a situação deploravel que ponce a pouco o governo portuguez na attitudão José Bonifácio veio ao Brasil, a sua patria.

Abriu-se, alargou-se mais promissor o horizonte da causa da emancipação; pois José Bonifácio, se já não trouxera bem patente em seu lucido espirito a ideia da independencia, agia no sentido de reorganização, mas sempre demonstrando sympathia por essa aspiração.

Voltaram pouco a pouco ao principe os seus antigos poderes.

José Bonifácio, auxiliado pelos procuradores das provincias, que então convocara para a reforma, decretou a *conspiração* do principe regente.

Era este um despacho absoluto, a mercê do regente, o qual podia até se impor aos leis do governo superior, pois sem elle nada se faria d'ora avante.

Uma cisão de partido, em Minas operava illicitamente em constantes desordens.

Por iniciativa de José Bonifácio o principe parte para Minas onde com feliz exito consegue acalmar as exaltações.

Na qualidade de *Defensor perpetuo* do Brasil, nomeado pelo senado, D. Pedro alcança mais um grau alem, no caminho para o seu completo autonomismo.

Cheio de animo e esperanças dispõem-se o Brasil a enfrentar as resistencias portuguezas.

Marcha para Bahia contra o general Madeira, que com suas tropas occupava a fortaleza, o general Labatut.

Enquanto se desdobrava a luta em seus diversos planos, em S. Paulo se revoltavam os partidos contrarios.

Para por um termo a essa revolução, D. Pedro seguiu para as demarcações paulistas, e com o mesmo exito alcançado em Minas, pacificamente aquietaram-se os animos dos revoltados.

Ao voltar para o Rio, (7 de Setembro de 1822) quando atravessava as graciosas col-

linas marginaes do ribeiro, Ypiranga, chega a D. Pedro um despacho da corte supor-

tor, e era nelle que se continha o ultimo passo definitivo para a independencia.

Cheio de jubilo e valor D. Pedro, empunhando febrilmente a espada, no mesmo local onde recebera o despacho, brada para a queda do dominio portuguez:

Independencia ou morte!

As anas benedictas fizeram rebouar de Norte a Sul as plagas brasileiras, o temerario grito.

Foi a sublimar apotheca do grandioso drama de Emancipação dos brancos!

Foi a «Liberdade dos brancos escravos» que surgiu radiante, em esplendorosa aurora para coros os patrióticos esforços dos brasileiros que se uniram o Brasil independente, e o fizeram gloriosamente, triumphantemente!

E mister salientar o vultoso heroico da Independencia Brasileira, que foi José Bonifácio.

Foi com a realidade do ideal da independencia os mais viciosos laivos collidos na fronte angusta daquelle Andrada sobrehumano!

Só o seu nome eminente a frente dos passos da nação que se libertara, bastou para ella impor-se ante as vistas das demais nações Sul-Americanas, com uma feição inteiramente nobre e consideravel.

Se as agitações guerreiras de um Bolívar proclamou-se independente o Brasil grandioso.

Salvo o Brasil, patria extremecida!

Salve 7 de Setembro; Campinas, 1907.

F. DE CAMPOS ABREU.

Da zona

Temos desde o inicio da nossa vida jornalística dedicado o nosso trabalho, desenvolvendo a nossa actividade, a zona onde circula esta folha, onde circulava «O Mattão» que esteve de baixo de nossa direcção durante um anno.

A zona por nós comprehendida abrange os municipios de Araraquara, Mattão, Ibitinga, Pedras e Ribeirãozinho, municipios esses que têm nos fornecido elementos para a manutenção desta empreza.

Tratam's com carinho e zelo esses municipios aos que ligamos, por interesses nossos, a principio, e depois pelo interesse dos seus municipios, a nossa vida jornalística.

Pedras e Ibitinga, duas cidades importantes, a segunda sede da comarca que é enorme, possuem hoje excellentes administrações municipaes que as tem tornado progressivas.

Agora mesmo acentua-se mais um grande melhoramento publico do qual não podemos nos furtar de applaudir e de solicitar para elle o concurso dos habitan-

tes das 3 localidades, Pedras, Ibitinga e Mattão. Principalmente Mattão.

Trata-se de uma linha de automoveis para condução de cargas e passageiros ligando os 3 municipios.

Não é preciso encarecer esse grande melhoramento, pois, aquelles que conhecem a dificuldade de transporte do café e cereaes de Pedras e Ibitinga aos pontos de estrada de ferro, facilmente avistam o enorme beneficio que nos vem trazer a linha de automoveis.

Essa ligação dos tres municipios será de grande vantagem para Mattão, que terá o seu commercio muito mais desenvolvido, para a futura Companhia E. de Ferro de Araraquara que receberá todo o transporte, sem temer a concorrência da estrada do seu Gnyra que já está chegando em Ibitinga, e, finalmente, a Pedras e Ibitinga que receberão diariamente a correspondencia e terão rapida comunicação com o centro.

O commercio fluente daquelle duas cidades será augmentado no dobro, e a enorme e desenvolvida lavoura de arroz, ao triplicará.

A camara de Mattão em sessão de 2, resolveu patrioticamente a isentar de impostos municipaes a nova empreza e conceder um privilegio por 20 annos.

Os requerentes, industriais de reconhecida capacidade e criterio, estamos certos, não poupa os esforços para dotarem-nos, com a maxima brevidade, com esse importante melhoramento.

Avante!

Mattão

Realizou-se em 2 do corrente sessão ordinaria da camara municipal desta cidade.

Os trabalhos constaram de approvação de pareceres das comissões permanentes sobre uma concessão de privilegio para uma linha de automoveis no municipio; sobre linha telephonica; e sobre o requerimento de Agostinho Pucci sobre uma serraria que damnicava casa de sua propriedade.

Ao primeiro, de accordo com a comissão a camara approvou, ao segundo, não, por já existir contracto no mesmo sentido com terceiros e ao ultimo ficou deliberado que se estude minuciosamente a questão.

Logo depois da sessão reuniu-se pela primeira vez o directorio congregado.

Na acta da sessão foi exarado um voto de pesar pelo passamento do pranteado João Eid.

—Está sendo montada a nova typographia d'«O Clarim» organo do Grupo Espiritista.

—Continua enfermo o nosso preso e querido amigo cap. Jonas Corrêa.

—Esteve na cidade com exma. familia o nosso prestante amigo sr. major Luiz Ozorio da Fonseca, vereador á camara municipal.

Machina de beneficiar café e arroz—beneficio perfeito.—AQUIR & COMP.

Os que passam

JOÃO EID

Cobriu-se de luto a população mattoiense com a infesta nova do passamento, na capital, do pranteado João Eid.

O amigo querido que entregou a alma ao Criador possuia um caracter impetuoso e um coração cheio de bondade.

Os que necessitavam de seu auxilio, os que procuravam n'ó, eram servidos immediatamente, muitas vezes com sacrificio. E' que João Eid não sabia dizer não.

Contava apenas 30 annos de idade, solteiro, e exercia em Mattão a profissão de commissario.

Nasceu na Syria, onde ainda residem seus extremos pais e naturalizou-se brasileiro em data muito recente.

Muito educado, João Eid conhecia perfeitamente o inglez lingua na qual estudava.

Ao registarmos o passamento do distincto amigo uma lagrima de saudades humiltece os nossos olhos e algo de extranho, de anormal, embarga o nosso respirar.

João Eid! fostes um bom e o Grande Architecto do Universo precisava de ti.

Não morrestes para nós que temos o teu nome no coração, mudastes apenas de hemispherio.

Adcus.

A camara municipal de Mattão logo que teve conhecimento do infeliz acontecimento, em sessão, votou um voto de pesar que consta da acta de 2 do corrente.

João Eid que faleceu num quarto particular da Santa Casa de São Paulo, foi sepultado no cemiterio do Araçá.

Pertencia á Igreja Presbyteriana.

ASSUMPTO!

A crise politica que o conagrimento nos trouxe obriga-nos a um silencio muito contrario a nossa *nossa mania*.

O assumpto ferri-lha, ha factos dignos de serem aqui glossados, mas, as *cousas da vida*, o recio do pello que pode ser chamuscado pelos doestos, nos embutecem dai-xando vazio o nosso bestunlo.

Embutecido! Nada ao bestunlo Tenho que possa rabiscar.

E' terrivel a falta de assumpto, Quando assumpto está a ferilhar

J. ALGARRA

Araraquara, 7 de Janeiro de 1912 26/130 Publica-se aos Domingos

O ARARAQUARENSE

E. S. PAULO
Semanao imparcial
BRASIL

ANNO III Proprietario: Francisco Gravina « Redacção e Officinas: LARGO DA MATRIZ, 23 NUM. 114

EXPEDIENTE

«O Araraquarense» folha ab-
solutamente extranha a questões
de origem politica e partidaria.
publica-se semanalmente, aos
Domingos.

ASSIGNATURAS

Anno	10\$000
Semestre	6\$000

PAGAMENTO ADEANTADO

Redacção e Officinas: — Largo
da Matriz, 23, avenida 1
TELEPHONE N. 140.

DE LONGE

Eram 6 horas da tarde,
d'uma Quinta-feira chuvo-
sa e quente. Apesar disso,
perem, o «centro» regor-
gitava, porque aqui, como
em toda a parte, ha o ex-
cesso de cinematographo,
e o excesso de bem que-
rer do publico por essa
pessima diversão.

Já de vespera que algo
de aterrorador se comuni-
cava de ouvido a ouvido
com a puridade das novas
ameaçadoras que a gente
conta, a olhar para os la-
dos, com temores d'uma
surpresa desagradavel...

Nesse dia, entretanto,
nessa Quint.-feira molhada
em me quedava em frente
ao «Cassino Carlos Go-
mes» (é um cinematogra-
pho tambem) a esperar
uma interessante creatura
de olhos pretos e cabellos
iguaves, que ficára de vir
ao espectáculo e que não
vinha...

—Ruy Barbosa assassi-
nado...

Virei-me de impeto. E'ra
um rapaz, collega de im-
prensa, coberto por uma
polheta de fita azul.

— Que dizes ?
— E o Hermes apunha-
lado...

Vêm os amigos, a in-
coherencia commum do
boato. Que assassinasse
Ruy Barbosa, após um dis-
curso de opposição, no Se-
nado, possibilisava-se. Mas
que razão havia para ao
mesmo tempo incluírem na
chacina o Marechal Her-
mes? Certo o crime fora
realizado contra um dos
dois; mas quem o realizá-
ra contra este, forçosamen-
te pertenceria a outro par-
tido — sendo Hermes-Ruy
uma opposição clara.

A «pequena» já entrára
no Cassino e eu dei ao
diabo aquelle amigo que
assim me atrapalhava. Es-
tive no Cassino hora e
meia. Sahi após e fui ver
o que de real havia sobre
tal noticia.

Chovia. Um vendedor
de jornaes, criança, des-
calço, gritava junto aos
bondes:

—Platêa!... Ruy Bar-
bosa gravemente ferido...
E accentuava funebremente
as syllabas.

O telegrapho trancado.
Na redacção da «Cidade»,
onde trabalho, o telephone
chamava-me insistentemen-
te: o publico, os amigos,
os assignantes inquiriam o
que havia, o que succede-
ra, qual a verdade.

E eu ao aparelho:

—Boatos... nada ao certo...

Atinal a «Platêa» pouco
adiantava a não ser para
os «pequenos», que tive-
ram um lidimo successo de
venda. Quatro linhas, o
mesmo que já sabiamos, o
que todos sabiam.

Sexta-feira de manhã fui
dos primeiros a procurar
o «Estado». Quando o ma-
tutino mostrou o rosto na
Estação foi um avanço...

Nada havia entretanto.
Não sei si logo haverá.
E' admissivel enquanto
vigora esta agitação poli-
tica, que sacóde a Repu-
blica de Norte a Sul. To-
davia é triste pensar que
essa crise alludida arraste
os inconscientes a tentar
contra a existencia dos di-
rectores politicos do paiz...

Campinas
Andrelino Penna

EM FIM!...

Logo ao só posto, quando appareceste
A pedir-me perdão,
Facto e, Amor, que já te arrependeste
Do que fizeste então...

Tarde chegaste, piza-me dizel-o.
Na hora crepuscular,
Out'ora já te quiz com tal desvelo,
Mais não te quero amar!...

ARTHUR R. DA SILVA

“O Araraquarense”

Todo o recibo de assign-
atura e de annuncios pu-
blicados nesta folha, que
não estiver assignado pelo
nosso Director Sr. Francisco
Gravina, não será consi-
derado valido.

CHROMOS para folhinhas, da

Companhia Lytographica —
Hartmann Reichenbach, de São
Paulo. — Agente nesta zona —
Francisco Gravina. — Largo da
Matriz — Araraquara.

Ulysses e Dionysos

Na sua obra «Origens da tra-
gedia» Nietzsche explica a de-
cadencia grega e a de todo o
Occidente, pela morte do espiri-
to dyonisiaco.

O exterminio de Pan assigna-
la justamente a «deb.cle» da vi-
la intensa, que houve no meio
daquelle povo privilegiado. Esse
excidio completou-se na systema-
tica substituição dos grandes e
mysteriosos instinctos da especie
humana pela «razão», pela mes-
quinhez da analyse, pela «maieu-
tica» sacrativa.

Euripedes, accrescenta o au-
tor de «Assim fallou Zarathros-
ta», transportando o espectador,
o povo, para a scena, onde ori-
ginariamente só tripulavam
aquelles instinctos, nos symbo-
los de Eschylo, e obrigando o an-
tigo espectador ou o hamein
quotidiano a desempenhar os
papeis na tragedia, foi o primei-
ro fauter daquelle decadencia
luctuosa.

A Grecia entrou na franca
miseria das faculdades tragicas;
e não tardou que esse anão as-
tuto chamado Ulysses, o conhe-
cido typo do «greculus», se ge-

Novidades! - Brinquedos!

Lindo e colossal Sortimento, o que ha de
mais «chic», no Bazar Araraquarense.

Araraquara, 10 de Setembro de 1911 — Publica-se ás Quintas e Domingos

O COMMERCIO

Bi-semanario imparcial

26680

BRASIL

ANNO II Redactor-Proprietario: ARTHUR R. DA SILVA NUM. 104

Folha fundada em 15 de Novembro de 1909.

EXPEDIENTE

O «Commercio» folha absolutamente extranha ás questões de origem politica e partidaria, publica-se bi-semanalmente, ás Quintas e Domingos.

ASSIGNATURAS

Anno	12\$000
Semestre	7\$000
Trimestre	4\$000

PAGAMENTO ADEANTADO

Redacção e Officinas: — Largo da Matriz, 23, avenida 1
TELEPHONE N. 140.

A VARIOLA

Continúa a grassar nesta cidade a variola. Temos epidemia, conforme as nossas previsões, por um ou mais annos. O certo é que nada se faz para combatel-a. Porque se não melhora o isolamento, não se chama um especialista e não se isolam todos os doentes?

Tudo váe ao Deus dará. O commercio está paralisado, já o prejuizo nesta praça é avultado. Para quem appellar?

Certo que dos impostos não nos livram, quer haja ou não epidemia. Pobre povo!

Temos observado o modo de transmissão do morbus, de pessoa a pessoa, na mesma familia, aos parentes, aos amigos.

Não resulta dahi mesmo a necessidade absoluta de isolar qualquer caso que appareça, seguindo-se uma desinfecção scientifiicamente feita do local infectado?

Mas é tão difficil fazer

o que se faz em toda a parte, aquillo para que em parte já se está preparando, visto que não é a primeira vez que uma epidemia nos visita?

Si fosse o cholera ou peste bubonica, já poderia a esta hora estar dizimada a população, sem uma cabeça intelligente, sem um braço energico que nos salvasse.

Já que o governo não se interessa, nem pôde se interessar muito, visto seu vasto raio de acção, compete á Camara, que nos cobra os maiores impostos, que é a condensação das nossas forças, agir energicamente.

A Camara deve ser responsabilizada pelas vidas que se consomem, pelo commercio que atravessa a mais terrivel das suas crises.

A riqueza do municipio não está só na lavoura: está no commercio, está nos immoveis urbanos que se desvalorisam, na vida dos seus habitantes que pelo trabalho o enriquecem, no seu bom nome que attráe as energias vivas, o capital, o progresso.

Todos esperam que a epidemia acabe amanhã. Mas, não acaba, não pôde acabar, é impossivel acabar, enfim, é supina ignorancia acreditar que ella se acabará, enquanto houver pessoas susceptiveis de serem victimadas ou si não isolarem doentes.

Já se viu um incendio acabar sobrando combustiveis? Porque se isolam as chammas dos predios vizinhos?

O microbio está no pó que respiramos, no paletot que nos roça á passagem na rua, no dinheiro, no aperto de mão, em tudo. Uma pessoa que visita um doente, sáe carregada de milhões de bacillus, que váe expandindo por onde passa, — nos bancos dos jardins, nas cadeiras de vossas casas.

Srs. dirigentes, tenham piedade deste povo, salvem-n'o do flagello e da miseria; salvem este recanto da patria, que pôde ser ainda uma perla no grande collar das cidades do Brasil!

Piedade, piedade, por amor de Deus.

Saudade

I

Morreste para mim.
Andas com outro pelos mesmos caminhos que cruzámos; dormes com elle junto ás mesmas fontes e abrem-se os teus labios para guardar os beijos de seus labios.

Ingrata!
Morreste para mim!
E's a sombra fatal do meu primeiro amor.

II

Meu coração é o tumulto cavado. A tua ingratidão é a lapide que o fecha, teu nome Magdalena, a unica inscripção.

A' noite, quando recordo o meu passado, surge do fundo desse sepulchro uma pequena chamma azul, que se põe a correr pelo meu coração.

Chamma que não queima, mas parece uma lagryma: é a saudade, a triste saudade, o fogo fatuo das venturas mortas.

COELHO NETTO.

CAIXA DAS NOVIDADES

IX

«Clemente fez conferencias a dinheiro. Fôrta doutrina socialismo a "coque". Sárraga pregou "moralidade" a 500.000 reis por sessão. Jáurea mercadejou agora frisas a 100 tostões. Nós emagrecemos de ouvir idéas cerebriñas. Seccam o bumbão os malitos, á nossa custa...»

Célio um dia, a justiça em casa
[achára,
Fazendo-lhe um sequestro formidável,
O coitado ha já um mez tudo
[empenhára,
Numa sede de «arame» inapla-
[cavel...
Seria p'ra valer algum parente?
Puro erro! Foi p'ra ouvir um
conferente...
Novidadeiro.

NOVIDADES!

Só se encontram na CASA GRAVINA

NOVIDADES!

Jornal O Imparcial, edição de 14/07/1901.

ANNO I NUM. 33

ARARAQUARA, 14 DE JULHO DE 1901

S. PAULO 211

O IMPARCIAL

PROPRIEDADE E DIRECÇÃO DE JOÃO TEIXEIRA

PELO POVO

PRIVILEGIO DE SALARIOS

Está prestes a ser convertido em lei o importante e benéfico projecto que concede privilegio aos salarios de trabalhadores agricolas, projecto este elaborado e apresentado ao Congresso Federal pelo eminente cavalleiro dr. Bernardino de Campos, um dos nossos representantes naquella casa.

Convertido em lei o referido projecto, o suor do pobre colono não poderia ser transformado em lagrimas como até aqui tem acontecido a um bom numero d'elles.

Outra medida tão judiciosa não poderia sugerir em benefício dos pobres e humes colonos que com sacrificios abandonam a sua terra natal para ganharem tão honestamente o pão para a sua subsistencia e de seus fillos, o que, muitas vezes, ao sahir do chão, ou ganham os tectos das botas ou vêm o seu lar invadido pela miseria, pela fome.

Factos deste q'ualit já se operam dentro do nosso municipio. E' triste, tristissimo, já tivemos occasião de saber que lavrador deste municipio não ha muito tempo, teve coragem de praticar dessas reprovaes q'uo repugnantes proezas, deixando de vários colonos expostos ao rigor do tempo à margem da estrada com famílias e harpeças, não lhes pagando até hoje a remuneração por elles ter-lhe trabalhado de corpo e suor. Além dessas factos existem com certeza muitos outros que não são e não devem ser alhista, triste, tristissimo.

Em consequencia de todas essas violencias contra os direitos sagrados do colono humes, ergueu-se a voz no Parlamento Italiano em socorro das victimas, e essa voz benéfica chegou no seio do nosso corpo legislativo depois de haver produzido dissolução consideravel na corrente immigratoria existente entre a Italia e o nosso País.

O alludido projecto vem, pois, produzir effeito positivo e fazer ponto final a todos esses abusos aqui praticados com o apoio de nossa propria lei. Esta, actualizada, não offerece a menor garantia ao trabalho dos pobres colonos, os quaes, muitas vezes, despojados de todos os seus bens, aquieridos (e no todos sabem) com enormes sacrificios e economia, e despedidos do serviço sem pagamento do que lhes é devido, são privados de lançar mão da sua ordinaria (e unico recurso que, parece-nos, a lei lhes faculta para a cobrança), porque, completamente exhaustos de todos os recursos, não tem com que custear a causa, alías de muita delonga devido a sua forma processual.

Como dissemos, convertido em lei o citado projecto, o que naturalmente produzirá um mar de jubilo no corpo colonial agricola, — o salario do colono ficará plenamente garantido e os espiritos indobresos não se desapparecerão por completo das veias negras recheadas de perverto sangue.

De sorte que o colono para haver judicialmente a importância do seu trabalho, não ha acção summaria que correrá *ex-officio* até final, e bem assim preferencia sobre os bens do devedor; e se o juiz for de pouca praça em virtude da execução hypothecaria, o colono recebe o seu salario do producto da arrematação, embora este não seja sufficiente para a completa solução do debito hypothecario. O salario será sempre privilegiado.

E' de esperar que o referido projecto tenha assignação e approvação unanime no nosso Congresso, attendendo-se ao fim a que visa o mesmo projecto.

VIDA SOCIAL

NASCIMENTO

O lar do exm. sr. dr. Flavio Augusto de Oliveira Queiroz, integ. do J. de Direito desta comarca, foi hontem enriquecido com o nascimento de mais um galante menino.

Per esse motivo, curvamos-lhe, bem como a sua exm. consorte, as nossas felicitações e auguramos a este um futuro cheio de felices.

ANNIVERSARIOS

Comemorou-se ante-hontem mais um anno de união conjugal e do casamento do cavalleiro Bernardo Peres, proprietario de botiquim da estação.

— Completa amanhã mais um aniversario natalicio e distincto meo João Baptista de Athayde Oliveira, curato e diligente auxiliar na thesauraria da camara.

Nossas felicitações.

HOSPEDES E VIAJANTES

Em visita a sua exm. familia segue hoje para Ipiranga, onde pretende demorar-se alguns dias o sr. dr. Antonio Lobato, distincto e estimado clinico aqui residente.

Feliz viagem e breve regresso.

— Com destino a capital, partem amanhã pelo expresso os srs. dr. Theodoro de Carvalho, fazendeiro e advogado nesta cidade, e o cap. Luiz Minervin. Napoleão, conhecido banqueiro nesta praça.

— Estive hontem, entre nós o sr. dr. Leopoldo Martus Meira de Andrade, digno collector na viação de Matão.

— Chegou de sua viagem a S. Paulo, o sr. Carlos Baptista de Magalhães, digno presidente da Camp. E. P. de Araraquara.

— Deixa amanhã Araraquara, o nosso bom amigo pharmaceutico Joaquim Pinto Machado, que transfez a sua residencia para Piracicaba, onde acaba de fazer aquisição de uma importante pharmacia.

O Machado, como não o chamamos, deixa aqui numerosos amigos e admiradores, o que prova a honra de seu coração.

Desejamos-lhe muitas felicidades e felicitamos o povo piracicabano pela boa aquisição que fez de tão distincto cavalleiro.

— Acha-se na cidade o sr. dr. Raphael Corrêa de Sampaio, illustre advogado ao foro da capital, e irmão do nosso presido amigo General de Sampaio, conhecido commerciante desta praça.

14 de Julho

Passa hoje mais um aniversario da tomada da Bastilha.

Data de comemoração universal, o dia de hoje, symbolisa a conquista de principios liberais que constituem patrimonio de todas as nações.

Entre nós é feriado consagrado por lei, uma adopção commemorativa do triumpho d'aquellas idéas e uma homenagem ao grandioso acontecimento da historia do povo francez.

A admiração

Daem os philosophos que a admiração é filha da ignorancia e mãe da sciencia. Filha da ignorancia, porque ninguém se admira senão das coisas que ignora; principalmente se são grandes; e mãe da sciencia, porque, admirados os homens das coisas que ignoram, inquirem e investigam as causas d'ellas até as alcançar, e isto é o que se chama sciencia.

PAULO ANTONIO VIEIRA.

PHOTOGRAFIA

O porte activo e airoso d'elle

abornia graciosa. Se anda, vai andando com as entes, como no pintoresco de um verso camoneano. A cabeça está tão alta que parece a torre de um castello medieval. Quando ri, desliza um collar de perlas novadas. Os olhos negros e brilhantes como as preciosas gemmas do Ophir. Tem na voz um suave mormurio do crystal tintado. Sua carne moça possui a deliciosa frescura de uma aveludada alfombra. Em saivado a ballada azul do seu nome, gosto flouso (de na terra, a alma, sombriola, pirando no ar.

WAS DYCK.

Jaboticabal

Mes caro Sur.

Como prometi, envio-lhe esta *terra*, á guisa de correspondencia. Como disse, também, *embribo* solememente com as grammatheicas, por ser *objecto* do que não faço uso.

Isto por aqui, vase em amarde *rosa*, e, sculo, *reptos*.

E' tal a quantidade de gente que, ultimamente vem murar para cá, que, á todo o momento, vêm-se pessoas á procura de cavar, não encontrando mais pelos *terrabais*, e a praça um tanto *puhados*.

A nossa cidade vem augmentando de uma maneira *afipavel*; a nossa *pharmacia* Municipal, *estremada* na se desonda do *bel*, estar de *asse* minuciosos, tem feito *as* applica-

ções dos *mesmos*, pois, sem onerar o povo com *peados* *desposos*, fez já um jardim; as *nozes* *nos* *toem* *si* do *condado* *reparadas*, e *segundo* *nos* *consta*, *per* *possa* *muito* *bem* *collocada*, *trata* *agora* *de* *iluminar* *a* *cidade* *por* *um* *sythema* *aperfeçoado*. Isto tudo, com *seus* *proprios* *recursos*, *paiz*, *não* *contra* *o* *que* *ainda* *não* *tem* *compromisso* *pecuniario*; *nada* *deve*.

Agora, por occasião da festa da padroeira, N. S. do Carmo, *nesta* *tal* *tal* *momento* *na* *cidade*, *que* *causa* *admiração*.

Dois companhias de cavallibos, ambas de 1.ª ordem; exhibição de *hucos* (fantoche) no Theatro Florentino; cavallibos de pau e mais uma *unidade* *de* *diversos* *tipos* *de* *questes* *não* *sei* *o* *nome*, *sem* *genero*, *sem* *numero*.

Ah! tem mais: ha tambem um *missionario* *que*, do pulpo, *trae* *o* *auditorio* *em* *constante* *hilaridade*; *tambem* *faz* *graças* *o* *tal* *padre* *deco*.

O grupo local «Filhos de Thaima» *promette* *para* *breve*, e *dramas* *em* *3* *actos* *«M. dello Vive»*, *cujas* *direcções* *está* *a* *carga* *de* *nosso* *amigo* *e* *competente* *sor.* *coronel* *Domingos* *Sudré*.

A banda de musica da «Sociedade Musical S. Benedito» *está* *se* *preparando* *para* *uma* *serie* *de* *concertos* *que* *pretende* *realizar* *em* *o* *nosso* *jardim* *publico*.

Nada tenho sabido com relação a *unidade* *de* *pagabundo* *que* *ultima-* *mente* *divertem-se* *em* *atacar* *vi-* *lantes*, *propriedades*, etc.

Segun por Ribeirozinho a *fer-* *ge* *vindo* *de* *S. Paulo*, *em* *seu* *re-* *gresso* *informar*.

(Do correspondente)

Ferimento

Trazente-hontem, por volta das 7 horas da noite, mais ou menos, na rua 8, o preto Evaristo de tal, por questões de *quizes* *vibrou* *uma* *facada* *no* *preto* *João* *do* *Lima*. O *offensor* *evadido* *e* *o* *ferido* *apre-* *sentou-se* *a* *policia*, *cada* *foi* *me-* *diado*.

A PROPOSITO

Na ja annunciara que os encun-

adores estragem-me sempre as *avatares*.

As duas vezes que sahi, por es- *da*, a conquista de *lucros* de *pu-* *blicidade* *os* *revisores* *estrage* *ra-* *me* *em* *parte*, *a* *pintura*. Ah! *re-* *visores*,... *encunadores*.

Ainda mais; esperava que um *Sansão* *Carrasco* *da* *imprensa*, *ar-* *mando* *em* *cavalleiro* *dos* *Epethos*, *acostasse*, *em* *campo* *raz*, *batalha* *colossal* *e* *então* *era* *de* *ver* *o* *valor* *e* *integridade* *de* *quem* *estes* *subserava*. Mas *quid*!

Albino, *Christini* *etc* *catera* *alo-* *razas*, *de* *rima* *verificada* *e* *prosa* *rimada*, *um* *para* *a* *Africa*, *outro* *para* *os* *penaes*. *Sou* *capora* *mesmo*. *Me* *vengo* *pensando* *que* *na* *carreira* *que* *abandonaram* *e* *a* *que* *voltarão* *em* *tempo* *tambem* *encontrarão* *se-* *pinhos* *(sic)* *ou* *terão* *a* *seu* *tempo* *uma* *costella* *perdida* *ou* *falta* *de* *assumpo*.

Tolle mihi, vras tibi.

MOSTALAN.

IMPrensa

A Estação—Recebemos o ultimo numero deste esplendido jornal de modas.

Além de lindos e modernos figurinos, traz o presente u. uma excelente folha de modas e a co-

llecção de litteratura.

Os srs. Lavignasse & Filhos, casa Lombardi do Rio, agradece-mos a remessa e recommendamos ás nossas gentis leitoras a *estação*.

—Durante a semana p. finda fo-mos honrados com as visitas de mais os seguintes collegas:

«O Domingo», de Uber-las; «Cor-reio d' Jahu»; «O Pereirenes», de Pereira (Mimis); «A Gazetinha» de Limeira; «O Sant'Annos», de Sant'Anna; «Arguany», de Aranguy (Mimis); «A Cidade de Limeira»; «Gazeta de Mueiros»; «Gaze-ta de Piracicaba»; «A Folha», de Capatava; «A Cidade», de São Jo-sé dos Campos; «O Lemeense», de Leme; e «O Ribeirão Bonito».

A todos os nossos agradecimentos.

Os srs. Raphael Faro & Ir-mão fazem hoje por esta folha, na sessão competente, um an-nuncio do seu importante de-posito de colchões e movéis, á avenida 2, no sobrado do sr. José Germano, para o qua cha-mamos a attenção do publico.

QUERIS DORMIR BEM ?

Compre os colchões de Raphael Faro & Ir-mão, com travessiros de paima de seda.

Inquirições

Teve lugar no dia 13 do corrente, no cartorio do 1.º officio a inquiri-ção de testemunhas no processo crime por furto de animaes, ins-taurado contra Constante e Vittorio Convento. O sumario ficou ter-minado com o interrogatorio do reo.

Patrocina a causa por parte destes o advogado José Rubino de Oliveira, da comarca do Jahu.

—No dia 11, no mesmo cartorio, realison-se a inquirição de testemunhas no sumario crime movido contra Ant. mo Marques Caldeira e Manoel Luiz Florencio, que estiveram presentes, sendo o primeiro acompanhado do seu advogado dr. Adeodato Botelho.

MUSA ALEGRE

VIII

Na pobre aldeia ou nas ruas da cidade, e até no paço, Amor sempre arma das suas, Fiando os fios do laço.

Seus liames não destruas, Fugindo ao doce embatão; Deixa-o colher-te nas cruas Redes de um estreito abraço.

Cupido o laço maneja, E não ha ave que não seja Por elle em breve colhida.

Embora de amor a male, Esta morte—diz nm vale— E' morte melhor que a vida.

JOLLY.

O Ponto

O conhecido estabelecimento de bilhares, denominado O Ponto, mudou-se da casa da rua 4, avenida 2, para a mesma avenida, casa juncta ao Salão Elegante.

Prisão

O dr. chefe de policia recebeu telegrama do coronel Var, delegad de Jaboticabal, notificando a prisão alli de tres individuos implicados no assalto do doutor Manoel da Conceição, cuja presença é pedida a fim de proseguir o inquerito.

Inspeção escolar

A serviço do inspeção escolar, esteve alguns dias nesta cidade o sr. Lyndolph de Paula, dige inspector litterario, deste districto.

QUERIS DORMIR BEM ?

Compre os colchões de Raphael Faro & Ir-mão, com travessiros de paima de seda.

SECÇÃO ITALIANA

Tacconato di solida impantura Holioris in cima e in mezzo la costura

«G. GIUSTI»

La nostra storia e gloriosa penisola, da ogni parte circondata dal mare è cinta a settentrione dalle Alpi che la dividono dagli altri paesi limitrofi, e partita in tutta la sua lunghezza dagli Appennini.

I suoi confini, quindi, così naturali e rilevanti, a preferenza di ogni altro paese, dimostrano che l'Italia non avrebbe dovuto mai essere che un solo Stato; e però con tutto che divisa in tanti piccoli stati nel cuore dei veri e buoni italiani fu sempre un solo, venendo considerata tutti fratelli dall'un capo all'altro della penisola, e questi con continui voti ed atti di vero prodigio non curarono per la libertà della loro patria, i rigori della più inaudita crudeltà e di essere perseguiti con le carceri ed i patiboli.

Ma «*meito morit di ferro che di forca*» pensò Cattaneo e con lui gli italiani tutti, che invigilati, all'uno di Mameli e di Garibaldi, e dalla lunga e penosa oppressione, dissero, avendo l'unica loro fede e forza nella giustizia della loro causa, cadendo da prodi fecol sorriso dell'avvenire della patria sulla labra, preparandi e compiendo questa d'indipendenza e unità italiana.

Unita e libera l'Italia da più ann è un solo stato, un solo popolo, ed i nomi di Piemonte, Lombardia, Venezia, Liguria, Toscana, Emilia, Marche, Umbria, Lazio, Abruzzi, Campania, Puglia, Basilicata, Co-